UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANDREIA TEIXEIRA RAMOS

MULHERES NO CONGO DO ESPÍRITO SANTO: PRÁTICAS DE RE-EXISTÊNCIA ECOLOGISTA COM OS COTIDIANOS ESCOLARES

Sorocaba/SP
2018

ANDREIA TEIXEIRA RAMOS

MULHERES NO CONGO DO ESPÍRITO SANTO: PRÁTICAS DE RE-EXISTÊNCIA ECOLOGISTA COM OS COTIDIANOS ESCOLARES

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do grau de doutora no curso de Doutorado em Educação na linha de Pesquisa: Cotidiano Escolar.

Orientador Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota.

Sorocaba/SP
2018

Ficha Catalográfica

Ramos, Andreia Teixeira
R141m Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares / Andreia Teixeira Ramos. -- 2018.
319 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2018.

1. Canções folclóricas – Espírito Santo (Estado) – Aspectos sociais. 2. Mulheres – Condições sociais. 3. Ecologia humana. 4. Folclore – Espírito Santo (Estado). I. Reigota, Marcos, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

ANDREIA TEIXEIRA RAMOS

MULHERES NO CONGO DO ESPÍRITO SANTO: PRÁTICAS DE RE-EXISTÊNCIA ECOLOGISTA COM OS COTIDIANOS ESCOLARES

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como requisito parcial para obtenção do grau de doutora no curso de Doutorado em Educação.

Aprovado em: 13 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota.
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera
Universidade de Sorocaba

Profa. Dra. Maria Aparecida dos Santos Crisostomo
Universidade Paulista

Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Rodrigo Barchi
Universidade de Sorocaba

Profa. Dra. Marta Bastos Catunda
Universidade de Sorocaba

Dedico esse trabalho a minha vovó Dindinha Eulina (*in memoriam*) e as minhas tias Tania (*in memoriam*) e Vera (*in memoriam*), que mesmo impedidas de continuar brilhando como estrelas, não se apagaram e habitam as constelações de nossas saudades.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao meu orientador, professor Marcos Reigota, pela sua generosa atenção, paciência pedagógica e compreensão, pelos tantos deslocamentos provocados a partir do meu ingresso na Uniso, e por suas valiosas orientações durante esses quatro anos.

À querida professora Alda Romaguera, pelos afetos compartilhados com alegrias e conversas, e ao querido professor Leandro Belinaso Guimarães, pela amizade nas travessias com as ecologias inventivas. À professora Maria Aparecida dos Santos Crisostomo, pela sensível leitura que fez do trabalho, à professora Eliete Jussara Nogueira, por ter aceitado compor a banca para avaliar o trabalho, ao querido professor Rodrigo Barchi, pelas intensas provocações tecidas durante as travessias da pesquisa, e à querida professora Marta Catunda, pelo aceite na composição da banca com alegrias e inspirações musicais das cantorias dos pássaros.

Ao Grupo de Estudos Perspectiva Ecologista de Educação, por compartilhar aprendizagens com encontros, risos, sons, cheiros. Jamais esquecerei vocês.

Agradeço a todas as professoras mexicanas que muito contribuíram com a pesquisa, especialmente, a professora Leticia Briseño e sua assistente Sandrita.

A todas e todos da Banda de Congo Amores da Lua, especialmente ao Mestre Ricardo Sales, pela generosa acolhida. A todas e todos da Banda de Congo Panela de Barro de Goiabeiras, particularmente ao Mestre Valdimiro, à coordenadora Jamilda Bento e a Dona Ruth pela amorosa atenção.

Agradeço todos os estudantes, professoras, professores, coordenadora, pedagogas, e toda comunidade escolar, envolvida nas oficinas de congo nas escolas.

Agradeço aos estudantes indígenas Tupinikim e Guarani do curso de licenciatura intercultural indígena (Prolind) da Ufes, onde tive a oportunidade de aprender saberes que estão além da academia. Agradeço também a acolhida de toda equipe do Prolind/Ufes.

Agradeço aos estudantes do Centro de Educação da Ufes, quando estive como professora substituta e vivi intensos encontros de saberes com alegrias.

Agradeço à Ana Godoy pela preparação do texto e aos anônimos que contribuíram para a realização desta tese: os meninos da copiadora e o pessoal da empresa de manutenção de computadores, pela paciência nos momentos de angústia, e a moça dos Correios, pelas breves conversas em cada postagem de volume.

É preciso destacar que essa tese foi realizada com bolsa de estudos (2015-2018) concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), via – Prosuc/Capes, sem a qual não teria condições de realizar o doutorado em educação, por isso sou muito grata. Agradeço também a bolsa de estudos que recebi do Programa DIES-Partnerschaften mit Hochschulen aus Entwicklungsländern do Servicio Alemán de Intercambio Académico (DAAD) e que me oportunizou a realização de estágio de pesquisa (2017/2) na Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca (UABJO), em Oaxaca de Juárez, México.

Simplesmente agradeço

Sou muito grata à mamãe e papai, Maria de Lourdes e Ancelmo, às irmãs e irmão – Ramos do mesmo galho, Rosiane, Rogério e Rosilane. Agradeço os afetos das lindezas de sobrinhas-afilhadas, Ana e Alana.

Grata à Maria, minha filha e pedaço de mim.

Agradeço à querida “Tata” Tamyres Batista Costa e Washington Galvão pelas deliciosas conversas no nosso quilombinho amoroso de resistências.

Agradeço ao querido Victor de Jesus pelas provocativas conversas tecidas com carinho.

Agradeço a amizade e acolhidas da querida Patrícia Baroni.

Agradeço ao meu amor, Sol-Soler, pelo companheirismo nos cotidianos que constituem nossas geografias dos afetos. Amo usted!

Agradeço a vida por ter a oportunidade de viver experiências de re-existência ecologista como uma mulher no congo do Espírito Santo.

É uma benção! Eu só queria agradecer todas as bênçãos!

Gratidão sem medidas!

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

(Paulo Freire)

...Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito...

(Conceição Evaristo, *Becos da Memória*)

...Maria-Nova sentia que era preciso modificar a vida, mas como? Saiu desesperadamente calma a andar pela favela. Conhecia de cor, de olhos fechados muitos becos, porém alguns ainda eram-lhe estranhos. Mãe Joana nunca gostou que seus filhos fossem muito além da área em que moravam. Tinha medo, muito medo que eles se perdessem, quando estivessem distantes de casa. Maria-Nova, entretanto, furava o cerco. Amava a mãe, mas era impossível não ir ao mundo...

(Conceição Evaristo, *Becos da Memória*)

RESUMO

RAMOS, Andreia. **Mulheres no congo do Espírito Santo:** práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2018.

Este trabalho se debruça sobre as narrativas das mulheres no congo do Espírito Santo buscando desvelar práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares. A metodologia da pesquisa se aproxima dos estudos com os cotidianos e da perspectiva ecologista de educação. Na produção de dados nos valemos de diário de campo, conversas, cartas, narrativas e narrativas ficcionais. A pesquisa se aproximou dos pensamentos de Paulo Freire contemporanizados a partir dos movimentos de resistência das vozes que soam nas narrativas das mulheres no congo capixaba e das muitas professoras brasileiras e mexicanas que colaboram com a pesquisa. Capturamos narrativas das mulheres no congo e suas práticas de re-existência ecologista que emergem nos diálogos amorosos com esses sujeitos da história, potencializando as dimensões ética, política, libertária e estética, entre processos e negociações, envolvendo as mulheres no congo com os cotidianos escolares.

Palavras-chave: Mulheres no congo. Narrativas. Perspectiva Ecologista de Educação. Pesquisa com os cotidianos. Cotidiano escolar.

ABSTRACT

RAMOS, Andreia. **Women in congo of Espírito Santo state:** ecological re-existence practices with the school years. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2018.

This work focuses on the narratives of women in congo of Espírito Santo seeking to unveil practices of ecological re-existence with school everyday. The methodology of the research approaches the studies of the ecologist perspective of education and the studies with everyday routine. In the production of data we use field diaries, conversations, letters, narratives and fictional narratives. The research approached the thoughts of Paulo Freire that was brought to the present from the resistance movements of the voices that sound in the narratives of the women in the congo capixaba and of the many Brazilian and Mexican teachers who collaborate with the research. We recorded women's narratives in congo and their practices of ecological re-existence that emerge in the loving dialogues with these subjects of history, enhancing the ethical, political, libertarian and aesthetic dimensions, between processes and negotiations, involving women in congo with daily school life.

Keywords: Women in congo. Narratives. Ecological Perspective of Education. Research with everyday life. School daily

SUMÁRIO

1 AQUECENDO OS TAMBORES: ANTES DO INÍCIO... SOBRE O VOLUME 12

2 ANTECEDENTES 24

2.1 Carta para vovó Dindinha 24

2.2 Carta para minha filha Maria 29

3 PRIMEIROS SONS DOS TAMBORES E CASACAS DE CONGO 46

3.1 Ecologias que habitam em mim 66

4 "EU VIM DE LONGE EU CHEGUEI AGORA": CHEGANDO NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA 74

4.1 Carta para Ariane 74

4.2 Carta para Marcos Reigota: a aventura de tornar-se 81

5 GEOGRAFIAS DOS AFETOS: 50 CARTÕES POSTAIS DOS PERCURSOS ACADÊMICOS-AFETIVOS 84

6 "O CONGO DA ALEGRIA CHEGOU, CHEGOU, CHEGOU, CHEGOU" 138

6.1 Quando as mulheres falam 145

6.2 Escutando as Marias: narrativas das mulheres no congo 154

6.3 Histórias do congo nos cotidianos escolares 166

6.4 Considerações sobre as narrativas do congo nos cotidianos escolares 184

7 CONVERSAS COM MADALENA NOS COTIDIANOS ESCOLARES 193

7.1 Vamos brincar de congo? 196

7.2 Com a palavra, Madalena 197

7.3 Oficinas de congo nos cotidianos escolares 203

7.4 Carta de uma professora de artes da Educação Infantil 209

8 SOBRE CARTAS QUE NUNCA CHEGARAM 215
8.1 Cartas das mulheres congueiras 221
8.2 Sobre ressignificação do congo e invasão cultural 235

9 DIÁRIO DE CAMPO: OAXACA DE JUÁREZ, OAXACA, MÉXICO 238
9.1 Momentos iniciais 240
9.2 Primeiros passos de uma pesquisadora vivendo um intercâmbio 244
9.3 Escutando as professoras nos cotidianos escolares 248
9.4 Fragmentos de um diário de campo 255
9.5 Conversas com as professoras de Oaxaca 264
9.6 Carta para Nita Freire 282

10 CADERNO DO VISTO, DO LIDO E DO OUVIDO 287

11 (IN)CONCLUSÕES DE UMA MULHER INSUBMISSA 306

REFERÊNCIAS 313

1 AQUECENDO OS TAMBORES: ANTES DO INÍCIO... SOBRE O VOLUME

2018 começou com muitas intensidades. No início do mês de março tive uma conversa com meu orientador de doutorado e saí de Sorocaba bem pensativa com tantas questões a serem resolvidas. Tinha quase 250 páginas de textos escritos e que precisavam ser reescritos, reelaborados com argumentos mais densos, como exige uma tese.

E assim iniciei um enorme esforço, com a ajuda generosa, de uma mulher "cheia de graça" que muito contribuiu no processo, e na preparação e revisão dos textos para a tese. Gratidão Ana Godoy!

Nos entres dos caminhos investigativos, enquanto trabalhava na reelaboração, alguns eixos foram ficando mais claros para mim: o congo como prática de resistência e sua relação com os cotidianos escolares, as mulheres no congo como um modo de re-existir, a perspectiva ecologista de educação como perspectiva ética, política, epistemológica, fundamento das narrativas das mulheres no congo e os cotidianos escolares.

Mas por onde começar?

Uma intensa-densa expectativa tomou conta de mim. São numerosos os desafios para entrar no doutorado, frequentar-permanecer e concluir um curso de pós-graduação. Nesse sentido, desde que ingressei neste programa, vivi muitos momentos-movimentos de experiência com a escrita, com a palavra, com o silêncio, e com, como escrever no exercício de narrar a vida e 'tentar' literaturizar as ciências, como nos orienta Nilda Alves (2015).

Nesse caminho inquietante, me deparei com o texto "Como escrever com os ruídos do mundo", do professor pesquisador Leandro Belinaso, onde ele destaca que, "em vez de clamar, aqui, por calmaria, desejo pensar na potência do ruído que nunca cessa"**.** Pensar no ritmo de escrita, com a escrita, no tempo de espera, de viver a experiência do tempo da vida, ler e escrever, fazer e querer expressar, com sensibilidade estética, tudo o que fosse possível nas folhas de A4.

Nesses modos outros de caminhar, adquiri um caderno com folhas sem pauta, pois os moldes me sufocam, prefiro desobedecer! E comprei um lápis para escrever e deslizar nas folhas lisas, uma escrita mais lenta, desacelerada, diferente das sensações que temos ao digitar um texto direto no computador.

No meio de tudo isso, de que modo dizer como escrevi e construí esse volume? Como dizer da aproximação com as experiências do México, do olhar das mulheres no congo? Como narrar de que modo procurei os eixos da tese? E como cheguei aos de cada capítulo? Na lida-luta cotidiana, uma questão sempre me tomava: o que precisa ficar e o que precisa ser retirado do texto? Uma pista foi pensar nos futuros leitores e leitoras da tese. Literaturizar as ciências.

Com tantos desafios, é preciso destacar que, durante o período do doutorado, vivi muitos deslocamentos: acadêmico, emocional, espiritual, filosófico, político e estético. A partir de tantos deslocamentos, foi necessário deixar no texto o que realmente tinha sentido e relação com o eixo central da pesquisa – a resistência das mulheres no congo e os cotidianos escolares –, para no final chegar a um volume de texto que trouxesse os muitos aspectos dessa resistência para apresentar para vocês.

Assim, tomei o desafio e iniciei uma maratona diária de dedicação, atenção e cuidado, de ler, escrever, reler, reescrever, ler-reler-reescrever, e selecionar as imagens para compor com os textos. Todo dia era dia de trabalhar um pouco com o texto, e eram muitas as frentes de trabalho. Alguns dias trabalhei no material 2 ou 3 horas, estes eram os dias corridos de uma mulher, mãe, professora; já em outros chegava a ficar debruçada sobre ele 6 horas. Um movimento incansável para conseguir chegar até essa versão.

Como usei inúmeras imagens-fotografias no corpo do texto, entendo que é necessário argumentar aqui sobre seus usos, como narrativas, como discurso teórico, político e metodológico, para deixar clara sua importância e sua presença no trabalho.

Para isso, acredito que ninguém melhor do que Nilda Alves (2010), para quem:

> Às questões teórico-metodológicas que o uso, em pesquisas no campo da educação, de fotografias - imagens em geral – e narrativas nos levantam, e que o material fotográfico que usamos tenha, talvez, permitido apreender, indico que:
>
> 1. a realidade da educação é sempre algo imaginado e, portanto, algo possível de ser narrado, tanto imagética como textualmente. Mesmo quando aqueles que as usam em quantidades pensam que estão nos dando a realidade, estão apenas contando uma parte da ‘história’;

> 2. a imagem/fotografia é, ela mesma, uma narrativa, na escolha feita sobre o que mostrar feita pelo fotógrafo; mas, ao vê-la, outros podem imaginá-la diferentemente de quem as produziu, mas se aproximando do que é mostrado, pelas experiências que viveu em suas redes educativas;
> 3. podemos, então, afirmar que 'ver' significa produzir narrativas sobre a imagem que se vê;
> 4. essas narrativas representam, assim, um contato material, em um determinado *espaçotempo* – que são também, dimensões materiais do mundo vivido – o que significa que serão sempre descontínuas; mas criam a possibilidade, sempre, de mostrar alguma parte do que foi fotografado, para alguém que fotografou ou viu o fotografado;
> 5. como todo ato humano, as narrativas – as próprias fotografias, ou o que sobre elas é contado – só ganha sentido porque são feitas em relação de *praticantes*, em situações culturais que têm sentido para todos os envolvidos. (ALVES, 2010, p. 195-196)

A intenção com o uso de imagens no texto é apresentá-las como narrativas que podem criar conhecimentos, produzir sentidos outros, porque também são, nas pesquisas em educação com os cotidianos, possibilidades de narrar a vida.

Essa grande preparação foi entrelaçada com os cotidianos das artes de escrever e de cozinhar. Uma escrita alimentada com emoção, tensão, conflitos, amor, às vezes cansaço, para finalizar cada capítulo. No intervalo do trabalho com a escrita, cozinhava. Cozinhar e escrever com amor e alegria. Escrever-cozinhar-amar-alegrar-escrever-pedalar-amar-andar-caminhar-mergulhar, "tudo ao mesmo tempo agora, uma coisa de cada vez".

E assim iniciei o trabalho com o primeiro texto. Escrevi sobre o esforço de encontrar as mulheres no congo, detalhando como foi todo o processo de viver a inquietude de cartas que nunca chegaram até a mim do modo planejado. Também escrevi sobre os outros modos como recebi as cartas escritas pelas mulheres no congo. Mais uma vez, foi preciso recorrer às memórias dos detalhes ao descrever os processos de preparação e espera pelas cartas que enviei para as mulheres congueiras pelos Correios.

Um outro desafio foi a escrita de algumas cartas para a tese. Para essa tarefa, fiz leituras da tese de Ariane Diniz (2017), que trabalhou com a escrita de cartas, e de algumas cartas redigidas por Clarice Lispector, além de cartas escritas por Guimarães Rosa. Meu interesse com essas leituras era me

aproximar de diferentes modos de escrita. O estudo desses textos me apoiou na preparação das cartas para compor os capítulos da tese.

Um dos momentos de escrita mais emocionante foi quando escrevi a Carta para minha vovó Dindinha, como preâmbulo da tese, ocasião em que fiz uma viagem no tempo para construir minha bio: grafia pessoal-familiar. Para escrever essa carta, escolhi um lugar que foi e é pouco habitado por pessoas da minha família, a Universidade Federal do Espírito Santo. É uma carta recheada de memórias dos lugares, dos gestos, dos cheiros e prazeres da infância. Em outra carta, esta endereçada a uma colega pesquisadora, trago também elementos de minha bio: grafia, com trajetórias, narrativas e conexões acadêmicas com a pesquisa, dizendo da importância de meu ingresso no Programa. Escrevo também uma carta para meu orientador, Marcos Reigota, como uma aventura de tornar-se. Escrevo ainda, uma carta endereçada a Nita Freire, e para essa escolhi as areias da praia de Setiba, em Guarapari, e finalizei com aflição na sala de estudo da casa onde vivo, em plena greve de caminhoneiros e presenciando acusações falsárias de grupos reacionários contra Paulo Freire, encerrei a escrita indignada com tamanho fascismo. Uma última, escrita mais recentemente, foi endereçada a minha filha Maria.

Em alguns textos me senti mais tranquila na reescrita, como foi o caso daquele que inicio com os primeiros sons dos tambores e casacas do congo. Ali exponho meu posicionamento-comprometimento-atitude ética, política, teórico-metodológica com os caminhos investigativos, esse foi para mim o momento mais leve de escrita.

Um momento em que tive mais trabalho com detalhamentos, uso das normas da ABNT e pesquisas, trabalho feito durante todo a preparação dos textos, foi a composição do *Caderno do Visto, do Lido e do Ouvido*, com as referências das músicas, filmes, vídeo clips, artistas, matérias jornalísticas, aos quais tive acesso durante a pesquisa, me alimentando no processo do doutorado, e que decidi compartilhar com a leitora e com o leitor.

O texto onde adentro no congo no Espírito Santo, até chegar nas mulheres congueiras em diferentes espaços de convivência, foi reelaborado com base na escuta para as Marias, para as suas narrativas. Nesse texto, escrevi histórias do congo nos cotidianos escolares como narrativas ficcionais, onde apresento diferentes mulheres como personagens que tiveram contato com o congo na

escola. Para essa escrita, foi preciso me debruçar sobre meu caderno e, de lápis em punho, criá-las uma a uma. Escolhi inicialmente quatro histórias para compor o capítulo, mas como havia escrito nove, acrescentei as outras no volume final. Para escrevê-las, foi preciso buscar nas lembranças da minha vida as muitas andanças que fiz como pesquisadora e professora pelos cotidianos escolares.

Após a escolha das histórias que iriam compor o capítulo, revisitei alguns livros de Paulo Freire para argumentar com as narrativas apresentadas. Foi prazeroso reescrever esse capítulo, uma leitura e escrita feita com processos amorosos de experiência de resistência em situações concretas do congo nos cotidianos escolares.

Foi uma alegria reescrever o texto onde apresento as conversas com Madalena, uma mulher no congo nos cotidianos escolares. Digo isso porque, durante o processo de escrita, para atender às normas técnicas, tive que ir até a casa de “Madalena” conversar e buscar algumas informações para inserir no texto. Em uma sexta-feira ensolarada, acordei cedo, adiantei meus afazeres domésticos, peguei a bike e fui até lá. Chegando, ela me recebeu, carinhosamente, me levou até a sua cozinha e tomamos um cafezinho, depois sentamos na sala de estar e conversamos por um tempo, revisitei o álbum com fotos e materiais sobre congo e voltei para casa feliz da vida com o bom encontro que tive. Retornei para o computador para inserir as datas, fontes, descrição das fotos que Madalena me cedeu generosamente. Pesquisar é isso, criar laços de afeto com os sujeitos que atravessam os caminhos investigativos.

Precisei de muito fôlego para reescrever o último capítulo da tese, onde apresento outras mulheres em outros espaços a partir do *Diário de Campo de Oaxaca de Juárez*, em que relato parte da experiência vivida nos estudos de doutorado realizados no México durante minha permanência. Foi preciso reorganizar os blocos de texto: os encontros com a professora Letícia Briseño; com as professoras de Oaxaca; a importância de Paulo Freire; os fragmentos de meu Diário de Campo; os postais, enfim, foi exigente, e a espada do samurai teve que agir, pois tive que reduzir de quase 80 páginas para quase 30. Para isso, foi necessário ler-reler-ler-reler para trazer o que de fato tinha relação com o projeto de pesquisa que apresentei para o intercâmbio e que tinha ressonância com as mulheres congueiras e a re-existência ecologista. Uma labuta intensa que, no final, valeu a pena. Fiquei contente com o resultado do capítulo.

Durante essas travessias com a escrita e reescrita da tese, me debrucei sobre muitos livros de Paulo Freire, li alguns que não tinha lido e reli outros para preparar os argumentos e adensar os textos.

Nas leituras dos livros de Paulo Freire, percebi proximidades entre as lutas de diferentes mulheres e o cotidiano escolar. Assim, aproximei as lutas das mulheres no e do congo aqui no Brasil com a das mulheres professoras no México. Lutas e afirmação de mulheres que têm vidas diferentes, mas com propósitos de existência e modos de re-existência que se constroem na prática cotidiana. E as ideias de Paulo Freire me ajudaram a perceber a grandeza dessas lutas miúdas.

Os pensamentos de Paulo Freire estão presentes na pesquisa no encontro com autores e autoras contemporâneos, ressignificando a pedagogia freireana a partir dos movimentos de resistência das vozes que soam nas narrativas das mulheres no e do congo capixaba e das muitas professoras brasileiras e mexicanas que colaboraram com a pesquisa.

***

Apresento os capítulos da tese da pesquisa intitulada *Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares* que foi construída a partir do contato com as mulheres congueiras, seja através de filmes, reportagens em jornal, cartas, seja pessoalmente.

Nesse contexto, ao longo de alguns anos, tivemos a oportunidade de nos aproximar de algumas bandas de congo e de estabelecer uma conversação com as mulheres que delas participam, dando especial atenção à presença das mulheres congueiras e do congo nos cotidianos escolares.

Desse modo, a pesquisa se aproximou dos pensamentos de Paulo Freire contemporanizando e ressignificando a pedagogia freireana, a partir do encontro com autores e autoras contemporâneos, recontextualizando-a a partir dos movimentos de resistência das vozes que soam nas narrativas das mulheres do e no congo capixaba e das muitas professoras brasileiras e mexicanas que colaboram com a pesquisa.

No capítulo 2 intitulado “Antecedentes”, escrevo uma Carta para minha vovó Dindinha, elaborando a partir dela minha bio: grafia e lançando um olhar

sobre o *status* da mulher. Escrevo também uma carta para minha filha Maria, contando um pouco de minha história de vida.

No capítulo 3, faço ouvir os primeiros sons dos tambores e casacas do congo com as palavras iniciais com a pesquisa, exponho meu posicionamento-comprometimento-atitude ética, política, teórico-metodológica com os caminhos investigativos, e apresento as ecologias que habitam em mim.

No capítulo 4 trago minha bio: grafia com trajetórias, narrativas e conexões acadêmicas com a pesquisa, apresentadas por meio de carta endereçada a uma colega pesquisadora dizendo da importância de meu ingresso no Programa. Na aventura de tornar-se, escrevo uma carta para meu orientador Marcos Reigota.

No capítulo 5, apresento a composição de 50 Cartões Postais indicando os percursos acadêmicos-afetivos de uma pesquisadora viajante que caminhou por lugares do Brasil e México, criando uma geografia dos afetos.

No capítulo 6, adentro no congo no Espírito Santo, até chegar nas mulheres no congo em diferentes espaços de convivência, elaborando uma escuta para as Marias, para as suas narrativas, em que trazem histórias do congo nos cotidianos escolares.

Na sequência, no capítulo 7, apresento as conversas com Madalena, uma mulher no congo nos cotidianos escolares. Para em seguida, no capítulo 8, fazer um esforço de encontrar essas mulheres do congo. Nele escrevo sobre as cartas que nunca chegaram e apresento as cartas que as mulheres do congo me escreveram.

No capítulo 9, apresento outras mulheres em outros espaços a partir do *Diário de Campo de Oaxaca de Juárez*, em que relato parte da experiência vivida nos estudos de doutorado realizados no México durante minha permanência, os encontros com a professora Letícia Briseño e com as professoras de Oaxaca, e a importância de Paulo Freire. O capítulo é composto por fragmentos de meu Diário de Campo e uma carta endereçada a Nita Freire.

No capítulo 10, trago o *Caderno do Visto, do Lido e do Ouvido*, com as referências das músicas, filmes, artistas, matérias jornalísticas, aos quais tive acesso durante a pesquisa e que me alimentaram durante o processo de pesquisa no doutorado, para compartilhar com a leitora e com o leitor.

Há ainda um texto final que não chamarei de conclusão, pois como diz Paulo Freire (1996, p. 50), “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano”.

> A inconclusão faz parte da natureza do fenômeno vital. Inconclusos somos nós, mulheres e homens, mas inconclusos são também as jaboticabeiras que enchem, na safra, o meu quintal de pássaros cantadores; inconclusos são os pássaros como inconcluso é Eico, meu pastor alemão, que me “saúda” contente no começo das manhãs. (FREIRE, 1996, p. 55).

E assim, tomada pela riqueza íntima do meu inacabamento, sigo caminhando, sigo sendo.

Figura 1 - Aquecendo os tambores da Banda de Congo de Pitanga, Serra, 2015.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2 - Rainha da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 3 - Dançarina da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 4 - Princesa da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Navego-me eu-mulher e não temo,
Sei da falsa maciez das águas
E quando o receio
Me busca, não temo o medo,
Sei que posso me deslizar
Nas pedras e me sair ilesa,
Com o corpo marcado pelo olor
Da lama.

Abraso-me eu-mulher e não temo,
Sei do inebriante calor da queima
E, quando o temor
Me visita, não temo o receio,
Sei que posso me lançar ao fogo
E da fogueira me sair inunda,
Com o corpo ameigado pela dor
Da chama.

Deserto-me eu mulher e não temo,
Sei do cativante vazio da miragem,
E quando o pavor
Em mim aloja, não temo o medo,
Sei que posso me fundir ao só,
E em solo ressurgir inteira
Com o corpo banhado pelo suor
Da faina.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,
Na vital carícia de meu cio,
Na cálida coragem de meu corpo,
No infindo laço da vida,
Que jaz em mim
E renascer flor fecunda.
Vivifico-me eu mulher.
Fêmea. Fênix. Eu fecundo.

Conceição Evaristo, *Fêmea-fênix* (2017b)

2 ANTECEDENTES

2.1 Carta para Vovó Dindinha

Ilha de Vitória, 18 de maio de 2018.

Olá amada vovó Dindinha, que saudade sinto da senhora. Decidi escrever uma carta para contar como anda minha vida por aqui. Escrita recheada de profunda gratidão...

Escolhi um lugar especial para esse momento, lugar que poucas pessoas da nossa família frequentaram e frequentam. Espaço privilegiado, para poucos.

Vovó, estou aqui debaixo de uma frondosa mangueira, ao lado da sombra boa de um pé de jamelão. Isso me faz recordar minha infância, onde *cresci brincando no chão entre formigas*, comendo jamelão até a língua ficar bem roxa e lambuzando-me com deliciosas mangas...

Ah, vovó esqueci de dizer onde estou. Estou no campus de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo. Única Federal do nosso estado. Aqui conclui meu mestrado em educação e fui professora substituta durante dois anos no Centro de Educação. A graduação fiz em uma faculdade de educação particular, nunca prestei o vestibular por não acreditar que seria possível ingressar em uma universidade pública. Era um sonho estudar na Ufes, um sonho bem distante na época. Você não vai acreditar, mas hoje, minha filha Maria, sua bisneta, estuda aqui, uma alegria para toda a família. É a primeira pessoa da nossa família, e única até o momento, a fazer a graduação em uma universidade pública federal, a Ufes.

Dias atrás conversava com mamãe sobre você, lembramos das histórias de nossa família, quando bisavô Eurípides, um português, e a bisavó Angelina, uma italiana, se casaram, e logo tiveram você, Eulina, a filha primogênita, tão amada pelo casal. Mamãe disse que vocês viveram muitos anos em Manguaraí, distrito de Santa Leopoldina, na zona rural. O bisavô era comerciante, tinha uma venda e um alambique e a bisavó cuidava dos filhos e das filhas, as trigêmeas três Marias. Mamãe me contou que a senhora, quando era ‘jovenzinha’, trabalhou como professora normalista na região rural de Melgaço, distrito vizinho. Que alegria saber, vó, que a senhora foi um dia professora, e que hoje me tornei uma também. Ouvir essas histórias me fortalece, e aprendo com elas.

Mamãe me narrou como a senhora conheceu o vô Wilson, um homem com traços marcantes dos povos indígenas. Ele trabalhava como barbeiro itinerante, era cantador e tocava violão. Como diz mamãe — *Seu avô pegou mamãe no laço*. Hoje, passados tantos anos, penso que, quando menina, escutei de modo romântico essa frase, e somente mais tarde percebi o quanto de violência para com as mulheres ela carrega, roubando-as em sua liberdade de viver e escolher os próprios caminhos.

Vó, a senhora foi uma lutadora. Na época, seus pais não aceitaram o acontecido e a deserdaram. Sua vida foi ficando bem difícil. Mamãe disse que as mudanças de residência eram constantes. Vovô passou a pescar, a fazer redes com taboas, e terminou a vida como cantador de cavaquinho e violão na boemia, depois de um dia atuar como apontador de jogo do bicho. As agressões por parte do vovô marcaram seu corpo, e quero te dizer que lamento por isso. Na lida intensa de cuidar de quatro filhas e dois filhos, a senhora foi assistente de enfermagem na unidade para tratamento de pacientes com tuberculose e outras doenças infecciosas no Hospital da Ilha da Pólvora, fundado em 1925, hoje desativado. E mamãe contou que a senhora, durante muito tempo, foi lavadeira, e que se aposentou como tal, além de ter sido costureira e bordadeira, em algumas ocasiões, para ajudar na renda familiar.

Tenho poucas lembranças do vovô, ele se foi quando eu era menina, e me lembro que vocês moravam no mesmo quintal, só que em casas separadas, mas uma coisa ficou registrada: quando ia até a casa dele, sentava no chão para escutá-lo tocar e cantar Pixinguinha, Cartola, e principalmente a composição *Índia*, com a letra de Manuel Ortiz Guerrero, música de José Asunción Flores e a versão em português de José Fortuna, interpretada por Cascatinha e Inhana.

Índia seus cabelos nos ombros caídos
Negros como a noite que não tem luar
Seus lábios de rosa para mim sorrindo
E a doce meiguice deste seu olhar
Índia da pele morena
Tua boca pequena eu quero beijar
Índia sangue tupi
Tens o cheiro da flor
Vem que eu quero lhe dar
Todo meu grande amor

Lembro com muita clareza dos saberes que aprendi com a senhora, dindinha, que com todo seu saber exercitava um modo singular de educar com amor e generosidade. Com a senhora, aprendi a gostar de banhar-me no Rio Manguaraí, a sentir a brisa da ponte Rio-Niterói no Rio de Janeiro, no arrebol dos passarinhos. Lembro-me que, quando o ônibus chegava na ponte Rio-Niterói, a senhora me acordava dizendo: — *Déia, acorda para ver a ponte!*

Recordo com alegria das esperadas férias de julho e janeiro, quando íamos passear em Mangaraí, na casa da Orlandina. Que delícia os banhos de rio, córrego e cachoeira. Acordar e subir no pé de goiaba e me lambuzar com as mangas do grande quintal, brincar com terra... Na hora do almoço, colher limão galego no pé, a pedido da Orlandina, para colocar na carne de porco frita que senhora comprava na venda local, que delícia aquela farinha, comer arroz e feijão feito no fogão à lenha era uma maravilha, ainda sinto o gosto na boca. À tardinha íamos pegar fruta-pão no pé para fazer sopa, e no dia seguinte comê-lo cozido com café. Jenipapo não podia faltar, para fazer seu famoso licor. Como esquecer o doce de abóbora com coco feito pela senhora. Com senhora aprendi a gostar das plantas e chás de ervas que eram compartilhados com afeto na família. Hoje, cultivo em minha casa pés de manjericão, alecrim, hortelã... e lembro-me dos chás de boldo e de capim cidreira que senhora fazia para a gente quando sentíamos algum mal-estar.

As viagens para o Rio de Janeiro, geralmente aconteciam no mês de janeiro, íamos visitar tio Joel, que trabalhava como marinheiro mercante, aguardava ansiosa por esses dias. Andar de moto do tipo Harley-Davidson com titio era uma diversão na certa, Nilópolis era um mundo para mim, manusear com curiosidade a coleção de vinis ouvindo o álbum *The Wall* do Pink Floyd e os do Creedence fazia parte da viagem. Lembranças que marcaram minha pele e meus ouvidos.

Recordo que, ainda bem novinha, íamos de vez em quando à casa do bisavô Eurípedes, um casarão antigo, com janelas grandes de madeira. A senhora ia cuidar do bisavô que estava no fim da vida, bem idoso, com os cabelos brancos, um homem alto, com fala grossa e embolada. Lembro da mesa do almoço, meus pés não alcançavam o chão, a senhora colocava uma banana prata junto com minha comida e dizia. — *Vê se para de cantar e come. Essa*

menina tem costume de comer cantando... Vovó, confesso que até hoje tenho o hábito de comer cantando e sempre que posso, com uma banana prata.

São tantas as recordações que me emociono ao voltar no tempo, hoje essas memórias são recriadas dentro de mim e reinventam o meu viver cotidiano. Histórias que marcaram a minha vida e me fazem aprender com elas. Termino essa escrita em uma linda tarde de outono, o céu está levemente azul rosado; nas árvores frondosas aqui da Ufes os bem-te-vi e as maritacas fazem seu pouso com cantorias que encantam.

Me despeço da senhora dizendo, minha querida vovó Dindinha, que estou concluindo o doutorado em educação com muita luta, inspirada na sua resistência. Pesquiso as Mulheres no Congo, mulheres que como você são fortes e corajosas, mulheres guerreiras. Por isso me lembro com admiração das suas lutas quotidianas. Você viveu a dor de perder duas filhas, queridas titias, uma que teve seu direito de viver retirado pelas próprias mãos do marido e a outra, violentada pelo namorado até não ter mais sopro de vida. Lamentavelmente, vovó, duas filhas que entraram para os dados estatísticos de violência contra a mulher que termina em feminicídio. A senhora vó, mesmo com toda dor, cuidou de seus netos para que eles tivessem, junto com você, uma vida digna e que nada lhes faltasse.

Continuarei aqui com fé na vida, no caminhar, no encontro com as Marias da minha vida. Como diz Milton Nascimento, lembrando as tantas Marias: “é preciso ter sonho sempre. ”

Um beijo bem carinhoso de sua neta.
Com gratidão,
Dedeia.

P.S. - Um detalhe vovó, as Marias me acompanham e me protegem. No mestrado fiz um trabalho com o congo de Máscaras, que louva uma Maria, Nossa Senhora da Penha, padroeira do Espírito Santo. Depois, conquistei uma vaga de doutorado, que me deslocou para outro estado, São Paulo, um encontro com outra Maria, Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, e com o intercâmbio acadêmico, fui deslocada para o México, outra Maria, Nossa Senhora de

Guadalupe, padroeira da América Latina. São muitas Marias que atravessam minha vida. Marias mulheres, Maria-mãe, Maria-filha, Rose-e-Lane-irmãs, Ana-e-Alana-sobrinhas-afilhadas. E assim, queridíssima vovó, vou costurando as histórias da minha vida nos muitos cotidianos experimentados.

Figura 5 – Andreia Ramos no quintal da casa da vovó Dindinha, 1980.

Foto: Maria de Lourdes Teixeira Ramos. Fonte: Andreia Teixeira Ramos

2.2 Carta para minha filha Maria

Minha querida e amada filha Maria,

Escrevo essa carta para lhe contar um pouco dos pedaços das histórias da minha vida que me constituíram até os dias de hoje. Para iniciar essa escrita, escolhi um lugar que é muito habitado por você e pelas suas amigas e amigos da Ufes. Parei aqui no Pit Stop da Rua da Lama, espaço frequentado pelos estudantes universitários para conversar e viver.

Num lugar tão significativo, escrevo essa carta muito aflita e com o coração bem apertado. São três horas da tarde do dia 7 de outubro, um domingo cinza e chuvoso de eleição eleitoral, momento em que lutamos contra um candidato a presidente que é um militar autoritário e representa toda forma de discurso fascista, racista, machista, moralista, homofóbico, ameaçando esfacelar as conquistas que fizemos em termos de direitos humanos e sociais. Uma coisa angustiante de viver, especialmente quando vemos pessoas tão próximas apoiando esse discurso de ódio em nossa sociedade.

Para me inspirar e tentar amenizar a agonia e ansiedade em aguardar a apuração e o resultado das eleições, decidi ouvir as músicas da banda Legião Urbana, para traçar essa escrevivência num momento de desassossego para mim e outras tantas mulheres negras de um povo que há 518 anos luta por direitos. É em meio a essa inquietude que vou me dando conta das coisas que vi, do tempo em que nasci e cresci. Meu raminho Maria, eu e você nascemos e crescemos em tempos muito diferentes.

Na minha época, eu colecionava papéis de carta e usávamos um caderno chamado de caderno de perguntas e respostas para saber dos gostos de algumas pessoas, e isso era também uma forma de comunicação entre os grupos, um meio de sabermos em que nos parecíamos e em que nos diferenciávamos. Não eram todas as casas que podiam contar com um telefone fixo, pois as contas eram caras, então o telefone não era para conversar, mas para combinar o encontro. Hoje você e sua geração usam a rapidez das redes sociais para conversar, embora ela guarde um pouco da ideia do caderno, e os celulares estão por toda parte. Cresci “brincando no chão entre formigas”, quintal que você conhece, a casa onde sua avó, minha mãe, ainda hoje mora. Eu

mesma vivi nessa casa-quintal até os 19 anos, só me mudei depois de me casar. Foi nessa época, por causa do meu primeiro casamento, que fui viver em outro lugar, um lugar no mesmo bairro. Vou te contar que vivi, no passado, no antigo Beco, hoje chamado de “Beco São João”. Na época moravam sete famílias italianas, havia três casas de um lado e quatro do outro, sendo que mais da metade dessas pessoas era da mesma família. Nossa casa ficava no final do Beco. Assim, passei minha infância brincando no nosso quintal e, às vezes, no quintal de uma coleguinha, quando sua avó permitia, o que era muito raro. Nosso quintal tinham muitas árvores, pés de jamelão, de goiaba vermelha, de cajá, de amora, além de diversas plantas e pé de rosa branca, antúrio, regado de muito amor, um “quintal maior do que o mundo”, diria o poeta.

Lembro-me das brincadeiras de infância: vivo ou morto, passa anel, pular corda, bambolê, elástico, pique-pega, amarelinha, caracol, boca de forno, cozinhadinho, mãe e filha, pique-bandeira, telefone sem fio, pique-fruta, galinha do vizinho, forca, chefinho mandou, escravo de jó, advinha, cinco Marias, continue a história, ciranda, chicotinho queimado, detetive, estátua, vaga amarela, pique esconde, mimica, corrida de saco, corrida com ovo na colher, corrida de um pé só, adoletá, escolinha, cabra cega, queimada... O dia era uma festa. Brincávamos com terra molhada, de desenhar no chão com galhos das árvores e subíamos em árvores para conversar e viver o tempo da vida. Tudo era uma alegria! Muitas das nossas brincadeiras de infância são desconhecidas por vocês, com o avanço das tecnologias, a sua geração busca outras formas de diversão e encontro.

Nessa época, incentivada por mamãe, sua avó, e por vovó, sua bisavó, iniciava minhas primeiras experiências em relação ao cuidado com as plantas, o aprendizados com as ervas medicinais, o manejo da ‘composteira’ e da horta de temperos verdes. Escutava atenta sua bisavó quando íamos de ônibus pela Ilha de Vitória:

— *Aqui era tudo mangue, agora está tudo aterrado, acabaram com o mangue.*

Hoje os tempos são outros, e a cidade não para, a cidade só cresce. E é isso!

Mary, escolhi essa história como a primeira para lhe contar. Foi um acontecimento que marcou minha infância, e que somente há pouco tempo fui

entender o que de fato aconteceu comigo, porque eu “Não entendia como a vida funcionava, discriminação por causa da sua classe, sua cor”.

Dona Judite, uma senhora branca, bordadeira, começou a ofertar vagas para ensinar crianças a bordar. Eu e minha coleguinha de infância, Maresa, fomos nos oferecer para participar das aulas de bordados. Recordo que, nas primeiras aulas, Dona Judite apresentava certa impaciência em me orientar na arte de bordar, até que um dia ela me disse:

— Você não tem jeito para bordar, porque sua mão é suja!

E eu disse:

— Vou lavar bem as minhas mãos para ficarem limpinhas e eu poder participar das aulas e aprender a bordar.

E ela repetiu:

— Você não tem jeito para bordar, porque sua mão é suja!

Maria meu belo filhote, saí descontente da aula naquele dia e nunca mais voltei. Cheguei em casa e lavei muito minhas mãos para tentar limpá-las da sujeira que Dona Judite disse que estavam nelas. Passei a acreditar de fato que eu não tinha habilidades para tal arte. Recentemente, minha filha, lendo crônicas e contos escritos por mulheres escritoras negras, é que “entendi como a vida funcionava, discriminação por causa da sua classe, sua cor”. O que vivi foi uma atitude discriminatória em relação a minha etnia e classe social na infância.

Ah minha filha, essa é apenas umas das situações concretas onde vivi o racismo na infância, não escrevo essa carta para listar todos os acontecimentos que me afetaram por atitudes discriminatórias, porém, alguns quero e acredito que é preciso destacar para romper o silêncio. Quantas vezes fui agredida com expressões verbais depreciativas por parte de alguns colegas na escola, na igreja, pelos vizinhos e em outros espaços de convivência. Na escola, experenciei, quando criança, situações de rejeição por parte de alguns docentes em relação ao contato físico, seja um abraço, um beijo, uma manifestação de carinho, ou olhares de desprezo. E o mais marcante que vivi como criança negra foi a questão do cabelo, que mamãe, sua avó, fazia questão de manter preso, bem penteado, e às vezes cortava bem curtinho, para evitar constrangimentos, só que mesmo assim, constantemente, ouvia alguém dizer:

— Prende esse cabelo, está muito armado...

Na minha infância era comum ouvir coisas desse tipo e foi preciso resistir para superar o desprezo que impera na sociedade brasileira, e, como criança negra, ressignificar sentidos outros para re-existir diariamente, já que nos lugares que eu habitava havia poucas negras e negros, e eu era considerada a ‘moreninha’ da sala de aula, do coral da igreja, da turma da natação, do basquete, da dança, do grupo de Balizas.

Maria, quero te contar como as expressões artísticas-culturais, como a dança e a música me acompanham desde pequena. Minha primeira experiência concreta foi no jardim de infância, quando fui Baliza pela primeira vez. Só para você saber, Baliza é uma menina-mulher que fica em frente de uma banda ou fanfarra marcial fazendo demonstrações de ginástica artística, rítmica e dança coreografada, às vezes utilizando um bastão. Com sua alegria, ela informa ao público que a banda apareceu para brilhar. Foi com muita alegria que desfilei como baliza quando estudei no Centro Municipal de Educação Infantil Menino Jesus, escola onde nossa querida Alana, minha sobrinha-afilhada, hoje estuda. Eu tive uma professora que foi uma grande incentivadora nessa etapa da minha vida.

Não posso me esquecer de dizer que sua avó, minha mãe, sempre foi uma grande incentivadora para que eu participasse de atividades artísticas e culturais nas escolas. Desde a educação infantil, mamãe costurava com muito amor e dedicação todas as roupas para os acontecimentos festivos. Com sua garra e vontade de viver, nas horas de folga alegrava a casa, cantava ao som do disco vinil de Clara Nunes.

Outra ocasião que até os dias de hoje continua presente nos cotidianos escolares é a tal comemoração do dia do índio, em 19 de abril. Recordo que me vestiram com roupas e adereços simulando uma índia, eu e mais duas colegas, e nos colocaram em cima de uma mesa, nos expondo para toda a comunidade escolar. Minha indignação é que, depois de quase 40 anos, as escolas ainda continuam “enfeitando” as crianças de indígenas, digo isso porque você está estudando para ser professora de artes e desejo que suas práticas pedagógicas provoquem uma educação libertária e anticolonial.

Ia me esquecendo de comentar com você que entrei na escola com 7 anos de idade, diferente de você que, com 3 meses, já passava meio período na creche onde eu trabalhava como coordenadora pedagógica. Recordo a

felicidade que foi para mim a oportunidade de habitar os cotidianos de uma escola, brincar, merendar, dançar, conversar, viver com outras crianças, participar das festas, em especial da comemoração junina, vestida de Emília, foi uma alegria.

Outro acontecimento que quero relatar para você, e que foi um ponto importantíssimo e penso que fez com que eu escolhesse trabalhar com o congo, desde o projeto do mestrado iniciado em 2010, foi ter participado de uma festa de folclore no mês de agosto, quando eu cursava a antiga quarta série na Escola Municipal de Ensino Fundamental Stélida Dias. Naquela ocasião, tive uma professora negra que me acolheu com carinho e foi assim que iniciamos os ensaios para dançar frevo aos sons de Gal Costa, apresentando a cultura do estado de Pernambuco. Os anos se passaram, e quando fui escrever meu projeto para o mestrado é que fui me questionar o porquê de nunca ter estudado o congo na educação básica; dancei frevo, mas congo não.

Essa questão ficou martelando na minha cabeça por um bom tempo, e hoje sei que com as muitas lutas dos movimentos sociais negros em todo Brasil foi possível colocar na letra da lei a inclusão, no currículo oficial da rede de ensino, do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. E mesmo com essa obrigação, este ano fui em uma escola pública de ensino fundamental participar de uma mostra cultural e uma turma do 4º ano dançou o frevo para apresentar a região nordeste do Brasil. Voltei no tempo e recordei da minha época, e fiquei descontentemente pensativa, e me perguntei porque não levar o congo às crianças da escolas, sendo que a instituição fica no município onde existem quase 20 Bandas de Congo entre adultas e mirins – além do que o frevo está longe de ser a única expressão do nordeste.

Bom, como naquela época havia poucas vagas em escolas públicas, logo que terminei a 4ª série mamãe me matriculou em uma instituição da Igreja Batista, que cobrava um valor pequeno, mesmo assim pago com muito custo com o pequeno salário que ela ganhava como empregada doméstica. Seu avô, meu pai, trabalhava nessa época como encanador industrial numa fábrica de chocolates, além de ser pedreiro nos dias de folga. Quando cheguei nessa escola, conheci muitas meninas que gostavam de dançar, e com a ajuda de uma professora formamos um grupo de dança. Ensaiávamos para desfilar como Balizas nos desfiles de 7 de setembro pela avenida mais popular do bairro.

Estudei somente um ano nesta escola, e tive que sair por causa da falência da instituição. Foi um ano conturbado e tínhamos poucas aulas por causa da falta de pagamento dos docentes. Assim fui transferida para outra escola.

Talvez você não entenda a importância de meu envolvimento com os movimentos artísticos-culturais, no caso a Baliza, mas como morávamos em um bairro periférico com ausência de áreas de lazer e entretenimento para a comunidade, o desfile de 7 de setembro se tornou um grande acontecimento, onde todos saíram para as ruas, sendo o momento de encontrar e re-encontrar os amigos, conversar compartilhando amizades e afetos. A gente reinventava o desfile cívico. E você sabe que, até os dias atuais, o bairro continua assim, as pessoas saem para as ruas para assistir as escolas com suas produções culturais, e atualmente é possível visualizar também as expressões culturais locais apresentadas nos desfiles.

Nessa *aventura de contar-me*, quero lhe dizer que fui estudar na escola comunitária Cenecista de Campo Grande (Cnec), instituição que você conhece, pois estudou lá durante boa parte de seu ensino fundamental. Nesta escola, desejei me tornar também uma Baliza, coisa que conquistei depois de muita insistência para fazer uns testes com a professora regente. Esse foi um momento inicialmente feliz. Chegou o grande dia! Dia de ensaio da banda marcial em que todas as Balizas estariam presentes. Era meu primeiro ensaio! Momentos antes, fui chamada em uma sala da escola por um grupo de meninas Balizas e lá elas me disseram que eu não poderia participar desse grupo. Eu perguntei porque, e elas disseram:

— *Você não pode participar, você não tem roupa, não sabe se vestir.*

Elas olharam para meu corpo e cabelo com um desprezo que nunca esquecerei. Saí de lá arrasada e, naquele momento, não entendi de fato o que aconteceu. Hoje, anos depois, sei que o que vivi ali tem nome, chama-se discriminação, e novamente por causa da minha etnia e classe social. Mesmo assim, não desisti de participar como Baliza e fui tentar uma vaga na banda mirim. Hoje sei que elas impediram que eu entrasse porque todas as balizas eram brancas e tinham cabelos longos e lisos, só eu era negra com o cabelo cacheado. Não tinha nenhuma Baliza negra. E isso fez a diferença virar indiferença e racismo. E assim fui seguindo a vida, não desistindo, resistindo e insistindo para ocupar esses espaços de práticas artísticas culturais.

Depois de tudo isso, minha Maria, continuei estudando no CNEC, porém decidi sair do grupo de Balizas mirins e tentar uma vaga como Baliza de uma experiente banda marcial de uma escola pública do meu bairro. Fui várias vezes nessa escola procurar a professora de educação física, que era a coordenadora das Balizas, até que um dia consegui conversar com ela e fui aceita para participar dos ensaios do grupo. Esse grupo foi mais receptivo, lá fiz amigas e amigos que estudavam nessa escola. Na ocasião tive o meu primeiro contato com o que hoje denominamos de mulher trans, uma incrível dançarina que atualmente é diretora de cinema e atriz. Foi muito prazeroso participar desse grupo de dança, fui muito feliz nessa fase de minha vida, e a cada apresentação da banda era uma alegria contagiante que me invadia.

Maria, quero te dizer que vivi bons momentos no CNEC, mas que também me senti deslocada quando entrei nessa escola. Tanto que a prática de esporte de que sempre gostei não pude realizar, pois os grupos e times estavam todos fechados, e quem chegava depois ficava na reserva do time, que quase nunca jogava. Por isso, na 7ª série, passava boa parte das aulas de educação física sentada na arquibancada, observando o time de meninas brancas de cabelo liso treinando. Maria meu amor, um respiro foi quando, na 8ª série, a instituição teve que contratar uma outra professora de educação física, e foi assim que pude participar das aulas.

Essa maravilhosa docente conduzia as aulas de modo amoroso e acolhedor. Num certo momento, ela nos convidou para produzir uma dança para ser apresentada na mostra cultural, e a música escolhida foi *Bola de meia, bola de gude*, de Milton Nascimento. Essa escolha caiu como um bálsamo na minha vida, como menina negra estudando em uma escola de maioria de brancos. Passei dias solidários nos ensaios promovidos pela professora e até hoje recordo a coreografia que criamos. Destaco isso para dizer que na vida há muitos espinhos, mas também há rosas perfumadas que destilam amor e alegria.

Não sei se já lhe disse, minha filha, mas durante minha vida busquei me envolver com práticas esportivas e artísticas com a intenção de cuidar de mim e para me relacionar, conhecer e conversar com pessoas. Assim, pratiquei natação, basquete e dança. Como sempre gostei de me banhar em água de praia e rio, me dediquei mais nas aulas de natação, e como tive professores e professoras exigentes, passava horas treinando para participar de algumas

competições pelo estado. Durante muitos anos de minha vida fiz aulas de natação no Sesi, inclusive até quando estava grávida de você, com 22 anos. Foram bons tempos, em que fiz amizades e pude compartilhar afetos.

Nos entremeios da minha vida, Maria, continuei resistindo para ocupar os espaços culturais de dança. Em certa ocasião, a prefeitura municipal armou uma Tenda Cultural com uma divertida programação, e lançou um concurso de dança para grupos e pessoas interessadas. Tentei integrar um grupo, como não consegui, porque já estavam todos formados, fui conversar com uma professora de dança, e ela aceitou me preparar para o concurso. Na década de 1980, erámos fãs do filme *Flashdance* e escolhi uma das músicas da trilha sonora para compor a coreografia. Foram ensaios, mais ensaios e ensaios. No dia da concurso, quando cheguei na tenda, noite em que eu era a única que iria competir 'sozinha', havia muitos grupos de dança inscritos. Quando fui chamada, o frio na barriga tomou conta, mas fui... Dancei e acertei toda a coreografia – que alegria! No final, a ansiedade para esperar resultado e, para minha surpresa, o locutor me chamou e eu ganhei em terceiro lugar. Voltei para casa vibrando de felicidade e acreditando que é preciso insistir. O troféu da vitória está guardado na casa de sua avó, simbolizando orgulho para nossa família.

Mas minha vida não foi apenas atravessada pela dança e pelos esportes. A música também teve lugar, desta vez o espaço de convivência foi a igreja católica do bairro. Desde menina gostava de participar das atividades da igreja para estar com pessoas, poder conversar e viver. Nas comunidades periféricas, a igreja é um lugar de encontro, e de desencontro também. Durante mais de uma década de minha vida estive nas atividades da comunidade, participando do Coral infantil, do grupo de leitura, festas litúrgicas, e da coroação de Maria. Mas o que mais tomou minha dedicação foram as aulas de catequese com crianças e adolescentes. Preciso destacar minha participação na igreja como uma professora que, mais do que ensinar as crianças e jovens a decorarem a bíblia e as orações, conversava com o grupo sobre a importância do bem viver coletivo, de sermos solidários e amáveis uns com os outros. Essa fase marcou minha vida, fiz amizades e pude exercitar o diálogo amoroso com as pessoas com as quais convivi na época.

Outro fato marcante que gostaria de lhe contar aconteceu quando eu estava na 7ª série a escola contratou um jovem professor de geografia, negro, e

ele organizou uma aula de campo até Santa Teresa, terra onde nasceu o homem dos colibris, Augusto Ruschi. Foi nessa ocasião que conheci as histórias desse ecologista e fiquei encantada com a beleza do lugar, com as matas, os pássaros, os beija-flores e as orquídeas. Foi a primeira aula de campo da qual eu participei na vida escolar. E como o mundo dá muitas voltas, incentivei você a estudar para passar no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), e em 2011 você foi morar em Santa Teresa para cursar o ensino médio de Técnico em Meio Ambiente. E assim como você, minha querida sobrinha-afilhada, Ana, esse ano também foi para o Ifes da terra dos colibris. E é bom destacar que vocês duas entraram no Ifes por meio do sistema de vagas para cotista, o que reforça que “Cota não é esmola”, como canta Bia Ferreira. Essa foi uma conquista e felicidade para toda nossa família. Com sua entrada no Ifes, tive a oportunidade de ir diversas vezes a Santa Teresa e visitar o Museu de Biologia Professor Mello Leitão, fundado por Augusto Ruschi.

Maria, tenho muito para lhe contar sobre as coisas que vivi, senti, vi durante minha vida. Minha adolescência foi marcada pelas intensas músicas dos grupos de rock dos anos 80, em especial a banda fundada em Brasília, Legião Urbana. Eu tinha e ouvi muitas vezes os discos vinis, afixava pôster nas paredes do quarto, colecionava pasta com todas as reportagens, fotos publicadas sobre a banda. Fui-sou uma grande fã da banda e consegui ir a dois shows do grupo aqui em Vitória, com direito a um autógrafo do Renato Russo, uau!, muita emoção.

Além da Legião Urbana, escutava Titãs, Plebe Rude, Paralamas do Sucesso, Ira, Engenheiros do Havaí, Beto Guedes, Milton Nascimento, 14 Bis, Sepultura, entre outros. E com tudo isso, quando completei 15 anos, não quis festa, sua avó perguntou o que eu queria de presente, escolhi o antigo Walkman, assim podia escutar as canções de fitas cassete usadas na época. Outro presente que mamãe me deu foi ingressos para o Rock in Rio II em 1991, no Rio de Janeiro, no Maracanã. Fiquei afônica com os shows do Guns N’ Roses, Billy Idol, Faith No More, Titãs, Sepultura, Megadeth e Judas Priest. Foram dois dias de tirar o fôlego.

Poderia passar dias e dias escrevendo sobre cada detalhe de minha vida, só que como estamos em pleno 2018, na era dos poucos caracteres do twitter, em que um áudio no Whats App com mais de 30 segundos é um absurdo, como

você sempre me diz, e já escrevi nove páginas de carta, tentarei chegar mais rapidamente ao fim.

Por isso, Maria, vou lhe contar do tempo em que cursei o Magistério do Ensino Médio em uma escola pública estadual de Vitória, pois foi quando conheci as ideias de Paulo Freire. Foi também quando aconteceu o processo de *impeachment* do presidente Fernando Collor, em 1992. O país ferveu com os Caras Pintadas, um movimento estudantil brasileiro ocorrido na ocasião.

Iniciei o magistério com 16 anos de idade, época em que comecei a habitar os cotidianos escolares, onde permaneço até os dias de hoje. Depois que terminei meu curso de ensino médio, passei muitos anos sem frequentar um espaço de educação formal, foi o período em que me casei e, com o tempo, você chegou na minha vida. Tempo em que trabalhei como atendente de creche, professora alfabetizadora e coordenadora pedagógica em um centro de educação infantil particular do bairro onde morávamos.

Somente depois de passados 10 anos ingressei na graduação em pedagogia, e Maria, se naquela época tivesse o sistema de cotas, talvez eu entrasse na Ufes, como você que hoje é uma estudante cotista do curso de Artes Visuais. Fiz minha graduação com muito comprometimento e alegria, e sua avó me ajudou muito cuidando de você, que era bem pequena. Eu saía de casa às 6h da matina para estudar de 7h as 12h, voltava com a Van – naquela época não tinha ônibus que passasse onde eu estudava e só conseguia chegar no horário se fosse de transporte alternativo. Voltava da aula e trabalhava de 13h às 19h, uma correria só; me dividia para cuidar de você, da casa e estudar. Foi um tempo de muitos aprendizados e na faculdade de educação foi onde li pela primeira vez o livro de Paulo Freire *Pedagogia da Autonomia*, vivi uma experiência incrível com tantas descobertas pedagógicas.

Também na graduação conheci os estudos do professor Marcos Reigota, que hoje é meu orientador de doutorado. Fiquei curiosa com as leituras que fiz sobre Educação Ambiental, e assim decidi fazer meu trabalho de conclusão de curso em uma escola próxima da área de manguezal, para pesquisar a educação ambiental que acontecia naquele espaço educativo de um bairro periférico. Nessa época também, um ano antes de finalizar a graduação, passei em um processo seletivo para atuar como estagiária de pedagogia de um programa de comunicação ambiental (PCA) de uma grande empresa multinacional do ES.

Assim, iniciei minha relação com a “educação ambiental”, acompanhando e orientando quase 30 escolas de educação básica, públicas e particulares, conveniadas e parceiras do PCA.

Eram muitos os projetos pedagógicos que acompanhávamos nas escolas, entre eles: Bancas de Meio Ambiente (biblioteca itinerante), Musiculturante, Projeto Rádio na escola, Horta educativa, oficinas de reciclagem, de brinquedos, encontros de educação ambiental, além de recebermos as escolas em visitas monitoradas no Centro de Educação Ambiental e borboletário da empresa.

Passei um ano como estagiária, e depois fui contratada como técnica de apoio pedagógico e trabalhei por mais quatro anos, desenvolvendo, além das atividades que listei aqui para você, outras como ministrar cursos e palestras de educação ambiental em escolas, participar de feiras do verde, encontros e fórum de educação ambiental. E um dos projetos que na época mais me marcou foi o Projeto Educativo Gênesis, com as fotografias de Sebastião Salgado. Vivi intensas experiências, fiz muitos amigos e amigas durante o tempo em que estive atuando como educadora ambiental no PCA, e com a venda de toda a empresa para um homem da Índia, o programa chegou ao fim.

Com esse fim, minha filha, outras alternativas de trabalho surgiram, e foi assim que voltei ao centro de educação infantil do bairro, só que desde vez com formação em pedagogia, atuando no cargo de diretora pedagógica. Você se lembra de ter estudado nessa escola durante parte de sua infância? Lá você foi Pequena Sereia e eu fui a Emília, sua Boneca de Pano, e a cada festinha de aniversário era uma alegria brincar com você no pula pula.

Bom, como a grana era curta, além desse trabalho durante o dia, a noite atuava como professora em um instituto de ensino superior de pequeno porte, lecionando as disciplinas de “Educação ambiental” e “Metodologia do ensino de ciências”. Foi muito prazeroso ser docente nesta instituição, a relação com os estudantes era maravilhosa: fizemos aulas de campo para conhecer a Foz do Rio Jucu, o manguezal, a Reserva Ecológica de Jacarenema, mas quero destacar aqui a visita que fizemos ao Parque Natural Estadual Paulo César Vinha, nome dado em homenagem ao biólogo ecologista capixaba que foi assassinado por lutar contra a extração de areia na região.

Minha filha, foi também nesse período que senti um desejo enorme de estudar, e surgiu uma oportunidade de fazer um mestrado profissional em

educação no Paraguai. Consegui articular as coisas de modo que você passou os meses de janeiro e julho aos cuidados de sua avó e suas tias, minhas irmãs, para que eu pudesse cursar as disciplinas obrigatórias presenciais. Foi um momento muito rico na minha vida, conheci muitas pessoas de diferentes partes do Brasil, fiz amigos e amigas e me apaixonei ainda mais pela arte de estudar. Mas como a grana continuava curta, tive que interromper o mestrado e não concluí o curso, o que me deixou imensamente triste. E num esforço de re-existência, passei todo um ano estudando para tentar passar no mestrado em educação da Ufes. E foi nesse momento que também comecei a atuar como tutora em um curso de educação ambiental a distância (Ufes), circunstância que me aproximou do professor Soler Gonzalez, e começamos a trilhar juntos a nossa geografia dos afetos. Depois de muitos estudos, preparação de projeto de pesquisa, passei em primeiro lugar e consegui uma bolsa de estudos da Capes. Fiquei numa felicidade imensa, a primeira pessoa da minha família a ingressar em um programa de pós-graduação em uma universidade pública. Durante dois anos me dediquei de forma integral aos estudos do mestrado. E depois que terminei, eu queria mais e mais. Eu quero sempre mais...

E foi assim que iniciei uma maratona para estudar e reorganizar um projeto de pesquisa. E assim conquistei uma vaga no programa de pós-graduação em educação da Uniso. Conto isso para você, Maria, porque você me acompanha de perto e sabe dos desafios diários que temos que enfrentar. Com meu ingresso no doutorado, como você sabe, foi possível ir ao México em um intercâmbio acadêmico e lá me aproximei das histórias de três fortes personalidades mexicanas que são referências na América Latina e sobre as quais gostaria de lhe contar alguma coisa.

A primeira foi Emiliano Zapata, que disse “Se não há justiça para o povo, que não haja paz para o governo”. Maria, Zapata foi um revolucionário, filho de indígenas, nascido em 1879 no estado de Morelos. Zapata começou jovem sua liderança como militante político nas lutas dos movimentos dos camponeses indígenas a favor da reforma agrária no seu país. Depois de muitas revoluções mexicanas, ele foi assassinado em 10 de abril de 1919. Foi ele, Maria, que inspirou a criação, em 1994, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), formado por um grupos de indígenas camponeses que se revoltaram contra o governo do estado de Chiapas e continuam na resistência até os dias

atuais. Estive em San Cristobal de las Casas, em Chiapas, onde o movimento zapatista inspira muitos jovens nos territórios mexicanos.

“Não há poema em si, mas em mim ou em ti”, disse Octávio Paz (1914-1998), um importante mexicano que atuou como poeta, ensaísta, tradutor e diplomata, e influenciou a vida cultural da América Latina durante um bom tempo. Ele conquistou o Prêmio Nobel de Literatura de 1990. Morou na infância, com a família, nos Estados Unidos, e retornou ao México para estudar Direito na Universidade Autônoma do México. Sua iniciação com a escrita começou na adolescência, e assim durante sua vida destacou-se como poeta e por todo seu trabalho de ensaísta, crítico literário, cultural e político. Minha filha, em 1950, Octávio Paz publicou o livro *O Labirinto da Solidão*, uma valiosa investigação histórico-antropológica sobre o México, que se tornou uma obra clássica e de indispensável leitura para todas e todos da América Latina. Espero que um dia você possa lê-lo.

Frida Kahlo sem dúvida você conhece, mas me encanta a frase “Pés, por que eu os quero se tenho asas para voar?” – sim, desejo que você voe com o seu curso de artes visuais. Frida foi uma das artistas mais importantes do século XX, no aspecto político e cultural, no México. Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderon lutou para superar seus traumas com sua frágil saúde e a impossibilidades de ter filhos. Sua arte traduz suas realidades, suas alegrias e frustrações. Ela valorizava sua cultura e a tradição mexicana por meio do uso de roupas e adereços de cores vibrantes, também destacados em suas pinturas. Frida Kahlo foi uma mulher guerreira que viveu intensamente, além de seu tempo, e resistiu até o fim da vida aos comprometimentos resultantes da poliomielite que adquiriu na infância e a uma série de complicações por causa do acidente que sofreu na juventude. Hoje, Frida é uma inspiração de re-existencia para nós mulheres latino-americanas.

Maria, por aqui vou terminando, antes desejo dizer que durante o período que estive no doutorado, o Brasil ferveu com a primavera secundarista, com as ocupações das escolas públicas de ensino médio e universidades em 2016. Inclusive, lembro que você participou e passou dias e dias na Ufes ocupando o centro de artes. Foi preciso muito fôlego para escrever uma tese entre tremores e tempestades, impeachment da presidente Dilma, e o tempo não para e não parou, foi necessária muita força e ânimo para resistir e re-inventar

possibilidades outras de vida no presente, e pensar como seria um trabalho com mulheres no congo, o que são práticas de re-existência ecologista.

Nessa caminhada, foram muitas aprendizagens, criação de amizades e solidariedades. Vivi uma ecologia outra. Ecologia dos que vem e vivem nas margens e que nas margens muito contribuem com os seus movimentos de resistência aos processos de colonização, produzindo conhecimentos com suas leituras de mundos, como pensou Paulo Freire.

Para encerrar, Maria, gostaria de comentar sobre os atos de resistência que emergiram em 2018 com o mote #EleNão, onde milhares de mulheres de todo o Brasil foram às ruas lutar contra o fascismo. E gritamos “A nossa luta é todo dia contra o racismo, o machismo e a homofobia”. E a esperança não pode morrer, precisamos acreditar nos possíveis, por nós, por Marielle Franco, mulher negra vereadora brutalmente exterminada em 2018, no Rio de Janeiro. As vitórias são pequenas e miúdas, mas acontecem, como mostrou o resultado da eleição para a casa legislativa de 2018, em que elegemos uma bancada de candidatos envolvidos com a solidariedade, a cidadania e a democracia para todas e todos.

Desejo que você siga com alegria de viver, de conviver, de estar com pessoas, para conversar, escutar, conhecer suas histórias. É isso que potencializa ecologias outras, existentes nesses movimentos de amizade, amor, pois é pelas brechas que podemos insistir, resistir e re-existir com amorosidade e alegria.

Com muitos afetos de sua mamis.

Amo muito você!

Andreia

Figura 5a – Formatura de Andreia Teixeira Ramos no Jardim de Infância “Menino Jesus”, 1982.

Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

Figura 5b – Participação das Balizas com a Banda Marcial no Desfile de 7 de setembro no Centro Histórico de Vitória, ES, 1989.

Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

Figura 5c – Eu e minha filha Maria, pousando para uma Self na cozinha de nossa casa, 2018.

Fonte: Maria Luiza Teixeira Ramos Galacha

3 PRIMEIROS SONS DOS TAMBORES E CASACAS DE CONGO

Figura 6 - Instrumentos de congo, tambores, chocalhos, buzina e casacas, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal.

Figura 7 - Instrumentos de congo, bumbo, tambores e casacas, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal.

> *Sou muito orgulhosa, de ser neta, filha e irmã de congueira, me sinto feliz de ser uma mulher congueira, estou aqui para lutar com elas para o que der e vier, com a fé de Deus.*[1]
>
> (Mulher no congo)

Com inspirações nos sons das casacas e tambores do Congo[2] do estado do Espírito Santo (ES), inicio a escrita deste texto. As imagens que compõem o texto foram feitas por mim no e com os movimentos da pesquisa, e são também narrativas que dizem e apresentam a pesquisa de campo.

Este texto ressalta as narrativas das Mulheres no Congo do ES, como práticas de re-existência ecologista implicadas nos cotidianos escolares. Essas narrativas constituem as travessias da pesquisa de modo político, libertário, ético, estético, pedagógico, epistemológico e metodológico, no campo da Educação, desencadeando algumas problematizações: de que modo pensar, as narrativas das Mulheres no Congo como práticas de re-existências ecologistas com os cotidianos escolares?

Começo pelo meio, com inquietudes e inacabamentos, problematizando e me problematizando como mulher, educadora, pesquisadora e cidadã, voltando meu olhar para estas mulheres e sua prática, que, ausentes em meu mestrado em educação (RAMOS, 2013), quando estudei o congo de máscara, começaram a emergir e gritar dentro de mim no meu ingresso no doutorado, e para as práticas pedagógicas que se enlaçam com o congo.

Assim, o doutorado é um desdobramento do mestrado, onde pude olhar para as mulheres do e no congo. E fazer isso mudou minha percepção sobre a minha própria história no meu lugar de mulher. Minha narrativa portanto não é individual, são narrativas coletivas que carregam elementos da história de um povo, que é também a minha história.

Nesse contexto, metodologicamente, esta pesquisa se aproxima dos estudos com os cotidianos (ALVES, 2010; FERRAÇO, 2003), e mais

---

[1] Usarei para compor o texto fragmentos das narrativas das mulheres do congo capturadas nas travessias da pesquisa de campo.

[2] Casacas e tambores são instrumentos singulares das bandas de congo do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br/espiritosanto_negro/historia_congo.htm>. Acesso em: 6 jun. 2015.

especialmente dos trabalhos e publicações do Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação (REIGOTA, 1999a, 1999b, 2016a, 2016b; BARCHI, 2006; CATUNDA, 2013; MACHADO, 2014; PROENÇA, 2009; YANG, 2015), buscando criar encontros na travessia do campo da pesquisa.

Pensamos a pesquisa com os cotidianos a partir de Nilda Alves (2010), que nos diz que juntar os termos, pluralizá-los, algumas vezes invertê-los, outras duplicá-los, é a forma que conseguimos, até o presente, para mostrar como as dicotomias necessárias na invenção da ciência moderna têm se mostrado limitantes ao que é preciso criar para pesquisar nos/os/com os cotidianos.

A pesquisa com os cotidianos

> Buscar entender, de *maneiras diferentes* do aprendido, as atividades dos cotidianos escolares ou dos cotidianos comuns, exige que esteja disposta a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente *em realidades* buscando referências de sons, sendo capaz de engolir, sentindo a variedade de gosto, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando odores que as *realidades colocam* a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 2008, p. 19, *grifo nosso*).

Continuamos nossa conversa sobre a aposta na metodologia das pesquisas com os cotidianos na companhia de Carlos Eduardo Ferraço (2003), para quem os caminhos da pesquisa são

> [...] complexos, acidentais, plurais, multidimensionais, hierárquicos, fluidos, imprevisíveis, [caminhos] que se abrem e se deixam contaminar, permanentemente, pelas relações, pensamentos e imagens do mundo contemporâneo, enredando representações, significados e pessoas. Uma complexidade que não se esgota nunca e que, apesar de estar em todo lugar, não se deixa capturar. No máximo, ser vivida e com alguma dose de sorte, ser sentida. (FERRAÇO, 2003, p.103).

As pesquisas com os cotidianos estão, portanto, abertas aos imprevistos, não se enquadrando e não se deixando aprisionar em modelos, uma vez que não há um só caminho a seguir, mas um emaranhado deles, como redes que se tecem

> [...] em meio à articulação dos contextos culturais, políticos, sociais, econômicos, religiosos, familiares, vividos pelos sujeitos cotidianos, produzem diferentes *saberesfazeres* dependendo de necessidade e/ ou interesse pessoais e/ou locais, das histórias de vida, formações, valores e intenções. Com isso, os *saberesfazeres* que os sujeitos praticam nos cotidianos escolares não são definidos apenas institucionalmente, de acordo com as normas decorrentes de lógica hierárquica de funções e/ou formações. (FERRAÇO, 2007, p. 90).

Assim, na tessitura dos fios da rede metodológica, trazemos as perspectivas ecologistas de educação com inspirações freireanas, apostando e exercitando o compromisso ético, estético e político que envolve a ideia de cidadania planetária, dialogando com as macro e micropolíticas que atravessam gestos, conversas, narrativas, cheiros, sons, afetos, amizades, tensões, conflitos, negociações, ideias, sentimentos, experienciais, que compõem os cotidianos da vida.

Nesse sentido, como aponta Marcos Reigota (1999, p. 15), é preciso considerar "como questões ecológicas não somente o meio ambiente, mas também as relações sociais e a subjetividade". Desse modo, o autor abre caminho para um outro jeito de escrever e pesquisar:

> Muito discretamente, comecei a fazer referência e buscar argumentos em autores e pensadores alheios ao mundo científico, sendo que, mais recentemente, passei a incorporar ao meu trabalho, de forma mais explicita e com maior ênfase as contribuições artísticas e literárias. O aspecto literário-acadêmico, ou ainda para citar Guattari, "o paradigma estético" é uma das características básicas de "Ecologistas", além disso, é uma tentativa de explorar as sugestões encontradas na literatura especializada em ciências humanas, dentro dos referenciais da pós-modernidade (REIGOTA, 1999, 15-16).

Nesse contexto, pensamos a perspectiva ecologista também inspirada nos escritos de Paulo Freire (2014b, p. 77), para quem

> ... a transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre homens e mulheres, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância

> fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador. Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humaniza-lo, torna-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma o mundo, sem ela tampouco a sociedade muda. Se nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça... não temos outro caminho senão viver plenamente nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos com o fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.

Nesse sentido ético, para a produção de dados da pesquisa, usamos registros em diário de campo, fotografias, cartas, conversas, *narrativas* (REIGOTA; PRADO, 2008) e narrativas ficcionais, produzidas nos encontros e experiências que atravessam as vidas das mulheres do congo, apostando em *diálogos amorosos* (FREIRE, 2014) com os sujeitos, exercitando a conversa, como procedimento metodológico e de descolonização dos modos de pensar e exercitar os caminhos investigativos de criação. Como diz Freire (2014, p. 110), “Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o infunda. Sendo o fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. O amor é compromisso com os homens e as ‘mulheres’”.

Do ponto de vista metodológico, as *narrativas ficcionais* foram tomadas como compromisso ético para a elaboração de cenários, identidades e de personagens.

> Com as narrativas ficcionais pretendo trazer ao espaço público, principalmente aos locais de debate, de formação profissional e política e de elaboração de alternativas que possibilitem a concretização de um estilo mais ecológico, pacífico, justo e prazeroso, momentos privados, de ideias, experiências e sentimentos que estão caracterizando a época em que vivemos. (REIGOTA, 1999, p. 86).

Sujeitos da história (FREIRE, 2014a), e não apenas da pesquisa, as mulheres no congo do Espírito Santo, na grande maioria pardas, negras e indígenas, se fazem presentes nesta pesquisa em sua re-existência aos modos colonizadores e opressores que subjugam esses grupos, suas estéticas e modos

de viver, bem como os habitantes que praticam os cotidianos escolares das regiões onde existem bandas de congo.

Figura 8 – Adereços utilizados pelas mulheres no congo: Colares, anéis e pulseiras. 2018.

Foto: Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: arquivo pessoal.

Figura 9 – Adereços utilizados pelas mulheres no congo: Anéis. 2018.

Foto: Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha.
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 10 - Adereços utilizados pelas mulheres no congo: Pulseiras, pente, gel para cabelo e coroa para enfeitar o cabelo. 2018.

Foto: Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: arquivo pessoal.

Figura 11 - Adereços utilizados pelas mulheres no congo: Anéis e pulseiras.

Foto: Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: arquivo pessoal.

Figura 12 – Mulher no congo preparada para apresentação. 2018.

Foto: Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: arquivo pessoal.

Figura 13 – Mulher no congo se maquiando. 2018.

Foto: Maria Luíza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: arquivo pessoal.

Ao nos voltarmos para estes sujeitos, dialogando com eles, trazendo suas vozes, todo um mundo de tradições, pertencimento e luta se apresenta, em que as batidas do Congo pelas terras capixabas seguem ressoando e habitando os múltiplos espaços de convivência e os cotidianos escolares.

> *Não é só uma festa, é uma tradição também, né? Tradição e fé que o povo tem com São Benedito. Tem mais valor hoje. Hoje eles estão valorizando mais a cultura, né? Depois de tanta luta, é isso mesmo. E agora a gente conseguiu esse registro do Congo.* (D. Lolinha, Congo Folclórico de São Benedito, município de Serra).[3]

> *No dia a dia sou uma pessoa comum, mas quando eu entro numa Roda de Congo eu me sinto uma realeza, protegida por Nossa Senhora da Penha... Olha para mim é a certeza que essa manifestação cultural tão bacana e tão nossa não vai acabar nunca. Historicamente vai estar introduzido na História do nosso Estado e não vai terminar nunca.* (Deusa Bravim, Princesa da Banda Mestre Alcides, Barra do Jucu, Vila Velha).[4]

> *O Congo é uma expressão cultural que existe no nosso Estado, são mais de 60 Bandas de Congo em todo o Estado do Espírito Santo. E é uma devoção ao espiritismo, a Nossa Senhora da Conceição, a São Sebastião. O santo de devoção mesmo para nós, a maioria dos congueiros, é São Benedito, o Santo negro. Eu penso não só o Congo, mas o que é expressado por todas as expressões culturais. Elas nos permitem exercer a nossa cidadania também. Porque exercemos o que a Sua Santidade deixou, e também faz parte da cidadania. Não é só o devocional, é eu saber o que meu pessoal fazia, antes de eu estar aqui. Toda referência à nossa ancestralidade. Ah, primeiro, é uma emoção muito grande de estar, dando prosseguimento a essa cultura que nós herdamos, dos negros, dos indígenas, dos ibéricos, é uma mistura aí, eeee... sou professora de História, eeee... é muita energia é muito amor. Quando o Congo, o nome do nosso tambor é Congo, é Banda de Congo na verdade. Cada tambor é um congo, então é uma energia que quando começa a tocar, é só alegria, você se esquece de tudo.* (Jamilda Alves Rodrigues Bento, filha de Paneleiras, revitalizadora e historiadora da Banda Panela de Barro).

[3] Ela se refere à luta para que o Congo se tornasse Patrimônio Imaterial do ES. Ver *Congo Capixaba: É oficial. O Congo é Patrimônio imaterial do Espírito Santo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ytRNe6sLEuY>. Acesso em: 8 fev. 2017.

[4] Deusa se refere à mesma temática. Ver *Congo - Patrimônio Imaterial do Espírito Santo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WTrQV4ABsKE>. Acesso em: 8 fev. 2017.

Na relação e no diálogo com estes sujeitos da história, explicita-se o nosso posicionamento e comprometimento ético-político, uma vez que, nas palavras de Paulo Freire (2009, p. 77),

> Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele.

Por essa razão, é importante nos perguntarmos como o fez Paulo Freire: “Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?”, questões estas que me acompanharam durante o processo de pesquisa e escrita. No esforço de responder tais perguntas, digo que estudo em favor de uma política de narratividade, apostando nas contribuições políticas, éticas, *libertárias* (FREIRE, 2014), estéticas dos *sujeitos históricos*, das pesquisas, apostando numa vida digna para todos e todas. Estudo em favor dos *menores, aqueles que vêm das margens*, dos infames, dos invisíveis, dos apagados, dos indígenas, quilombolas, pescadores/as, desfiadeiras de siris, ribeirinhos, caiçaras, negros e negras, congueiros, congueiras, mulheres do congo, mestres de congo, exercitando aproximações com a esperança, a cultura da paz, de modos de existências solidários, por entre conversas amorosas e de alternativas às alternativas de existências no mundo contemporâneo. Estudo contra a opressão, as desigualdades e injustiças sociais, os preconceitos étnicos, de gênero, classe, religião, racismos, homofobias, moralismo, capitalismo, neoliberalismo, fascismo, colonialismo... e outros *ismos*. Estudo contra o sistema do patriarcado, contra os colonizadores, opressores, as verdades absolutas...

Por tudo isso, a pesquisa se apoia no texto *A contribuição política e pedagógica dos que vem das margens* (REIGOTA, 2013, p. 1), na crença de que

> Aqueles que vêm das margens contribuem politicamente, com suas existências e processos transformativos, com muito mais do que aquilo que a academia lhes reconhece. Eles e elas recriam os conhecimentos, se colocam neles, criam e modificam

> os sentidos do estudar, do compreender e mudar as práticas pedagógicas e políticas, nas escolas e na academia. Defende-se aqui que a principal contribuição política dos que vêm das margens ocorre na construção e ampliação da noção de cidadania na qual o sentimento de pertencimento e a intervenção cotidiana são prioritários. Considerando este movimento de ampliação da cidadania como resultado de uma produção de sentido, poderíamos aprender com aqueles que vêm das margens, poderíamos repensar a dimensão política da escola e as suas configurações contemporâneas. Poderíamos produzir conhecimentos, conceitos e teorias radicais, pertinentes e, principalmente, descolonizadas.

Apostamos numa educação que não se guarda, inventiva, menor, *dos que vem das margens*, das desconstruções, que descolonizam os pensamentos e que acontece nas relações com diálogos amorosos tecidos na vida cotidiana. Assim, em diálogo, parceria e cumplicidade com Manoel de Barros (2010, p.10) "a gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias"*.*

Convido também para compor o texto, a professora Regina Leite Garcia (2011) que, em seu artigo, *Para quem investigamos – para quem escrevemos: Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador,* afirma que:

> É preciso lembrar que o paradigma da modernidade foi o paradigma da modernidade ocidental que, para se tornar hegemônico, silenciou outras epistemologias, tradições culturais, projetos de sociedade alternativos. Essas vozes silenciadas começam a se fazer ouvir, tradições e projetos alternativos reaparecem, povos um dia colonizados reescrevem a sua história, o neocolonialismo é denunciado, grupos se organizam, criando novas formas de relações mais solidárias e igualitárias, velhas utopias se atualizam. Á globalização por cima os de baixo reagem e começam a se organizar em propostas de uma globalização contra-hegemônica, aos defensores do pensamento único e o pensamento múltiplo responde a pluralidade... Novos ventos anunciam a possibilidade de novos ventos. Será que neste momento de crise global, que pode levar até a destruição do planeta Terra, mas que também pode ser o prenúncio de novas formas autoeco-organizativas, alguém que se pretenda intelectual pode estar insensível ao que acontece? Este me parece um momento desafiador a que os intelectuais públicos são chamados a participar se comprometendo com a radicalização da democracia, pondo as suas pesquisas, os seus escritos e as suas falas a serviço de um projeto emancipatório. O resto é silêncio... (GARCIA, 2011, p. 39-40).

Argumentos que ressoam no livro *Ensinando a transgredir*, de bell hooks (2013), onde a autora afirma que “aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista”. (hooks, 2013, p. 10). A autora destaca ainda que “o aprendizado, em sua forma mais poderosa, tem de fato um potencial libertador” (hooks, 2013, p.13).

Ao ler o livro de bell hooks, percebi que minhas práticas pedagógicas e minha vida de um modo geral, desde menina, se aproximavam de pedagogias anticoloniais, feministas e antirracistas; entretanto, é preciso destacar que foi somente com o ingresso no doutorado em educação que consegui alimentar um crescimento-deslocamento intelectual, emocional e espiritual... Como disse a autora, em consonância com o pensamento de Paulo Freire, a teoria foi uma prática libertadora.

> Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era intensa que não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (hooks, 2013, p. 83).

O encontro com bell hooks (2013) mudou meu modo de pensar, passei a questionar quais valores e hábitos refletem meu-nosso compromisso com a liberdade. Muita gente se diz comprometida com a liberdade e a justiça para todos, só que ajudam a manter a cultura da dominação e da opressão num mundo sem liberdade (hooks, 2013).

Tal como ela, acredito que “nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público” (hooks, 2013, p. 90). Razão pela qual uma teoria que silencia, censura e desvaloriza as vozes de mulheres não cabe nessa pesquisa. A teoria que reforçamos aqui, pensando com bell hooks (2013, p. 97), “nasce do concreto, de meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana*”*, nasce com as experiências como pesquisadora-conversadora nos *micro-lugares* (SPINK, 2008) com as mulheres no congo.

Para Peter Spink (2008, p. 71):

> Os micro-lugares e seus diferentes horizontes são produtos e produtores de vários processos sociais e identitários: nós, eles, os temas a serem debatidos, com quem conversamos, como e onde vivemos. Denso, o cotidiano se compõe de milhares de micro-lugares; não é um contexto eventual ou um ambiente visto como pano de fundo. Os micro-lugares, tal como os lugares, somos nós; somos nós que construímos e continuamos fazendo numa tarefa coletiva permanente sem fim.

Assim, como pesquisadora-conversadora sustento as vozes que soam nas narrativas que as mulheres no congo capixaba e as muitas professoras brasileiras e mexicanas compartilharam com a pesquisa, e os microlugares onde são produzidas.

Figura 14 - Mestres e Rainha da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 15 - Dançarinas mirins Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 16 - Dançarina da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

3.1 Ecologias que habitam em mim

Início essa escrita em diálogo com os pensamentos de Paulo Freire (2014, p. 29, grifo nosso):

> Mais uma vez os homens *e as mulheres*, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu "posto no cosmos", e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura.

Com inspirações na pedagogia freireana, pergunto-me qual é o meu posto no cosmos? Qual é o meu posicionamento no mundo? Quais ecologias estão presentes em mim? Quais estão presentes nesta tese? Qual a geografia dos afetos que vai demarcar meu lugar no mundo de mulher negra que insiste, resiste e re-existe no constante exercício de tornar o mundo mais justo e digno para todas e todos.

Preciso dizer que, de fato, com as travessias da pesquisa, uma problematização ficou martelando em mim, questionando minha própria experiência como criança negra. Tomo aqui as palavras da pesquisadora Eliane Cavalleiro (2015), para dizer dessa experiência.

> No contexto escolar, meu silêncio expressava a vergonha de ser negra. Nas ofensas, eu reconhecia “atributos inerentes” e, assim sendo, a solução encontrada era esquecer a dor e o sofrimento. Vã tentativa. Pois pode-se passar boa parte da vida, ou até mesmo a vida inteira, sem nunca esboçar qualquer lamento verbal como expressão de sofrimento. Mas sentir essa dor é inevitável. Dada sua constância, aprende-se a, silenciosamente, “conviver”. (CAVALLEIRO, 2015, p. 10).

O apontamento dessa autora me faz lembrar de Paulo Freire (2014a, p. 31) quando pergunta: “quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão?” Nesse sentido, é preciso repensar a dimensão política na pesquisa e as suas configurações contemporâneas, com a produção de conhecimentos radicais, pertinentes e, principalmente, anticoloniais. É preciso, portanto, continuar lutando para descolonizar nosso pensamento, como nos afirmava Freire (2014a), que apostava nos “esfarrapados

do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam" (FREIRE, 2014a, p. 5). Assim, com a pesquisa, conversei e convivi com múltiplas facetas e apostas epistemológicas deslocando-me para outros caminhos e outros modos de caminhar e re-existir com os sujeitos envolvidos, compondo uma geografia do afetos.

Muitas são as questões que me atravessaram e à pesquisa depois de escutar as contribuições das professoras e professoras da banca no dia qualificação, entre elas: O que é o congo? Quem são essas mulheres do e no congo? O que é ser uma mulher do e no congo? E como eu estou implicada com essas mulheres? E eu, estou no congo? Como o congo me toca? Qual a pertinência da tese para o Brasil de hoje? O que vibra nas mulheres no congo capixaba, nas mulheres oaxaqueñas e nas mulheres que pesquisam cotidianos escolares numa perspectiva ecologista de educação? De que diferentes modos os escritos freireanos fazem reverberar re-existências ecologistas com os cotidianos escolares? Quando as mulheres do congo falam e quando eu falo? São narrativas que eu escrevo ou que elas escrevem? De que ecologia eu estou falando? Como adensar a tese com as noções de resistência, re-existencia, perspectiva ecologista e geografia dos afetos?

No entanto, em razão do pouco tempo para nelas me debruçar com calma e com a atenção que merecem, me afasto do desejo de responder todas elas, e, com humildade, nessa versão do texto, apresento o empenho em dialogar com elas. Pois o tempo é de fato "compositor de destinos, tambor de todos os ritmos", como disse o cantor Caetano Veloso em sua *Oração ao tempo.* Quis o tempo que não houvesse tempo, por hora, para tudo de importante que desejei realizar nesta tese e que desejamos realizar neste país. Mas o que realizamos como pesquisadoras e pesquisadores, por pequeno que seja, nos transforma e transforma o nosso cotidiano.

Nesse sentido, ressalto a aposta em exercitar a perspectiva ecologista de educação, reafirmando uma posição política, porque age no mundo, ética, porque não ignora os tantos outros e outras, estética, porque criadora de existências belas e fortes, pedagógica, porque diz de um modo de conviver. Tudo isso para mim faz dos movimentos, movimentos de resistência. No caso desta tese, a prática de re-existência ecologista no congo acontece nas relações de solidariedade e amizade semeadas entre os integrantes das bandas, que

sustentam no seu agir, o diálogo amoroso no enfrentamento das tensões e conflitos, das relações de opressão e poder. E é por isso que o congo não desiste, mas insiste, persiste e resiste, ocupando por tantos séculos a terra capixaba.

Nesse diálogo, começo destacando que, no Estado do Espírito Santo, existem quase 70 bandas de congo. O congo é uma expressão ancestral da cultura capixaba praticada e mantida de geração em geração por familiares, que resistem e revelam um Brasil profundo de valiosos detalhes e singularidades negligenciada dos que vêm das margens, como mencionou o professor Marcos Reigota no dia de minha qualificação.

A prática do congo pode ser considerada como luta miúda que se faz cotidianamente até os dias atuais, prática que enfrenta e combate a destruição de uma cultura e também a opressão do patriarcado. Uma mulher, para ser considerada *do* congo, recebeu o congo como herança familiar de seus antepassados. Já uma mulher *no* congo é aquela que se envolve por engajamento político, afetivo, solidário e ético. Nesse sentido, considero o congo como uma prática de re-existência ecologista, porque *estar no* congo, com mulheres *do* congo, é um convite para viver relações e experiências de amorosidade e alegria, de constituir laços de amizade, e fazendo assim ampliar a percepção e a compreensão das existências e das lutas que elas travam e de sua importância. Assim, a pertinência de minha pesquisa com as mulheres *do* congo é que:

> As relações sociais, em que predominam os sentimentos de amor, amizade e cumplicidade, favorecem o aprofundamento ou rejeição de ideias, sentimentos e experiências alheios da(s) outra(s) ou do(s) outro(s). Esses se manifestam através de hábitos cotidianos nos quais se incluem não só a cultura de cada um mas também nos produtos culturais que refletem a identidade étnica, religiosa, política, estética, social e sexual das pessoais com as quais se convive. (REIGOTA, 1999, p. 37).

Não sendo *do* congo, considero que sou uma mulher *no* congo que afirma e defende o congo como um posicionamento político, ético e estético, como uma prática de re-existência ecologista pois envolve relações sociais entre diferentes.

> A compreensão das relações sociais numa perspectiva ecológica, ou a "ecologia das relações", onde se evidencia a busca de formas saudáveis de relacionamento entre diferentes é uma das possibilidades e desafios da práxis ecologista. Diante da amplitude que a noção de ecologia adquiriu nesse final e século, envolvendo aspectos políticos, sociais, culturais, filosóficos, religiosos, biológicos, físicos, químicos, geográficos, estratégicos, etc., se torna necessário ao mesmo tempo um aprofundamento teórico e a ampliação da ação política. (REIGOTA, 1999, p. 56)

Assim, o que conecta as vibrações entre as mulheres no congo capixaba, as mulheres oaxaqueñas e as mulheres que pesquisam cotidianos escolares numa perspectiva ecologista de educação é justamente a ação política presente na insistência nas lutas miúdas cotidianas. São mulheres que não se acomodam ao que lhes foi "dado" e lutam por um bem viver coletivo na solidariedade, negociando com amor as tensões e conflitos que emergem na vida, acreditando com esperança que "mudar é difícil, mas é possível", como afirmava Paulo Freire.

> O discurso da impossibilidade de mudar o mundo é o discurso de quem, por diferentes razões, aceitou a acomodação, inclusive por lucrar com ela. A acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança. Falta a quem, se acomoda, ou em quem se acomoda fraqueja, a capacidade de resistir. É fácil a quem deixou de resistir aconchegar-se na mornidão da impossibilidade do que assumir a briga permanente e que se desigual em favor da justiça e da ética. (FREIRE, 2014b, p. 45)

Assim, os escritos freireanos nos alertam para que não nos acomodemos, para que continuemos a inventar re-existências ecologistas nos cotidianos escolares, com o exercício de práticas pedagógicas ecologistas e libertárias que potencializem autonomias, no sentido de vidas que criam, que se reinventam no exercício da amorosidade, da alegria, dos encontros, desencontros e reencontros de saberes com afetos, e que

> Se façam fluidas e nômades, deslocando-se constantemente, para poder continuar sua condição insubmissa e resistente, mantendo e ampliando o potencial transformador e criativo que caracteriza essa dimensão do pensamento chamado ecologia. (BARCHI, 2012, p.95)

É preciso destacar que, nas travessias da pesquisa, mantive uma atitude ética de pesquisadora conversadora, sensível em relação às narrativas das mulheres do congo, com o desejo de dialogar com elas, e não de falar sobre e para elas, como é possível ver em alguns casos de pesquisas antidialógicas (FREIRE, 2014a). Meu desejo, durante os caminhos investigativos, foi escutar as histórias das muitas Marias, mas, em alguns momentos, essas mulheres do congo também me escutaram, em outros, elas me escreveram na aventura de contar-se, e eu escrevi em diálogo com elas, e acredito que nesse modo de fazer se afirma uma ecologia das relações permeada de afetos.

Assim, as mulheres do congo participaram do processo da pesquisa como sujeito da história que, em suas lutas de resistência, reinventam o mundo com criatividade, uma vez que a pesquisa se afastou da

> [..] invasão cultural onde os invasores são sempre os autores e atores do processo, e os invadidos, seus objetos [...] impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão (FREIRE, 2014a, p. 205).

Mas afinal de contas de que ecologia estou falando? Com certeza não de uma ecologia tradicional que estuda o meio ambiente e os seres vivos como conceitos científicos fixos. Aqui apostamos em uma noção contemporânea de ecologia, dialogando com Marcos Reigota (1999b, p. 19) que diz:

> Estou considerando ecologia como “a filosofia do movimento social que agrupa militantes e teóricos conhecidos como “ecologistas e/ou verdes”. A problemática ecológica é tomada como sinônimo de problemática ambiental e meio ambiente, como noção normativa da práxis ecologista.

Assim, com esse modo de pensar a ecologia, gostaria também de destacar como o meio ambiente é aqui entendido:

> O lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relação dinâmica e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído. (REIGOTA, 1998, p. 14)

Por isso não é possível pensar em ecologia sem articular as interações dinâmicas que se manifestam na natureza, na arquitetura, nas artes plásticas, no cinema, no teatro, na música, na dança, na literatura, na tecnologia, na ciência (REIGOTA, 1998, p. 15), enfim, na vida cotidiana, compondo desse modo uma ecologia das relações.

Durante o meu envolvimento com as práticas relacionadas ao congo, experenciei as relações que as bandas de congo têm com a natureza, a maneira como essa interação ecológica influencia suas vidas, principalmente porque as pessoas desse grupos vivem em lugares rodeados por uma rica biodiversidade, de mata atlântica, restinga, praias, rios, matas, manguezais, córregos, riachos, lagoas, áreas de preservação ambiental, vilas de pescadores, que resistem ao modo desenfreado de crescimento capitalista.

Outro aspecto que considero ecológico, por causa de sua ação política e ética, é que ao me envolver com o congo evidenciei relações de sensibilidade, simpatia, humor, solidariedade, alegria, respeito, liberdade, autonomia, que descontroem preconceitos raciais, religiosos e sexuais dentro dos grupos. Um exemplo a ser citado, porque são poucos: participando de festividades onde as bandas de congo se encontram, conheci pessoas trans e homossexuais atuando como Rainhas, dançarinas, cantadoras, tocadoras de tambores e casacas, que foram acolhidas pelas bandas de congo. E, recentemente, estive em um evento acadêmico na Ufes onde uma Rainha de uma banda de congo se apresentou como uma mulher trans que foi recebida com afeto pela banda de congo; segundo ela, o preconceito existe dentro da sociedade, mas dentro da banda ela é bem acolhida.

Preciso dizer que na graduação em pedagogia e no mestrado em educação, realizei pesquisas atravessadas pela educação ambiental presente

> Nos currículos das escolas, nos processos seletivos de vestibulares, nas políticas públicas para a educação formal e informal, no Plano Nacional de Educação, em programas televisivos sobre ecologia e meio ambiente, no discurso de manifestos de educadores ambientais em períodos partidário-eleitorais, nos componentes curriculares universitários, programas de pós-graduação, revistas acadêmicas, concursos promovidos por instituições financeiras e uma assombrosa quantidade de livros sobre o tema. (BARCHI, 2016, p. 23)

Nesse contexto, me interessa aqui destacar a educação ambiental como educação política, aquela que é por princípio

> Questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e crítica muito crítica, em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética. (REIGOTA, 2012, p. 15)

Ressalto a aposta em exercitar a perspectiva ecologista de educação, reafirmando o posicionamento político, ético, estético, ecológico e pedagógico (BARCHI, REIGOTA, YANG, 2018) dos movimentos de resistência, no caso desta tese, das práticas de re-existência ecologista das mulheres do e no congo.

Quero acentuar que com meu ingresso no doutorado em educação na Uniso pude me aproximar dos estudos do grupo Perspectiva Ecologista de Educação, coordenado por Marcos Reigota, que assim explicita o compromisso teórico e metodológico do grupo.

> Nosso grupo adotou a denominação Perspectiva Ecologista de Educação em 2000 após a publicação dos meus livros “Ecologista” (1999) e “a Floresta e a escola: Por uma educação ambiental pós-moderna” (1999) e após a pesquisa realizada no Japão, com bolsa da Fundação Japão, sobre a memória das bombas lançadas pelos EUA sobre a população civil de Hiroshima e Nagasaki, na cultura, na educação e no cotidiano japonês. Os livros citados (e outros livros e artigos do período de 1998 a 2000) e a pesquisa no Japão foram fundamentais para que o grupo redefinisse suas prioridades teóricas e metodológicas, assim como para estabelecer as relações da educação ambiental com o cotidiano escolar e vice-versa. Nesse sentido priorizamos a abordagem teórica pautada nas contribuições dos Estudos Culturais e as suas relações com o cotidiano escolar. (REIGOTA, 2010, p. 114).

Para além disso, importa ainda salientar que

> [...] o referencial cultural do grupo está situado na corrente pós-moderna de educação, o que permite utilizar como possibilidades metodológicas a etnografia, as narrativas ficcionais, as biografias e produtos culturais diversos (filmes, literatura, artes plásticas, música, arte pop). (REIGOTA, 2010, p. 115)

Desse modo, a aposta da tese é possibilitar ecologias outras, que habitam em mim e nas mulheres do e no congo, que podem ser ecologias inventivas e inventadas (BARCELOS; GUIMARÃES; LOCATELLI; PREVE, 2012) pelos sujeitos da história que se envolvem com o congo como prática cultural, considerando, com Marcos Reigota, que a cultura é uma expressão de “ideias, experiências e sentimentos” (REIGOTA, 1999a, p. 31). Nesse sentido, considero o congo como uma produção cultural inseparável das relações afetivas entre pessoas de diferentes culturas.

Com isso, a prática de re-existência ecologista no congo acontece na relações de solidariedade e amizade semeadas entre os integrantes das bandas que sustentam o diálogo amoroso no enfrentamento das tensões e conflitos, das relações de opressão e poder. E é por isso que o congo não desiste, mas insiste e resiste, ocupando por tantos séculos a terra capixaba.

4 “EU VIM DE LONGE, EU CHEGUEI AGORA”: CHEGANDO NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA

4.1 Carta para Ariane[5]

Ilha de Vitória, inverno de 2016.

Prezada Ariane, tudo bem contigo? Espero que sim. Escrevo esta carta aqui das terras capixabas, onde os ventos estão soprando brisas frias, fazendo os casacos saírem dos armários. Te escrevo para contar um pouco da minha história, sobre o modo como cheguei aí, nas terras de Sorocaba – que em Tupi-guarani significa *terra rasgada* –, mais especialmente na Universidade de Sorocaba (Uniso). As pessoas costumam me perguntar sobre minha decisão de estudar no interior de São Paulo, e eu respondo que foi a vida que decidiu e me levou.

Para lhe contar essa história, preciso voltar no tempo, revirar o baú de memórias, me deslocar para o período da minha graduação em Pedagogia, mais de dez anos atrás. O ano era 2004, cursava então o 4º período de Pedagogia; nessa época, uma professora bióloga me apresentou um livro, *O que é Educação Ambiental*, escrito por Marcos Reigota, nesse momento tive meu *primeiro* contato com a Educação Ambiental. Fiquei encantada com a leitura e, a partir dela, iniciei os estudos sobre esse assunto, inclusive foi esse tema de meu trabalho de conclusão de curso, intitulado *A Educação Ambiental no cotidiano de uma escola certificada no Programa de Comunicação Ambiental – CST – Escolas*, pesquisa realizada com os cotidianos da comunidade escolar de uma escola municipal na região periférica da Grande Vitória, contornada por áreas de manguezais da Baía Noroeste de Vitória.

Foi somente mais tarde, nas travessias da vida acadêmica, que tive a oportunidade de ouvir Marcos Reigota, na Universidade Federal Fluminense (UFF), quando fui apresentar uma pesquisa de Mestrado em Educação no *Congresso Diálogos Cotidianos*, organizado pelo Programa de Pós-Graduação

[5] Escrevi essa carta a convite de Ariane Diniz Silva (2017) para compor a sua tese de doutorado em educação (PPGE/Uniso).

da UFF de Niterói. Reigota participava de uma mesa redonda, juntamente com os professores Alfredo Veiga-Netto e Walter Porto-Gonçalves, com foco nas perspectivas ecologistas. Foi um breve encontro, mas saí do evento com os pensamentos movimentados e em processo de desconstrução; fui deslocada e atravessada por modos outros de pensar a educação ambiental, o ambiental, as educações ambientais...

Assim o tempo foi passando, até que um dia Reigota esteve na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde cursei o mestrado em Educação, para participar da banca de Gilfredo Carrasco Maulin, cuja tese se intitulava *Lugares e tempos em narrativas de uma educação ambiental pós-colonial no Sítio dos Crioulos, Jerônimo Monteiro – E.S.* A defesa foi à tarde, e pela manhã Reigota esteve conosco em uma roda de conversa. Nesse encontro, cada pesquisador/a se apresentou e confesso que, quando me apresentei, fiquei emocionada com a presença dele, um pesquisador que eu havia lido 10 anos atrás, uma referência na militância ecologista, e agora eu, como estudante de pós-graduação, estava ali conversando com ele. O momento foi marcante e intenso.

Neste dia, combinei com o Marcos Reigota que enviaria para ele, via correio, o filme produzido pelas crianças participantes do projeto de pesquisa do mestrado que defendi em 2013, intitulado *Amor Mascarado*. Como combinado, enviei o filme e, para minha surpresa, mais precisamente em 18 de março de 2014, ao retornar da Ufes para casa, encontrei um cartão-postal de São Paulo à minha espera. Era o Reigota agradecendo e me parabenizando pelo trabalho. Fiquei imensamente feliz e comovida com o gesto generoso, tão singular e raro na nossa sociedade contemporânea.

Neste mesmo dia, eu participava de um encontro com colegas que desejam criar um grupo de estudos com inspirações *antropofágicas.* Fizemos um encontro e lemos o Manifesto Pau-Brasil, publicado também em 18 de março, no ano de 1924, por Oswald de Andrade, e isso me fez lembrar do livro do Reigota, *A Floresta e a escola*: *por uma educação ambiental pós-moderna* (2011). Foi uma grande coincidência. Nesse momento, percebi as conexões das redes cotidianas e para onde os ventos estavam me levando...

Após o termino do Mestrado em Educação, meu desejo era emendar o doutorado. Depois de idas e vindas participando de processos seletivos, ele

ainda parecia distante. Em uma conversa com um amigo que conheci na Ufes, comentando meu desejo de ingressar em um programa de doutorado em Educação, descobri que Reigota era docente da Universidade de Sorocaba (Uniso), assim, fui consultar a página da instituição na internet para obter mais informações sobre o processo seletivo. Passei o ano de 2014 focada nisso, estudando, preparando projeto de pesquisa, escrevendo, até que em outubro daquele ano fui apresentar o resultado da dissertação de mestrado na Anpedinha Sudeste, que aconteceu na Universidade Federal de São João Del Rei. Ariane, como a vida inventa encontros: na sala em que expus, estava um orientando do Reigota, o querido Eder Proença – nesse dia conheci também Silvia Porto e Pedro Gomes Lima, também estudantes do PPGE da Uniso –, e foi uma alegria estar com o Eder, um encontro de intensidades. Na apresentação dele, percebi como nossos trabalhos se aproximavam.

Quando retornei a Vitória, finalizei os materiais para realizar minha inscrição no processo seletivo, para tentar ingressar no doutorado na Uniso. Em dezembro daquele mesmo ano fui para Sorocaba participar da entrevista e do exame de proficiência em língua estrangeira.

Os dias quentes de dezembro passavam lentos-densos-intensos nas terras capixabas, estava ansiosa para receber o resultado. Na data prevista, fui na página da Uniso e lá estava meu nome entre as aprovadas. Nesse momento só as lágrimas podiam traduzir a emoção e a alegria, o que me faz lembrar da canção do grupo carioca Cidade Negra: *Você não sabe o quanto eu caminhei para chegar até aqui...*

Depois do tão esperado resultado, havia chegado a hora de resolver as questões de deslocamento, entre outras demandas para participar das aulas na Uniso. Aluguel de apartamento, contatos com repúblicas femininas, orçamentos e compras de passagens áreas, sei que passei dezembro e janeiro de 2014-2015 planejando minha movimentação e estadia em Sorocaba. Além disso, tinha a preocupação com o pagamento da mensalidade, pois, naquele momento, atuava na gestão pedagógica e como docente de ensino superior em uma faculdade particular de pequeno porte e com remuneração bem reduzida. Foram muitos desafios. Uma irmã me ajudou no pagamento da primeira mensalidade e inscrição no doutorado, para aliviar o momento, até que consegui a bolsa taxa da Capes, *que sufoco louco*, como dizia Elis Regina.

Acreditando sempre nos possíveis, consegui o contato, no facebook, de um grupo estudantes de outras localidades do Brasil e que foram estudar em Sorocaba. A partir disso aluguei um quarto para o semestre 2015/1 num apartamento logo ali no Centro de Sorocaba, perto da Praça Frei Baraúna e do Fórum Velho.

Como tenho uma vida familiar em Vitória, passei boas horas entre os aeroportos de Vitória e de Viracopos, em Campinas, e no ônibus que faz o translado para chegar a Sorocaba. Assim começava a minha maratona acadêmica! Viajava às segundas-feiras cedinho no primeiro voo e voltava às quartas-feiras. As aulas aconteciam nas tardes das segundas e terças-feiras. Nas manhãs das terças-feiras, aproveitava a feira livre na Praça Frei Baraúna, ao som das maritacas e saboreando a deliciosa baguete de queijo com um café bem quente. São recordações carregadas de cheiros, sons, risos, conversas, encontros... bons encontros.

Digo a você que ser aprovada no doutorado e ser orientada pelo Marcos Reigota foi uma conquista. Cada aula dele que assistia era um intenso acontecimento. Durante aquele primeiro ano do doutorado tive a oportunidade de me aproximar do Grupo de Estudo Perspectiva Ecologista de Educação, mergulhando em outras narrativas, epistemologias, arte, cinema, música, dicas de filmes – o *cinema como pensamento contemporâneo*, como disse o professor em umas de suas aulas na disciplina *Cultura, meio ambiente e cotidiano escolar*...

Foi também no doutorado que reencontrei Paulo Freire, que havia lido na graduação em Pedagogia. As leituras e estudos dos artigos[6] indicados pelo professor Reigota potencializaram em mim um desejo de mergulhar ainda mais nos modos de pensar freireanos.

Nas aulas de Reigota respirava os ares da performance de Marina Abramovic, da arte e militância de Frans Krajcberg[7], dos sons indígenas de Marluí Miranda, do cinema de Akira Kurosawa, das crônicas de Milton Hatoun. Além dos bons encontros sonoros com Taiguara, com aproximações com o Livro

[6] A lista das referências dos textos estudados no semestre de 2015/1, na disciplina eletiva *Cultura, meio ambiente e cotidiano escolar,* encontra-se no final da tese, no Caderno do Visto, do Lido e do Ouvido.
[7] Através do artigo “O Brasil Desconhece Frans Krajcberg” (2012) de Adriana Teixeira de Lima.

Os outubros de Taiguara (2014) e com a carta de Paulo Freire ao presidente da Tanzânia, apresentando-o. Os encontros que tive com o romance *Resumo de Ana*, de Modesto Carone, e com bell hooks (2013), além dos encontros com os textos[8] de Leandro Belinaso Guimarães, e com a querida Patricia Sierre, da Universidade de Bogotá. Foram incontáveis também as atividades culturais e acadêmicas das quais pude participar na companhia de meus colegas de pós-graduação. Dentre as muitas viagens para participar de eventos acadêmicos, lembro especialmente de nossa ida a UFSC, para visitação na exposição *Hiroshima e Nagasaki depois do fim*[9] com fotos do Marcos Reigota, realizada em 2015, em Florianópolis, além da participação no Festival Internacional de Cinema Uranium, promovido pelo grupo Coletivo Tecendo: Cultura, Arte e Educação (PPGE/UFSC)[10] coordenado pelo professor Leandro Belinaso Guimarães. Ufa! Vivi experiências, intensidades, fui atravessada por alegrias e afetos.

Julho de 2015 foi um mês intenso. Apesar de ser um mês de férias, época em que geralmente não fazemos nada, para nós, orientandos do professor Reigota, era um mês de seguirmos abrindo nossos horizontes, conhecendo pessoas, lugares, coisas, nos autoeducando inclusive enquanto nos divertíamos. Naquele mês me marcou muito o encontro com Nita Freire, viúva de Paulo Freire, que me recebeu, junto com Carmem Machado, colega do doutorado e Patricia Sierra, co-orientanda do Reigota, para uma prosa com café. O encontro aconteceu em São Paulo. Foi uma conversa entre mulheres, o encontro de três mulheres-pesquisadoras-professoras. As três atravessadas pelo *curiosear* que nos permitiu conhecer Paulo Freire de um outro modo.

Fiz ainda uma visita acadêmica[11] ao Museu Ecológico do Frans Krajcberg na companhia de Carmem Machado (Uniso), Adriana Lima (Uniso), Soler Gonzalez (Ufes) e Flavio Pimentel (PMV). O Museu fica localizado no município de Nova Viçosa, na Costa da Baleia, litoral sul do Estado da Bahia.

---

[8] A lista das referências dos textos estudados no semestre de 2015/2, na disciplina eletiva "Cultura, meio ambiente e cotidiano escolar II", encontra-se no final da tese, no caderno.

[9] A esse respeito ver matéria de Janaina Quitério (2015). Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=3673>. Acesso em: 11 fev. 2018.

[10] Sobre o Grupo Tecendo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://www.facebook.com/tecendo/?fref=mentions>. Acesso em: 11 fev. 2018.

[11] Esta atividade acadêmica teve o apoio do Projeto de pesquisa, extensão, ensino e formação de professores/as, intitulado *Narradores da Maré: geografias dos manguezais da Baía de Vitória e formação de professores/as e do Grupo de Pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas* (CNPq/Ufes), da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, coordenado pelo professor Soler Gonzalez.

Foi uma experiência fascinante que nos possibilitou encontrar pessoalmente o artista, que nos falou de sua forte ligação com o Brasil, contou-nos suas estórias e suas viagens pela Floresta Amazônica, suas experiências de luta e militância em defesa de todas as formas de vida, suas experiências como imigrante, sua via e sua obra. Os manguezais, a fascinante *Casa da Árvore*, a arquitetura inventiva, o jardim, seus livros, fotos, esculturas e a alegria em celebrar a vida![12]

Outro momento marcante foi uma entrevista que realizei com minha colega colombiana Patricia Sierre, com o professor Aldo Vannucci, Reitor da Universidade de Sorocaba. Na conversa, o professor destacou os encontros que ele teve em Genebra com o amigo Paulo Freire e a visita e aulas que Freire ministrou na Uniso comentou sobre a importância da universidade comunitária, sobre a qual inclusive escreveu um livro (VANNUCHI, 2013). Narrou também o ocorrido com seu sobrinho Alexandre Vanucci, jovem morto pela ditatura civil-militar de 1964, história contada no livro que o professor Aldo escreveu e publicou em 2015 intitulado *Alexandre Vannuchi Leme: Jovem, estudante, morto pela ditadura*.

Com meu ingresso no doutorado conheci e me aproximei de inúmeras e diferentes pessoas em Sorocaba, particularmente na Uniso, desde a Daniela Rosa, da secretaria do PPGE, a Bianca Farias, que realiza a nossa rematrícula e a Rosali Carvalho, que cuida das documentações dos bolsistas, até os colegas e as colegas estudantes, entre elas você.

Por isso, antes de finalizar esta carta, Ariane, quero falar um pouco sobre o projeto Reletran[13], que foi tema de sua pesquisa. Participei de um evento onde tive a oportunidade de conhecer belos trabalhos, produzidos pelos/as

---

[12] "Morreu nesta quarta-feira, 15 de novembro de 2017, aos 96 anos, no Hospital Samaritano do Rio de Janeiro, onde estava internado, o pintor e escultor de origem polonesa Frans Krajcberg, cuja obra, associada à preservação ambiental, usa troncos e raízes de árvores calcinadas. Ativista, Krajcberg lutou até o fim da vida contra a destruição de florestas desde que chegou sozinho ao Brasil, em 1948. Toda a sua família, de origem judia, foi morta em campos de extermínio nazistas." Aos 96 anos, morre o artista plástico Frans Krajcberg. *Correio*, 15/11/2017. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,morre-aos-96-anos-o-escultor-frans-krajcberg,70002085575>. Acesso em: 11 fev. 2018.

[13] Rede Latino-americana Europeia de Trabalho Social Transnacional (Reletran). Maiores detalhes sobre o Reletran consultar artigo *O Reletran na Universidade de Sorocaba e seu impacto na construção de processos comunitários por meio das narrativas dos participantes* de Ariane Diniz Silva e Marcos Antonio dos Santos Reigota (2017). Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/35996/pdf>. Acesso em: 11 fev. 2018.

participantes do projeto. Neste dia, cada grupo apresentou um trabalho de conclusão de curso produzido com as comunidades envolvidas. Conheci o grupo de estudantes comprometidos com práticas e processos sociais comunitários que apresentou potentes trabalhos cujas propostas se afastavam dos formatos padrões, que engessam os modos de pensar e de ser na vida.

Enfim, querida Ariane, tentei contar um pouco das travessias e travessuras da minha vida, certa de que muitas outras experiências, encontros, conversas, viagens não couberam aqui... Deixo meu abraço com afeto e amizade, com cheiro de maresia capixaba.

Andreia Teixeira Ramos

Figura 17 - Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'Água, Cariacica, ES, 2015.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

4.2 Carta para Marcos Reigota: a aventura de tornar-se

Noite de 7 de junho de 2016.

Boa noite querido professor Reigota.

Os últimos dias foram vividos por mim de modo intenso-tenso-denso. Estive às voltas com o concurso público para o cargo de professora adjunta da Ufes para trabalhar com a educação para as relações étnicos-raciais. Tentei com empenho, durante esse período, mergulhar na bibliografia disponibilizada pelo Edital. o Contato com estas leituras me pensar que estive míope durante todo esse tempo de minha vida, pois me aproximei de problematizações até então desconhecidas por mim; me senti imersa em histórias, pesquisas e estudos que me compõem.

Mas veja você, ontem dos 101 candidatos/as, só compareceram 58 pessoas no dia prova. O tema sorteado para a prova foi *Escola, currículo e as questões étnicos-raciais na educação básica.* De 9h às 12h foi o momento destinado a escrita da prova... Iniciamos a leitura pública perto das 15h e assim fomos até 10 horas da noite. Como em média cada pessoa escreveu de 10 a 15 páginas, isso fez com que o processo de leitura fosse lento. De acordo com a coordenação do concurso, essa foi a primeira vez que a Ufes recebeu em um concurso um número tão grande de candidatos/as – e olha que muitos faltaram! Uma situação inesperada e incomum. Isso se deve ao fato de o Edital contemplar todas as licenciaturas e aceitar doutorados em diferentes áreas, e não apenas em Educação, como é o comum no caso do Centro de Educação.

Com tantos candidatos/as inscritos, foi preciso ampliar a leitura pública da prova para o dia seguinte. Assim, passamos a manhã do dia de hoje escutando cada candidato/a ler sua prova – algumas pessoas desistiram de participar dessa etapa, sendo desclassificadas.

Confesso que fiquei muito emocionada com a leitura pública da minha prova. Passou um filme pela minha cabeça, tantas discriminações e preconceitos raciais vividos na pele durante toda minha vida pessoal, escolar, acadêmica. F~~oi~~ um momento marcante, inclusive porque está foi a primeira vez em que participei de um concurso público, e, coincidência ou não, com essa temática-área-eixo. A escrita da minha prova foi um testemunho, e de fato os questionamentos que

inseri na prova partiram das minhas experiências, pois apesar de minha certidão indicar que sou parda e o IBGE utilizar a categoria pretos e pardos; eu, hoje, me autodeclaro, numa atitude política, como negra.

Professor Reigota, apesar do imenso cansaço, escutar a leitura e conhecer os modos de escrita de cada pessoa foi simplesmente enriquecedor, posso dizer que aprendi muito. Fiquei imensamente feliz em presenciar e conhecer tantas pessoas, de diversos lugares do Brasil – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Curitiba, Bahia, Belém – comprometidas com os estudos da educação para relações étnicos-raciais, negros/as e brancos/as juntos por um tema comum. A grande maioria das pessoas escreve e fundamenta com propriedade os textos, talvez com mais propriedade que eu; muitos citaram toda a bibliografia indicada no concurso de modo bem argumentativo. Meu texto, professor, foi modesto. Uma escrita inspirada em Paulo Freire, na *Pedagogia do Oprimido* – oprimidos, educação bancária, diálogo, amor – em Tomaz Tadeu da Silva, *Documentos de Identidad*e – currículo, narrativas étnicos-raciais, multiculturalismo – e, além disso, inseri no texto alguns pesquisadores da temática, destacando narrativas de crianças e professoras sobre o assunto. Finalizei o texto satisfeita com a escrita da prova, porém, quando conheci as outras escritas, percebi que poderia ter feito muito melhor. Recebemos a chave de correção no final da prova. Uma chave de correção completamente aberta – adequação à norma padrão da língua portuguesa e unidade do texto, capacidade de problematização, desenvolvimento e fundamentação teórica do tema, conhecimento da bibliografia indicada e atualização do debate acadêmico e clareza na escrita argumentativa e finalização do texto – a banca terá um grande desafio para avaliar tantas provas, que considero muito boas.

Com um turbilhão de sentimentos, terminei com a sensação de que valeu a pena o aprendizado – como dizia Fernando Pessoa, *Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.* Participar desse concurso me fez enxergar as relações étnicos-raciais nos cotidianos na minha vida, ou seja, pensar que minha miopia está em processo de tratamento, e sinto que preciso continuar estudando e pesquisando sobre esse assunto. Necessito também escrever sobre isso e exercitar práticas pedagógicas antirracistas nos espaços de convivência que frequento.

Peço desculpas, professor, pelo extenso texto – e pelos possíveis erros, é o cansaço físico-mental –, mas precisava compartilhar contigo minha experiência. Agora que o concurso passou, vou mergulhar na escrita dos textos da tese – que devia ter enviado em maio –, voltar aos textos da entrevista da Nita Freire – com Carmem e Patricia Sierra – e do Frans Krajcberg – com Soler, Adriana e Carmem –, além das leituras dos livros indicados por você. Tenho muito trabalho pela frente.

Um abraço!
Andreia

Figura 18 - Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'Água, Cariacica, ES. 2018.

Foto: Soler Gonzalez. Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

5 GEOGRAFIAS DOS AFETOS: 50 CARTÕES POSTAIS DOS PERCURSOS ACADÊMICOS-AFETIVOS

> *Quem escreve? Para quem? E para enviar, destinar, expedir o quê? A que endereço? Sem nenhum desejo de surpreender, e com isto de captar a atenção por meio da obscuridade, devo, pelo que me sobra de honestidade, dizer que finalmente não sei. Sobretudo eu não teria tido o menor interesse nesta correspondência e neste recorte, quero dizer nesta publicação, se alguma certeza tivesse me satisfeito quanto a isto.*
>
> (DERRIDA, 2007, p. 11)

Durante as travessias da pesquisa, estive em diferentes lugares e pude fotografar o que me chamou atenção e escrever, no meu diário de campo, sobre o que vivi. Tentei reunir em imagens e textos tudo o que consegui, para depois poder selecionar e compartilhar com diferentes pessoas as minhas experiências – o que vi, como vi, como senti, o que me tocou: uma geografia dos afetos. As imagens que fiz nesses percursos contam minha história como pesquisadora. Uma história singular e coletiva, na medida em que se repete e reflete os sentimentos, interpretações e processos identitários (PASSOS, 2010, p. 170).

Mas como mostrar? Surgiu então a ideia de organizar cartões postais com as imagens e com pequenas histórias dos trajetos. O postal foi escolhido porque é um documento valioso, nascido como carta simplificada, como quem diz, “veja, estive aqui, e aqui lembrei de você”; este me parece um bom jeito de compartilhar minhas andanças acadêmicas, mostrando as múltiplas realidades que vivi, seus sentidos e importância e os conhecimentos outros produzidos.

Com o uso dos cartões postais, quis estabelecer uma outra relação com a leitora e o leitor, de partilha dos interesses em relação aos acontecimentos vividos, oferecendo um álbum que elas e eles pudessem, com liberdade, manusear, retirando os postais das cantoneiras, organizando-os como desejassem, e isso foi possível ser feito nos volumes entregues as professoras e professoras da banca examinadora de qualificação e de defesa da tese.

Gostaria de aqui destacar que, para essa versão final da tese, foi preciso alterar o modo de visualização dos cartões postais, nesse sentido, cada leitora

e leitora, ao adentrar nesse capítulo, irá se deparar com um cartão postal por página, visualizando primeiramente, a frente do postal, composta de imagens e borda, depois abaixo, o verso do cartão, com cabeçalho, selo e um pequeno texto que traduzem os momentos vividos.

O cartão postal, assim como a carta, é meio de estabelecer correspondência em nossa sociedade, sendo uma atividade de comunicação direta entre os sujeitos**.** Mesmo nos dias atuais, embora não com tanta frequência, continuam sendo usados pelas pessoas, e com o advento das redes sociais, é sempre bom e surpreendente receber e enviar um cartão postal para alguém.

Antes separadas, as viagens acadêmicas pelo Brasil e pelo México aparecem agora reunidas num único capítulo, álbum imagético, pequena coleção que narra minhas passagens pelos lugares e aquilo que nos lugares passou por mim.

Mas como estive em vários estados do Brasil, optei por distribuir os postais e sinalizá-los com cores; assim, os cartões com bordas laranja são referentes às viagens que fiz por São Paulo; os azuis, Rio de Janeiro; verde, Minas Gerais; Bahia, vermelho; rosa, Santa Catarina; Espírito Santo, lilás. Já para as viagens pelo México, escolhi bordas coloridas. Esse modo de distingui-los talvez importe mais para mim que os “envio” do que para aqueles e aquelas que os recebem. As cores são uma distância, uma maneira de assinalar os muitos lugares-experiência que a pesquisa me possibilitou. Carrego todas em mim.

O esforço e o desafio de reorganizar e selecionar as imagens, pensando em quais poderiam participar, quais tinham uma relação forte com os eixos da tese, foi também o esforço de enfrentar as pedras no meio do caminho: a morte de um HD, o computador que parou de funcionar, e a infinidade de coisas que assaltam o coração e roubam o fôlego! Mais de uma vez foi preciso reiniciar todo o processo...

Para compor os mosaicos presentes nos postais, contei com a ajuda de uma jovem estudante do curso de artes visuais da Ufes, Maria, minha filha, que fez e refez, diversas vezes, as pranchas, até que elas ficassem como ficaram – conto isso para vocês porque é importante saber que a gente pode contar com os outros, que podemos aprender-fazer juntos.

Preciso dizer que, no início, fiquei confusa com os tantos lugares por onde andei como pesquisadora-conversadora, e assim decidi escolher 30 eventos acadêmicos para expressar as viagens que fiz como pesquisadora pelo Brasil e 20 cartões postais, para traduzir as experiências que vivi com o intercâmbio em Oaxaca, no México.

Outro desafio foi escrever 10 linhas de texto para cada postal; para isso, consultei meu diário de campo, cadernos, blocos de anotações, encartes, folders, fotografias, músicas, livros, artigos, filmes. Fazer isso exigiu e me permitiu lembrar dos detalhes, das conversas, dos gestos, dos sabores, dos risos, dos toques, dos encontros, dos sons, dos cheiros, dos afetos e dos deslocamentos pelas travessias da pesquisa. Os postais são, portanto, a tentativa de expressar a pluralidade de lugares que habitei traduzida em micronarrativas dos cotidianos da pesquisa.

Gostaria de dizer que, ao traçar os percursos acadêmicos-afetivos, não tive o interesse em capturar fotos para produzir cartões postais, por isso, algumas imagens estão em baixa resolução, um pouco desfocadas e borradas, pois algumas fotos foram tiradas por outras pessoas, com celulares menos sofisticados. Nessas fotos o que importa então não é a nitidez da imagem, mas a presença dessas tantas pessoas e o desejo de “marcar” aquele instante que já se esvai nos borrões. Outras vezes, a agitação do momento era tamanha que não deu tempo de o foco acontecer. Mas houve aquelas também em que a nitidez foi possível. Assim são as viagens. O desejo é fazer com que cada um sinta as intensidades dos movimentos, a vibração de cada foto e se afete pelos processos de pesquisa ecologista com uma geografia dos afetos que me constituiu durante o percurso do doutorado em educação. As imagens tem um sentido de provocar afetos nos entremeios de cada micronarrativa, por isso o cartão postal é um mensageiro, e aqui foi usado também como uma metodologia com o olhar de uma pesquisadora viajante.

Quem os receber e olhar com atenção, notará que cada postal tem um selo com um beija-flor e orquídeas: é uma homenagem discreta ao naturalista capixaba, professor Augusto Ruschi, que nasceu no município de Santa Teresa, em 1915. Durante toda sua vida estudou diferentes espécies de plantas e animais, tornando-se mais conhecido por suas pesquisas com orquídeas e beija-flores. Foi um defensor incansável da natureza, no cuidado com os impactos

ambientais dos extensos projetos industriais e os perigos de desertificação no norte do estado, assim ele contribuiu para a criação de áreas de conservação no Estado do Espírito Santo. O ecologista, conhecido como "o homem dos beija-flores", morreu no dia 3 de junho de 1986, depois de ter percorrido todo o Brasil, os EUA e a Europa. Durante muitos anos ele foi um viajante, como todo pesquisador de um jeito ou de outro precisa ser, pois como dizia Ruschi, “O segredo de uma vida empolgante não está em descobrir maravilhas, mas em procurá-las”. E enquanto procuramos, nos maravilhamos.

Um fato importante de mencionar é que durante minha qualificação a professora Alda Romaguera recomendou que eu lesse o livro *Cartão-Postal: de Sócrates a Freud e Além*, de Jacques Derrida. A indicação me deixou feliz e curiosa, e ainda quando estava em São Paulo procurei o livro nas livrarias, porém estava esgotado. Quando cheguei a Vitória, minha cidade natal, vasculhei na internet e consegui adquirir o livro em um sebo. Como nossa capital ainda é uma província, o livro chegou somente uma semana antes do depósito do volume final da tese para a banca. Por isso, o que pude fazer, quando recebi o livro tão esperado, de quase 600 páginas, foi folheá-lo, ler o sumário, a contracapa, as orelhas e alguns pequenos fragmentos. Mesmo assim, encontrei nele uma passagem muito inspiradora, que nos faz pensar sobre os cartões postais e a quem endereça-los, pois nessas travessias do caminhar da pesquisa, decidi entrar pelo meio e “endereçar” os cartões postais a todas as leitoras e leitores, que eu sequer sei quem são, onde moram, como vivem, convidando-os a especular e adentrar nas geografias dos afetos dos percursos trilhados com meu ingresso no doutorado em educação.

> *Uma correspondência é ainda dizer demais, ou muito pouco. Talvez ela não fosse uma correspondência (mas mais ou menos) nem muito correspondência. Isto precisa ainda ser decidido.*
>
> (DERRIDA, 2007, p. 9)

Disciplinas obrigatórias e eletivas cursadas
Programa de Pós-Graduação da Uniso
Sorocaba
1º e 2º Semestres de 2015

Com meu ingresso na Uniso, fui atravessada por uma intensa-inquieta emoção curiosa com as novidades de recém-chegada. Nos *Seminários Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar I e II* e com o *Grupo de Estudos Perspectiva Ecologista de Educação,* coordenados pelo professor Marcos Reigota, vivi experiências inesquecíveis! Tive a oportunidade de recontextualizar os pensamentos de Paulo Freire, com estudos de artigos e livros. Nos *Seminários Avançados em Educação Escolar* e *em Cotidiano Escolar*, possibilidades de reverberações com os encontros com a profa. Alda Romaguera. Saía da Uniso cantarolando Taiguara: "Eu preciso eu preciso de você, nós precisamos sim, você de mim eu de você"...

Lançamento do livro *Kalahari* de Luis Serguilha
Espaço "Psicologia no cotidiano"
Sorocaba
5 de maio de 2015

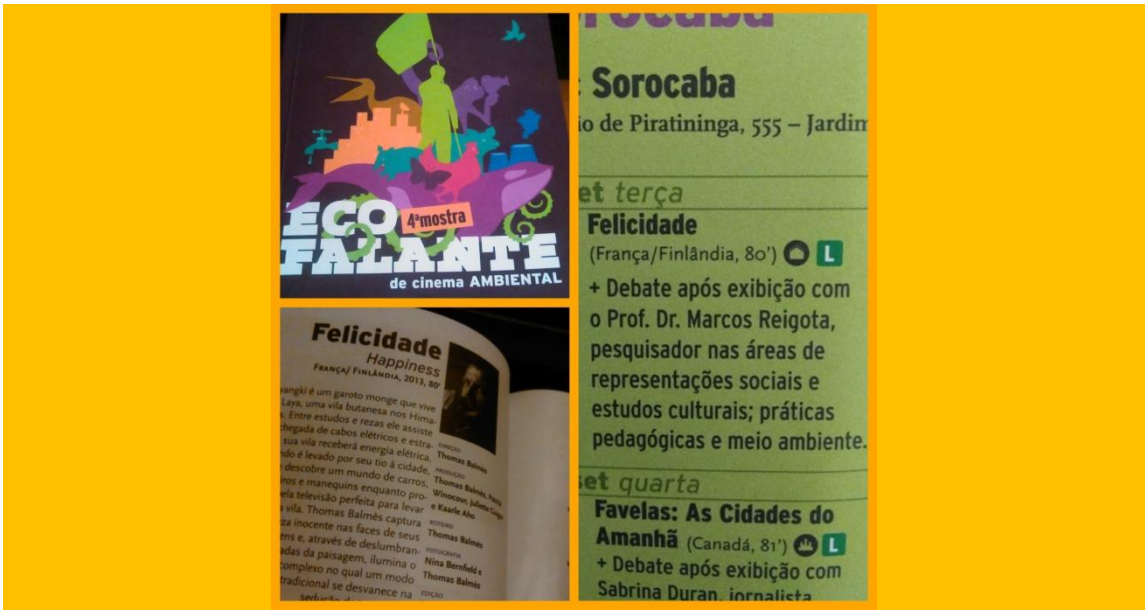
Um encontro cheio de poética aconteceu em uma agradável noite de outono. O acontecimento contou com a presença inquieta do poeta português Luis Serguilha que, no mesmo dia, lançou seu livro, onde ele escreve uma "poesia que mergulha na escuridão do mundo". Na ocasião, compartilhei de bons encontros com os/as companheiros/as do Grupo de Estudos Perspectiva Ecologista de Educação, juntamente com o prof. Marcos Reigota e alguns outros professores/as e estudantes do Programa de Pós-graduação em Educação da Uniso. Encontro onde conheci experimentos poéticos de tirar o folego! Carmem Machado fez uma belíssima performance no evento.

VIII Seminário Internacional: As redes educativas e as tecnologias: movimentos sociais e educação.
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
8 a 11 de junho de 2015

Viajar para o Rio de Janeiro, desde minha infância, é a maior alegria. Hoje em dia, ir para a terra dos cariocas é momento certo de reencontrar os/as amigos/as. Por isso, participar do Seminário Redes teve um gosto bem especial. Estivemos na Uerj partilhamos boas experiências, conhecemos pessoas, conversamos, passeamos pela cidade maravilhosa, enfim, passamos dias conectados por uma rede de afetos e amizades. Voltei para as terras capixabas alimentada pela alegria e esperança, acreditando em um outro mundo possível, mais justo e digno para todas e todos. Escrevo esse cartão embalada pela música “Coração tranquilo” de Walter Franco.

Exposição Residência Artística
Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba
2015

Visitar uma exposição de Residência Artística foi uma experiência única, conheci a “arte do afeto e do impacto”. Esse momento me aproximou de pinturas, desenhos, performance, colagens, fotos, vídeos de cinco artistas que viveram, comeram, conversaram juntos durante 10 dias na Floresta Nacional de Ipanema, distrito de Iperó, interior de São Paulo. Elas e eles em contato com a fauna e flora criaram e experimentaram de modo singular a mata e as histórias do lugar. Trabalhos que traduzem os modos de pensar e exercitar a arte contemporânea. Fui afetada pelas diferentes artes de esforço e esboço do que é a arte.



4º Mostra de Cinema Ambiental Ecofalante
Sesc -Sorocaba
Itinerância 2015
22 de setembro de 2015

A partir do convite feito ao professor Marcos Reigota, para participar como debatedor após a exibição do filme *Felicidad*e, tive a possibilidade de viver uma experiência que me fez repensar os nossos modos de vida, de onde vem a tal felicidade, e o que precisamos para sermos felizes. Filme incrível, com uma linda fotografia que mostra belas e imensas montanhas onde vive um jovem monge que experimenta a chegada de cabos elétricos em seu remoto vilarejo no Butão, e sente a sedução da tecnologia. O que mais me marcou no filme foi o momento em que as pessoas do lugar assistem à televisão pela primeira vez. Uma imagem surpreendente!

6º Seminário Conexões: Deleuze e Máquinas e Devires e...
Unicamp, Campinas
28 a 30 de setembro de 2015

Participar do Seminário Conexões é sempre uma possibilidade de se aproximar de experimentações e práticas inventivas do pensamento. O professor Marcos Reigota, na ocasião, apresentou o texto *A ecosofia de Félix Guattari e suas conexões tropicais,* publicado depois no livro do evento, organizado pela professora Alda Romaguera e o professor Antônio Carlos Amorim. Texto instigante que criou (des)encontros reais e fictícios entre pessoas e grupos sociais em movimento. Outro ponto marcante foi participar da oficina "Devir-pássaro" ministrada por Marta Catunda e Rodrigo Reis. Momentos em que reencontramos amigas e amigos conectados pelas redes de afetos.

International Uranium Film Festival
Fundação Cultural Badesc
Florianópolis
5 a 7 de outubro de 2015

É sempre uma alegria reencontrar amigas e amigos da ilha de Floripa. O Grupo de Pesquisa Coletivo Tecendo: Educação, Arte e Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pelo professor Leandro Belinaso, organizou uma mostra de filmes sobre as questões nucleares, com debates envolvendo cineastas, estimulando novas produções sobre o assunto, em parceria com a Uranium Film. Nas exibições, estiveram presentes professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores, além de todo o Grupo Tecendo. O professor Marcos Reigota foi convidado para participar da mesa com a palestra *A educação ambiental diante do fim*.

Exposição fotográfica *Hiroshima e Nagasaki "Depois do fim, o cotidiano"*
Museu da Escola Catarinense
Florianópolis
1 a 29 de outubro de 2015

Em memória dos 70 anos das bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki, o Coletivo Tecendo promoveu também a exposição com quinze fotografias de Marcos Reigota, capturadas por lentes de uma câmara analógica, em suas derivas no Japão, traduzindo narrativas do cotidiano, daquele espaço-tempo depois do *fim.* Uma experiência de intensidades, misturadas com um pouco de uma emoção triste, ao me deparar com a vida cotidiana de quem sobreviveu a esse crime contra a humanidade, à tamanha destruição. Com as fotografias, recordo que todo o mês de agosto os japoneses rememoram esse infeliz momento de nossa história, com a esperança de dias melhores.

I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política, Narrativas com Mulheres: Experiências Acadêmicas, Profissionais e Militantes. PUC, Minas Gerais
1 e 2 de setembro de 2016

Simpósio recheado de cafés com causos, delicioso pão de queijo mineiro, cabine de vídeo, sessões simultâneas de comunicação oral e lançamento do livro *Narrativas, gênero e política* do qual Reigota participou com o capítulo *Aspecto teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional*. Tive oportunidade de assistir o prof. Marcos Reigota no Painel *Entrelaces da Rede de Pesquisadoras/es em Narrativas, Gênero e Política* e as Mesas redondas *Mulheres e participação política e feminismo contemporâneos*, e *Narrativas e Cinema*, com a perfomance de Murilo Moscheta (UEM), exibindo cenas dos/as professores/as da rede estadual do Paraná sendo agredidos fisicamente pelos policiais militares.

I Congresso Internacional de Educação: Cotidiano Escolar: (In) Quietudes e Fronteiras em Conhecimentos e Práticas Educacionais - Universidade de Sorocaba
24 a 26 de outubro de 2016

Outro evento que deslocou meus pensamentos foi o Congresso concebido carinhosamente por uma grande e cuidadosa comissão organizadora do PPGE da Uniso. Tudo foi preparado com uma estética singular e especial. Zelo com mesas expondo toalhas de chita, um charmoso sofá para acolher os palestrantes e cada participante recebeu, ao se credenciar, uma delicada bolsa de algodão cru como porta lápis-canetas. Além dos inúmeros trabalhos que motivaram conversas, aconteceu a exposição de fotografia de Marcos Reigota, *Depois do fim, o cotidiano*, encontros musicais, e a apresentação do Coral Infanto-Juvenil Quilombinho. Fiquei feliz por fazer parte desta história.

VI Escola de Formação de Pesquisadores em Educação
em Ciências – Sudeste
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
7 a 11 de novembro de 2016

Mais uma vez fui respirar os ares do Rio de Janeiro. Com os percursos da vida acadêmica de uma doutoranda em educação, fui deslocada para participar desse evento destinado a estudantes de doutorado, que estivessem no terceiro ano. O foco das apresentações envolvia as questões metodológicas, no meu caso, a pesquisa narrativa. Assim, exercitei a argumentação junto com outros pesquisadores/as sobre os procedimentos metodológicos que utilizo na pesquisa, destacando a pertinência ética, política e teórica das narrativas e exercitando outros modos de caminhar com a produção de dados.

IX Seminário Internacional: As Redes Educativas e as Tecnologias
Educação e democracia - aprenderensinar para um mundo plural e igualitário.
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
5 a 8 de junho de 2017

Cá estou em mais um Seminário Redes. No caminho, fomos presenteados com desenhos das resistências indígenas da Aldeia Maracanã. Desta vez, estar no Rio de Janeiro teve um gosto preocupante com a situação de descaso para com a educação pública e os problemas da Uerj para se manter funcionando. Com isso, participamos junto com estudantes, funcionários e professores/as da Marcha pela Uerj, que percorreu as ruas do bairro. No labor, reencontramos bons amigos/as e, antes do retorno para casa, fomos apreciar a manhã de domingo no calçadão de Copacabana, em meio aos cheiros dos temperos da feira livre, e saborear uma deliciosa feijoada carioca. Lutar e resistir sempre!

Mostra Arthur Bispo do Rosário e Leonilson:
Os Penélope
Sesc - Sorocaba
18/09 a 29/11 de 2015

O professor Marcos Reigota e a professora Alda Romaguera organizaram uma visita a essa maravilhosa e inquieta Mostra, onde conheci de perto a arte de dois grandes artistas brasileiros, Bispo e Leonilson: ambos utilizavam a costura como parte dos processos de criação. Uma oportunidade única ver as peças desses consagrados artistas. Um ponto singular da mostra foi a proposta de uma oficina de costuras e bordados para o público participante, que podia experimentar e tecer, por entre as tramas, agulhas e linhas, se inspirando nas obras dos dois artistas. Foi gostoso reencontrar os amigos e amigas dos Grupos de Pesquisa da Uniso.

Defesa pública de tese
Faculdade de Educação
Unicamp, Campinas
17 de fevereiro de 2016

Um momento importante foi assistir a defesa da tese de doutorado do querido Rodrigo Barchi, *Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa)*. Nesse dia, o Grupo Perspectiva Ecologista de Educação esteve presente para prestigiar o brilhante acontecimento, onde ele argumentou com propriedade sobre poder, resistência, ecologia, educação e música extrema, tudo isso com imagens das capas de discos das bandas. Retornei para casa pensando na tese que foi apresentada e que me remeteu à minha adolescência, quando conheci o som da banda Sepultura.

International Uranium Film Festival
Cinemateca do Museu de Arte Moderna do RJ
20 a 29 de maio de 2016

O festival Uranium convidou o professor Marcos Reigota para comentar o Filme *Chernobyl 30 anos: da realidade à ficção.* Reigota nos apresentou ao grupo dizendo que tínhamos vindo do estado do Espírito Santo, fato que provocou curiosidade entre os presentes. Isso porque em nosso Estado tem uma cidade chamada Guarapari, reconhecida internacionalmente pelas praias de areias monazíticas que atraem turistas em busca de tratamento, dando a cidade o nome de "Cidade Saúde", causando estranhamentos no público, que nos perguntaram se tínhamos informações sobre os casos de doenças provocadas pela radioatividade das areias.

32ª Bienal de São Paulo - Incerteza viva
Parque Ibirapuera, São Paulo.
7 de setembro a 11 de dezembro de 2016

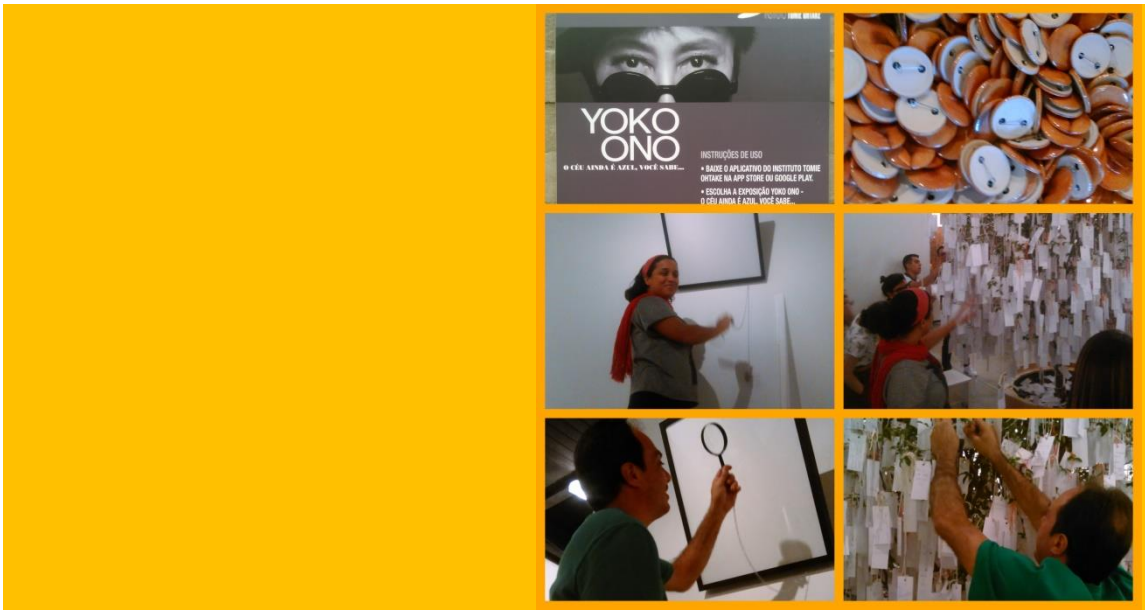
Um momento fantástico foi visitar pela primeira vez uma Bienal na terra da garoa. Reencontrar com as esculturas na instalação de Frans Krajcberg causou um impacto pelas gigantescas obras. Habitar a instalação do artista Bené Fonteles, *Conversas para adiar o fim do mund*o na Ágora: Oca Tapera Terreiro, proposta que surgiu a partir de uma ideia do líder indígena Ailton Krenak, me aproximou de uma energia ancestral e mística. A escolha de cada detalhe dos objetos que ali estavam expostos conspiravam para que cada pessoa produzisse sentidos outros. Bené conseguiu sensibilizar com movimentos de entoar cantos de resistência.

Defesa Pública da dissertação
Universidade de Sorocaba
22 de fevereiro de 2017

Um dia incrível foi o da defesa da dissertação de mestrado da querida Cristiane dos Santos de Souza Vitório, *Adolescentes em cumprimento de liberdade assistida no cotidiano escolar.* Cristiane defendeu com amor e muita propriedade sua pesquisa e emocionou quando citou "Cascatinha e Ilhana", dupla que escutei na minha infância. Comovente as memórias que ela tem do avô que fez parte de sua vida e a motivou para estudar. Uma alegria e orgulho escutar uma mulher negra apresentando seu trabalho no espaço universitário. Potente pesquisa que dialoga com a maravilhosa bell hooks, uma intelectual inquieta, radical e amorosa.

Movimentos do pensar “Dimensão estética, ecológica e política da vida cotidiana”
Sesc – Sorocaba
24 de maio de 2017

Os Grupos Perspectiva Ecologista de Educação e Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar do PPGE da Uniso organizaram um bom encontro entre Marcos Reigota, Bené Fonteles e Leandro Belinaso. Uma experiência que reuniu arte, cultura e educação. Ocataperaterreiro: Conversas para adiar o fim do mundo. Noite simplesmente comovente com as narrativas que foram tecidas com as afetuosas conversas e as boas vibrações que circulavam os ares do momento. No dia seguinte, brindamos a vida com um delicioso almoço para adiar o fim do mundo, compartilhando amizades, alegrias, afetos e muita esperança de viver em um mundo melhor.



Exposição *O céu ainda é azul, você sabe....*
Instituto Tomie Ohtake, São Paulo
1 de abril a 28 de maio de 2017

Viver as experiências com a exposição da Yoko Ono, dos movimentos feministas e pacifistas, das artes visuais, da música foi único na minha vida. As obras são marcadas pelo experimentalismo. A artista produziu filmes, textos, performances, instalações e arte sonora. Uma exposição de resistência e insistência em estar junto e de que é preciso continuar com amor, *pois o céu ainda é azul, você sabe*. Passamos boas horas ali na exposição, experimentando cada peça, deixando-nos ser afetados pelas intensidades dos movimentos e momentos. No final, fizemos um pedido à árvore dos pedidos para que esse pedido fosse enviado para todas as árvores do mundo. Um pedido de paz e amor.

Movimentos do pensar “Literatura e vida cotidiana por uma educação com envolvimento”
Sesc - Sorocaba
13 de março de 2018

Os Grupos Perspectiva Ecologista de Educação e Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar preparam um grande encontro com Milton Hatoum e Marcos Reigota**.** Na ocasião, o romancista lançou o primeiro livro da trilogia O lugar mais sombrio, intitulado *A noite da espera*. Na conversa com Reigota, Milton Hatoum contou como é a experiência de escrever um romance, destacando que é preciso escrever todos os dias e, às vezes, é necessário reescrever. No final da conversa, fomos encontrar o Milton para ganhar uma dedicatória no seu mais recente livro, escrito a partir de anotações das memórias que ele fez na juventude e que hoje são tão atuais.

Encontro com Franz Krajcberg
Museu Ecológico Franz Krajcberg
Nova Viçosa, Bahia
Julho de 2015

Eu, Soler Gonzalez, Carmem Machado, Adriana Lima e Flavio Pimentel fizemos um intercâmbio acadêmico e aventureiro para a costa da baleia, litoral sul do Estado da Bahia. Foi uma experiência fantástica que nos possibilitou encontrar pessoalmente com o artista Franz Krajcberg, pintor, escultor, fotógrafo, gravador, por quem fomos carinhosamente recebidos, e ouvir suas histórias, cheias de alegria de viver, sobre as viagens que fez pelo Brasil, sobre suas obras, os manguezais, a fascinante casa da árvore", suas esculturas, seus livros. Franz Krajcberg se inspirou durante toda vida na paisagem brasileira, em especial a Floresta Amazônica.

Encontro com Ana Maria Araújo Freire
Residência de Nita Freire
Consolação, São Paulo
Julho de 2015

Eu, Carmem Machado e Patricia Sierra nos encontramos, em uma tarde clara de céu azul de inverno, na livraria Cultura da Avenida Paulista, em São Paulo. Seguimos juntas, passando pelo Cemitério da Consolação, e finalmente chegamos eufóricas e curiosas na casa de Ana Maria Araújo Freire. Encontro atravessado pelos afetos e intensidades do pensamento de Paulo Freire. Nita Freire nos recebeu carinhosamente; foi uma boa conversa entre mulheres. O gosto do café, o sabor da bala, o cheiro da sala de estar permanecem gravados na minha memória. Encerramos nossa conversa com as boas energias do pôr do sol e os cantos dos pássaros.

Visita ao Instituto de Investigaciones Sociológicas
Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca
Centro, Oaxaca de Juárez, México
Agosto de 2017

Fui recepcionada carinhosamente pelo Francisco Soarez e o Edgar Sereno Cruz. Foi uma alegria conhecer as instalações do lugar, um prédio antigo, com uma área ampla que convida à convivência. Conheci também os funcionários que trabalham no instituto, que me receberam e me acolheram. Neste dia, de modo casual, encontrei com o professor Arturo Lopes, que me apresentou a coordenadora do Programa de Pós-graduação, e conversei com o professor Johannes Kniffki. Numa das estantes das diversas salas deparei-me com um exemplar do livro *Pedagogia da Esperança*, em espanhol. Fiquei feliz e aproveitei a ocasião e fiz meu primeiro empréstimo de livro como estudante intercambista. Sai feliz da visita e fui saborear um *Tasajo* com guacamole e tortilhas.

Colóquio do Programa de Pós-Graduação
Instituto de Investigaciones Sociológicas
Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca
Centro, Oaxaca de Juárez, México
17 de agosto de 2017

Foi uma alegria receber o convite da professora Virginia para uma conversa e também para participar de um Colóquio no qual seus estudantes apresentaram os projetos de pesquisa orientados por ela e por outros docentes. Participei do Colóquio com curiosidade, o que mais me chamou atenção foi o projeto *A exploração de crianças que trabalham no Zocalo*, sobre meninos e meninas que passam os dias como vendedores na praça. No final do evento, a professora Virginia e o professor Johannes Kniffki fizeram uma atenciosa e acolhedora reunião comigo. Na semana entre 4 e 8 de setembro conversei pessoalmente com Johannes sobre o andamento do meu projeto de pesquisa por aqui.

Seminário Justiça comunitária y Pluralismo jurídico
Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca
Instituto de Investigaciones Sociológicas
Oaxaca de Juárez, México
De 21 de agosto a 1 de setembro de 2017

Participei como aluna ouvinte do Seminário optativo ministrado pelo professor Edgar Ardila Amaya, da Universidade Nacional da Colômbia. Com essa atividade, tive a oportunidade de conhecer os estudantes do mestrado em Ação global em contextos globais. Conheci Concepção, uma professora ativista e feminista, e o jovem Roberto, que cursou licenciatura intercultural de educação indígena comunitária, ambos leitores de Paulo Freire. Além de Larissa, Leticia, Julieta, Rebeca, Balam e Joaquim, nascidos no México, e a colombiana Laura. Amigos e amigas que me acolheram e apresentaram a cidade, os lugares, a culinária local, os concertos musicais, as canções regionais. Vivi momentos fraternos com o grupo que também era curioso com as coisas do Brasil.

Seminário Justiça comunitária y Pluralismo jurídico
Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca
Instituto de Investigaciones Sociológicas
Oaxaca de Juárez, México.
11 a 15 de setembro de 2017

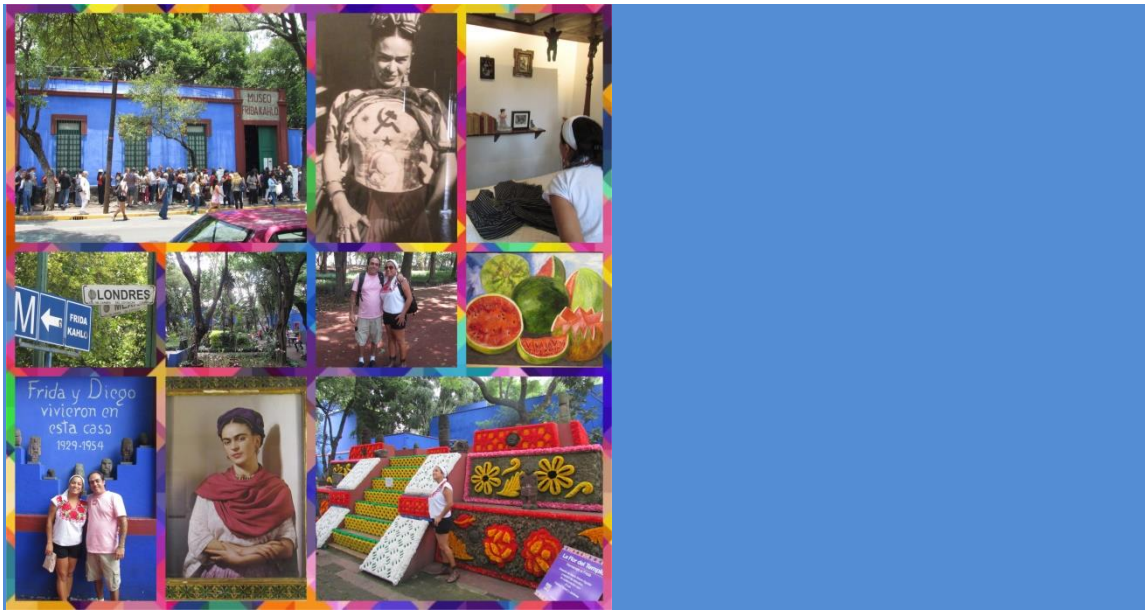
Participei como aluna ouvinte da segunda etapa do Seminário optativo Justiça comunitária e Pluralismo jurídico, ministrado pelo professor Arturo Suarez, da Universidade Nacional da Colombia, que trouxe discussões atuais sobre institucionalidade para a gestão de conflitos, os dispositivos de entendimento sobre direitos indígenas e Estado-nação, a justiça indígena e outros assuntos. Foram aulas participativas, dialógicas, abordando a descolonização do saber e a reinvenção do poder. Partilhei a boa conversa saboreando uma deliciosa hamburguesa oaxaqueña picante, numa barraca que fica nas redondezas do Zócalo, acompanhando o movimento das pessoas e da vida local.

Feira em comemoração do “Dia Mundial dos Povos Indígenas”
Oaxaca de Juárez, México.
9 e 10 de agosto de 2017

Oaxaca é uma cidade que respira música, por isso participar deste evento foi especial. Assistimos várias apresentações de orquestras musicais integradas por criança, adolescentes e jovens, usando roupas bordadas pelas próprias pessoas das comunidades. Foi fantástico ver crianças de 9 anos tocando clarineta e saxofone. Um grupo indígena da região do Istmo se apresentou com crianças e mulheres, com seus trajes indígenas regionais e de grande simbologia cultural. Na feira, encontrei tendas de artesanato, bebidas, comidas e de divulgação de grupos indígenas organizados, realizando práticas alternativas de economia; me chamou especial atenção os coloridos dos tecidos e os diferentes bordados.

Visita ao Museu Nacional de Antropologia
Cidade do México, México.
Agosto de 2017

Ao adentrar neste espaço-tempo, senti as energias da ancestralidade. Conheci as práticas de caçar, cozinhar e morar. Fiquei zonza com tantas informações e descobertas arqueológicas. Um outro mundo, outras civilizações, com diferentes culturas e modos de se organizar. Elas ainda estão vivas no México, expressas nos saberes indígenas. Povo lindo. Povo de resistência. Cores. Pinturas rupestres. Andava, andava e o museu se descortinava em novas descobertas, com uma imensidão de coisas para serem vistas. Um dia é pouco. Na saída, no final da tarde, a lua nos recebia e nos convidava para outros passeios. A sensação diante de tantas histórias e temporalidades era intensa e povoava a imaginação com desejos de retornar e de sentir, novamente, o tempo, a vida que passou e que ainda habita em nós.



Visita a Casa da Frida
Cidade do México, México
Agosto de 2017

Foi simplesmente emocionante conhecer a casa onde Frida Kahlo viveu. Para chegar até a Casa Azul, como é chamada, decidimos nos aventurar pelo metrô. Caminhamos cerca de quinze minutos. Ao descer, atravessamos uma bela, extensa e arborizada área natural urbana, habitada por muitos esquilos. Logo na chegada da Rua Londres avistei o Museu Casa Histórica, dedicado à vida e obra da artista mexicana. Foi marcante conhecer as pinturas, a casa, o lugar, caminhar no jardim da casa onde ela viveu, conhecer os corpetes criados por ela, e que a ajudavam a amenizar as dores que sentia. Fiquei emocionada diante do quadro *Viva la vida*, o último trabalho feita pela artista antes de morrer.

Seminario Internacional “Ni más, ni menos: Paridad, política, económica y social” - Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social
Oaxaca de Juárez, Oaxaca, México.
24 e 25 de agosto de 2017

Participar como ouvinte deste evento, indicado pela professora Letícia Briseño, que foi uma das palestrantes, foi muito importante. As mesas redondas voltaram-se para temas ligados à perspectiva de gênero, discutindo questões de interesse das mulheres (trabalho, direitos, violência, paridade e participação política das mulheres no México). No seminário conheci Dona Leonor, mulher indígena campesina mazoteca, plantadora de café; passamos juntas os dois dias do seminário, compartilhando afetos, cafés, prosas, bordados, desejos, resistências e lutas...

Aula Inaugural do Mestrado profissionalizante em Ação social em contexto global - Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca
Instituto de Investigaciones Sociológicas
Oaxaca de Juárez, México.
8 de setembro de 2017

Participei desta atividade acadêmica intitulada *La necesidad de la Acción Social em contextos globales.* Entre os palestrantes estavam os professores Arturo Soarez, da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL) e Johannes Kniffki, da Alice Salomon Hochschule Berlin (ASH). Na noite anterior tivemos a surpresa de forte sismo, de intensidade 8.2, deixando-nos sem saber se o evento aconteceria, principalmente em razão de outros possíveis tremores Esse grande acontecimento fez com que minha atenção para a aula inaugural se tornasse flutuante. Digo isso porque as pessoas me perguntavam se no Brasil havia terremotos e eu respondia que nunca havia tido essa experiência antes.

Taller: "Generación colaborativa de conocimientos y acción política"
Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca
Instituto de Investigaciones Sociológicas
Oaxaca de Juárez, México.
De 4 a 8 de setembro de 2017

Participei como ouvinte desta atividade acadêmica a convite do professor Johannes Kniffki. As oficinas foram ministradas pelos professores da Alice Salomon Hochschule Berlin (ASH), da Universidad Nacional de Colombia (UNAL) e da Universidad Autónoma Metropolitana-Itztapalapa (UAM) em parceria com o Instituto de Investigações Sociais da UABJO e o Centro Internacional e Interdisciplinario de Investigación y Enseñanza Aplicada (CIIIE). Participaram deste evento 10 estudantes de mestrado da ASH, e conheci muitas pessoas que trabalham com mulheres e questões ecológicas, além de já terem lido Paulo Freire. O seminário foi produtivo e divertido.

Congresso Internacional Estudos Afro-mexicanos: Reflexões e debates
Museu das Culturas de Oaxaca
Instituto Nacional de Antropologia e História
Oaxaca de Juárez, México.
De 5, 6, e 7 de setembro de 2017

A programação foi muito rica, conheci muitas pessoas, mulheres antropólogas pesquisadoras, que trabalham com mulheres na Costa de Oaxaca. Dentre elas uma jovem pesquisadora da UABJO que apresentou sua pesquisa sobre o racismo com crianças nas escolas da Costa de Oaxaca. Havia ainda trabalhos sobre construção da memória e da identidade afro-mexicana, dos saberes tradicionais, entre outros temas relevantes para as comunidades, e também para nós. Uma noite, após esse evento, conversei com uma professora de ensino superior, bióloga-ecofeminista-zapatista, que compartilhou suas experiências com as questões ecológicas (manguezais) com as mulheres afro-mexicanas que vivem nas zonas costeiras de Oaxaca.

Seminário de Metodologias de Investigação Social
Subalternas na América Latina - Centro de Investigações e Estudos Superiores em Antropologia
Oaxaca de Juárez, Oaxaca, México
18 e 19 de outubro de 2017

Participando como ouvinte deste evento, conheci a professora pesquisadora Lia Pinheiro Barbosa, da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A partir de Paulo Freire a professora sacudiu com elegância a ciência moderna-arrogante-positivista e o extrativismo epistemológico. Convivi também com as professoras indígenas da Sierra Mixe, com quem conversei muito. Após o fim do evento, me despedi de todas, e fui para o quarto comer. Uma hora depois recebo uma ligação de uma das maestras me convidando para ir até o Zócalo. Achei que conversaríamos sobre educação, mas quando cheguei elas me convidaram para ver uma película. Eu achei lindo isso! No dia seguinte, fui cumprimentá-las e uma delas me disse: “essa é nossa companheira de aventura”.

Comemoração de aniversário da Árvore gigante – a árvore de Tule
Santa Maria de Tule, Oaxaca, povo Zapoteco
2017

Participei da comemoração de aniversário da árvore mais grossa do mundo, com mais de 2000 mil anos de idade, localizada em Santa Maria de Tule. A árvore é belíssima, com mais de 42 metros de altura, e com um diâmetro de mais de 14 metros e uma circunferência de 58 metros, da espécie ahuehuete (*taxodium mucronatum),* também conhecida como "chipre mexicano", sendo necessárias 30 pessoas para abraçar seu tronco. Anualmente, a cada segunda-feira do mês de outubro, se comemora o Dia da Árvore de Tule. Milhares de pessoas a visitam e ficam maravilhadas com a sua imensidão. Todos os anos os moradores, cuidadores da árvore, a homenageiam com danças, músicas, queima de fogos e culinária local e muita alegria.

Visita ao Centro de Artes de San Agustin de Etla
San Agustin de Etla
Novembro de 2017

A professora Leticia sugeriu que fossemos, eu e Sandrita, conhecer o Centro de Artes de San Agustin de Etla. O lugar é simplesmente lindo. Foi emocionante ouvir os sons e sentir as águas de uma pequena cachoeira. Fiquei muito feliz. Consegui me banhar um pouco e receber as bênçãos das águas das matas de Oaxaca. Essas águas ainda são puras e preservadas, não estão contaminadas (assim espero). Existe uma comunidade ecológica no lugar, uma feira ecológica. Enfim, tivemos um bonito dia de céu azul com águas claras.

Marcha de 13 de outubro
Zocalo
Centro histórico de Oaxaca de Juarez
13 de outubro de 2017

Aqui se respira luta! Quantas experiências vivi. Nesse ato de resistência presenciei milhares de campesinas e campesinos, professoras e professores, profissionais de diversos setores, reivindicando dignidade e direto à educação, segurança e saúde. Pessoas caminhando e marchando, tendo o Zócalo como ponto de encontro para debaterem sobre suas necessidades de cidadãs e cidadãos oaxaqueños. Um movimento bonito de ver e de aprender a lutar, insistindo contra as injustiças sociais. Durante a Marcha de 13 de outubro, uma professora da Serra Norte, da educação indígena (campesinos), que fala a língua materna *Mixe*, me convidou para participar de um seminário com uma professora brasileira do Ceará. Aceitei com alegria o convite.

Festas dos Mortos
Oaxaca de Juárez
31 de outubro e 1e 2 de novembro de 2017

Vivi dias intensos e experiências marcantes. Essa festa mexicana é uma conexão entre os mundos dos mortos e com os vivos. Casas são enfeitadas com belíssimos altares com bebidas e comidas, ofertadas aos que já se foram. Muitos passam a noite em cemitérios festejando sobre o túmulo com seus amigos e parentes. Participei de duas *comparsas*, uma na escola pública Porfírio Dias e a outra na escola pública Benito Juárez. Comparsas são comemorações onde as pessoas se fantasiam de mortos e festejam O Dia dos Mortos nos cotidianos escolares, e em outros espaços e desfilam pelas ruas. É uma festa que traz ainda mais cor e alegria para a cidade. Vivi experiências singulares com as comunidades escolares e familiares. Fui com amigos nos festejos do povoado de San Agustin de Etla, entre chocolate, café, *tamales*, *mezcal*... Tudo muito rico!

37º Feira Internacional do livro de Oaxaca
Oaxaca de Juárez
2017

Paulo Freire marcou presença com os livros *Pedagogia da Indignação, Pedagogia da Esperança e Pedagogia do Oprimido*. Na feira, visitei a exposição *Imaginando meu lixo: reflexões juvenis sobre a gestão de resíduos em Oaxaca.* Vinte e três estudantes secundaristas fizeram perguntas pertinentes sobre o lixo: o que acontece com o nosso lixo? Para aonde levam nossos resíduos? Que impacto geram? Perguntas fortes apresentada com fotografias marcantes que eles fizeram a partir de uma visita a um lixão próximo a Oaxaca. Vi o livro *Autobiografia de Angela Davis,* vinil de John Lennon e Yoko Ono, lindíssimas agendas de Frida Kahlo, livros de Eduardo Galeano. O livro de Octavio Paz, *Labirinto da solidão*, em espanhol, vai ocupar minha estante no Brasil.

Faculdade de Ciência da Educação
Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca
2017

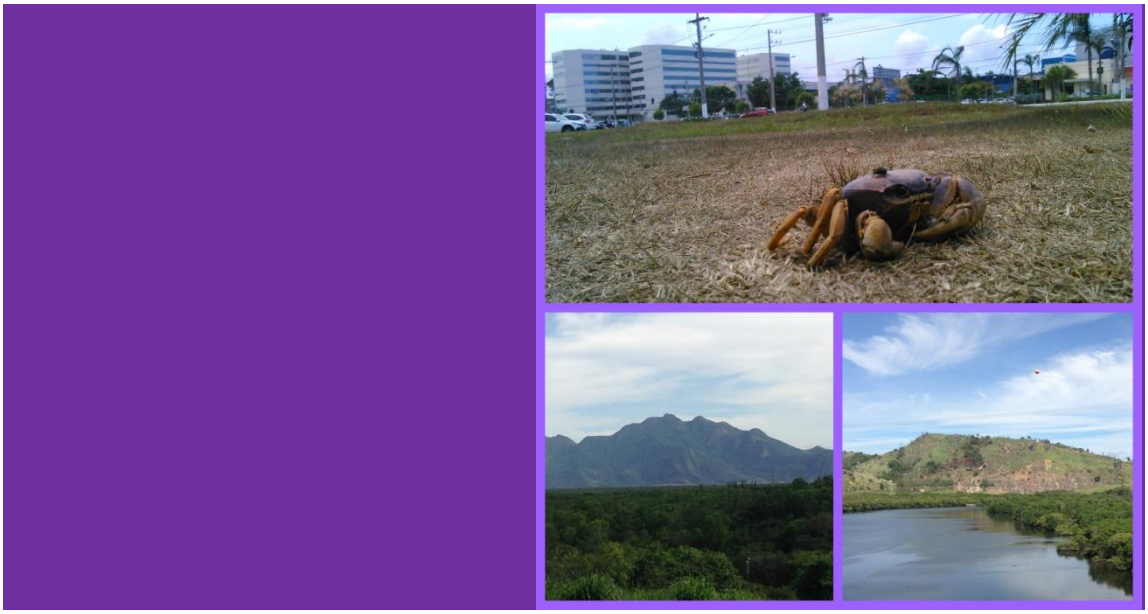
Tive um encontro caloroso com a professora Leticia. Conheci, com ela, os espaços da instituição, laboratórios de informática, biblioteca, cafeteria, sala do professor, do diretor. A professora me apresentou algumas pessoas: a Sandrita, sua bolsista – que me acompanhou em algumas atividades de campo –, o diretor da Faculdade de Educação, as professoras da graduação, a secretária acadêmica, o bibliotecário e o coordenador do laboratório de informática. Conversamos sobre meu projeto de investigação e a professora Letícia disse que vai agendar conversas com professoras de uma escola rural (lugar onde ela fez sua tese de doutorado), com uma professora de uma escola urbana, e com mulheres ativistas de uma ONG. Muitas emoções e intensidades vividas.

Visita ao Monte Albán

O Monte Albán é um importante sítio arqueológico situado a 10 quilômetros de Oaxaca de Juárez. Saímos bem cedo, neste dia, e com uma enorme expectativa. No caminho, tomamos a van que pegava os turistas. Chegamos ao local e percorremos todo o sítio, ouvindo as histórias ancestrais, conhecendo os templos e os lugares de sacrifício e de devoção. Subimos as pirâmides, conhecemos as tumbas e os saberes astronômicos, a importância dos astros e os modos de medição das efemérides. Esse patrimônio cultural e mundial de Oaxaca é um local de ruínas com grandes praças, pirâmides, passagens subterrâneas; local da prática de jogos com bola, observatórios. Um espaço-tempo que nos desloca para outras temporalidades. Quero voltar!!

I Colóquio sobre o congo do Espírito Santo
Universidade Federal do Espírito Santo
Programa de Pós-Graduação em Artes
Dezembro de 2016

Este foi um evento que marcou minha vida! Digo isso porque foi o dia em que conheci uma pessoa especial para minha pesquisa, o Mestre Ricardo Sales, da Banda de Congo Amores da Lua, de Santa Martha, Vitória. Foi um bom encontro de saberes entre estudantes de graduação, de mestrado, doutorado, pós-doutorado, professoras e professores, mestres de congo e congueiros. Tive a oportunidade de apresentar e conversar sobre minhas aproximações com as narrativas das mulheres do e no congo capixaba. No final do evento, conhecemos mais de perto as histórias de Mestre Ricardo Sales, que relatou sua trajetória de compromisso, cuidado, fé e devoção na preservação dos festejos de São Benedito.

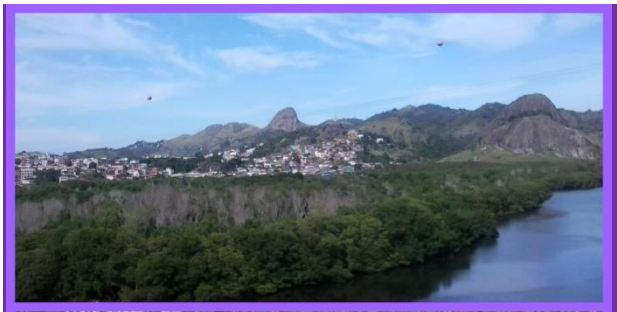


II Colóquio sobre o congo do Espírito Santo
Universidade Federal do Espírito Santo
Programa de Pós-Graduação em Artes
Dezembro de 2017

Com esse evento vivi outra ocasião especial. Nele tive a honra de mediar uma mesa-redonda com a presença de duas mulheres do congo, Inara Novaes Macedo, da Banda de Congo da Barra do Jucu, de Vila Velha, e Karolline Oliveira Lourenço, da Banda de Congo de Taquaruçú, de Roda D'Água, Cariacica. A primeira é mestra em Artes pelo PPG em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, e graduada em Artes Plásticas pela mesma instituição. A segunda é formada em Artes Visuais pela Ufes e atua como professora de artes na Educação Básica. Ambas apresentaram suas experiências de mulher do e no congo, suas lutas e resistências para realizarem práticas pedagógicas de congo nos cotidianos escolares. Foi um encontro emocionante, inundado de afetos, alegrias e amores entre mulheres do e no congo.

I Congresso Internacional e III Nacional Africanidades e Brasilidades: Literaturas e Linguísticas
Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Ciências Humanas e Naturais
29 e 30 de novembro e 1 de dezembro de 2016

A partir da minha participação neste evento, foi possível conhecer estudantes e professoras e professores pesquisadores e ativistas de várias partes do Brasil, de diferentes níveis de ensino. Sujeitos que habitam os espaços de convivência de universidades públicas federais e estaduais, e que lutam para combater nos cotidianos o racismo estrutural, institucional e religioso. Me aproximei de pessoas de outros estados do Brasil, que desconheciam o congo como prática secular capixaba; esse foi um momento importante para exercitar problematizações dos caminhos investigativos da pesquisa e relatar ao grupo um pouco das histórias do congo no nosso estado como uma herança cultural de resistências e memórias dos nossos antepassados.



VIII Seminário Nacional de Educação das Relações Étnico-Raciais Brasileiras
Universidade Federal do Espírito Santo
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
18 a 20 de outubro de 2016

Participar deste seminário me possibilitou estar com professoras e professores do movimento social negro que trabalham a educação para as relações étnico-raciais nos cotidianos escolares. Aproximei-me de narrativas dos docentes em relação aos muitos desafios para combater atitudes discriminatórias em nossa sociedade. As considerações do grupo apontaram para a necessidade urgente de combater os racismos, e na minha apresentação relatei o desprezo por parte de alguns docentes no sentido de fazer com que o congo adentre os espaços das escolas como uma expressão capixaba. Saí do evento alimentada de esperança com as práticas de resistência que foram compartilhadas durante os três dias de evento. Seguimos com coragem e sem temer.

Ocupação Conceição Evaristo
Espaço Itaú Cultural
São Paulo - SP
Maio e junho de 2017

Habitar a ocupação de Conceição Evaristo me fez voltar no tempo e ficar imensamente comovida com a sensibilidade que o espaço provocou. Uma exposição que possibilitou a acessibilidade para pessoas surdas e cegas. Adentrar nesse espaço me fez percorrer os becos das minhas memórias de uma infância de uma menina negra, que hoje é uma mulher que luta na lida cotidiana e "Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo", como escreveu Conceição Evaristo no livro *Becos da Memória*. Saí da ocupação afetada pelo ato de traçar uma escrevivência.

Exposição “Todo Poder ao Povo!” Emory Douglas e os Panteras Negras
Sesc Pinheiros - São Paulo - SP
Abril a julho de 2017

Essa exposição apresentou um conjunto de obras criadas reunindo boa parte da concepção estética e publicitária dos movimentos de Emory Douglas, diretor artístico, designer e ilustrador do *The Black Panther*, jornal do extinto Partido dos Panteras Negras. Foi possível ver imagens de fotojornalistas, acervos de fotolivros, cartas e discos, contextualizados na arte gráfica, com reivindicações sociais, econômicas e políticas para a comunidade afro-americana nos Estados Unidos. A exposição trouxe os temas: racismo, feminismo negro, direitos civis, corpo, infância, escola, poder, comunicação e artes visuais. Paulo Freire estava lá como indicação no material educativo, com seu livro *Pedagogia do Oprimido*, destacando a educação como instrumento da opressão.

Exposição Frida Kahlo: conexões entre mulheres surrealistas no México
Espaço Caixa Cultural – Rio de Janeiro
Janeiro a março de 2016

Outra vez estive com alegria na cidade maravilhosa para participar de um evento acadêmico. Entre um intervalo e outro, fui visitar essa mostra que teve como eixo a artista mexicana, com suas pinturas, esculturas, roupas, acessórios, fotografias e documentos de sua produção artística, além de diversos dos seus famosos autorretratos. Estavam presentes também outras artistas mulheres, algumas delas reconhecidas no passado como "esposas" de um ou de outro artista. Nessa exposição, essas mulheres eram protagonistas e criaram a própria arte. Com essa visita, foi possível me aproximar do panorama do pensamento plástico de Frida Kahlo e experienciar uma atmosfera criativa e um diálogo entre um grupo de mulheres mexicanas e estrangeiras. Mais um movimento da geografia dos afetos.

Visita ao povoado de Regência na foz do Rio Doce
Regência - Espírito Santo
Abril de 2016

Depois daquela tarde do dia 5 de novembro de 2015, “Nada será como antes”. Esse foi o dia em que aconteceu o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, MG, causando morte. A lama da Samarco arruinou com o Rio Doce e exterminou milhares de vidas! Nessa época, eu atuava com professora substituta no Centro de Educação da Ufes e logo no início do ano letivo de 2016, junto com o professor Soler Gonzalez (CE/Ufes), organizamos nossas turmas dos cursos de licenciatura de Pedagogia e Geografia para uma aula de campo. Passamos o dia no vilarejo, caminhamos pela praia e visitamos o Projeto Tamar e o Centro ecológico; por fim, fomos avistar a foz do Rio Doce. Voltamos para casa comovidos e indignados com o crime contra o Rio Doce, que apagou vidas, sonhos e deixou tristezas.

Visita à cidade de San Cristóbal de las Casas
Território Zapatista
Chiapas - México
Novembro de 2017

Esse foi um momento mais que especial, que só foi possível por causa do meu intercâmbio acadêmico no México. Fui visitar Chiapas com o desejo de me aproximar das ideias do movimento zapatista, que tem como inspiração o mexicano Emiliano Zapata. Chiapas é território habitado por diferentes grupos indígenas e camponeses que têm um modo singular de viver, herdado de seus ancestrais. As mulheres zapatistas, com sua dignidade rebelde, são lutadoras e re-existem ao patriarcado capitalista exercitando um feminismo, fortalecido na década de 1990 com as lutas pelos direitos das mulheres. Ali conheci um espaço coletivo onde os zapatistas organizam oficinas pedagógicas com práticas de liberdade e autonomia, e os pensamentos de Paulo Freire habitam esse território.

6 “O CONGO DA ALEGRIA CHEGOU, CHEGOU, CHEGOU, CHEGOU...”

Figura 19 - Instrumentos da Banda de Congo Amores da Lua. Tambores e casacas, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal.

Figura 20 - Banda de Congo Amores da Lua no cotidiano escolar, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 21 - Dançarina mirim da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 22 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 23 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 24 - Dançarina mirim da Banda de Congo Amores da Lua tocando tambor, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Ajuda eu Tambor! ...
Ajuda eu cantar.
Toada de Congo capixaba.

O congo é uma prática cultural secular de resistência da cultura capixaba do estado do Espírito Santo. O livro do professor, pesquisador, militante e intelectual negro, Cleber Maciel (2016) falecido em 1993, na sua segunda edição, traz importantes questões sobre o Congo. A relação do Congo, como herança da memória africana, chegou aos tempos atuais, graças ao esforço dos antepassados em conseguir, mesmo sob o domínio e o medo impostos pelos colonizadores, preservar sua dignidade cultural (MACIEL, 2016, p.147).

> Considerando a relação entre a cultura dos colonizadores e dominadores e as sobrevivências culturais dos escravos, pode-se dizer que, na sociedade colonial, eram aceitos os costumes tradicionais africanos que podiam se adaptar à exploração escravista. Incluíam-se aí aqueles que, reinterpretados, recebiam novo significado apesar das perseguições, incompreensões, intolerâncias e destruição da maioria, algumas práticas culturais africanas sobreviveram e chegaram até os dias atuais, mesmo que modificadas, sincretizadas e/ou fundidas em outras, sejam também africanas ou dos senhores brancos.

Assim, o Congo está presente em todo o estado do Espírito Santo e em grande número de regiões da Grande Vitória e municípios do Norte. De acordo com Maciel (2016), as bandas de Congo são grupos de pessoas que utilizam instrumentos sonoros muito simples, feitos de madeira oca, barris, taquaras, pele de cabra ou de boi, latas ou outros materiais, além de tambores, bumbos, cuícas, chocalhos, ferrinhos ou triângulos de ferro e pandeiros.

> Ao som desses instrumentos, as vozes, finas e grossas, claras ou fanhosas, de homem e de mulher cantam antigas ou novas músicas, nas quais são feitas referências a fatos do passado, como a escravidão, a guerra do Paraguai, os santos da devoção popular, os Orixás relacionados aos elementos da natureza, como o mar, as estrelas, o vento, a chuva, ou ao ser humano, cobrindo desde amor e morte até fatos políticos e sociais. Essas músicas podem ser alegres ou tristes, mas quase sempre são cantadas de forma semelhante, onde se destaca o fato de alongarem-se as sílabas finais dos versos. (MACIEL, 2016, p. 151).

Maciel (2016) destaca entre os instrumentos musicais utilizados no Congo, o reco-reco, também chamado de casaca, casaco, cassaca, cassaco ou canzaco, sendo este um instrumento singular do Congo capixaba.

> É um cilindro de pau, de 50 a 70 centímetros de comprimento, escavado numa das faces, em que se prega uma lasca de bambu ou taquara com talhos transversais, sobre os quais se atrita uma vareta. Na extremidade superior desse reco-reco é esculpida, na própria madeira, uma cabeça grotesca, de pescoço comprido, por onde é segurado o instrumento. No lugar dos olhos, representando-os, põem-se, por vezes, búzios, sementes coloridas, pequenas esferas ou partículas de chumbo. São pintados olhos, bocas e faces, ou todo o reco-reco, com tinta comum ou de frutas do mato. Alguns trazem inscrições ou letras indicativas de frases ou do nome do seu dono. (MACIEL, 2016, p. 151).

No congo, os tambores, segundo Cleber Maciel (2016), são instrumentos *tocados* com as mãos, e, enquanto o tocador caminha, eles ficam pendurados a tiracolo. Quando a banda de Congo para em algum lugar para tocar, geralmente os batedores sentam-se sobre o tambor como que o cavalgando. Participam desses momentos pessoas de todas as idades.

Em relação à participação das mulheres no Congo, Maciel (2016) narra em seus escritos que elas, separadas em ala específica, sustentam os cantos, enquanto os homens sustentam o ritmo. As pessoas da banda de Congo participam das coreografias comandadas pelo organizador, às vezes chamado de Capitão ou Mestre. Uma ou mais mulheres vão à frente conduzindo uma ou mais bandeiras e estandartes que traduzem a banda e o seu Santo Protetor. Outras são dançarinas, cantadeiras, rainhas, princesas, tocam casacas, tambores, chocalhos. Elas trabalham, estudam, são aposentadas, cuidam de suas famílias, são mulheres de todas as idades, crianças, jovens, adolescentes, adultas e idosas, que habitam as terras capixabas e encantam os cotidianos com suas toadas e cantigas.

6.1 Quando as mulheres falam

Figura 25 – Mulher no congo em dia de apresentação da banda, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Figura 26 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 27 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

É importante ressaltar que, “pelo fato de as forças colonizadoras serem tão poderosas neste patriarcado capitalista de supremacia branca”, conforme coloca bell hooks (2013, p. 67), as mulheres no congo exercitam uma prática de re-existência, que aqui denomino de ecologista, no encontro com o congo como prática de resistência secular. Pois é também no congo que elas são afetadas pelos ecos do regime patriarcal presente num sistema social em que os homens mantêm majoritariamente o poder e a liderança nos grupos de banda de congo. Um exemplo disso é a existência de pouquíssimas mulheres que recebem o título oficial de mestra de congo, conforme relatado recentemente por um estudioso do folclore em uma mesa redonda que aconteceu na Ufes, no curso de Ciências Sociais, do qual participei como palestrante.

Outro exemplo bastante vívido extraio do início desta pesquisa quando, ao tentar agendar conversas e encontros com as mulheres da banda de congo, era preciso, anteriormente, solicitar autorização ao presidente da associação e depois ao mestre da banda de congo. Além disso, após obter a autorização, os homens da banda permaneceram presentes durante o encontro ‘observando’ o que as mulheres estavam fazendo... Situação semelhante ocorreu em outro momento, quando fui autorizada a conversar com as mulheres de outra banda do estado e os homens ficaram próximos das mulheres, com uma expressão de intenso estranhamento com o meu interesse em ouvi-las.

Desse modo, por vezes, o colonizado/oprimido pode se tornar um opressor como afirmou Paulo Freire (2014a, p. 71), exigindo que fiquemos atentas, pois “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens e *as mulheres* se libertam em comunhão”. Nesse sentido, a libertação do patriarcado só pode ser coletiva e depende de todas e todos. No entanto, como esse regime é violento, adentrando todos os espaços, penetrando nos cotidianos, ele determina quem pode falar, silenciando os demais, e ao mesmo tempo tornando-os invisíveis. No caso das mulheres, apesar de serem em número maior e terem mais atribuições nos cotidianos, são menos ouvidas e vistas, de modo que de sua luta para manter a prática do congo na vida cotidiana é também invisibilizada e suas narrativas silenciadas.

Nesse contexto, ao me aproximar das narrativas das mulheres no congo, notei a pouca frequência delas nos cotidianos escolares. Foi essa ausência que

me levou ao encontro de mim mesma como mulher, negra, professora, pesquisadora, enfim, como cidadã, atiçando meus sentidos para pensar a mulher negra na sociedade contemporânea, sua atuação, suas lutas, sua importância.

Por essa razão, a pesquisa se aproximou, embora sem aprofundar, das questões de gênero e dos movimentos de pensar o feminismo das oprimidas, das mulheres que vêm das margens. Feminismo que se afasta da *casa grande*, que tenta furar os modos colonizadores e dominadores do patriarcado capitalista, racista, machista, moralista, conservador, elitista, branco, eurocêntrico, imperialista – adjetivos que em seu conjunto dão conta dos muitos modos de opressão presentes no quotidiano das mulheres.

Assim, nas trajetórias e experiências em uma sociedade patriarcal capitalista, nós mulheres, viemos sendo e somos contadas pela ordem masculina do mundo, assim como as crianças, indígenas, negros, loucos são contados como ninguém. Por isso, contar-se é um ato de coragem, de resistência e reexistência. As artes de viver e fazer exigem de nós mulheres força para criar nos cotidianos modos outros de existir e reexistir nessa sociedade machista.

Gostaria aqui de destacar a importante pesquisa que Margareth Rago (2013) apresenta em seu livro *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Nele, a autora traz marcantes narrativas autobiográficas de sete mulheres militantes feministas, nascidas entre os anos de 1940 e 1950, que contam os enfrentamentos vividos nos violentos anos da ditadura militar no Brasil.

Para a autora, “relatar-se é uma experiência intensa, miúda e constante de construção e identificação de outros modos de ser, pensar, agir e existir em prol da autonomia e emancipação, sobretudo quando se trata de mulheres.” (RAGO, 2013, p. 28).

Cito esse trabalho principalmente em razão do período que estamos atravessando com o avanço dos discursos fascistas, que arrastam consigo racistas, machistas, classistas, homofóbicos, pois lutamos pelo viver e amar com coragem, alegria, sem temer, resistindo às opressões cotidianas. E a resposta das mulheres foi a campanha, via redes sociais, #EleNão, que reuniu milhares de mulheres contra toda forma de opressão sobre a outra e o outro.

> Pode-se dizer, portanto, que os feminismo criaram modos específicos de existência mais integrados e humanizados, desfazendo as oposições binárias que hierarquizam razão e emoção, público e privado, masculino e feminino, heterossexualidade e homossexualidade. Inventaram eticamente, ao defenderam outros lugares sociais para as mulheres e sua cultura, e operam no sentido de renovar o imaginário político e cultural de nossa época, principalmente em relação aos feminismos do século XIX e do início do século XX. (RAGO, 2013, p. 27).

A autora traz elementos da filosofia de Michel Foucault, tais como "escrita de si", que atravessa os caminhos da minha pesquisa, quando convido as mulheres do e no congo para contar suas histórias com o congo, e tomo como referência suas narrativas de contar-se, prática que considero como de re-existência ecologista, no sentido em que o narrar-se nos convida para uma reinvenção de si e da relação com o outro. A importância das lutas feministas tem a ver com a perspectiva ética que se abre a partir delas, instigando-nos a pensar "como as mulheres têm transformado o mundo e se transformado a si mesmas [...]" (RAGO, 2013, p. 32).

Nessa caminhada sei que não estou sozinha... pois acompanharam-me nas travessias do meu pensar como mulher negra pesquisadora as ideias de diferentes mulheres negras ativistas e comprometidas com as transformações sociais e políticas. Aqui, destaco três estadunidenses, bell hooks (2013), escritora, professora e intelectual insurgente e inquieta, já citada anteriormente, Angela Davis (2016), professora da Universidade da Califórnia e ex-militante do Panteras Negras, que disse recentemente, em uma palestra na Universidade Federal da Bahia (UFBA)[14]:

> *Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo*. (DAVIS, 2016).

[14] No dia 25 de julho de 2017, Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, Angela Davis apresentou a conferência *Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo*, transmitida pela TVE Bahia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2vYZ4IJtgD0>. Acesso em: 11 jun. 2018.

E Nina Simone, com suas potentes letras e canções, cuja música *Ain't Got No, I Got Life* (1968) foi uma companhia constante, fortalecendo meu processo durante a escrita e reescrita da tese, música da qual extraio um pequeno fragmento.

Then what have I got
Why am I alive anyway?
Yeah, hell
What have I got
Nobody can take away

I got my hair, got my head
Got my brains, got my ears
Got my eyes, got my nose
Got my mouth
I got my
I got myself

I got my arms, got my hands
Got my fingers, got my legs
Got my feet, got my toes
Got my liver
Got my blood

I've got life
I've got lives

Além dessas mulheres norte-americanas, me fortaleci com os ecos dos escritos das mulheres latino-americanas. No Brasil, os textos de Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, favelada, catadora de papel, apaixonada por livros e que, com sensibilidade e originalidade, escreveu sobre suas lutas pela sobrevivência cotidiana, sobre a condição de marginalização como moradora da favela do Canindé, na São Paulo dos anos 1960, cuidando sozinha de seus dois filhos e uma filha. Carolina escrevia seus diários em cadernos que encontrava nos lixos de São Paulo.

É preciso destacar que o livro *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (2014) veio a público quando o

> Jornalista Audálio Dantas, visitando a Favela do Canindé, conhece Carolina por acaso e se encanta com seu diário, promovendo e auxiliando na publicação da obra. Quarto de

> Despejo foi um sucesso de vendas no Brasil e no exterior e, na época, levantou uma curiosa polêmica acerca da veracidade de sua composição, suspeitava-se que o jornalista teria forjado a obra para alcançar o sucesso comercial, diante de relatos tão caprichosos e intensos houve a desconfiança infundada e preconceituosa de que não poderia realmente ser uma mulher negra, pobre e pouco letrada a real autora da obra (GONÇALVES, 2018, p 1).

Traduzido para 13 línguas, a história de resistência de Carolina Maria de Jesus se espalhou pelo Brasil e também no exterior, apesar das atitudes discriminatórias por parte de algumas pessoas.

Lélia Gonzalez, intelectual, feminista, negra, antropóloga, política, professora e militante, responsável por introduzir, no meio acadêmico brasileiro, a discussão sobre o racismo; e Sueli Carneiro (2017), filósofa, educadora, militante feminista e antirracista que afirma que “somos mulheres que lutam, mulheres guerreiras, mulheres que nos trouxeram até aqui, mas a um custo incomensurável” (CARNEIRO, 2017, p. 14). Nas palavras de Carneiro (2017, p. 19),

> Ser mulher negra coloca outras contradições, outras necessidades e outras demandas que o feminismo teria que incorporar, se quisesse representar as necessidades e os interesses do conjunto de mulheres brasileiras.

Acompanham-me também os sons energizantes de Elza Soares.

...Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim cantar
Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim cantar, cantar

Eu quero cantar até o fim
Me deixem cantar até o fim
Até o fim, eu vou cantar
Eu vou cantar até o fim...

A Mulher do fim do mundo (2015)

Além de Conceição Evaristo e sua literatura como arte de *escrevivência*, em que afirma

> Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando os vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. (EVARISTO, 2017a, p. 109-110).

No Espírito Santo, a literatura de Elisa Lucinda e Suely Bispo, ambas atrizes, pesquisadoras e poetizas, mulheres negras cujas vozes são inspirações de resistências. A primeira, capixaba nascida na cidade de Cariacica, formou-se em jornalismo pela Ufes e atua no teatro, cinema, televisão. Popularizou-se com a publicação de livros de poesias, inspirando meninas e mulheres do Projeto Boas de Prosa com a produção de oficinas intitulada Elisas, nome escolhido para homenageá-la. Em seus "textos frequentemente expõe vivências e traços da identidade da mulher negra brasileira" (PROJETO ELISAS, 2017, p. 7). O projeto Elisas lançou, em 2017, o livro *Elas em órbita*, "uma resistência de meninas e mulheres que desejam acima de tudo poder ter voz – e serem ouvidas" (MARIANO; VAILLANT, 2017, p. 1).

A literatura e militância da poetiza Suely Bispo, que nasceu na Bahia, mas é capixaba por adoção, também é uma inspiração; mestre em estudos literários pela Ufes, Suely Bispo foi homenageada por um grupo de 24 mulheres que organizaram uma coletânea de texto afro-tons de expressões artísticas de mulheres negras do Espírito Santo intitulado *De Zacimbas a Suelys* (2017), título que refere a "luta de Zacimba Gaba, a princesa angolana escravizada, que se tornou a líder do movimento de libertação de inúmeros trabalhadores e trabalhadoras escravizados no norte do Espírito Santo" (BISPO, 2017, p. 1).

As vozes dessas mulheres negras são inspirações de resistências, elas ecoam em mim e seus escritos fortalecem o meu viver cotidiano, para resistir e insistir para além de uma escrita acadêmica.

Por fim, as protagonistas da pesquisa, as mulheres congueiras do Espírito Santo. Mulheres que, com devoção, fé, memórias, re-existem nos cantos entoados, sustentando a vida e a força de uma prática cultural espalhada pelas terras capixabas.

6.2 Escutando as Marias: narrativas das mulheres no congo

Figura 28 - Mulher no congo em dia de apresentação da banda, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Figura 29 - Dançarinas da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

— Tenho orgulho de ser uma mulher do Congo, sou nascida e criada no Congo.

— Temos que lutar pela cultura do Congo, para nunca deixar morrer, é uma cultura forte e precisa ser valorizada.

— É um divertimento ser mulher do Congo. Quando a banda (de Congo) saí para se apresentar, a gente conhecer lugares diferentes. A gente viaja.

— Eu praticamente nasci no meio do Congo. Meus pais são do Congo, aí eu fui crescendo vendo aquela cultura e fui me interessando pela cultura do Congo. O Congo é passado de pai para filho.

— Vivo no Congo desde a época do meu pai, agora a família toda é da banda, meus irmãos, minhas irmãs, netos, filhos. Se saímos a banda acaba. A fé no Congo é ótima.

— É com muito orgulho que sou a primeira mulher Mestre de Congo.

— Mulheres do congo são guerreiras, unidas, lutadoras e muito fortes.

> *A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.*
>
> Conceição Evaristo (2017a, p.110)

Em 2014, Sandy Vasconcelos lançou o documentário *Mulheres do Congo*, produção que realizou em conjunto com a roteirista Sandra Temistocla. O curta-metragem procura não apenas dar visibilidade à presença forte e ativa das mulheres no congo, mas fazer isso a partir das próprias mulheres. Os pequenos fios das falas que abrem esse capítulo traduzem suas experiências e sentimentos, seu pertencimento e importância.

Mas para que possamos alcançar também a dimensão da luta esperançosa que Paulo Freire afirma quando nos diz que a esperança não é "um cruzar de braços e esperar" (FREIRE, 2014a, p. 114), é preciso adentrar mais nos cotidianos dessas mulheres e ouvi-las nos seus modos de habitar e praticar os cotidianos escolares e as lutas que aí se travam.

As narrativas das mulheres no Congo construídas aqui, porque não se limitam a descrever suas vidas, nos fazem pensar e problematizar como poderíamos produzir narrativas descolonizadas nos cotidianos escolares com as mulheres no Congo, de modo que, ao narrar, tornássemos mais potente a luta para descolonizar nosso pensamento. Cremos que essa problematização explicita o compromisso ético e político das narrativas ficcionais, uma vez que elas. [...] estão relacionadas não com momentos isolados ou atos particulares, mas com a sequência de atos e eventos", caracterizando-se "pela 'memória' disponível sobre os eventos e as suas repercussões, portanto estão próximas da ficção" (REIGOTA, 1999a, p. 79).

Assim, "As diferenças e proximidades entre a narrativa e a ficção delimitam formas de expressão do ser humano, presentes nas conversas do cotidiano, [...] (REIGOTA, 1999a, p. 81). É justamente por estarem próximas da ficção e imersas no quotidiano que se tornam disponíveis aos "esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam." (FREIRE, 2014a, p.5).

Reigota (1999a) comenta que as narrativas ficcionais, quando apresentadas nos espaços acadêmicos e literários, correm duplo risco: de não serem consideradas como material de validade científica nem apresentarem valor literário. No entanto a elaboração das narrativas ficcionais está relacionada com outros dois critérios: o compromisso ético e a pertinência temática, pois não basta falar *sobre* o quotidiano, é preciso falar a partir dele e com ele, do que nele se vivencia, das vozes e gestos que o povoam, das lutas que nele se travam, das resistências que nascem. Assim, inspirada na composição de Milton Nascimento e Fernando Brant (2004), gostaria de apresentar Maria, mulher no congo.

Figura 30 - Conversa com as mulheres da Banda de Congo Amores da Lua, 2016.

Foto: Soler Gonzalez. Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

Figura 31 - Princesa da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Muito prazer, Maria!

Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor, é a dose
mais forte e lenta.

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Maria é uma mulher negra de 40 anos, filha de mãe com traços indígenas e de pai negro. Sua mãe cuidou praticamente sozinha das três filhas e de um filho, pois o pouco que o pai semianalfabeto ganhava como pedreiro ou como encanador industrial era absorvido pelos bares e na vida mundana.

Maria faz de tudo um pouco, já trabalhou como faxineira, servente, diarista, cozinheira, merendeira, garçonete... Atualmente, trabalha como manicure e conhece bem os salões de beleza da cidade. Ela também atende na sua própria casa, e aos clientes em domicílio nas horas de "folga".

Maria é neta de mestre de congo, e desde menina participa do Carnaval de congo de máscaras, em Cariacica, junto com toda a família, amigas e amigos.

Aos domingos, ela passa o dia cuidando da casa e da família, restando pouco tempo para repousar do cansaço da semana. Lava a roupa, arruma a casa e prepara o almoço para seus filhos e filha. O cardápio de domingo: arroz, feijão, galinha ensopada com batatas, salada de alface com tomate e a banana frita que não pode faltar. As crianças ficam no quintal brincando, aguardando o almoço ficar pronto, só sentindo os cheiros e escutando os barulhos das panelas. Quando termina de cozinhar, Maria grita chamando todo mundo:

— Vem almoçar crianças, a comida está pronta.

Quando sobra um tempinho, ela prepara para a tarde de domingo canjica ou mingau de tapioca doce, para finalizar o fim de semana e começar tudo de novo na segunda-feira...

Figura 32 - Mestre, Rainha, Dançarina e princesa da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Maria em diferentes espaços de convivência

De uma gente que rí,
quando deve chorar e não vive,
apenas aguenta.

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Maria juntou dinheiro para participar de uma excursão a uma cachoeira em Santa Leopoldina. No centro da cidade, o ônibus parou e Maria avistou um banner com o rosto de uma mulher negra, também de nome Maria. "As faces de Maria" era o nome da exposição dedicada a essa outra Maria, mulher coveira, mestra de caxambu, parteira, benzedeira, divorciada que criou seus filhos sem a ajuda do pai das crianças. Maria se reconheceu nas faces e histórias de vida dessa outra Maria.

Apesar da correria dos cotidianos, ela continua a participar da banda de congo junto com os familiares e amigos, acompanhando a banda nas apresentações. Foi assim que Maria conheceu a Universidade Federal do Espírito Santo, ficando encantada com o lugar que, até então, só ouvia falar pela televisão. Na volta para casa, comentou com uma prima do congo:

— Engraçado, quase não vi negro naquele lugar, por que será? Um monte de gente branca. Será que um dia nossos filhos vão estudar ali?

Figura 33 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua no cotidiano escolar, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Maria e os cotidianos escolares

Mas é preciso ter força,
é preciso ter raça,
é preciso ter gana sempre.

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Maria tem dois filhos e uma filha de pais diferentes. O de 9 anos está no 5º ano na escola municipal da região, o outro de 16 anos está na escola estadual de ensino médio, e a pequena menina de 4 anos estuda na escola municipal de educação infantil do bairro.

A filha de Maria participa das Oficinas da banda de congo mirim da escola. A menina é dançarina. Dança de tudo, funk, arrocha e os hits do momento. O filho do meio também participa da banda de congo da escola, e o filho mais velho não gosta de congo porque tem vergonha de dizer que é neto de congueiro e porque alguns colegas da escola acham que congo é "macumba"... "Coisa de macumbeiro".

Maria tenta acompanhar as turbulências dos cotidianos escolares dos filhos e da filha. ...*Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria, mistura a dor e a alegria*... Maria, mulher do Congo, com suas geografias agitadas, re-existe às opressões e indiferenças cotidianas.

Na cena de *Maria* no cotidiano escolar, temos a oportunidade de problematizar o desprezo em relação às culturas de matriz africana; os preconceitos e as atitudes discriminatórias continuam habitando os cotidianos escolares.

Compartilho fios de narrativas tecidas com os sujeitos da história que habitam os cotidianos escolares e participaram de oficinas de Congo ministradas por um Mestre e por uma Mestra de Congo e por um artesão de Congo em um cotidiano de uma escola.

> *Para acontecer as oficinas de congo na escola, solicitamos autorização dos pais das crianças. As crianças que os pais não autorizaram a participação, pedimos que eles expliquem para seus filhos o porquê da não participação na atividade. Essas crianças no horário da oficina ficam em outra sala fazendo atividades.* (Depoimento de uma pedagoga, setembro, 2016).

— Só podemos cantar músicas que falam da natureza, da escola, coisas de crianças. Não podemos citar nenhum santo ou santa nas toadas, porque muitos pais são evangélicos.

> *Gosto muito dessa questão da cultura, sei que o congo tem origem no candomblé que veio lá da cultura africana. Respeito, mas também não deixaria meu filho participar das oficinas, sou evangélica. Mas, tenho muito interesse por essas coisas...* (Depoimento de uma pedagoga, setembro, 2016).

— Nós pedimos ao mestre que ensine músicas de crianças, não pode falar de santa. Deixa a santa para lá...

Figura 34 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua no cotidiano escolar, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 35 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Figura 36 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua no cotidiano escolar, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

6.3 Histórias do congo nos cotidianos escolares

Figura 37 - Mulheres no congo indo para uma apresentação da banda, 2016.

Foto: Maria Luiza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: Arquivo pessoal.

Penha

Ela, desde pequena, tinha um encantamento por instrumentos musicais e por músicas. Suas primeiras palavras foram cantadas. O amor pelas artes e técnicas de combinar sons, foi crescendo junto com a menina. E, quando chegou o momento de escolher o curso para inscrição no vestibular, logo pensou:

— Quero fazer música! E assim aconteceu.

Penha ingressou no curso de licenciatura de música em uma universidade federal de sua cidade. Com o passar dos meses, a menina, agora uma moça, conseguiu uma bolsa de estudos no Programa de Iniciação à Docência. Era um sonho antigo: ser professora, estar com as crianças na escola, aprender e ensinar músicas nos cotidianos escolares.

No primeiro dia de aula, ela conversou com as crianças, enquanto a professora regente de classe estava envolvida com seus planejamentos. Penha perguntou para elas quem gostava de música e sabia tocar algum instrumento musical. A pergunta deixou a sala eufórica. A jovem iniciante na docência recomendou que falassem um de cada vez. Era preciso escutar com paciência e atenção cada colega. Foi então que João, um menino sorridente e comunicativo, levantou a mão e disse, orgulhosamente:

— Eu toco casaca com meu pai que é do congo!

No mesmo instante, alguns colegas da sala de aula começaram a gritar:

— João, congo é coisa de macumba! João é macumbeiro!

Com a situação, Penha ficou com as palavras presas no peito. A professora pediu que as crianças parassem de gritar e falar besteiras e recomendou que Penha continuasse com a atividade, e ela continuou com um nó na garganta.

Após o término da aula, foi embora para casa pensativa.

No dia seguinte, Penha foi para a universidade participar da aula da disciplina de didática, e, em uma roda de conversa onde discutiam as práticas pedagógicas com base no livro Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, ela narrou a situação para seus colegas da turma e professora.

Enquanto isso, João – menino negro, filho e neto de congueiros que vivem em uma comunidade onde a banda de congo existe há mais de cem anos –,

depois do ocorrido na sala de aula, passou a se sentir envergonhado de participar do congo e de falar com os colegas de sala sobre o assunto.

O resto é silêncio.

Figura 38 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Conceição

O dia amanheceu com céu azul e sol quente. Conceição acordou alegre ao ver a vista da janela do quarto de dormir. O dia de verão seria comprido e intenso. Conceição cursa mestrado em educação na universidade federal na cidade onde mora.

Chegou o dia tão esperado. Dia de visitar e acompanhar algumas práticas pedagógicas realizadas em uma escola do campo na região metropolitana. Ela estava ansiosa para conhecer o cotidiano escolar de crianças que estudam distante da cidade. A escola fica a 40 quilômetros da capital, há 500 metros de altitude do nível do mar. Território que, nos séculos passados, foi habitado por indígenas, negros e negras escravizados. Ali havia remanescentes de quilombos.

Conceição chegou à escola e avistou um cenário cinematográfico, e percebeu que as crianças participavam de uma atividade envolvendo a arte do cinema. Curiosa, se dirigiu à primeira pessoa que encontrou pela frente. Era Antonio, um dos vigias da escola que a noite atuava como pastor de uma igreja evangélica. O filho de Antonio estudava na escola. Conceição, sem medir as palavras, com ansiosa curiosidade, perguntou:

— O que eles estão fazendo? O que está acontecendo?

Antonio respondeu, prontamente com firmeza, e, sem respiro:

— Sou pastor e não gosto dessas coisas aí. Meu filho estuda aqui e também não gosta. Aqui onde a gente mora tem esse tal de congo, por isso esse pessoal está aqui fazendo um filme de congo, que parece macumba, coisa demoníaca!

Conceição ouviu com um sorriso amarelo e pálido. Depois, foi na sutileza conversar com as pessoas da escola, e descobriu, por acaso, quem era o filho do vigia-pastor. Para sua surpresa, o menino Luan, conforme lhe disseram, teve uma intensa participação nas atividades com o congo. Os sons dos tambores haviam encantado o menino. Luan ficou amigo dos tambores, escapando dos equívocos que atravessam o congo nos cotidianos escolares.

* * *

Figura 39 - Estandarte da Banda de Congo Amores da Lua, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

Ana

No céu retumbavam trovões. Parecia que o céu ia despencar sobre a cidade. O corpo de Ana começava a tremer junto com os sons que vinham do céu. Ela ainda tinha um bom caminho para chegar em casa. As preocupações ecoavam em seus ouvidos. É que quando chove a casa de Ana alaga. Ela é estudante do curso de pedagogia de uma faculdade particular. Naquele dia, na aula, a professora havia apresentado um trabalho sobre congo na escola. Mas os trovões faziam o corpo de Ana tremer e roubavam sua atenção. Por causa da chuva, a professora termina a aula antes do esperado. 21h45. Ana corre para o ponto, precisa pegar um ônibus até o terminal e depois outro para seu bairro, e depois andar quase um quilometro até sua casa. Passava das 23h30 quando ele finalmente conseguiu chegar.

Ana acorda, quase todos os dias, antes do arrebol dos passarinhos, às 4h30 da matina. Ela precisa chegar às 7h no estágio remunerado, fruto de um convenio com a secretaria de educação do município onde vive. Ela resiste, com a pele negra, e luta para sobreviver. A sineta toca e ela escuta os sons dos cotidianos escolares e entende a força do silêncio.

Chega na sala das professoras e encontra com a pedagoga tomando café. Recorda-se da aula que teve na noite anterior e puxa uma conversa com a pedagoga.

— Ontem conheci o congo em uma aula lá na faculdade, descobri que aqui perto tem uma banda de congo, aí pensei: como estamos escolhendo o tema para nosso projeto de estudo, podemos estudar o congo...

A pedagoga desconversa e muda de assunto, e ela insiste.

— O que você acha de estudarmos o congo?

Com a insistência de Ana, a pedagoga responde:

— Você querendo estudar congo. Tantas coisas para estudar. Sou evangélica e não tenho preconceito, até gosto dessas coisas de cultura africana, mas não autorizaria meu filho a participar de um projeto como este na escola.

A ausência das palavras tomou conta da sala das professoras. Ana ouviu um silêncio ensurdecedor. O congo foi silenciado, mais uma vez, pelos enganos que habitam os cotidianos escolares.

Figura 40 - Estandarte da Banda de Congo Amores da Lua, 2016.

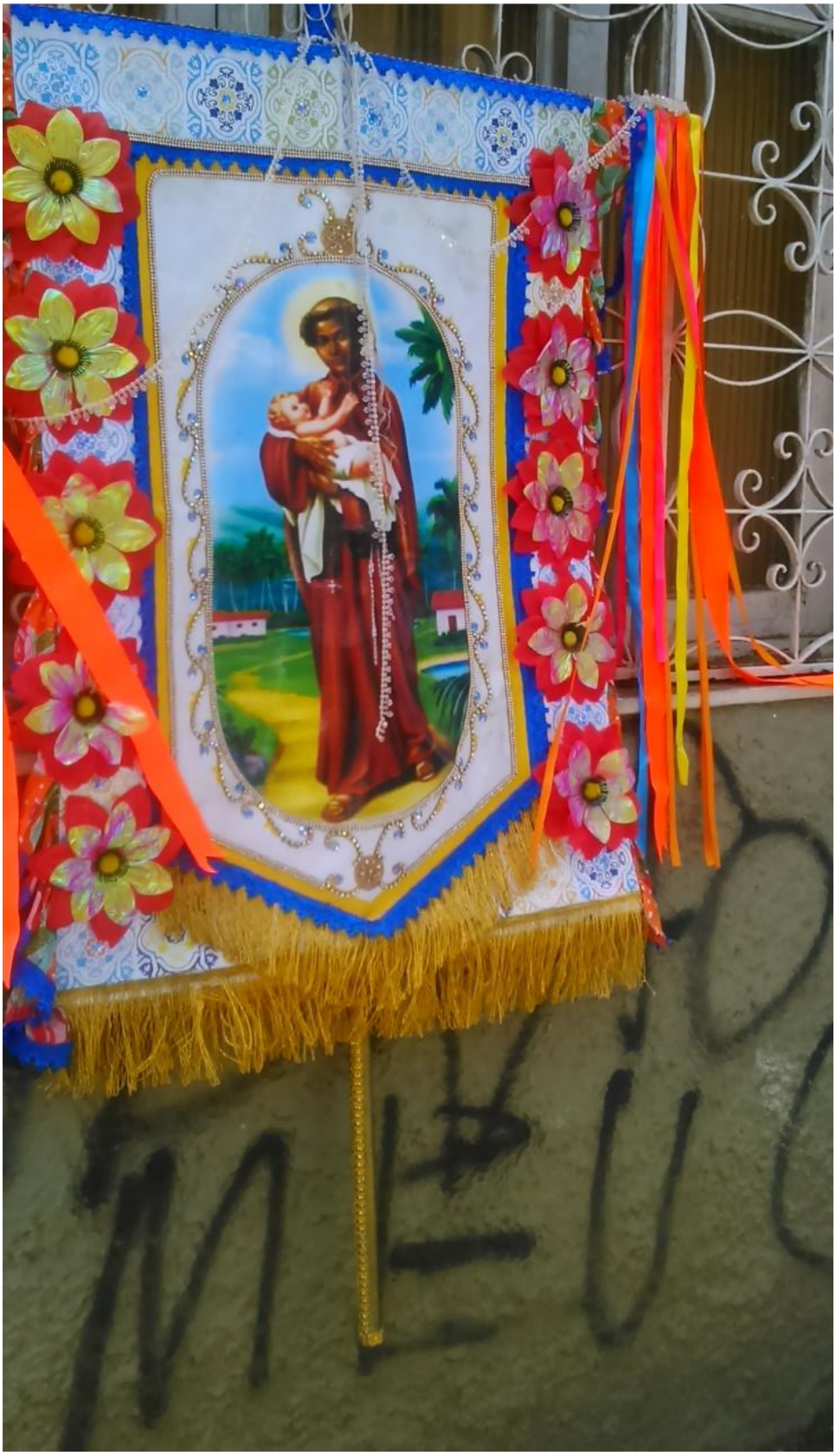


Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

Rosa

O dia amanheceu com um dilúvio. Chovia sem parar. Rosa acordou animada. Na noite anterior, realizou atividades com as crianças na escola dominical da igreja evangélica da qual participa. Acordou com o forte som da chuva sobre os vidros da janela do seu quarto. Parece que as águas, que não fecharam o mês de março, resolveram cair em meados de abril. Ao sair de casa, Rosa deparou-se com a rua alagada. Resolveu voltar e aguardar a chuva passar, o que não aconteceu: a chuva continuou firme e forte. Uma hora mais tarde veio a estiagem e Rosa, que é estudante do curso de licenciatura em Pedagogia, pegou a bicicleta e foi para aula na universidade. À tarde, depois de almoçar no restaurante universitário, seguiu para o estágio, na escola de educação infantil, com crianças de quatro anos.

Quando ela chegou na escola as crianças estavam eufóricas. Era dia de oficina de congo. Todas as segundas e quartas-feiras, João, o mestre de congo, junto com a Dona Neuza, mulher do congo e cantadeira, e o Marcos, artesão de instrumentos e instrutor, realizam oficinas de congo com as crianças. Mestre João, Dona Neuza e Marcos, ensinam as crianças a cantar, tocar e dançar o congo. Essas oficinas chegaram à escola a partir de um projeto em parceria com a Secretaria do Estado de Cultura e a banda de congo da região. Rosa participa com encantamento das oficinas junto com as crianças.

Enquanto dançava congo com as crianças, uma outra estagiária, recém-contratada, olhou com espanto para ela, e, quando terminou a oficina, foi perguntar para Rosa:

— Você é evangélica e gosta dessas coisas de congo? Seu pastor deixa você participar dessas atividades?

Rosa respondeu com firmeza e um brilho alegre no olhar:

— Menina, o congo é da cultura capixaba. Conheci o congo há pouco tempo, por meio de uma professora lá da universidade. Antes, eu achava mesmo que congo era coisa de macumba, mas depois vi que não era, quando estudei as histórias do congo, conheci as pessoas. Depois disso conversei com meu pastor e expliquei para ele, e ele entendeu e respeitou nossa cultura capixaba.

Figura 41 – Participação da Banda de Congo Amores da Lua em gravação de vídeo clip de cantor pop, 2018.

Foto: Maria Luiza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

Dalva

Dalva iniciou o ano a todo vapor. Eram muitas mudanças em sua vida: casamento, casa, emprego. Estava feliz da vida com tantas possibilidades. Ela acaba de ser efetivada na rede pública de ensino e vai atuar como professora, de crianças de 6 anos, em uma escola de educação básica.

É início de um ano letivo e com muitos desafios por vir. Primeira reunião de professores e professoras com a equipe pedagógica. As formalidades tomam conta do momento. Cada um se apresenta. Até que chega um momento das escolhas de tema e projetos de estudos. Depois de muitas explanações, Dalva sugere:

— Que tal estudarmos a cultura capixaba? Tem congo, panela de barro, lendas...

Uma pedagoga diz:

— Que ótimo! Podemos convidar uma banda de congo para se apresentar aqui na escola.

A outra professora comenta:

— Além da apresentação, convidar o mestre de congo para uma roda de conversa com as crianças para contar suas histórias.

A professora de artes aproveita o embalo e diz:

— Um dia desses, assisti a um filme de cinema de animação, produzido por crianças de escola do campo, chamado Amor Mascarado e que conta um pouco do congo de máscaras. Eu posso ajudar na produção de máscaras de congo com a técnica de papietagem.

E as ideias continuavam ecoando. Dalva então disse:

— Gente, quantas boas ideias... agora é conversar com as crianças e colocar em prática a cultura do congo capixaba nos cotidianos escolares.

A reunião continuou e a conversa só foi esquentando. E assim, nesses embalos e toadas, as crianças estudaram o congo, conheceram o som das casacas, dos tambores, produziram máscaras de congo, com a ajuda do mestre, decoraram, pintaram, e, no dia da mostra cultural da escola, a banda se apresentou junto, com as crianças, e toda a comunidade escolar, participou com alegria.

Figura 42 – Preparação da Banda de Congo Amores da Lua, para participar de uma gravação de vídeo clip de cantor pop, 2018.

Foto: Maria Luiza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

Ivone

Ivone é da terceira geração de uma família de congueiras e congueiros. É pedagoga e atua como professora efetiva de uma escola da rede pública municipal. Desde de 2003 trabalha com o projeto congo na escola. Ivone é professora e mulher do congo, que mesmo com as resistências, inseriu o congo nos cotidianos escolares.

Ivone, frequentemente, acorda bem cedo, para fazer caminhadas nas areias da praia, recebendo os ares das brisas marinhas. O dia fica mais alegre quando Ivone pratica exercícios físicos. A manhã voa... Logo, Ivone está com as panelas no fogo. É hora do almoço. A tarde tem apresentação da banda de congo mirim em uma escola do bairro vizinho.

Ivone, chega na escola em que trabalha, e encontra com um grupo de crianças que participam da banda de congo mirim. Ivone acolhe as meninas e meninos com carinho, e diz:

— Vamos organizar nossa saída. Vocês precisam vestir os uniformes e preparar os instrumentos do congo.

Um menino grita de longe:

— D. Ivone, vocês vão para onde?

— Menino, hoje é dia de Mostra Cultural na escola da barra e vamos fazer uma apresentação por lá.

Depois de toda preparação, o ônibus da prefeitura, chega para buscar a banda de congo mirim.

O ônibus chega na escola, e antes das crianças saírem do transporte, Ivone, faz as pequenas orientações. As crianças saem do veículo e ao entrarem no pátio da escola, um grupo de crianças gritam:

— Chegou os macumbeiros! Macumbeiros com tambores! Olha a roupa deles!

Ivone, ouvindo aquelas preconceituosas palavras, respirou fundo e se fortaleceu. As crianças se sentiram envergonhadas, abaixaram as cabeças e continuaram a caminhar. Com essa situação concreta, de depreciação do congo

nos cotidianos escolares, Ivone, diante das crianças da banda de congo, imitiu palavras de acolhimento com doçura, depois desta cena e pensou:

— Essa é a oportunidade que eu precisava!

Assim, Ivone organizou a banda de congo mirim para iniciar a apresentação no pátio da escola. Só que antes de iniciar, Ivone, pediu o microfone a professora responsável pela atividade e começou a falar...

Ivone aproveitou essa situação concreta, em que a prática do congo nos cotidianos escolares é depreciada e seus praticantes são desprezados, para conversar com as crianças sobre, o que é o congo, a história do congo, o congo como cultura capixaba, os significados dos tambores e das casacas...

E com esses deslocamentos Ivone 'tentou' dissolver os leves enganos que rodeiam as práticas do congo e seus praticantes nos cotidianos escolares...Depois desse momento, a alegria do congo, ecoou por toda comunidade escolar...

Figura 43 – Participação da Banda de Congo Amores da Lua em gravação de vídeo clip de cantor pop, 2018.

Foto: Maria Luiza Teixeira Ramos. Fonte: Andreia Teixeira Ramos

Marco

Mestre Marco é filho de mestre de congo da quarta geração de uma família de mestres de banda de congo. Junto com seu pai, comanda a banda de congo, que no século passado foi conduzida por seus bisavós e avós.

Marco é zeloso com a organização da banda. Cuida com todo carinho dos instrumentos, barco, mastro e estandartes de congo. Em dia de apresentação, prepara de modo minucioso, amorosamente, cada mulher do congo, na sede da banda, que é no terraço de sua própria casa. Tudo bem colorido e enfeitado. Brincos, colares, pulseiras, anéis, vestidos de renda, estandartes, bandeiras, adereços para o cabelo e maquiagens. Tudo em louvor ao Santo Protetor, São Benedito.

Enquanto, Marco, arruma as mulheres, que são rainhas, princesas, cantadeiras e dançarinas do congo, os homens, e algumas mulheres que tocam tambores, aguardam, para depois receberem os uniformes personalizados, composto de calça, camisa, tênis, chapéu ou boné. A banda possui várias vestimentas, que são usadas de acordo com cada ocasião.

Além do calendário dos rituais de devoção a São Benedito, São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Penha, a banda de congo, quando é convidada, se apresenta em diferentes espaços de convivências e nos cotidianos escolares.

Os convites se tornam frequentes no mês de novembro, por causa da comemoração do dia da consciência negra. A banda de congo se apresenta em várias escolas públicas e particulares da região. Antes de iniciar a o cortejo de apresentação nos cotidianos escolares, o mestre conta as histórias do congo e narra:

— O congo começou em 1862 no município da Serra, quando houve o naufrágio do navio negreiro, vindo da África, nas águas do Espírito Santo, com tripulantes que se agarraram no mastro. E naquela aflição de mar revolto, rezaram ao Santo protetor, São Benedito, e foram salvos. Chegando em terras, eles pegaram o mastro, pintaram de carvão a imagem de São Benedito em um pano branco, estenderam a bandeira com a pintura de São Benedito no mastro, em forma de agradecimento, por ter salvado a vida deles.

Com essas palavras que atravessam gerações de congueiros e congueiras das terras capixabas, o apito do mestre, e os sons da cuíca, do bumbo, da caixa, do triangulo, dos tambores e casacas do congo, com os embalos das toadas, adentram os cotidianos escolares, desfazendo os leves enganos.

***

Figura 44 - Menino da Banda de Congo Amores da Lua tocando casaca, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Gabriel

Gabriel acorda sonolento. É o fim das férias escolares. O ano letivo está começando. Ele passou para o sétimo ano de uma escola da rede pública de ensino. Dúvidas habitam seus pensamentos. O que iria aprender? E quem seriam seus novos amigos e amigas? E os amigos e amigas do ano passado? Muitas novidades pelos ar...

Gabriel participa da banda de congo desde bem pequeno. Toca tambor e casaca. Sua mãe é princesa, dançarina e cantadeira da banda de congo.

Gabriel chega na escola e vai logo procurar os amigos e amigas da turma. Primeiro dia de aula. Aula de História. A professora se apresenta para a turma e solicita, que cada um escreva, um breve texto contando um pouco de sua história. Quem sou eu? O que gosto de fazer? O silêncio tomou conta da sala...

— O que escrever? Gabriel pensou. Gabriel pegou seu lápis e começou a rascunhar linhas com sua história de vida.

A professora pede que cada um leia a sua história, como modo de apresentação. Gabriel, escutou, atentamente, as histórias dos colegas da sala, até que se sentiu confortável para ler a sua própria história. E assim fez.

— Me chamo Gabriel, tenho 13 anos, participo da banda de congo. Toco tambor e casaca. Minha mãe e meu pai são do congo também. Não conheci meu avô e minha avó, que também eram do congo. Só por fotos. Gosto do congo. O congo é minha vida.

Quando Gabriel terminou de ler sua história, uma criança falou.

— Congo é macumba!

E Gabriel, no mesmo instante, respondeu com firmeza:

— Congo não é coisa de macumba. Somos devotos de São Benedito e Nossa Senhora. Temos fé. Um dia vou trazer a banda de congo aqui para tocar para vocês verem que não é macumba.

A professora de História aproveitou a situação concreta e disse:

— Que bom que surgiu esse assunto aqui. Quando eu era estudante na universidade, tive um professor de História, chamado Cleber Maciel, que pesquisou e escreveu um livro sobre os Negros no Espírito Santo. Nesse livro esse professor esclarece que a palavra macumba significa tambor, do tipo atabaque. Depois, o termo macumba passou a indicar também os grupos de

africanos que se reuniam para conversar, dançar ou cantar, geralmente sob uma árvore e, na maioria das vezes, acompanhados desse tipo de tambor.

Depois desse esclarecimento, a professora sugere que para a turma pesquise sobre a história do congo capixaba. E assim, Gabriel se sentiu acolhido, diante do desprezo do colega em relação a prática do congo.

***

Figura 45 – Preparação da Banda de Congo Amores da Lua, para participar de uma gravação de vídeo clip de cantor pop, 2018.

Foto: Maria Luiza Teixeira Ramos. Fonte: Andreia Teixeira Ramos

Paulo

Paulo é professor de história, desde a graduação em licenciatura em história cursada em uma universidade pública federal, participa e desenvolve projetos de educação ambiental com as escolas na região onde mora. Paulo vive em um bairro próximo a áreas de preservação ambiental e de reservas naturais.

A comunidade onde Paulo mora possui uma forte comunidade de pescadores e de congueiros e congueiras. Paulo, se envolve, alegremente, com a comunidade e com as atividades coletivas dos movimentos culturais do local.

Paulo é professor efetivo da rede pública municipal e trabalha há um bom tempo em uma escola de ensino fundamental que fica perto do território onde ele mora. Certa vez, o docente participou de uma reunião em sua escola, organizada pela diretora, em parceria com uma empresa multinacional, neste dia a pedagoga da empresa, foi apresentar propostas de Projetos de Educação Ambiental nos cotidianos escolares, que acontecessem em diálogo com as realidades da comunidade. Por causa, de seu ativismo com as questões ambientais-culturais, ele foi indicado para ajudar pensar nas propostas com a escola e crianças. Como território onde a escola se situa existem bandas de congo, ele sugeriu que o Projeto de educação ambiental tivesse como estudo o congo capixaba. A proposta foi aceita pela equipe de professores/as e assim foi iniciado o Projeto O congo na escola. Projeto que teria como culminância uma Mostra cultural, envolvendo toda comunidade escolar.

Paulo organizou junto com a pedagoga da empresa, professores/as, coordenadores/as, estagiários, pedagogas, e diretora, os momentos, etapas e atividades que seriam desenvolvidas com o projeto. Como a empresa disponibilizou uma verba para a escola concretamente materializar as ações do projeto, ele propôs a comprar de instrumentos de congo para a formação de uma banda de congo mirim na escola. A proposta foi bem aceita.

Assim, o professor convidou o mestre de congo, que também é artesão, para ministrar oficinas de congo na escola, além de oficinas de confecção de casacas, juntamente com as crianças interessadas na atividade. Paulo circulou todas as salas de aula explicando a proposta do projeto e convidando as crianças para participarem da banda de congo mirim da escola.

O projeto envolveu toda a escola, cada professora e professor escolheu junto com sua turma, o que iriam trabalhar sobre o congo. Confecção de cartazes som imagens e fotografias do congo, livrinhos com as histórias do congo, exposição com os instrumentos do congo, painéis com as letras das toadas de congo, etc. O congo adentrou os cotidianos escolares. Enquanto isso, Paulo, juntamente, com o mestre de congo, ensaiaram as crianças interessadas em

participar da banda de congo mirim. Interessadas e com devida autorização por escrito das famílias.

A banda de congo da escola, ensaia três vezes por semana na quadra da escola e em alguns ensaios, fazia cortejo pelo pátio da escola, cantando, tocando e dançando congo. Era uma alegria só!

E quando se aproximou o dia da apresentação, Paulo, a ajuda de alguns professores/as, começou a preparar, junto as algumas mães costureiras da comunidade, o uniforme da banda de congo mirim. Saia de chita bem rodadas e camisas decoradas com flores de chitas. Um detalhe, que não detalhe, é que as integrantes da banda de congo mirim, em grande maioria, eram meninas...mas, isso, fica para outra história...

Assim, a banda de congo mirim se apresentou no dia da Mostra cultural, no dia da Consciência negra e em outros dias comuns para alegrar os cotidianos escolares com os sons do congo da alegria...O congo da alegria chegou e ficou no coração das crianças que habitavam... Em mesmo com os leves enganos sobre as práticas do congo, Paulo, exercitou a conquista, juntos com os estudantes, da cidadania, da dignidade e da alegria de viver.

Figura 46 – Preparação da Banda de Congo Amores da Lua, para participar de uma gravação de vídeo clip de cantor pop, 2018.

Foto: Maria Luiza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

6.4 Considerações sobre as narrativas do congo nos cotidianos escolares

Nas situações concretas aqui narradas, a forma como os praticantes do congo são chamados por alguns colegas de sala de aula, e como o congo é designado pelos professores e professoras, depreciam não apenas seus praticantes, mas o próprio congo como prática cultural capixaba secular.

Essa depreciação não é de hoje, razão pela qual o congo é compreendido como uma prática de resistência de herança africana, a qual foi mantida ao longo de gerações pelos esforços de grupos que viveram e vivem às margens da sociedade. Assim, na atualidade, estes grupos e suas práticas seguem sendo invisibilizados pelas "forças colonizadoras e poderosas do patriarcado capitalista" (HOOKS, 2013, p. 13), que reprimem as práticas culturais do então *colonizado,* uma vez que, como lembra Paulo Freire em *Cartas à Guiné-Bissau*, "cultura só a dos colonizadores" (FREIRE, 2011, p. 25).

> A história dos colonizado *começava* com a chegada dos colonizadores, com sua presença *civilizatória*; a cultura dos colonizados, expressão de sua forma bárbara de compreender o mundo. [...]. *A música dos colonizados, seu ritmo, sua dança, seus bailes, a ligeireza de movimentos de seu corpo, sua criatividade em geral, nada disto tinha valor*. Tudo isto, quase sempre, tinha de ser reprimido e, em seu lugar, imposto o gosto da Metrópole, no fundo o gosto, das classes dominantes metropolitanas. (FREIRE, 2011, p. 25-26, grifo nosso).

Desse modo, como sinaliza Paulo Freire (2011, p. 26), é preciso assumir um processo de *descolonização das mentes* e exercitar uma transformação radical do sistema educacional herdado do colonizador. Transformação radical, mesmo que iniciada timidamente, com o *diálogo amoroso* (FREIRE, 2014) nos *microlugares* (SPINK, 2008) que perfazem os cotidianos.

Prosseguindo nesta conversa, bell hooks (2013) nos traz pistas para exercitarmos-renovarmos os compromissos com processos políticos descolonizadores, para, assim, praticarmos uma pedagogia libertária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial (hooks, 2013, p. 11). Uma pedagogia de caráter ético e político (FREIRE, 2009) "que estimule a solidariedade social e não o individualismo, baseada na ajuda mútua" (FREIRE, 2011, p. 66), e que rejeite qualquer tipo de discriminação presente nos cotidianos

escolares, bem como em outros espaços de convivência, tanto em relação às práticas quanto aos praticantes do congo. Uma pedagogia inseparável de uma educação como prática de liberdade.

Nesse contexto, os aspectos que Paulo Freire (2009) aborda em *Pedagogia da Autonomia* nos são muito valiosos, especialmente quando afirma que "ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação" (FREIRE, 2009, p. 35). Nessa afirmação, encontramos amparo para rejeitar atitudes preconceituosas como a de Antônio quando diz: — *Sou pastor e não gosto dessas coisas aí. Meu filho estudo aqui e também não gosta. Aqui onde a gente mora tem esse tal de congo, por isso, esse pessoal está aqui fazendo um filme de congo, que parece macumba, coisa demoníaca!* Ou mesmo a dos colegas de João quando o chamam de macumbeiro.

Nas palavras de Paulo Freire (2009, p. 36, grifo nosso),

> *A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.* Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não tem alma. Negros não rezam. Com sua negritude sujam a branquitude das orações....

Desta maneira, Freire deixa bem claro que a prática discriminatória é uma negação radical da democracia, por esse motivo a educação como prática de liberdade exige o enfrentamento e a recusa de qualquer forma de discriminação, fazendo dela mesma, nos momentos em que acontece, a oportunidade para a reflexão crítica. Como narrou uma professora de história quando os estudantes gritaram em uma de suas aulas que congo é coisa de macumba:

— *Que bom que surgiu esse assunto de macumba por aqui na sala de aula. Quando eu era estudante na universidade, tive um professor de História, chamado Cleber Maciel, que pesquisou e escreveu um livro sobre os Negros no Espírito Santo. Nesse livro, esse professor esclarece que a palavra macumba significa tambor, do tipo atabaque. Depois, o termo macumba passou a indicar também os grupos de africanos que se reuniam para conversar, dançar ou*

cantar, geralmente sob uma árvore e, na maioria das vezes, acompanhados desse tipo de tambor.

A importância da fala da professora está em desfazer o senso comum recuperando o sentido primeiro de uma palavra que o colonizador converteu em xingamento, em manifestação de desprezo. Práticas como esta exercitada pela professora possibilitam aos estudantes uma compreensão não apenas das histórias do congo capixaba, mas da cultura da qual o congo é herdeiro, respeitando-o como uma sua expressão e não como folclore estático de povo colonizado e inferior. Como nos diz Paulo Freire (2011, p. 53), “Os colonizados não tinham cultura, antes da chegado do colonizador... [...]. A arte do colonizado é folclore, a arte do colonizador é cultura”.

Assim, é necessário afirmar de saída que o congo é uma arte, uma prática cultural de devoção e resistência que nos aproxima de nossa própria história como povo colonizado/colonizador. Conforme narrou um mestre de congo em uma escola, quando a convite foi fazer uma apresentação com a banda:

— O congo começou em 1862 no município da Serra, quando houve o naufrágio do navio negreiro, vindo da África, nas águas do Espírito Santo, com tripulantes que se agarraram no mastro. E naquela aflição de mar revolto, rezaram ao Santo protetor, São Benedito, e foram salvos. Chegando à terra, eles pegaram o mastro, pintaram de carvão a imagem de São Benedito em um pano branco, e estenderam a bandeira com a pintura de São Benedito no mastro, em forma de agradecimento por ter salvo a vida deles.

Com essa narrativa, somos deslocados para o continente africano. Nita Freire, no prefácio do livro que Paulo Freire escreveu com Sergio Guimarães, *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, escreve que a África é o continente que fazia Paulo nutrir a ilusão de que voltava para casa...

> Na África, a palavra é também para ser *vista*, envolvida no gesto necessário. Nenhum, como de modo geral ocorre na África, com exceção dos intelectuais que, *desafricanizados*, negam suas raízes, revelou medo ou vergonha de usar seu corpo, no processo de sua expressividade. E enquanto os via e os ouvia falando com a força de suas metáforas e ligeireza de movimentos de seus corpos, *pensava nas inúmeras possibilidades que se abrem, com essas fontes africanas, a uma educação libertadora* (FREIRE, 2011, p. 95, grifo nosso).

Nesse contexto, o congo, em diálogo com Paulo Freire, nos faz ver

> [...] a presença predatória do colonizador, seu incontido gosto de sobrepor-se, não apenas ao espaço físico, mas ao histórico e cultural dos invadidos, seu mandonismo, seu poder avassalador sobre as terras e as gentes, sua incontida ambição de destruir a identidade cultural dos nacionais, considerados inferiores (FREIRE, 2014, p. 83).

Ao mesmo tempo em que afirma a luta de resistência que há 500 anos vem sendo travada contra a discriminação e a sujeição. Seria preciso,

> [...] homenagear a coragem, a rebeldia, a decisão de brigar, a bravura, a capacidade de lutar contra o invasor; a paixão pela liberdade, de índios e índias, de negros e negras, de brancos e brancas..., que tiveram seus corpos rasgados, seus sonhos despedaçados, suas vidas roubadas. Seus gestos de rebeldia se repetem hoje na luta dos *sem-terra,* dos *sem-escola*, dos *sem-casa,* dos favelados; na luta contra a discriminação racial, contra a discriminação de classe, de sexo. Eu comemoro não a invasão, mas a rebelião contra a invasão (FREIRE, 2014, p. 84).

Essas lutas se manifestam nos gestos e falas de Ana, de Conceição, de Rosa e Dalva..., fazendo dos cotidianos escolares espaçotempo de reflexão, criação e resistência, em que o congo continua resistindo.

> No fundo, as resistências — a orgânica e/ou a cultural — são *manhas* necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos. O sincretismo religioso afro-brasileiro expressa a resistência ou a *manha* com que a cultura africana escrava se defendia do poder hegemônico do colonizador branco. (FREIRE, 2014, p. 91)

Ainda que mudar seja difícil, é possível. Nesse sentido, descolonizar as mentes é um desafio cotidiano que se vence nas brechas e caminhos abertos por pessoas como Rosa, sendo este o meio para, com persistência, desfazer os preconceitos e a discriminação em relação à prática do congo nos cotidianos escolares e em outros espaços de convivência.

No entanto, se em algumas escolas a prática do congo esbarra no preconceito e no desconhecimento, em outras ela é muito bem-vinda, como aconteceu na escola de Dalva, uma professora recém-formada que, em uma

reunião de planejamento, sugeriu um projeto de congo, ideia acolhida e aceita pela comunidade escolar que participou de sua elaboração. Depois de muitas ideias proliferadas nas conversas, Dalva disse — *Gente, quantas boas ideias... agora é conversar com as crianças e colocar em prática a cultura do congo capixaba nos cotidianos escolares.*

Desse modo, as práticas pedagógicas preparadas no coletivo, em que a gestão da escola se faz com o "diretor, professores/as efetivos e professores/as estagiários, com igual participação". (FREIRE, 2011, p. 89), são práticas de uma educação para a liberdade. E com embalos e toadas, as crianças da escola onde Dalva trabalha estudaram o congo, conheceram o som das casacas, dos tambores, produziram máscaras de congo e, com a ajuda do mestre, decoraram e pintaram. No dia da mostra cultural da escola, a banda de congo se apresentou junto com as crianças, e toda a comunidade escolar participou com alegria.

Diferente da experiência da professora Ivone, que também é mulher do congo, que com paciência pedagógica ouviu palavras discriminatórias quando chegou a uma escola com as crianças da banda de congo mirim que coordena, para realizar uma apresentação na quadra de esportes da escola. Ivone percebeu que "a melhor maneira de fazer amanhã o impossível de hoje, é realizar hoje o possível de hoje" (FREIRE, 2011, p. 99). E assim ela fez.

Quando o ônibus chegou à escola para apresentação, as crianças, ao entrarem no pátio, foram recebidas aos gritos por um grupo de crianças:

— *Chegou os macumbeiros! Macumbeiros com tambores! Olha a roupa deles!*

Ivone respirou fundo e se fortaleceu. As crianças se sentiram envergonhadas, abaixaram a cabeça e continuaram a caminhar. Com essa situação concreta de depreciação do congo e de seus praticantes nos cotidianos escolares, Ivone, diante das crianças da banda de congo, proferiu palavras de acolhimento com doçura, e pensou: — *Essa é a oportunidade que eu precisava!*

Aproveitando-se dessa situação concreta, conversou com as crianças sobre o que é o congo, sua história e sua importância como cultura capixaba, os significados dos tambores e das casacas.

Ivone leu os mundos dos grupos com os quais ela trabalha, valorizando seus saberes de experiência...

> Sua explicação do mundo de que faz parte a compressão de sua própria presença no mundo. E isso tudo explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo *leitura de mundo* que precede sempre a *leitura da palavra*. (FREIRE, 2014, p. 94).

Essa atitude de Ivone traduz as múltiplas possibilidades de criar experiências que possibilitem a conquista da cidadania, da dignidade e da autoestima dos estudantes...

> Nós que nos envolvemos com a educação em geral e com a educação ambiental em particular, estamos sendo constantemente desafiados pela barbárie, pela estupidez, pelo cinismo e pela arrogância, e se não temos nenhuma certeza sobre os resultados efetivos e concretos do nosso trabalho, sabemos que sem ele as possibilidades de conquistarmos uma vida digna neste planeta se reduzirão consideravelmente; temos como avaliação disto a enorme alegria que o nosso trabalho nos proporciona quando vemos nossos alunos aprendendo, discutindo, indagando, questionando*, indo à luta*, conquistando a cidadania, a dignidade e a autoestima. (REIGOTA, 2001, p. 15).

Ivone, assim como Rosa, Ana e tantas outras e outros, abre pequenos caminhos e brechas para desfazer as práticas discriminatórias que atravessam os cotidianos escolares e outros espaços de convivência sobre o congo.

A partir dessas narrativas problematizamos nas brechas, entre o dizer e o fazer, as narrativas das mulheres no Congo como práticas de re-existências ecologistas, e os desconfortos e ruídos provocados com a presença do Congo nos cotidianos escolares. Para problematizar essas narrativas, recorremos mais uma vez aos escritos do professor Cleber Maciel (2016) que afirma que parece que:

> Os estudiosos sempre estiveram mal informados sobre as práticas culturais e sobretudo acerca das religiões de tempos atrás. Poucos foram os centros irradiadores de cultos que persistiram até os dias atuais, pois a escravidão não permitia. Houve assim uma proliferação caótica de cultos, ou fragmentos de cultos, que nasciam e logo desapareciam ou então eram substituídos por outros, à medida que chegavam novos grupos africanos. (MACIEL, 2016, p. 120).

Maciel (2016) nos orienta ainda que, no Brasil, em termos religiosos, as práticas dos negros sempre foram vistas pelos racistas mais como feitiçarias e magias do que como religião, que no entendimento dos colonizadores

correspondia apenas as suas próprias práticas, tidas como verdadeiras, para a realização do bem e salvação das almas.

Assim, o autor esclarece que a palavra Macumba significa tambor, do tipo atabaque. Depois, passou a indicar também os grupos de africanos que se reuniam para conversar, dançar ou cantar, geralmente sob uma árvore e, na maioria das vezes, acompanhados desse tipo de tambor.

> Durante a escravidão, os senhores, além de não entenderem as culturas africanas, também as desprezavam e, portanto, não conseguiam perceber diferenças entre as várias manifestações dos escravos, já que em todas elas havia cantos, danças e toques de tambores específicos que podiam significar alegria ou tristeza, comemoração ou protesto, culto religioso ou festa profana. Dessa forma, para os senhores, todas as reuniões de negros que continham danças, cantos e atabaques passaram a ser chamados de Macumba, Pagode, Samba ou Batuque. O uso da palavra Macumba espalhou-se pelo Rio de Janeiro como sinônimo das práticas religiosas dos negros porque eram as mais comuns e constantemente percebidas. Finalmente, os próprios descendentes dos africanos também passaram a identificar as religiões afro-brasileiras como Macumba e seus praticantes como macumbeiros. Entretanto, ao mesmo tempo em que a Macumba se torna popular, a igreja católica promovia uma grande perseguição, dizendo que era feitiçaria e “coisa do diabo”. Frente a isso e às perseguições dos policiais e brancos racistas, poucas eram as pessoas que aceitavam ser chamadas de macumbeiras e assumiam que eram seguidoras de religiões de origem africana ou indígena, preferindo identificar-se como católicas, embora continuassem praticando a Macumba escondidamente. Hoje em dia, com as conquistas do cidadão em defesa da liberdade religiosa, muitas pessoas já não têm receio de serem identificadas como macumbeiras, porque ninguém pode ser discriminado por causa da sua religião. Do Rio de Janeiro, a palavra espalhou-se pelo Brasil. Por isso, algumas pessoas chamam a Umbanda brasileira, a Cabula capixaba, o Candomblé baiano, o Xangô nordestino, o Tambor de Mina nortista e outras religiões afro indígenas-espíritas do Brasil de Macumba. (MACIEL, 2016, p. 135-136).

Nesse sentido, de acordo com os estudos de Maciel (2016) pessoas ignorantes ou racistas, querendo desprezar a herança cultural dos africanos, chamam o Congo de Macumba, dando conotação pejorativa também às práticas culturais não especificamente religiosas, como os grupos das bandas de Congo.

Lembrando que mesmo quando o Congo está na escola, é possível perceber nos pequenos gestos, nos corpos, nas sutis narrativas de alguns habitantes dos cotidianos escolares, olhares de diminuição e o desejo de

distanciamento em relação ao contato com essa prática de resistência. Assim, é preciso continuar resistindo e trabalhando para diminuir os modos de discriminação que habitam os cotidianos escolares e da vida.

Maria fica por aqui, mas permanece e continua sempre por aí, re-existindo... sem temer.

E as narrativas das Mulheres no Congo continuam movimentando, descontruindo, ventilando e respirando pensamentos. Narrativas que nos fazem exercitar e praticar a pesquisa com os cotidianos, com olhares atentos, sentindo cheiros e mergulhando nos gestos.

As narrativas das Mulheres no Congo do ES se constituem como práticas de re-existências ecologistas, como reinvenção de si e do mundo, que emergem entre conflitos e coletividades com diálogos amorosos atravessados por territórios, com desvios, potencializando fluxos, tensões, negociações, conversas com os habitantes dos cotidianos escolares.

E as conversas com as mulheres no Congo não param. *Maria* não para. Vamos conversando, pois *uma conversa não se termina*...

As narrativas das mulheres no Congo como práticas de re-existências ecologistas nos cotidianos escolares potencializam experiências e a criação de espaços de convivência, dialogando e se afetando por cheiros, sabores, risos, ritmos, saberes, poesias, sons, afetos, sentimentos que compõem as redes de afetos com os cotidianos da pesquisa.

Assim, ser uma *pesquisadora conversadora no cotidiano se caracteriza frequentemente por conversas espontâneas em encontros situados* (SPINK, 2008). Desse modo, os encontros e conversações continuam com as mulheres no Congo: Maria, Madalena, Aparecida, Penha, Conceição e Jurema, que em suas vidas e falas expressam o que nos diz uma canção que anda me acompanhando: “Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre. Quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania de ter fé na vida...” (BRANT; NASCIMENTO, 2004).

Figura 47 – Estandarte da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Maria Luiza Teixeira Ramos Galacha. Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

7 CONVERSAS COM MADALENA NOS COTIDIANOS ESCOLARES

Figura 48 – Mulheres da banda de congo Panela de Barro, 1998.

Foto: Ruth Ferreira Victor. Fonte: arquivo pessoal

Figura 49 – Apresentação da banda de congo Panela de Barro, 1990.

Foto: Ruth Ferreira Victor. Fonte: arquivo pessoal

Todo capixaba tem
Um pouco de beija flor no bico
Uma panela de barro no peito
Uma orquídea no gesto
Um cafezinho no jeito
Um trocadilho na brincadeira
Um congo no andar
Um jogo de cintura
Um chá de cidreira
Uma moqueca perfeita
E uma rede no olhar.

Elisa Lucinda

A pesquisa pousou no bairro Goiabeiras Velha e ouviu o estalar do barro das paneleiras de Goiabeiras, os sons dos tambores, os repiques das casacas do congo, a sensação de que *todo capixaba tem um Congo no andar.* É no embalo da poesia da capixaba Elisa Lucinda que dançamos com a pesquisa de campo.

A região de Goiabeiras, em Vitória, começou a ser ocupada há mais de 90 anos; no início, era mangue e mato, as primeiras moradias foram surgindo aos poucos e com elas a união entre moradores e moradoras. Goiabeiras I é conhecida como Goiabeiras Velha, porque caracteriza o núcleo inicial de ocupação da área.

— *Meus pais vieram para cá quando eu era menina. Cresci no manguezal e fui até os 80 anos pescando marisco no mangue de barco a remo*. (Texto retirado de um jornal impresso local, arquivo pessoal de uma das mulheres congueiras, sem data, Marcionília Barbosa Pereira, 94 anos).

Goiabeiras Velha é um bairro singular, localizado às margens dos manguezais da Baía de Vitória, próximo à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Moradores e moradoras, em sua grande maioria, vivem uma vida comunitária e sobrevivem do manguezal. É um bairro onde moram famílias de pescadores, catadores de caranguejo, casqueiros, tiradores de barro, artesãos, paneleiras, parteiras, benzedeiras (BENTO, 2004), congueiros, cantadeiras e mulheres cantadeiras e dançarinas no congo.

Em Goiabeiras Velha, encontramos as paneleiras, mulheres que mantêm os processos de fabricação das panelas de barro, prática cultural repassada de família para família há várias gerações. São avós, mães, filhas, netas, bisnetas,

sobrinhas exercendo essa arte. A fabricação da panela de barro participa da cultura do estado do Espírito Santo, e essa expressão cultural capixaba se mantém viva até os dias atuais com as paneleiras de Goiabeiras.

> O saber envolvido na fabricação artesanal de panelas de barro foi o primeiro bem cultural registrado, pelo Iphan, como Patrimônio Imaterial no Livro de Registro dos Saberes, em 2002. O processo de produção no bairro de Goiabeiras Velha, em Vitória, no Espírito Santo, emprega técnicas tradicionais e matérias-primas provenientes do meio natural. A atividade, eminentemente feminina, é tradicionalmente repassada pelas artesãs paneleiras, às suas filhas, netas, sobrinhas e vizinhas, no convívio doméstico e comunitário.[15]

Essa arte foi herdada dos indígenas habitantes originais do que hoje chamamos terras capixabas. Os processos de fabricação envolvem diferentes territórios, saberes, temporalidades, artefatos, utensílios, uma cartografia que aproxima as comunidades e os manguezais. As etapas de fabricação perpassam a modelagem manual, o alisamento, a queima a céu aberto das panelas, a aplicação ou açoite da tintura de tanino, produzida a partir da retirada (palavra usada pelas paneleiras para indicar a extração) da casca da árvore conhecida como mangue vermelho, que ajuda na impermeabilização da panela dando-lhe a coloração preta característica. Esta artesania resiste por gerações na convivência familiar e comunitária no bairro Goiabeiras Velha, sendo a panela de barro muito usada pelos capixabas para fazer a moqueca – que é diferente da peixada.

MOQUECA CAPIXABA

Ingredientes

1 quilo de peixe limpo, cortado em postas (pode ser badejo, dourado, cação)
4 tomates picados
2 cebolas picadas
1 maço de cebolinha picada
1 maço de coentro picado
3 colheres de sobremesa de colorau, diluídas em 1/4 xícara de óleo
2 bananas-da-terra cortadas em rodelas grossas
1 limão
Sal

[15] INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO - IPHAN. Ofício das Paneleiras de Goiabeiras. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/51>. Acesso em: 9 fev. 2017.

7.1 Vamos brincar de congo?

Congo de Goiabeiras
É o congo da união, ê a
São Benedito santo
E a virgem a Conceição ê a
Ah eu vou sinhá
Esse congo é animado
Eu vou sinhá
Toada da Banda de Congo Panela de Barro

Apesar de existir no estado Espírito Santo aproximadamente 70 bandas de congo, essa prática cultural capixaba ainda encontra barreiras para habitar os cotidianos escolares, assim, em muitas acasiões, as atividades que envolvem o congo, em sua grande maioria, são sazonais, com restrições e recomendações "pedagógicas e burocráticas".

Desse modo, a pesquisa chegou à banda de congo Panela de Barro, a partir de uma conversa tecida em sala de aula, com a turma do curso de graduação em Pedagogia da Ufes, quando apresentei para os estudantes a pesquisa que então realizava, dizendo que investigava as narrativas das mulheres no congo com os cotidianos escolares.

Durante minha apresentação, perguntei se alguém conhecia uma escola que realizava trabalho com o congo, especialmente com a participação das mulheres. Uma estudante respondeu que no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), onde ela fazia estágio, acontecem oficinas de congo ministradas pelo Mestre de congo, uma cantadeira e dançarina de congo e um oficineiro-artesão. Descobri também que as oficinas são ministradas pelos componentes da banda de congo Panela de Barro.

Como várias mulheres dessa banda são paneleiras, após esse dia fui até o Galpão das paneleiras de Goiabeiras tentar conversar com uma paneleira que também participa da banda de congo como cantadeira.

Ela me disse o seguinte:

— *Eu sou paneleira e também participo da banda de congo, só que não participo do projeto com a escola. É só ir lá no colégio, aqui perto da quadra, acho que segunda-feira tem...*

Assim, comecei a habitar os cotidianos escolares, e conheci Madalena

Madalena, Madalena
Você é meu bem querer.
Eu vou falar para todo mundo
Vou falar para todo mundo
Que eu só quero é você...

Toada do congo capixaba

No *entre* das travessias cotidianas com Madalena, destaco o documentário *Madalena do Jucu*, produzido por Ricardo Salles de Sá, embalado pela toada *Madalena*, adaptada pelo sambista Martinho da Vila. Madalena é uma toada capixaba cantada há mais de 70 anos pelas bandas de congo do Espírito Santo. O documentário apresenta as múltiplas versões sobre as *possíveis* origens de Madalena, narrada por congueiros do Espírito Santo.

7.2 Com a palavra, Madalena

Figura 50 – Puxada e fincada de mastro da banda de congo Panela de Barro, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal.

Primavera na Ilha de Vitória, setembro de 2016, meados de semana. Sinto o cheiro do cotidiano escolar. É quase hora do recreio e os ventos sopram os aromas de sopa vindo da cozinha. Escuto os sons de crianças. Crianças de uma escola de Educação Infantil. Escuto os sons dos tambores e das casacas e crianças cantarolando toadas de congo. Sinto-me criança também. Experimento sentidos de um espaço de convivência infante.

Encontro alguns discentes da Ufes. Hoje sou aprendiz. Conheci Madalena, cantandeira e dançarina na banda de congo. Ela é filha de uma paneleira de Goiabeiras Velha. A mãe de Madalena, D. Ana, foi a primeira mulher paneleira a ser entrevistada pela mídia na década de 1980...

Madalena participa do congo desde menina, hoje tem 76 anos, e é aposentada da antiga empresa de telefonia, tem 1 filho, 2 filhas, 2 netos, 2 netas e 1 bisneto. Nem os filhos nem as filhas de Madalena participam da banda. Tem uma irmã que, assim como ela, também é do congo e é paneleira. Quando jovem, fez curso de merendeira, servente e telefonista na Secretaria Estadual de Educação.

Madalena continua participando da banda de congo e também acompanha o Mestre nas oficinas que acontecem em uma escola infantil municipal do bairro. Nas oficinas, ajuda, orienta e incentiva as crianças no uso e manuseio das “casacas, tambores, bumbo, tarol e apito”, e ajuda o Mestre a cantar as toadas de congo junto com as crianças.

Recentemente, ela perdeu uma parenta de 89 anos que também era do congo. Disse que queria que em seu funeral a banda de congo tocasse os tambores e casacas, e que o Mestre entoasse uma toada que ela própria inventou uma das estrofes.

Em 2011 e 2012, Madalena participou de um projeto financiado pelo Sesc, o Sonora Brasil, com os temas Sotaques do Fole e Sagrados mistérios: vozes do Brasil, viajando 75 dias pelos quatro cantos do Brasil, fazendo apresentações de em média 1 hora e 20 minutos.

Madalena gostou de conhecer lugares diferentes, viajar de avião e se hospedar nos hotéis, mas o que mais gostou foram os momentos de conversa e convivência nos cafés da manhã, mesas lindíssimas, cheias de requintes... Lembrou que uma das apresentações foi em uma aldeia indígena, em Pernambuco, e a banda de congo dançou e cantou para o grupo dos indígenas

que lhes ensinaram algumas das suas danças. Recordou desses dias com alegria e saudade.

Conheci Madalena nos cotidianos escolares com as oficinas de congo. A cada encontro, ela afetuosamente conversava comigo e narrava, na medida do possível, suas histórias. Até que um dia levou uma pasta plástica transparente com vários recortes de jornais, revistas, fotografias antigas, encartes, folderes, exemplares diversos com notícias sobre o congo e sobre a banda Panela de Barro.

Madalena narra:

— *Eu guardo essas coisas porque sempre vem algum menino aqui em casa que precisa fazer trabalho pra escola sobre o congo, daí eu ajudo eles.... Geralmente, eles vêm no dia do folclore... esses dias mesmo atendi uma menina que me entrevistou lá em casa. Por isso que eu guardo. Se você quiser, tem mais lá em casa...*

Sabemos que as bandas de congo estão presentes em várias cidades do litoral do estado do Espírito Santo, e que estão ligadas às festividades religiosas de devoção a São Benedito, São Sebastião, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Penha. As cerimônias acontecem de diferentes maneiras e possuem características próprias em cada local, mas sempre associada a um naufrágio ocorrido no litoral capixaba, quando um grupo de africanos escravizados se salvou agarrado a um mastro que tinha a imagem de São Benedito.

Assim, as comunidades negras do litoral do Estado passaram a *fincar o mastro* todos os anos em agradecimento ao milagre. É importante reforçar que existem no estado aproximadamente 70 bandas de congo, porém todas são diferentes entre si; cada banda toca, canta e se veste de um modo singular.

A banda de congo Panela de Barro foi fundada em 1938 como Banda de Congo Brasil. Em 1945, foi rebatizada como Panela de Barro de Goiabeiras, quando passou a ser comandada pelo Mestre Arnaldo Gomes Ribeiro. De acordo com a presidente da banda, Jamilda Bento, a "*cultura popular existe e resiste simplesmente porque é uma força que brota da alma*".

— Comecei a dançar com meus pais, nasci e fui criada em Goiabeiras Velha. Aqui, a energia cultural é muito forte, explicou a congueira mais idosa do grupo, Silvana Rosa, 88 anos. (Jornal *Notícia Agora*, Vitória ES, 7/11/04).

— A banda ficou desativada após o incêndio na casa do meu tio, mas conseguimos salvar alguns instrumentos, oito tambores de pau oco, da banda original que usamos até hoje, não me considero ***"mestre", até porque nem existe mestre mulher****. Eu apenas apito [...].* Depois *do incêndio a Panela de Barro volta à ativa com 47 integrantes, todos moradores de Goiabeiras Velha. Todo mundo aqui tem ligação com as paneleiras: são filhos, netos, sobrinhos, além das próprias paneleiras que integram o grupo [...]. Eles nascem ouvindo o batuque dos tambores, pode vir do Congo, do carnaval ou mesmo do pagode, mas uma coisa é fato: o ritmo está no sangue.* (Jamilda Bento, Presidenta da Banda de com Panela de Barro, Jornal *Notícia Agora*, Vitória ES, 7/11/04).

A banda de congo Panela de Barro inicia seu calendário no dia 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, quando segue em procissão em direção à mata próxima ao manguezal para a cerimônia de Cortada do Mastro, ato simbólico que é acompanhado a pé pelos devotos.

No dia 25 de dezembro, o grupo segue em procissão pelo bairro de Goiabeiras Velha até a igreja católica local para a cerimônia de Fincada de Mastro. Junto ao mastro decorado e com a bandeira de São Benedito, segue o andor com a imagem do santo, o barco e a corda. Na igreja, o mastro recebe a benção e é fincado num local previamente escolhido, onde fica até o domingo de Páscoa, quando em nova cerimônia acontece a Retirada do Mastro.

Em todos esses momentos são cantadas toadas de congo de devoção ao Santo e, após cada cerimônia, a população segue em festa cantando dezenas de toadas das bandas de congo capixabas que falam de congo, de amor, de alegrias, de devoção, de animais, do mar, de aves, pássaros, de rios.

Cada cerimônia dura em média 4 a 5 horas, sem contar com a preparação para o acontecimento. Todos os componentes se apresentam com seus uniformes, sendo que os homens vestem calças compridas ou bermudas com camisa e as mulheres vestem saias rodadas e blusas, além dos adereços – colares, pulseiras, brincos, estandartes e bandeiras dos santos protetores.

Figura 51 – Puxada e fincada de mastro da banda de congo Panela de Barro, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Figura 52 – Puxada e fincada de mastro da banda de congo Panela de Barro, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal.

7.3 Oficinas de congo nos cotidianos escolares

Assim o congo de Goiabeiras e a banda de congo Panela de Barro chegou nos cotidianos escolares. Com as oficinas de Congo as crianças aprendem toadas do congo capixaba que expressam sentimentos de alegria.

O congo da alegria chegou.
O congo da alegria chegou.
Chegou, chegou, chegou, chegou!

Papagaio
Me dá o bico meu loro.
Me dá o pé papagaio.
Comei a fruta madura
Deixei a verde no galho papagaio.

A minha mestra falou,
Ouvi ela dizer
Para a lição aprender e
Nunca mais esquecer papagaio.

Quebra-quebra Gabiroba
Ô quebra-quebra gabiroba
Quero ver quebrar
Quebra lá que eu quebro cá
Quero ver quebrar
Aqui não tem, aqui não há
É na minha escola que eu vou achar.

Adeus, meu pessoal
Adeus meu pessoal, adeus, adeus
Você fica com saudade
Quem vai embora sou eu.

O mestre, a cantadeira e dançarina e o oficineiro-artesão[16] ensaiam com as crianças 4 toadas de congo mirim. As crianças tocam tambores e casacas. Cada um pega o instrumento que desejar. E o oficineiro-artesão pergunta quem deseja ser o capitão do dia. O capitão tem a função de comandar o grupo usando um apito e ficando no centro da roda. O capitão escolhido durante as oficinas foi uma menina, que com tranquilidade desenvolveu essa atribuição.

[16] O oficineiro é também o artesão que confecciona os instrumentos para as crianças utilizarem nas oficinas. Os instrumentos, como tambores, casacas, bumbo e tarol, são produzidos em tamanho menor para que as crianças possam segurá-los e tocá-los com tranquilidade.

No final de cada oficina, o mestre, a dançarina e cantadeira e o oficineiro-artesão fazem exaltações:

— *Viva a vida! Viva a escola! Viva a comunidade! Viva a professora! Viva ao Mestre! Viva a Mestra! Viva a natureza!*

E o encerramento da oficina vira uma festança só...

Depois de vários dias de ensaios, chegou a hora das famílias prestigiarem o congo nos cotidianos escolares. Madalena entra em cena novamente.

Madalena está radiante, hoje é dia de festa!

Tarde quente de primavera de novembro. As famílias se achegam. É o encerramento das atividades do Grupo 5, dia de apresentação cultural com dança, música e teatro, e congo também. A festa começa.

Após as duas apresentações artísticas, é a vez do congo. Algumas famílias se retiram do auditório antes de a apresentação de congo começar – talvez fossem as crianças que os familiares não autorizaram a participação nas oficinas de congo. As crianças do congo são levadas para uma sala próxima para se prepararem. Madalena, o Mestre de congo e o oficineiro ajudam as crianças na preparação para o momento.

É dia de alegria e festa, "O congo da alegria chegou". As crianças entram no auditório tocando tambores, casacas, chocalhos, apitos, bumbos e tarol. As famílias presentes demonstram encantamento em receber as crianças. Os celulares registram os momentos com fotos e filmes. Cada fim de toada é festejado com muitas palmas.

No final da apresentação, as crianças encerram o momento com a toada "Adeus meu pessoal, adeus, adeus, você fica com saudade e quem vai embora sou eu..." Algumas crianças, como são muito pequenas, se desviam da apresentação e se deslocam em direção aos familiares. São crianças de 4 e 5 anos que experenciam as sensações de brincar o congo. Brincam com o congo de Goiabeiras, o congo da Panela de Barro. Brincadeiras com o congo da alegria.

Após o encerramento das oficinas de congo na escola, conversamos com alguns docentes e a pedagoga sobre a realização de atividades envolvendo o congo nos cotidianos escolares.

Fios de uma conversa com uma professora ativista:

> *Na minha turma todas as crianças participam das oficinas de congo. ..Quando um pai não autoriza, eu logo o convoco aqui na escola para uma conversa e explico que congo é nossa cultura capixaba. Eu sempre trabalhei com congo. Sou formada em artes visuais... Eu trabalho o congo a partir das oficinas. Uso as músicas que o mestre ensina na oficina para ensinar aqui também.*

Conversas com uma pedagoga...

— Eu gostaria de fazer uma formação com os professores e com os pais sobre o congo, para explicar e orientar, assim as pessoas podem saber o que é, que o congo é da cultura capixaba.

E assim aconteceu: em meados de dezembro, o Mestre de congo, a dançarina e cantadeira e o oficineiro estiveram na escola para ministrar uma formação para as professoras sobre o congo. Esse momento foi proveitoso. O congo habitando o calendário letivo de uma escola municipal com participação na formação continuada dos professores e professoras.

As oficinas de congo são realizadas por meio do projeto *Instrumentarte* que acontece desde 2005 nas escolas municipais de Vitória. Relatos capturados no Documentário intitulado *Instrumentarte: Vitória do Folclore na Escola* (2012)[17].

Relatos de três pedagogas sobre as oficinas de congo nos cotidianos escolares...

> *O que a gente experimentou de instrumentarte aqui na escola foi muito positivo para as crianças. E assim foi um benefício para as crianças na sala de aula. Porque as crianças tinham um ritmo de trabalho de disciplina, de respeito ao mestre, um líder, e isso foi facilitador, foi bem bacana. Desenvolveu muito as crianças, a oralidade delas, a timidez, a desenvoltura, foi muito bacana.*

— Teve um trabalho interessante, teve toadas, onde os professores trabalhavam a toada na lição da alfabetização...

---

[17] Vídeo produzido através do convênio 010/2012 entre a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória e o Instituto Quorum Produções Artísticas e Culturais. Uma parceria entre a Oficinas de Tambores e a Associação das Bandas de Congo de Vitória criou o projeto *Instrumentarte: Vitória do Folclore na Escola* que, no ano de 2005, foi contemplado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à cultura Rubem Braga da Prefeitura Municipal de Vitória. Em 2016, por recomendação da Unesco, foi inserido no projeto Circuito Cultural de Vitória, onde atendeu a 700 estudantes, em diversos centros municipais de Educação Infantil da capital do Espírito Santo. Naquele mesmo ano, recebeu o prêmio Cultura Viva do Ministério da Cultura, por sua contribuição para divulgação do folclore capixaba e valorização dos mestres da cultura popular capixaba.

> *Depois, com o passar do tempo, eu percebi que isso era muito interessante e significativo para as crianças. Porque eles estavam totalmente envolvidos. O menor não era só aquele grupo 4 não... Quando você coloca um tambor e uma casaca na mão de uma criança de dois anos aí você percebe como a música, como a música representar para eles, como eles aprendem. Então a aula deles era muito interessante.*

Relato de crianças que participaram das oficinas de congo nos cotidianos escolares:

— Eles levavam a gente para uma sala, daí a gente pegava um instrumento e tocava... Eu tocava tambor.

> *Eu queria que a gente pudesse brincar mais com ele, com esse projeto continuar, para gente se expressar mais, para a gente ser mais artistas, se apresentar, tocar instrumentos, cantar mais, é uma vida muito legal para mim...*

Relatos de dois Mestres de congo que ministraram as oficinas nos cotidianos escolares:

> *Isso para mim é maior grande alegria que eu tenho, a maior satisfação da minha vida é ter feito esse trabalho, eu vim fazendo esse trabalho até hoje. Temos que passar esse conhecimento para outros mestres para que eles ensinem as crianças também nos colégios de Vitória e do Espirito Santo. É isso aí...*

> *Nós apanhamos os tambores... tambores pequenos e botamos os tambores na mão de cada um e fomos para o meio das crianças, ficamos no círculo das crianças, ficamos no meio e começamos a tocar primeiro. As crianças se empolgam para bater o congo, para cantar as toadas e ali se desenvolvem assustadoramente.*
>
> *Nós fazíamos isso como grupo interior da classe, e aí depois todos eles com casaquinhas e tambor, aí que nos juntávamos a turma e com o mesmo tambor mestre nós fazíamos a batida para eles nos acompanharem. Esse era o começo do nosso trabalho. E na conclusão do nosso projeto, nos levávamos as crianças para mostrar no encerramento.*

> *Uma banda de congo para ser uma banda de congo pode ter seis tambores, pode ter oito tambores, pode ter dez tambores, aí tem a casaca, o reco-reco, tem o chocalho, tem o bumbo, tem o mestre do apito que é muito importante citar, ele tem um apito e ele apita para iniciar os cânticos e o mestre apita para encerrar também.*

— O Sagrilo (o oficineiro-artesão) construiu tambores de congo pequeno e passou para as crianças e nós ensinamos as crianças a tocar e bater o tambor.

— Nós fazíamos também os nossos passeios. Juntávamos as turminhas para fazer exibições para mostrar para o público o trabalho que nós estávamos desenvolvendo no CMEI de Vitória.

> *Quando chega em uma sala diferente, a gente coloca as crianças num salão e entra no meio, eles abrem a boca e cantam para valer e a gente junto com eles, faz sucesso. As crianças que nós ensinamos vêm fazendo sucesso no congo aqui na cidade de Vitória, no município, nas comunidades, em Santa Martha, em Joana D'Arc.*

— Eu acho um projeto válido, porque a cultura do congo do Espírito Santo precisa ser mostrada, é isso que o projeto Instrumentarte está fazendo.

Relato do oficineiro-artesão sobre a produção dos instrumentos de congo para as crianças:

> *Aqui é a usina de tambor onde a gente prepara os instrumentos para trabalhar no projeto Instrumentar na sala de aula com as crianças. Aqui tem instrumento para todo tamanho, os instrumentos são sob medida, com alça dupla para não machucar a coluna da criança, a criança veste e trabalha com ele na frente. A ideia é cobrir a rede toda com os instrumentos.*

A presidenta da Associação da Banda de Congo Panela de Barro destaca que:

> *Você só valoriza o que você conhece, então o projeto Instrumentarte deu a oportunidade para que nossas crianças de 4 a 6 anos conhecessem efetivamente o que é a cultura, o que é um tambor de congo, o que é uma casaca, do que trata as nossas cantigas. Penso que essa ação que foi desenvolvida pela Prefeitura de Vitória deve se transformar numa Política Pública, sistematizada, perene, porque esse tipo de projeto é uma tradução do que a gente pensa de reconhecimento desse saber-fazer.*

Tendo em vista o compromisso político e ético desta pesquisa com as narrativas das mulheres no Congo, parti das maneiras de fazer o congo como prática de resistência e de reinvenção das celebrações das comemorações de

santos, muitos deles advindos da colonização. Nesse sentido, a pesquisa deseja descontruir os modos colonizadores do pensar, apostando nos movimentos de experimentar as metamorfoses das maneiras de pensar o congo nos cotidianos escolares. Como diz a canção de Raul Seixas (1973), “Eu prefiro ser aquela metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. Por isso é importante pensar de que modo as narrativas das mulheres no congo são produzidas nos cotidianos escolares.

A pesquisa continua com pensamentos em movimento no habitar os territórios dos cotidianos escolares e os múltiplos espaçostempos de convivência com o congo, sentindo olhares, cheiros, mergulhando, escolhendo, criando, recriando e compartilhando.

7.4 Carta de uma professora de artes da Educação Infantil

Serra, 23 de março de 2018.

Querida Andreia Teixeira, é com o coração repleto de alegria que recebo seu convite para contribuir com sua pesquisa *Narrativas das mulheres no congo como práticas de re-existências ecologistas*. Espero ser útil a tão relevante pesquisa.

Acredito ser importante, neste relato, escrever sobre o início da minha relação com a comunidade escolar, suas realidades, seus bens culturais (congo, boi e manguezal).

Sou uma professora de educação infantil há 25 anos, 22 desses na mesma escola, um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) na comunidade de Goiabeiras Velha. Quando cheguei, o CMEI era uma casinha, uma casinha alugada bem no coração de Goiabeiras Velha, ficava no caminho para o Galpão das paneleiras, que fica na região de manguezal, em 1996. Senti o impacto benéfico da mudança de realidade, pois o CMEI anterior localizava-se no alto de um morro numa comunidade bem diferente daquela casinha.

As paredes acinzentadas, o mofo, a escassez de materiais (pedagógicos e patrimônio), de espaço físico, realmente não condizia com o grupo que ali se encontrava, uma equipe acolhedora e de muito carinho com nossas crianças. A proposta da Secretaria Municipal de Educação (SEME) era temas geradores “Eu, família, comunidade escolar”.

Senti a necessidade de ouvir aquelas pessoas, em sua maioria moradoras dali, paneleiras, trabalhadoras.

No contato com as crianças, meus alunos de 2 anos e meio e 3 anos, percebi a facilidade no manuseio da massa de modelar, foi quando, em conversa, descobri, nos relatos das crianças, um costume desde muito pequenos, brincarem com argila, aquela para fazer as panelas.

Busquei conversar com a família, e muitas mães diziam:

— *Eu precisava trabalhar, não tinha creche, eu levava o bebê para o galpão e dava massa de barro para ele brincar.*

Percebi como essas particularidades faziam daquela comunidade um diferencial e como era importante a escola para eles. Não como um lugar para as crianças ficarem e sim um lugar que pudesse proporcionar a eles oportunidades de conhecimento, apropriação cultural e mudanças. Só que a proposta para educação infantil não possibilitava tantos avanços.

Em 1997, uma colega trouxe textos sobre temas transversais (estavam escritos em espanhol) que foram utilizados em sua pesquisa de mestrado (como são importantes essas nobres pesquisas) e nos instigou a fazer um ano diferente, de muitos estudos, análises, experimentos, vivências e encantamentos.

A paixão foi despertada no grupo e logo as noites foram momentos de muitas descobertas (impossível não registrar a emoção com nossos aprendizados). A questão era conhecer nossa comunidade e trazer para o cotidiano uma prática que refletisse nossa realidade, pois a escola é um espaço de vida (de nossas crianças e da comunidade onde está inserida) e autonomia.

E essa professora vivendo num bombardeio de ideias: quem essas mulheres paneleiras eram para aquela comunidade, além de vendedoras de panelas e mães dos meus alunos.

Iniciamos com os temas transversais no ano de 1997, “Educação Ambiental para Cidadania”. Caminhamos pela comunidade e chegamos até a maré, local onde muitas crianças tomavam banho e fascinadas comentavam diariamente sobre caranguejos e peixes.

Entramos no galpão e iniciamos o diálogo com uma paneleira (mãe) que veio nos receber, e ali naquele momento ouvimos uma palavra nova: CONGO. Procuramos informações em livros e sempre aparecia congada no Norte do país.

Convidamos uma avó paneleira e uma vizinha para a nossa festa de folclore, o que hoje seria nossa festa cultural, e as entrevistamos. Esse dia marcou minha vida, pois nunca esquecerei aquelas senhoras chegando e trazendo dois homens com tambores e a tentativa de nos mostrar algo da memória delas: a experiência com congo.

Então o congo, bem cultural daquela comunidade, expressão de vida, movimento, foi para a memória, lembrado com saudosismo pelas senhoras.

Fizemos muitas perguntas, e a de maior impacto, certamente a dolorosa, foi:

— *Por que isso aconteceu? Por que silenciaram o congo?*

A resposta foi:

— *Os jovens não se interessam por congo, e as pessoas falaram que é macumba, e a gente sabe que é tão bonito!*

Pedimos se elas poderiam nos mostrar... Memória! Ô coisa forte! Quando elas começaram a cantar e o tambor junto cantou, a escola fez-se outra, sorrisos, alegrias, festa! Vida! Nossa escola encheu-se de vida! E elas, numa espécie de empoderamento, relataram, entre uma música 'toada' e outra, suas experiências e a importância da voz das cantadeiras para o congo.

Gratidão Dona Bracela, Dona Flora (estrelas) e Dona Izabel por tantas lindezas. Naquele dia, nasci para o congo e ele para mim!

Conhecemos o Boi, uma brincadeira de infância delas. Brincamos, dançamos e resgatamos a história cultural e ambiental daquela comunidade. A verdadeira cidadania.

Com o passar dos anos, muitas mudanças aconteceram em nossa escola. Conseguimos, em luta com a comunidade, a aprovação do orçamento participativo, a construção da nossa escola, ampla. Porém, existia em mim algo a incomodar, aquele silêncio, o silêncio dos tambores e das vozes... Com essas mudanças, recebemos a proposta, via Secretaria Municipal de Educação, de trabalhar projetos pedagógicos em nossas práxis; para quem já conhecia temas transversais foi tranquila a proposta dos projetos pedagógicos.

E no ano de 2002, conseguimos sensibilizar as colegas sobre a importância de trabalharmos a comunidade. Nasceu o Projeto Goiabeiras e suas maravilhas.

Fui buscar informações sobre o congo na comunidade e descobri uma mestra de congo, Jamilda Bento. Fomos a casa dela, com duas turmas do maternal, para convidá-la para uma entrevista na escola. No dia da entrevista, outras turmas participaram e os instrumentos foram apresentados pela Jamilda às crianças. Pedimos para ela nos mostrar como eram os sons do congo. Nesse momento, uma professora subiu o tambor e, sentada, começou a tocar, mesmo sendo evangélica, percebemos a facilidade em tocar, como se fosse normal, comum. Posteriormente, ao questioná-la sobre essa facilidade, ela respondeu-me:

— Eu não sei explicar! Sei que lembro desse barulho, e percebi que podia ajudar.

Entendi perfeitamente quando descobri ser a professora moradora da Grande Goiabeiras desde menina, o congo estava vivo e guardado em suas memórias de infância. O congo não morre! Ele vai para a memória e permanece vivo!

Conversando sobre o silêncio do congo, nos foi relatado que esse durava 10 anos. Como conseguiram silenciá-lo por longos 10 anos?

A Mestra iniciou um trabalho de resgate e logo surgiu o Congo Mirim Panela de Barro de Goiabeiras. Soube e fui ver as apresentações na Praça 13 de Maio e na praia de Camburi.

No final do ano, convidamos a banda de Congo Mirim para tocar no casamento de Xande, um caranguejo feito de meias e camisa, com Vitória. Um dia lindo, onde o cognitivo abraçou o lúdico, e nossos ouvidos se encheram de toadas de congo, dançamos e sorrimos... Senti, nesse dia, ele voltando nos olhos de nossas crianças, no orgulho delas, muitos alunos e ex-alunos, o resgate de sua história e cultura. A esperança me abraçou e tive a certeza que ali era o lugar do congo, cantar, tocar e gritar sua resistência e significado.

Ele, o congo, nunca será silenciado! O lugar dele na memória não é do esquecimento e sim do ressignificar vidas.

Com muita alegria vi as cantadeiras chegando, suaves, leves, experientes, fortes... Elas representam a vida e a alma do congo com suas histórias, enfrentamento, resistência. Cada toada cantada por elas marca o importante papel dessas guerreiras.

Sim, minha história tem o resgate, a resistência, a superação dessas mulheres guerreiras que fazem do seu cantar um resgate da autonomia e da verdadeira cidadania.

Beijos, Professora Fabiola Fraga

Figura 53 – Mulheres da banda de congo Panela de Barro no cotidiano escolar, 1997.

Foto: Fabiola Fraga Nunes. Fonte: arquivo pessoal

Figura 54 – Mulheres da banda de congo Panela de Barro no cotidiano escolar, 1997

Foto: Fabiola Fraga Nunes. Fonte: arquivo pessoal

Figura 55 – Mulheres da banda de congo Panela de Barro no cotidiano escolar, 1997.

Foto: Fabiola Fraga Nunes. Fonte: arquivo pessoal.

8 SOBRE CARTAS QUE NUNCA CHEGARAM

Figura 56 – Barco enfeitado para a Puxada e fincada de mastro da banda de congo Amores da Lua de Santa Marta, Vitória, ES, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal.

Escrever cartas em plena era tecnológica, com tantos recursos de comunicação, chega a mim como uma necessidade de transpor a distância da emoção que as redes sociais ou era digital parecem impor. Com o desejo de escutar-conhecer as narrativas das mulheres no congo capixaba, decidi-escolhi enviar cartas para elas. A ideia na ocasião me pareceu realmente valiosa.

Minha paixão pelo congo me fez sonhar e imaginar recebendo, pelo correio, as cartas das mulheres que praticam o congo – decisão que se inspirou em alguns de seus livros, especialmente de Paulo Freire e Marcos Reigota.

Pensei, planejei, preparei e arrumei tudo. Encantava-me pensar as cartas nesses tempos em que só se recebe, via correio, boletos bancários, propagandas, anúncios. Imaginar receber uma carta com selo de verdade, com endereço grafado a mão, contendo as histórias, memórias, dores e amores das mulheres congueiras, era fascinante.

Assim, iniciei a grande preparação. Perguntava-me o que escrever para essas mulheres, o que era preciso para escrever cartas para elas. Idas à papelaria se tornaram frequentes. Que papel usar? Qual envelope? E as cores dos papéis e envelopes? Escolhi um papel de folha sulfite verde e envelopes de cor amarela.

Restava ainda conseguir os endereços. Alguns obtive pessoalmente, com cada mulher, em conversas que tive com elas no cotidiano escolar, ao término de uma apresentação da banda, outros obtive por email, facebook e WhatsApp.

Fui então aos Correios adquirir os selos, para que fossem enviados juntamente com as cartas. Fiquei eufórica com a preparação. Escrever cartas para estas mulheres e, principalmente, receber as respostas pelo correio parecia mais e mais, a cada dia, uma ideia maravilhosa. Fiquei cheia de receio para escolher as palavras para escrever as cartas, pensando em como conduzir esse contato elas. Muitas ideias surgiram, e fui esboçando amorosamente o que desejava escrever a elas, e escrevi...

Vitória, 10 de janeiro de 2017.

Prezada..., tudo bem contigo? Espero que sim. Venho por meio desta carta fazer-lhe um convite. Sou estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso/SP) e gostaria de lhe convidar para participar da minha pesquisa de doutorado em educação, intitulada "Narrativas das Mulheres do Congo como práticas de re'existências ecologistas e cotidianos escolares".

Meu convite é para você responder essa carta, com algumas questões que gostaria que você compartilhasse comigo e que são muito importantes para compor minha pesquisa, comentando, como é ser mulher do congo... desde quando o congo faz parte da sua vida... o que é o congo na sua vida... sua relação profissional com o congo... o congo e sua vida familiar... as experiências com o congo... sua participação como mulher no congo com as escolas e outras questões que desejar compartilhar.

Junto com o envelope, seguem alguns papéis para ajudar você no processo de escrita de si, de suas autonarrativas, autobiografia. Além disso, esta carta foi selada duplamente, para que você possa postá-la em uma agência dos Correios sem nenhum custo financeiro para você.

Desde já agradeço, carinhosamente, a colaboração solidária.

Abraços com afeto,

Andreia Teixeira Ramos

Finalizada a escrita das cartas, coloquei uma a uma nos envelopes e coloquei os endereços. Era hora de selar o envelope, enviá-las e aguardar as cartas que viriam. Agora, não restava mais nada a fazer, exceto esperar e esperar.

As idas à caixa de correio do Residencial Park III tornaram-se uma rotina. E a cada ida, um vazio. Nada. Só vazio. Vazio não: continuavam a chegar boletos, anúncios e propagandas. Os dias passavam e, com eles, a frustação aumentava. A espera foi difícil, mas eu esperava sonhando com as cartas que chegariam.

Passaram-se vários dias, e eu não parava de pensar e aguardar. Não compreendia o porquê de as cartas não chegarem. Na minha cabeça circulavam

dúvidas. Será que as cartas chegaram até as mulheres ou se perderam pelo caminho? Em meio às dúvidas, habitava em mim o sentimento de esperança, do verbo esperançar, lembrando Paulo Freire. *Ainda vou receber uma carta pelos correios de uma mulher do congo!*

Mas nada disso aconteceu. Nenhuma carta chegou pelo correio. *O que falhou? Onde foi que eu errei?* – me perguntava. E foi assim, quando eu já não esperava mais nada, que elas finalmente chegaram, mas de outro modo.

Havia ido participar de uma atividade da Oficina de Congo em uma escola, e Dona Ruth, uma das mulheres que integrava o grupo de oficineiras, me chamou, amavelmente, para uma conversa de pé de ouvido, e me disse:

— *Tenho uma coisa para você. No final da oficina eu te entrego.*

Quando a oficina acabou, Dona Ruth me disse:

— *Trouxe uma coisa para você.*

— *O que é Dona Ruth? Estou curiosa...*

— *Trouxe sua carta.*

Confesso que fiquei emocionada ao receber uma carta, escrita à mão por Dona Ruth. A primeira que recebi. Claro que gostaria de viver a emoção de recebe-la pelo correio, mas receber uma carta que Dona Ruth escreveu de próprio punho fez meu corpo vibrar de alegria.

Segui aguardando as repostas, quem sabe outras viessem até mim. Assim, recebi, por e-mail uma carta de uma mulher congueira que é professora, duas que me foram enviadas *inbox* pelo facebook, uma outra que recebi em mãos e que muito me emocionou, escrita pela bibliotecária e pedagoga Jamilda. Essa carta me chegou antes da apresentação da banda de congo Panela de Barro no evento da posse da nova diretoria da Associação da Paneleiras de Goiabeiras Velha. Aproveitei a ocasião para participar do momento junto com as mulheres. Neste dia, a banda sairia em cortejo, tocando, cantando e dançando, da casa da presidenta Jamilda. Assim, fui para lá aguardar o início do cortejo. Logo que cheguei, avistei Jamilda e fui cumprimenta-la, e ela me disse imediatamente:

— *Que bom que você está aqui, tenho mesmo uma coisa para te entregar. Espere um momento.* Jamilda entrou na casa e logo voltou com um envelope, e me disse:

— Essa carta é para você, ia colocar no correio amanhã, mas, como você está aqui, é bom que já leva a carta.

Recebi a carta com muita alegria em meio ao som dos tambores e das casacas que se aqueciam...

Recebi também uma carta de uma professora de artes e ativista que trabalha há 20 anos com congo na escola, repleta de histórias e experiências do congo nos cotidianos escolares. Uma maravilha!

Ainda assim, me perguntava o porquê de não ter recebido nenhuma carta pelo correio. Fiz tudo que achava que poderia ajudar na reposta da carta que enviei. Mandei inclusive, junto com o envelope, algumas folhas de papel pautadas, além do selo extra. O plano parecia perfeito.

No entanto, no meu encantamento com a ideia, desviei meu olhar de um aspecto socialmente relevante. Muitas mulheres do congo escrevem, sem dúvida, porém uma porcentagem significativa tem pouco acesso à escrita, ou escrevem pouco, ou só escrevem o próprio nome. Além da limitação na escrita, há também a questão do deslocamento para chegar até a agência dos Correios, ou até um local onde exista, no caso das regiões rurais, uma caixa postal coletiva.

As cartas que nunca chegaram pelo correio continuam guardadas na imaginação das palavras, desejo e afetos, pois foram elas que me trouxeram pistas para pensar a ausência de respostas. Mas pude também experimentar o sabor de receber algumas, pois pouco importa, afinal, o modo como uma carta nos chega, mas, sim, que a voz daquelas mulheres me alcance seja lá como for.

E isso é tudo que sei!

Sendo assim, gostaria de dizer que o uso da carta aqui teve uma intencionalidade metodológica de convidar as mulheres do congo a contar seus diferentes interesses e necessidades no congo. Assim, o desejo com esse capítulo foi considerar as narrativas das mulheres do congo como expressão de sentimentos, emoções, afetividades, de resistências ecologistas e assim tomo essas narrativas como referência de afirmação política, ética, estética na pesquisa. Na aventura de contar-se “escrever-se é, portanto, um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade”, como afirma Margareth Rago (2013, p. 56).

Figura 57 - Apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

8.1 Cartas das mulheres congueiras

Figura 58 - Dançarina mirim da Banda de Congo Amores da Lua, 2018.

Foto: Romildo Neves. Fonte: Ricardo Sales.

Dona Ruth, Banda de Congo Panela de Barro de Goiabeiras, Vitória, ES.

A mulher do Congo tem que estar sempre animada e sorridente para cantar e dançar as cantorias do Congo.

O Congo faz parte da minha vida desde o tempo dos meus avós e pais.

Eu comecei a relação profissional com o Congo em 2001, meus filhos, netos e todos gostam de Congo.

Quando somos convidados para irmos à creche, ficamos muito felizes e as crianças mais ainda.

A nossa festa do Congo é dividida em três momentos:

- Cortada do Mastro, no dia 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição.

- Puxada e fincada do mastro, no dia de Natal.

- Retirada do mastro, no domingo de páscoa.

Quando estou cantando e dançando Congo me sinto outra, as dores do corpo somem, não sinto nada.

O Congo faz parte da minha vida.

Ruth Ferreira Victor

Osnília, Banda de Congo Piranema, Cariacica, ES.

Meu nome é Osnília de Avelar Meireles, moro em Piranema – Cariacica, ES há mais de 30 anos, e faço parte da Banda de Congo São Benedito de Piranema há mais de 25 anos. Minha história com o congo começa assim que vim morar em Piranema, na adolescência.

Da minha casa dava para ouvir o som dos tambores e aquilo me intrigava muito, pensava que fosse um terreiro de alguma religião afro. Engraçado, a maioria das pessoas pensa desta forma. Ouvia os sons de música e cantoria e aquele som foi me chamando a conhecer e aprender a gostar.

Aos poucos fui me apoderando dos saberes daquele povo que cantava e me enfeitiçava, parecia mágica aquela dança das mulheres com suas saias esvoaçantes. Fiquei um tempo ausente do bairro por motivos de estudo e quando retomei meu caminho de volta ao lar, já professora de Língua Portuguesa na região, meu encantamento pelo congo voltou com força. Passei a frequentar o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'Água e daí para entrar na banda de congo do meu bairro foi através de um convite do meu saudoso amigo José Luis Araujo, este sim filho de congueiros.

A partir daí, meu envolvimento com a cultura local foi se tornando importantíssimo, pude então reavaliar meus conceitos sobre o congo e conhecer as muitas histórias e pessoas que envolvem este legado cultural de nosso município. Passei a fazer parte da banda de congo na década de noventa, pois era vizinha da sede da mesma. Entrei para somar com meus conhecimentos, para fazer documentos e outras atividades referentes à escrita. Neste período, o presidente da banda era o senhor Vitório Araújo, homem muito sábio, um

dos baluartes e fundador. Tinha muito respeito comigo, eu era a "dona das letras", segundo ele.

Ser mulher dentro da banda é algo muito bacana, pois estamos encarregadas de fazer a dança e a segunda voz nos jongos ou peças (a música). Confesso que ainda estou engatinhando no aprendizado desta cultura maravilhosa. As pessoas se encantam com o farfalhar das saias das mulheres enquanto dançam. Somos muito respeitadas dentro da banda pelos homens. Eles, juntamente com os instrumentos, são o coração e nós, as dançarinas, a alma. Poético não?

Como professora, sempre procuro, em sala de aula, desmistificar a história de que o congo é "macumba", infelizmente as pessoas fazem esta associação sem ter conhecimento de causa. Acredito que as escolas têm feito um trabalho bacana de reflexão sobre o legado do congo para nossa história. Vejo também que os filhos e netos de congueiros não querem manter a tradição desta cultura e sinto dizer que, num futuro próximo, aqui em meu bairro, já não teremos mais vestígios da banda. Falta incentivo dos órgãos públicos e dos próprios congueiros para manter a tradição viva. Nossa banda de congo é a mais velha de Cariacica, fundada em 1947. (Você deve ter estudos e dados sobre ela e outras).

Andreia, sinto não ter te enviado antes as respostas. Espero ter contribuído para sua pesquisa. Qualquer coisa me ligue.

Abraços.

Osnília de Avelar Meireles

Inara Novaes Macedo, Banda de Congo da Barra do Jucu, Vila Velha, ES.

As primeiras lembranças que tenho do Congo são de muitas crianças brincando em volta dos tambores e em apresentações com uniformes azuis... eu tinha 4 anos. Os ensaios da banda mirim aconteciam na minha rua, mesmo lugar do pique-esconde de todas as noites.

Minha mãe era coordenadora junto com os Mestres da Banda de Congo da Barra do Jucu e participava do Congo muito antes de eu existir. Ainda muito jovem se encantou pelo tambor do Seu Alcides, o mestre que levou o Congo para o bairro, e dedicou boa parte da sua vida à manifestação. Eu não tive como fugir, às vezes penso que ela até tentava não me envolver tanto. Criança dá trabalho, adolescente então... tem escola todo dia, não pode viajar, não pode dormir tarde, mas não teve jeito.

Eu sempre amei o Congo e os velhinhos do Congo que me chamavam de "Nara". Eles comiam o "i". Assim como minha avó. E soava carinhoso, era como um abraço apertado. Eu gostava de estar no meio e ser desafiada em aprender os repiques do reco-reco, o estalo do tambor, o breque do chocalho e a divisão de vozes. Essa eu digo com muito orgulho, não aprendi na escola, nem em coral ou na roda de amigos músicos. Foi o Congo que me ensinou a fazer uma "terça" ou "quinta" quando o tom da música puxado não era confortável para mim.

Sempre gostei de dançar com as mulheres, mas o que me enchia os olhos era o que os homens faziam: tocar instrumentos e puxar versos. Boa parte da minha criatividade foi estimulada pelas práticas de improviso. Essa era a comunicação que mais me atraía na roda de tambor. Um mexendo com o outro, falando de política, ou simplesmente de amor, tudo assim, na hora. Não tem tempo nem de pensar muito. Isso se aprende e se pratica, mas tinha poetas muito bons nisso,

até parece que nasceram sabendo. Eu ficava só de butuca para aprender, até tomar coragem de puxar um verso sozinha. Hoje me sinto privilegiada por ser uma das poucas mulheres a fazer isso numa roda.

Sabemos que o Congo, assim como muitas práticas populares, é historicamente machista. Isso fica nítido nas letras de músicas e na própria divisão de funções. As mulheres dançam, os homens fazem o restante. Mas eu não me sinto nem um pouco excluída nesse processo, pois sempre fui curiosa, andava com os meninos desde criança e conquistei meu espaço. Acho que isso foi sendo desconstruído ao longo do tempo. Tanto que na Barra tem uma banda regida por mulheres. No dia a dia, podemos até cantar e reproduzir o que aprendemos com a tradição, mas temos o recurso do improviso e podemos mostrar nossa capacidade de expressão e de execução de um instrumento como forma de resistência ao machismo. Eu não me sinto em nenhum aspecto discriminada, pelo contrário. Acho que tive o melhor exemplo de ousadia, persistência e força na minha própria casa.

O Congo sempre foi o maior saber da minha vida. E olha que já fiz de tudo um pouco. Música, dança, teatro, fotografia, desenho... me formei em Artes na UFES, mas nem um orientador conseguiu fazer com que eu falasse de Artes no meu TCC. Então troquei de orientador 2 vezes, até achar alguém que aceitasse eu falar da história do meu Mestre Alcides Gomes da Silva. Esse foi sem dúvida o meu primeiro mergulho profundo na história do Congo, na minha própria história. Foram 3 anos dedicados a tentar resgatar algo muito confuso e pouco pesquisado, que até então eu não conhecia de verdade. Vou tentar resumir.

O mestre Alcides era mestre do Congo de Jaguarussú, região rural próxima à Barra. Na Barra não tinha Congo e ele fazia visitas constantes com seus tambores para animar os festejos nos quintais de amigos que o chamavam para cá. No

final dos anos 60, ele resolveu mudar definitivamente para o bairro e montou seu grupo de Congo aqui.

Na década de 70, a Barra passou a ser frequentada por muitos intelectuais e artistas que buscavam a tranquilidade local e com o tempo a banda de Congo do Mestre Alcides, prática muito discriminada por parte da comunidade conservadora, passou a ter o apoio desses novos moradores e frequentadores da Barra.

O interesse na manifestação do Congo por parte de jornalistas, agentes culturais e universitários se intensificou nos anos 80. Artistas de renome nacional como Martinho da Vila, Clementina de Jesus, entre outros, tiveram contato direto com o Congo da Barra durante os festivais que aconteciam na Fazenda Camping.

Nessa época, a formação da banda passava por mudanças. Um desses frequentadores da Barra comprou os tambores do Mestre Alcides que passava por muitas dificuldades financeiras e de saúde. O Mestre Honório assumiu o cargo. O Mestre Alcides quis voltar depois de um tempo, mas a ele foi dado um cargo simbólico de presidente da banda.

Após a gravação de Madalena por Martinho da Vila, desentendimentos internos aconteceram e consequentemente uma cisão na Banda de Congo da Barra do Jucu, em 1990 Seu Alcides faleceu. No mesmo ano foi criada a Banda de Congo Mestre Alcides em sua homenagem, pelo seu filho e sucessor Zé Silva, amigos e minha mãe. Eu passei a fazer parte dessa banda e nela estou até hoje. Minha mãe foi coordenadora até os anos 2000, mas depois resolveu interromper sua longa participação no Congo. No mesmo período a Banda de Congo da Barra do Jucu se rompeu novamente e dali surgiu a banda Jacarenema. A banda da Barra do Jucu então passou a ser chamada de Mestre Honório.

Como participante da banda Mestre Alcides percebi que na minha casa havia um grande acervo reunido e produzido

pela minha mãe durante sua atuação como coordenadora do grupo. Eu queria aproveitar esse material lindo para fazer meu trabalho de conclusão de curso, mas não fazia sentido falar de bandeiras, de instrumentos, de cultura popular e São Benedito, sem conhecer de verdade a história de quem trouxe tudo isso para a Barra. Foi aí eu comecei uma busca incessante pela história de vida do Mestre.

Como contei anteriormente, nos anos 80 Honório assumiu a função de Mestre e foi muito difícil encontrar pesquisas e narrativas da comunidade sobre a história de Mestre Alcides, porque não faziam parte da memória da maioria dos jovens que ingressaram no congo nesse período. Comecei a perceber muitos buracos na história. Era como se tivessem criado uma nova e única história, com apenas um mestre. E os congueiros mais antigos já haviam falecido.

Fui até Jaguarussú atrás de montar esse quebra cabeça e encontrei seu Ernesto Ramos (Seu Caboclo) que orientou o percurso dessa busca. Ele conhecia Seu Alcides desde muito novo, me levou na antiga casa do Mestre, me falou sobre o Congo de Jaguarussú, me indicou pessoas idosas que também conheceram Seu Alcides.

A pesquisa não só trouxe à tona uma história importantíssima e desconhecida para a comunidade como também se desdobrou em um documentário e um projeto contemplado pela Lei Chico Prego que consistia na recuperação e digitalização do Acervo da Banda Mestre Alcides.

Esse foi um projeto extremamente intenso que levou ao meu afastamento temporário da banda. Depois do respiro necessário, voltei com mais vontade ainda em dar continuidade ao meu aprendizado no Congo e minha contribuição como congueira. Resolvi continuar com a temática do Congo no Mestrado que foi finalizado em 2015.

Desde a morte de Mestre Zé Silva, filho de Seu Alcides, a banda ficou desestruturada. Muitos congueiros antigos

morreram. Ficamos nós jovens. O neto de Seu Zé Silva, o Jaison, está se preparando para assumir o cargo de Mestre, enquanto isso seu tio Jocimar Nunes atua como tal. São poucos congueiros, a maioria com idade entre 25 e 40 anos. Tirando o Mestre Jocimar que tem por volta de 50, Deuseluce com a mesma idade e Dona Ilza, congueira da formação antiga que já tem uns 70 anos. Há pouco tempo entraram algumas senhoras mais idosas que não faziam parte do Congo, mas que trazem seriedade e devoção necessárias em um grupo predominantemente jovem.

A participação das crianças hoje se dá de forma mais espontânea. Não temos mais uma única banda mirim como na década de 80, mas atualmente a banda Jacarenema realiza um trabalho muito bacana com as crianças da escola Tuffy Nader chamado Congo na escola sob coordenação da Marina Sampaio. Acredito que esses alunos possam dar continuidade à prática juntamente com os filhos de congueiros que não fazem parte do projeto, mas que participam das bandas de Congo.

O Congo para mim é uma espécie de religião. Mais do que religião é minha Identidade. Uma prática que se mistura com a minha história de vida, pois já nasci Congueira. O Congo foi um presente que herdei da minha mãe, mas que mantive por vocação. Toda a atmosfera do Congo sempre me encantou. As pessoas e sua fé, a simplicidade e as sensações. O som do tambor é como um cheiro de comida boa, é como o mar que só de ver dá vontade de entrar. É um lugar que me sinto tão à vontade que não quero sair, não quero que acabe nunca.

Hoje não tem mais Congo como antigamente. Não se toca mais Congo na Barra a não ser em Fincada do Mastro de São Benedito. Resultado da lógica capitalista que se apropria de tudo o que é espontâneo e transforma em produto comercializável. O congo não é mais uma brincadeira e uma devoção, se tornou uma riqueza cultural, logo objeto de desejo. Os congueiros não vivem mais em um bairro tranquilo

onde se podia tocar Congo despretensiosamente na rua. A barra agora está encurralada por bairros vizinhos com alto índice de violência. As pessoas vivem suas vidas individualmente. A falta de peixe e de matérias primas faz com que as pessoas sejam obrigadas a trabalhar fora durante 8, 12 horas por dia. Sobram os fins de semana para curtir a família e os bens que o capitalismo proporciona através do trabalho duro. Nesse contexto o Congo vai deixando de ser um hábito para se tornar evento.

Quando é chegado o momento do festejo de São Benedito o Congo vira "micareta" para um público que não sabe nem o que está fazendo ali. Ao se tornar consumo desse público a fincada do mastro cada vez mais vai perdendo o seu sentido devocional. Nem todos os congueiros acham isso ruim, pois se tratando de uma prática feita por pessoas simples e que historicamente foi discriminada pela elite, alcançar um reconhecimento da mídia e do público é uma conquista, motivo de orgulho, faz bem para a auto-estima.

Mas para mim e para outros congueiros as consequências dessa espetacularização são devastadoras. Nesse contexto vou seguindo no contra fluxo, não deixando de participar e resistindo à todas as formas de opressão e banalização que tentam fazer com a tradição do Congo.

É triste olhar para os lados e não ver mais Alcides, Zé Silva, Antônio Bejú, Aroldo, Amaral, Zé Luis, Honório, entre tantos outros que se foram e são minha referência, minha escola. É triste ver uma multidão seguindo o cortejo jogando latinhas de cerveja para cima, empurrando os idosos e assediando as mulheres. É triste ver mais fotógrafos do que congueiros disputando espaço na roda para capturar a imagem perfeita a qualquer custo. E é triste ver que muitos congueiros não percebem que a opressão e o desrespeito estão travestidos de um falso reconhecimento e valorização da nossa cultura.

Continuo resistindo da maneira que posso, de uma forma que não me faça perder a vontade de estar no Congo. A cada ano por exemplo a preparação e ornamentação da bandeira e do mastro de São Benedito tem se tornado uma das etapas mais significativas da fincada para mim. Com a "micaretização" das festas é cada vez mais difícil vivenciar o ritual com plenitude. Preparar Benedito e cuidar dele com carinho tem sido a forma que encontrei de agradecer e perceber que minha fé e minha relação com o Congo que aprendi ainda se mantém vivas. Durante o festejo tento me sintonizar às energias do passado através das minhas memórias e da espiritualidade presente. Me concentro ao máximo no que de sagrado ainda existe e resiste e tento abstrair todas as interferências que possam ser prejudiciais àquele momento único.

Assim vou tentando fazer minha parte como congueira, não só durante as fincadas e retiradas, apresentações e encontros, mas também no dia a dia, tentando mostrar a importância de se conhecer as memórias, os fundamentos, o contexto atual em que o Congo está inserido e sua dinâmica ao longo dos tempos.

Sei que pode parecer ingênuo e até saudosista querer ouvir e sentir o tambor bater no mesmo compasso em que batia há décadas atrás, afinal o mundo muda, as pessoas mudam a cultura popular se transforma, ela não é e nunca foi estática. Mas não querer que o capitalismo e suas artimanhas acabem com o pouco que ainda nos resta de espontâneo e verdadeiro é também uma forma resistência. Então a gente resiste, a gente segura, a gente burla o sistema da forma que dá, tentando sincronizar o compasso do tambor ao do nosso coração.

E viva São Benedito!!!

Inara Novaes

Jamilda, Banda de Congo Panela de Barro de Goiabeiras, Vitória, ES.

Vitória, 20 de junho de 2017.

Eu não sou mulher do congo, eu sou mulher na vida. O congo é uma parte significativa da minha existência.

O congo faz parte da minha vida desde a minha infância, quando às vezes em companhia da minha saudosa avó Lúcia Florinda, íamos para o quintal de tio Arnaldo Gomes Ribeiro, situado à avenida Adalberto Simão Nader, nº 2330, em que se localizou o primeiro galpão das paneleiras[18], onde acontecia a roda de congo.

Tio Arnaldo Gomes Ribeiro, pela manhã em algumas sextas-feiras, anunciava às paneleiras e aos congueiros que naquele dia ao anoitecer haveria congo. Ele, em seguida, solicitava às suas filhas para prepararem uma porção generosa de petiscos e disponibilizava alguns aperitivos para serem servidos durante a roda de congo.

Mesmo sem a existência das redes sociais, hoje imprescindível para a rápida comunicação, a notícia se espalhava e o quintal ficava repleto de gente.

Nós, crianças e adolescentes, ali na quentura do acontecimento, de forma tímida inicialmente, aprendíamos a cantar e a dançar congo. Quando a música e o ritmo tomavam conta dos corpos, a timidez dava lugar a alegria.

O congo é um momento de alegria, de prazer. Por algumas horas a felicidade toma conta do meu ser amenizando as preocupações e dores do cotidiano.

Utilizo conhecimentos profissionais de outras áreas para organizar as nossas apresentações; como foi a nossa

[18] Em seu quintal tio Arnaldo construiu um galpão em que algumas paneleiras produziram panelas de barro e recebiam pelo total da produção semanal. Todo o material era disponibilizado por tio Arnaldo, cabendo as paneleiras entregar no final de cada dia a produção acordada entre tio Arnaldo e cada uma delas.

participação no Festival de Olímpia/SP; Encontro das Nações em Santa Catarina/SC; Sonora Brasil – Sesc e as dezenas de apresentações no estado do Espírito Santo.

O congo não é profissão para nenhum dos nossos congueiros e cantadeiras. Cantamos e dançamos congo em louvor a São Benedito, a Nossa Senhora da Conceição. A Nossa Senhora da Penha, etc. Também cantamos e dançamos congo como uma possibilidade de afirmação da nossa identidade cultural. Vários familiares fazem parte do congo.

Desenvolvo uma crítica às escolas porque observo que não há uma valorização aos saberes e fazeres de nossos artistas do congo, por exemplo. Não percebo uma tentativa sistemática de aproximação dos saberes tradicionais. Esta possibilidade existe, mas a escola ainda trata os saberes das comunidades tradicionais como saber exótico, menor em relação ao saber científico.

Jamilda Bento

Figura 59 – Puxada e fincada de mastro da Banda de Congo Panela de Barro, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

8.2 Sobre ressignificação do congo e invasão cultural

Gostaria de destacar aqui a dissertação de mestrado de Inara Novaes Macedo, que é uma mulher do congo, *Entre rios, praias e planetas: travessias do Congo da Barra do Jucu*, concluída em 2015 e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

Trago essa pesquisa porque nela Inara relata que, durante um bom tempo, o congo foi uma prática marginalizada, porém, nos dias atuais, é considerado um ícone da cultura capixaba.

> Essa ressignificação está ligada a um processo de valorização e projeção midiática que se iniciou nos anos 1980 e se intensificou nas décadas seguintes. Boa parte dos movimentos e eventos que estimularam esse processo ocorreu na comunidade da Barra do Jucu. Por outro lado, políticos, empresários, indústria do entretenimento e outros setores sociais, aproveitam cada vez mais dessa ascensão do Congo utilizando os grupos tradicionais para fins lucrativos e promocionais. (MACEDO, 2015, p. 15).

A pesquisa de Inara Macedo relata que o congo foi traduzido pelas experimentações culturais e musicais, e nos anos 80 formou-se a primeira banda para-folclórica composta por estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo, sob regência do maestro e compositor Jaceguay Lins, um apaixonado músico pernambucano que se radicou no Espírito Santo no início de 1980.

A mulher do congo e pesquisadora Inara Macedo destaca ainda, em sua pesquisa, que, o período de 1990 até meados de 2000, foi um momento de intensa divulgação do congo, com o surgimento das bandas Manimal e Casaca, que misturaram o congo com o reggae e o rock. Vale mencionar também que o congo atingiu projeção internacional na ocasião quando um robô da Administração Nacional do Espaço e da Aeronáutica (NASA) foi acordado em Marte pelo ritmo do grupo Casaca (MACEDO, 2015, p. 121), como relata o físico e pesquisador Paulo Souza (2004, p. 4 apud BRAVIN, 2008, p. 15), em um artigo publicado no jornal *A Gazeta*:

> No sétimo dia da missão, acordamos o robô Spirit na cratera de Gusev, em Marte, com um Congo capixaba. Foi absolutamente fantástico ouvir a música ‘Da Da Da’ (da banda Casaca) ecoar

> pela sala de controle, no Laboratório de Jato propulsão da Nasa, em Pasadena, CA. Os técnicos [...] simplesmente adoraram o nosso Congo!

É preciso destacar aqui um fato que causou indignação, e que diz respeito á apropriação, pelo músico carioca Martinho da Vila, quando esteve na Barra do Jucu e conheceu o congo capixaba, de uma das letras da toada do nosso congo, como narra Macedo (2015):

> A referência única à Barra do Jucu, exposta no último verso de "Madalena", introduzido pelo artista, serve de comprovação ao que foi esclarecido acima.
> Eu fui lá pra Vila Velha Direto do Grajaú Só pra ver a Madalena e ouvir tambor de Congo Lá na Barra do Jucu.
> Não se pode negar que a canção extraída na comunidade da Barra do Jucu foi um dos grandes, senão um dos maiores sucessos do sambista carioca e consequentemente atribuiu à sua carreira um imensurável valor simbólico e financeiro que supera o que as bandas de Congo receberam em termos financeiros por "Madalena". Aliás, a canção já rodou o mundo e as bandas da Barra do Jucu, nunca receberam um centavo sequer de Martinho da Vila e de outros artistas pela sua gravação. (MACEDO, 2015, p. 151).

Com esse fato é possível constatar a invasão cultural e econômica de um artista de fama nacional que vai até uma comunidade e se apropria dos seus saberes, no caso, das toadas das bandas de congo capixaba. Martinho da Vila não foi o único, mas sua atitude deu visibilidade a um processo de apropriação que envolve, conforme Inara Macedo (2015), políticos, empresários, indústria de entretenimento, setores sociais, que se promovem com as bandas de congo, enquanto essas continuam resistindo e sobrevivendo na ausência de qualquer recurso ou apoio.

> Na verdade, toda dominação implica uma invasão, não apenas física, visível, mas às vezes camuflada, em que o invasor se apresenta como amigo que ajuda. No fundo, a invasão é uma forma de dominar econômica e culturalmente o invadido. (FREIRE, 2014a, p. 205).

Mais recentemente*,* em dezembro de 2016, *a*s Bandas de Congo participaram da programação do Festival O Congo de Casaca, juntamente com a Orquestra Sinfônica do Espírito Santo, do Coro Sinfônico da Faculdade

Estadual de Música do ES, que aconteceu no Teatro Carlos Gomes. Esta foi a primeira vez que as bandas de congo compartilharam o palco do Teatro com um maestro e músicos sinfônicos.

Participaram do acontecimento as seguintes Bandas de Congo: Banda de Congo Amores da Lua (Vitória), com o Mestre Ricardo Sales e a Rainha Celeusa Maria Alves Sales; Banda de Congo Mestre Honório (Vila Velha), com o Mestre Daniel Vieira dos Santos e a Porta Estandarte Jaciara dos Santos; Banda de Congo Mestre Tagibe (Cariacica), com o Mestre Tagibe e a Rainha Maria de Jesus Ferreira e Bandas de Congo da Serra (Serra), com o Mestre Daniel Augusto e a Rainha Maria Cristina.

E as batidas pelas terras capixabas do Congo continuam ocupando múltiplos espaços de convivências.

Figura 60 – Participação da Banda de Congo Amores em gravação de vídeo clip de cantor pop. 2018.

Foto: Maria Luiza Teixeira Ramos. Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

9 DIÁRIO DE CAMPO: OAXACA DE JUÁREZ, OAXACA, MÉXICO

Figura 61 – Chapolines mexicanos comercializados na feira livre, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Figura 62 – Pessoas caminhando pela rua Alcalá de Oaxaca, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

9.1 Momentos iniciais

Eu sou apenas um rapaz latino-americano,
sem dinheiro no banco.
Sem parentes importantes e
vindo do interior...

Belchior

É sexta-feira, dia 28 de julho de 2017, na Ilha de Vitória, ES. Saí do inverno do Brasil para pousar no verão do México. No dia seguinte cheguei a Oaxaca de Juárez, para um Intercâmbio Acadêmico de pesquisa de Doutorado em Educação. Momento vivido por intermédio do professor e orientador Marcos Reigota, que articulou essa oportunidade de realizar essa atividade de pesquisa em outro país.

Fui contemplada com uma bolsa de estudos do Projeto de Cooperação do *Centro* Internacional e Interdisciplinario de Investigación y Enseñanza Aplicada (CIIIE) estabelecido entre a Alice Salomon Hochschule Berlin (ASH) e a Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca (UABJO), e entre a Universidad Autónoma de México (Unam) e o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso). Projeto financiado pelo programa DIES-Partnerschaften mit Hochschulen aus Entwicklungsländern do Servicio Alemán de Intercambio Académico (DAAD). Em Oaxaca, tive a supervisão da Dra. María Leticia Briseño Maas, profesora investigadora do Instituto de Ciencias de la Educación de la Universidad Autónoma “Benito Juárez” de Oaxaca (ICEUABJO).

É preciso destacar que, com essa parceria internacional entre várias universidades, foi possível também que a pesquisadora brasileira Carmem Machado (PPGE/ Uniso) fosse para Oaxaca de Juárez, México, realizar um intercâmbio acadêmico, e que a mexicana Cinthia Pacheco Guacamaya passasse quatro meses estudando no PPGE/Uniso, em Sorocaba, sob a orientação do professor Marcos Reigota.

E assim acordei na manhã de sexta-feira com o coração manso e sereno; uma sensação de leveza e paz. Havia chegado o dia tão esperado Dia de viajar para estudar. Como é maravilhoso ter a oportunidade de estudar-ler-escrever... um tempo especial para a Andreia, estudante de doutorado. Nos tempos em que vivemos no Brasil, isso é um privilégio: tempo para estudar. E estudar é um ato

de resistência. Soler foi me levar ao aeroporto, e cuidei das emoções com coragem. As lágrimas tomaram conta do momento, tão singular, inundado de amor e saudades. Início a maratona de voos: três. Foram quase 24 horas entre decolagens e aterrisagens – Vitória-São Paulo, São Paulo-Cidade do México, Cidade do México-Oaxaca.

Mesmo com tantos sobes e desces, minha viagem foi muito tranquila. Eu, que costumo ter receio de viagens de avião, fiquei serena e feliz durante os voos. Experienciei tudo com sossego e gratidão. Cinthia foi me buscar no aeroporto e me ajudou a chegar à cidade.

Em meus primeiros dias em Oaxaca, pensei no dia em que estive com o professor Reigota, em sua sala na Uniso, e lhe perguntei: *professor, o que tenho que fazer lá em Oaxaca?* E ele respondeu mais ou menos assim: *Desacelerar. Sentar na praça e tomar um sorvete!* Fiquei pensando nessas palavras por dias, semanas e meses..., até que finalmente cheguei em Oaxaca, naquele sábado, dia 29 de julho, e me sentei para almoçar com a Cinthia em um restaurante em frente à Praça do Zócalo.

Era tudo novidade para mim. Observei que as pessoas ocupam as praças para simplesmente conviverem, conversarem, comerem, respirarem, mulheres fazendo tranças nos cabelos das filhas, vivendo o tempo da vida. Ocupam para encontrar amigos e amigas, para estar com os familiares, e outras coisas. Me sinto comovida com esse povo. A praça como local de encontros-desencontros-reencontros. Espaço de convivência, de compartilhar emoções. Agora entendi o que seria *sentar na praça para tomar um sorvete*...

Estava me aproximando do povo de Oaxaca! Um povo de luta, de resistências. Lutam contra esse sistema opressor. Vi que as pessoas consomem alimentos produzidos nas ruas, saboreando a culinária local, deixando a entender que o modo de alimentação é uma atitude política. Esse contato inicial com a praça, com Zócalo, me desterritorializou a ponto de relembrar que na cidade de Vitória, na capital capixaba, as praças são ocupadas por pessoas em situação de rua, e o povo tem medo de habitar esses espaços. Os ares e as terras de Oaxaca são inspiradores.

E assim cheguei à cidade e, com isso, foram aparecendo alguns ruídos para a viajante recém-chegada. Uma missão a ser cumprida: conseguir um carregador-adaptador de celular e de notebook. Foi uma saga! Depois procurar

um lugar digno para me hospedar. Consegui um bom quarto, perto da Casa de Cultura, no centro histórico da cidade. Fiquei bem alojada. O quarto foi preparado com minhas energias. O endereço: Rua Arteaga 704, entre Gonzalez Ortega e Santos Degollado.

E assim, iniciei meu intercâmbio acadêmico, cheia de curiosidades, desejos e sonhos.

Figura 603– Painel da Virgem de Guadalupe, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

La virgen insurgente - Guadalupe
Bendícenos Madre de los proscritos
Madre de los insurrectos, de los encarcelados
Pacógenos Madre de los sin rostro,
Madre de los sin voz, Madre de los zapatistas,
Madre nuestra, bendícenos...

Botellita de Jerez

9.2 Primeiros passos de uma pesquisadora vivendo um intercâmbio

Com a orientação e a ajuda do professor Marcos Reigota, preparei um projeto de investigação para este intercâmbio acadêmico e fui aceita pela professora María Leticia Briseño Maas, pesquisadora do Instituto de Ciencias de la Educación da Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca (ICEUABJO).

Nesse contexto, a partir de conversas com o professor Marcos Reigota, definimos que o projeto se voltaria para o conhecer e o pesquisar as práticas pedagógicas de mulheres professoras e lideranças nos cotidianos escolares e para como o pensamento de Paulo Freire se faz presente e dialoga com os movimentos de resistência das professoras (maestras) em escolas públicas de Oaxaca.

Como possibilidade com as professoras (maestras) de Oaxaca, o projeto propunha a realização, com o grupo de docentes, de “rodas de conversa” sobre práticas pedagógicas cotidianas e suas relações com Paulo Freire. Essas rodas de conversa, como atividade de intervenção com as professoras, seriam organizadas de acordo com o interesse do grupo de docentes.

Assim, realizei práticas de acompanhamento pedagógico em quatro escolas públicas de Oaxaca, localizadas em diferentes regiões da cidade, com a apresentação e compartilhamento da pesquisa de doutorado que elaboro e de práticas pedagógicas que desenvolvo como docente, contemporanizando e ressignificando a pedagogia de Paulo Freire.

O período de pesquisa em Oaxaca contribui para o aprofundamento dos pressupostos da pedagogia freireana, recontextualizados a partir dos movimentos de resistência cultural, ecológica e pedagógica em diferentes contextos e espaços sociais.

Encontro e conversas com a professora Letícia Briseño

Durante o período de intercâmbio, tive diversos encontros presenciais com a professora Leticia, que me orientou e ajudou a agendar encontros com professoras e lideranças de escolas públicas em Oaxaca. Conversamos sobre

os avanços e limitações de minhas atividades acadêmicas. Além disso, mantivemos contato por email e por telefone celular.

É importante destacar as singularidades do meu primeiro encontro com a professora Letícia. Cheguei à Faculdade de Ciência da Educação (UABJO) no dia da aula inaugural da licenciatura, e os estudantes estavam alegremente ouvindo Pink Floyd (*The Wall*) e saboreando a bebida de cacau de Oaxaca, o *Tejate,* com um doce local, oferecidos a mim pela professora Letícia.

Em um momento de nossa conversa, a professora Letícia, com toda delicadeza, me disse: "*Você vai para a escola, escutar, escutar e escutar as maestras... depois, falar; antes escutar... Textos, artigos e livros, eu posso te recomendar depois de sua conversa com as maestras nas escolas... agora é escutar as maestras...*" (tradução minha)

Com esse intuito, a professora Letícia articulou, juntamente com três professoras (ativistas-lideranças) representantes da Comissão Pedagógica de suas escolas, um encontro que aconteceu em uma tarde de agosto no Instituto de Investigaciones Sociológicas. Foi o primeiro encontro oficial com maestras de escolas públicas, que trabalham a perspectiva freireana por uma educação libertadora e democrática, mediado pela professora Letícia. Após o término desta conversa, as professoras me convidaram para uma ida breve ao espaço da escola, que fica próxima ao Instituto, no centro de Oaxaca. Tive então a oportunidade de conhecer, ainda que rapidamente, um espaço de uma escola pública.

Assim, desde quando iniciou o ano letivo até o mês de outubro, conversei com seis professoras, todas lideranças-militantes-ativistas tanto das escolas urbanas quanto das escolas campesinas que trabalham com educação indígena. Essas maestras, com histórias de vida docente preciosas e emocionantes, são vinculadas à Sessão 22 do Sindicato Nacional de Trabajadores de la Educación (SNTE); a grande maioria dessas maestras dialoga com o pensamento de Paulo Freire. Conversei também com maestras que se aproximam das ideias de Célestin Freinet[19] e que, a partir do seu pensamento introduziram, na sua prática

[19] Educador francês (1896-1966) que valorizava o potencial da criança na sua especificidade, respeitando-a, interessando-se por sua vida (sua cultura), pelo trabalho que engaja a energia criativa do indivíduo, pela promoção do espírito coletivo e libertador. Freinet desenvolveu técnicas voltadas para os interesses dos estudantes, sob a orientação do educador. O pensamento de Freinet orienta-se pela crença de a criança e o adulto tem a mesma natureza e

pedagógica, a técnica da impressão de jornais com várias publicações de edições da *Revista de niños y ñinas, maestros y maestras, para todos: La Letra va brincando a nuestro pueblo*, com os textos e desenhos elaborados pelos próprios estudantes, que são posteriormente enviados a outras escolas, dentro de um processo de intercâmbio de produções.

Com o contato com essas maestras, recordei de quando conheci brevemente as ideias de Freinet, na época em que estudava pedagogia na graduação. A partir desse reencontro com as professoras, percebi aproximações com a pedagogia freireana, pois ambos creem que é no mundo e com o mundo que o ser humano constrói sua autonomia. Nesse sentido, como diz Paulo Freire (2009, p. 29), "uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo".

O próprio Paulo Freire se refere a Freinet (2011), em seu livro *Cartas à Guiné-Bissau: registro de uma experiência em processo*, como uma presença na prática de pedagogos políticos que trabalharam na e com a coletividade por uma vida mais justa, digna e libertadora para todos e todas.

Enquanto aguardava

Por causa das fortes chuvas e tremores de terra as atividades das escolas foram interrompidas, e minha visita a uma escola campesina de educação indígena foi adiada, foi preciso aguardar para adentrar nos cotidianos escolares.

Mas, mesmo assim, estive, juntamente com Sandrita (assistente da professora Letícia), em uma comunidade na Serra NorteMixe, distante 2 horas de carro, para conhecer algumas professoras que trabalham com educação indígena. Foi uma experiência maravilhosa sentir o frio e a neblina da serra. A conversa com as professoras foi muito boa, falamos sobre o trabalho que elas

não gostam de imposições autoritárias; de ninguém gosta de atuar como máquina, sujeitando-se a rotinas das quais não participa; de que um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas; de que sem isso não é possível educar dentro da dignidade e com esperança na vida. Disponível em: <http://jornalescolar.org.br/wp-content/uploads/2011/03/apresentando-celestin.pdf>. Acesso em: 4. Agos. 2018.

realizam através de oficinas (*talleres)* de resgate da língua materna e de educação abordando a violência sexual contra crianças indígenas.

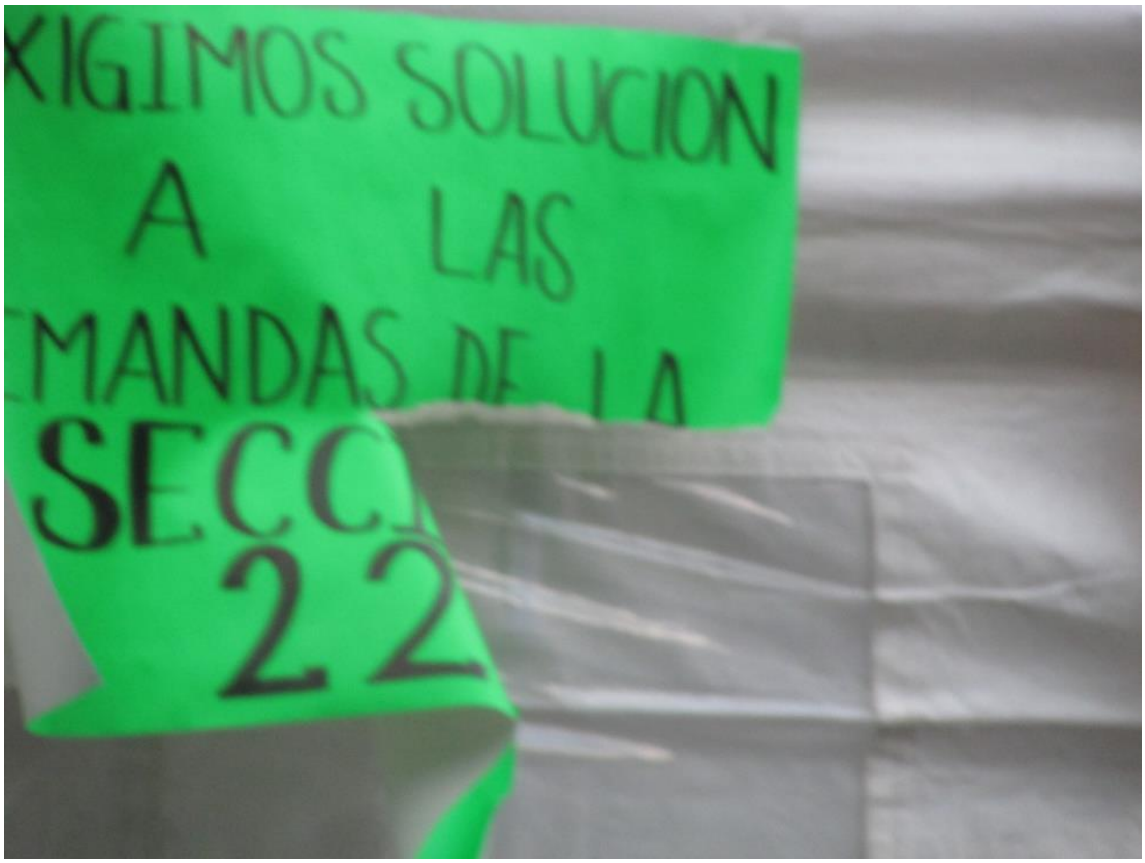
Em outra reunião com a professora Letícia, na Faculdade de Ciência da Educação, conversamos sobre o andamento de minhas atividades acadêmicas. Ela ficou feliz com o resultado da atividade de prática de acompanhamento pedagógico (*taller*) que realizei com as maestras de uma escola primária, e apreciou a metodologia que usei trabalhando com elas a partir de fragmentos dos livros de Paulo Freire, dentre eles, *Pedagogia do Oprimido e Pedadogia da Autonomia*. Ela leu todas as frases, atentamente e comentou: "*Andreia, algumas frases eu conheço e como são fortes essas palavras do Freire*" (tradução minha). Comentou também já ter ministrado *talleres* com grupos de professoras e que usou uma metodologia semelhante a essa, dizendo que sempre é uma alegria escutar as professoras.

9.3 Escutando as professoras nos cotidianos escolares

Figura 64 – Paisagem da Sierra Norte do Território Mixe, Comunidade São Pedro e São Pablo de Ayutla, 2017.

Fonte: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Figura 65 – Cartaz afixado por maestras e maestros no Zócalo em um de ato de resistência, 2017.



Fonte: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Por indicação da professora Letícia, inicialmente, estive com duas professoras ativistas e lideranças, para apresentar minha proposta de projeto de pesquisa de intercâmbio acadêmico em Oaxaca. Após a minha explanação, as docentes, negociaram que iriam expor a ideia para os outros docentes, em uma reunião geral na escola. A partir da realização desta atividade com escola, fui indicada por uma professora a fazer essa prática em outras unidades de ensino público. Assim, fui convidada para realizar essa práticas de acompanhamento pedagógico em quatro escolas, situadas em diferentes regiões, onde tive contato com quase 40 docentes de variadas áreas de conhecimento e com a produção de tantos dados, criei uma única narrativa ficcional, para que metodologicamente, pudesse reunir, de modo ético e político, os aspectos pertinentes que tive oportunidade de viver com as professoras nos cotidianos escolares.

Durante toda uma manhã do mês de outubro, estive em uma escola da zona rural oaxaqueña. Fui até lá para me encontrar com 12 professoras, que são lideranças e ativistas no campo da educação, com longo tempo de serviço docente. Expectativas tomaram conta de mim, que fui carregando um envelope colorido com 40 frases de Paulo Freire, torcendo para que elas sustentassem minha proposta de realizar uma prática de acompanhamento pedagógico, intitulada *El pensamiento de Paulo Freire en la prácticas pedagógicas*.

Nos dias anteriores, havia selecionado os trechos de Paulo Freire, traduzidos para o espanhol, colando cada um sobre uma tira de papel cartão colorido, para usar na atividade com as docentes. Escolhi esse modo de trabalhar inspirada nas aulas de doutorado em educação ministradas pela professora Alda Romaguera das quais participei na Uniso.

Ao chegar à escola, que fica um pouco distante do centro histórico de Oaxaca, fui recebida pelo diretor no portão principal, que me mostrou as instalações da unidade de ensino, localizada num grande terreno, com quadra poliesportiva, jardim e uma pequena horta logo na entrada. A escola funciona em um prédio baixo, com pequeno muro, e tem as paredes pintadas com cores claras.

Alguns docentes me aguardavam na sala, outros foram chegando em seguida. Sentamo-nos nas cadeiras em círculo e fui recebida e apresentada com curiosidade, por ser brasileira, sendo que todas manifestaram interesse em estar comigo, que sou estudante mas também professora no Brasil.

O diretor, para iniciar a conversa, nos ofereceu uma cesta com doces oaxaqueños, além de café, água e alguns biscoitos, chamados de *galletas*. O desejo, com o encontro, era escutar as histórias de vida dos docentes e como sua prática se relaciona com os pensamentos de Paulo Freire. Adotei como procedimento metodológico, a roda de conversa, interessada em tecer um diálogo amoroso com os docentes presentes.

No início da atividade, expliquei, brevemente, meu projeto de pesquisa de intercâmbio, e ressaltei que estava ali para escutá-los. Comecei minha explanação com a leitura de uma passagem do livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire (2009, p. 30-31):

> El mundo no lo es. El mundo está. No soy sólo objeto de la historia, sino su sujeto igualmente. En el mundo de la historia, de la cultura, de la política, constato no para adaptarme, sino para cambiar [...] Es por eso también que no me parece posible ni aceptable la posición ingenua de quien estudia, sea el físico, el biólogo, sociólogo, el matemático, o el pensador de la educación (como ustedes pedagogas y pedagogos). Nadie puede estar en el mundo, con el mundo y con los demás de forma neutra. No puedo estar en el mundo de guantes en las manos constatando sólo [...] Hay preguntas a ser hechas insistentemente por todos nosotros y que nos hacen ver la imposibilidad de estudiar por estudiar. De estudiar descomprometidamente como si misteriosamente, de repente, nada tuviéramos que ver con el mundo, un afuera y lejano mundo, alejado de nosotros y nosotros de él. ¿A favor de qué estudio? ¿En favor de quién? ¿Contra qué estudio? ¿Contra quién estudio?

A partir desse momento, retirei as frases de Paulo Freire do envelope colorido e as expus sobre uma mesa no centro da roda de conversa, e convidei as participantes para escolherem um fragmento de seu interesse.

As professoras selecionaram as seguintes frases: “Enseñar exige respeto a los saberes de los educandos.”; “Enseñar exige respeto a la autonomía del ser del educando.”; “Enseñar exige saber escuchar.”; “No hay más información o saber menos: Hay diferentes saberes.”; “Todos nosotros sabemos algo. Todos nosotros ignoramos algo. Por eso, aprendemos siempre.”; *“*Enseñar no es transferir conocimiento, sino crear las posibilidades para su propia producción o construcción*.”*; *“*No hay enseñanza sin investigación ni investigación sin enseñanza*.”*; “Es fundamental disminuir la distancia entre lo que se dice y lo que se hace, de tal forma que, en un momento dado, tu habla sea tu práctica.”; “Cambiar es difícil pero es posible.”; Si la educación sola no transforma la sociedad, sin ella tampoco la sociedad cambia.”; “Amar es un acto de coraje.”; “Nadie educa a nadie, nadie se educa a sí mismo, los hombres se educan entre sí, mediatizados por el mundo.”; “Nadie libera a nadie. Las personas se liberan en comunión.”

Cada professora contou um pouco de sua história de vida docente e relacionou-a com o pensamento de Freire, expresso na frase escolhida. Algumas docentes se emocionaram ao narrar suas histórias com a educação indígena nas comunidades rurais campesinas, e afirmaram que a professora que não atuou nas escolas de dificílimo acesso deixou de viver uma experiência única.

Elas narraram suas angústias com a reforma educativa imposta pelo governo, as tristezas com o alto índice de violência contra mulheres, a desvalorização do trabalho docente e seus sonhos e desejos de uma educação mais justa para todas e todos. Na ocasião, conheci um casal de docentes que estudam Paulo Freire e me apresentaram o exemplar do livro *Cartas a quien pretende ensinar*, desconhecido por mim. As professoras narraram ainda a alegria de tentar, com um projeto de educação alternativa, propor outras experiências pedagógicas com as crianças da escola, na promoção de uma educação libertadora, solidária, dialógica e democrática, em conexão com a pedagogia freireana.

Em um certo momento do encontro, me perguntaram: "*Nós aqui lemos e seguimos as ideias de Paulo Freire, e vocês, no Brasil, leem os mexicanos?*" Foram citados como referências Emiliano Zapata, Octavio Paz e Frida Kahlo. Perguntaram ainda se "*No Brasil existem muitos grupos que estudam Paulo Freire?* Disse-lhes que há vários mas que não existe uma unificação de ideias.

Para finalizar a atividade, convidei-as a escrever o que haviam contado no decorrer da prática de acompanhamento pedagógico.

> Te saludo com afecto y agradezco la invitación que me haces para formar parte de tu proyecto de investigación. Como sabes, yo tenso 32 años de servicio em la docência en el estado de Oaxaca; y las inquietudes de aprender para ser mejor ser humano me han acompanhado. He sido muy inquieta, asi que en cada centro de trabajo donde he colaborado, siempre he buscado proponer, cambiar ciertas prácticas para mejorar la vida de los alumnoas y alunos. El discurso del cambio há estudo presente desde mis estúdios en la Escuela Normal. Tuve la fortuna de ler literatura latino-americana y rusa que me dieran los puntos cardinales para recorrer estes años de docência y de vida. En la comunidade de Sata Lúcia Ocotlán, muy cerca de la ciudade de Oaxaca, propusemos uma forma de trabajo que incluem o visibilizará la necessidade o oportunidade que deberiun tener las niñas de continuar estudiando su educación secundaría; ya que sólo se conformaban com terminar su educación primaria y esperar el momento para contraer matrimonio. Las mujeres casadas no tienen uma gran vida, ya que ven partir casi imediatamente a sus esposos hacia Estados Unidos. Pasam muitos años solas. Hoy que han passado los años he visto a ex alumnas y han logrado estudiar otros niveles y salen a trabajar, lo cual yo espero que eles de la oportunidade de realización. Hay mucho que contar, pero considero que has escuchado nuestras experiências y te daris cuenta que la discriminación es general en nuestros países. (Dominga)

...tengo 26 años de servicio docente, actualmente me encuentro adscripta a la Esc. Prim. Atiendo el quinto grado, grupo C, tengo 27 alumnos, me gusta mi profesión porque lo sou por decisión, desde mui pequena tuve esa inclinación y no desisti, apesar que me decian que era uma profesión mal remunerada economicamente, com conflitos políticos, etc. Asisti al Centro Regional de Educación Primaria de Oaxaca (CRENO). Mi primeras experiências como trabajadora fue em uma comunidade Valle Nacional pertenciente a la Región de Tuxtepec, Oaxaca, fueron años hermosos em mi vida porque marcaron mi labor docente y me viasulizo que no había equivocado el caminho, era la carrera que yo amo, la convivecia com la comunidade rural y la permanência en ella de tempo completo (viajaba cada 15 dias a la ciudade para saludar a la família y cobrar) me permitio conocer su cultura, su lengua. (Rosaria)

Maestra Andreia me gusto mucho su curso em esta escuela, porque tubimos la oportunidade de conocernos um poquito más entre compañeros. Y la frace que escogi “Nadie nace hecho, es experimendonos en el mundo que nosotros hacemos”. Es que no nacemos sabendo; si no que atra vez del tempo vamos aprendiendo cosas nuevas todos los días. (Josefina)

Quero inicar agradecendo tu presencia em la Escuela Primaria, donde laboro actualmente yo que provocaste, em el buen sentido de la palavra, um tempo para escucharnos como membros del personal; no habìamos tenido la oportunìdade de realizar este ejercìcìo de escucha, a todos nos hizo bien escucharnos. He leido la Pedagogia del Oprimido y la Pedagogia de la Esperanza, pero me es necessário volver a revisar, la frase “Cambiar es difícil pero es posìble” me recuerda que no puedo, ni debo realizar uma pràctica docente rutinarìa, costumbrìsta y mecânica. (Alejandra)

Es um placer compartir contigo mis experiências que he tenido y tengo como docente, desde ya hace 22 años de servício em la pedagogia...Posteriormente me Viena a mi regiõn por que yo soy d la región del Valles centrales, estuve trabajando por la, parte surconvivi com outro tipo de gente humilde tanbien como yo, me gusta ser maestra y me gusta tambien ka ideologia del Sr. Paulo Freire pedagogo, y lo que tengo que estudiar sus obras para transformar mi practica docente lo havia, porque estas em centro del sistema del estado, de los modelos educativos que cada gobierno estabelece em um país o estado, pero siento que aun me faltaria o me falta mucho para que a traves de mi pudiera lograr a personas. (Jasmiz)

¿Qué es lo que hace falta para que la mujer sea integrada em su totalidade? Desde mi punto de vista hace falta darnos la oportunidade de ler, de analizar, de compartir experiências, de conocer otras culturas pero sobre todo hace falta Amarnos como persona, como mujer, como amiga y especialmente como

> MAESTRA, compañera y simplesmente como MUJER valiente, porque “Amar es um acto com CORAJE.” (Yolanda)
>
> Tengo 33 años de servicio docente, inicie em 1984 en la Región de la Cañada, posteriormente em la región de la sierra sur, también em la sierra norte y em los Valles centrales. Y lo más importante de esta experiência son los niños y noñas que a lo largo do mis años de servicio he tenido el privilegio de poder atender, enseñar y educar, es uma diversidade muy grande pero existe la disposición de obterner los conocimientos, algunos com dificuldad, otros com más facilidade. Soy también um activo participante de la lucha magisterial y a lo largo de mis años de servicio hemos sufrido de la represión por parte del gobierno para quitarnos los derechos, pero hemos resistido y lo seguiremos haciendo, somo la ciudade de la resistência y buscamos la transformación por meio de una educación libertária. (Carmelita)

No final do encontro convidei uma professora para fazer a leitura em voz alta deste trecho de Paulo Freire (2014, p. 77):

> En ese momento urge la necesidad que asumamos el deber de luchar por los principios éticos más fundamentales como el respeto a la vida de los seres humanos, a la vida de los otros animales, a la vida de los pájaros, a la vida de los ríos y de los bosques. No creo en la amorosidad entre mujeres y hombres, entre los seres humanos, si no nos volvemos capaces de amar al mundo. Si la educación sola no transforma la sociedad, sin ella tampoco la sociedad cambia. Es necesario disminuir la distancia entre lo que decimos y lo que hacemos. Despojando a los débiles, engañando a los incautos, ofendiendo la vida, explorando a los demás y las otras, discriminando a los indígenas, a los negros y las negras, a las mujeres, no estaré ayudando a mis hijos e hijas a ser serios, justos y amorosos de la vida y de los demás.”

Trocamos endereços de e-mail, facebook, tiramos fotografias e fui presenteada com uma bela blusa com bordados coloridos feitos à mão e um lenço de tecido do artesanato oaxaqueño. No encerramento, recebi inúmeros recados, mas gostaria de destacar um: “Me despido de usted hasta luego ojaba le sirva de algo mi experiência. [...].” Acredito que quando trabalhamos com Paulo Freire é este o nosso desejo, que algo do que sabemos participe dos mundos de alguns outros.

9.4 Fragmentos de um diário de campo

Figura 66 – Pimentas, abacates, rabanetes e outras verduras comercializadas na feira livre, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Em um encontro com a professora Letícia, conversamos sobre como ia caminhando minha pesquisa em Oaxaca e como seriam organizados os dados produzidos com o intercâmbio, falamos ainda sobre ética na pesquisa, produção de narrativas, narrativas ficcionais, cenas, histórias de vida. A professora recomendou que eu me dedicasse a viver outras coisas de Oaxaca, que participasse das festas dos mortos, das comparsas nas escolas, que experimentasse a diversidade da culinária local, as comidas com chapolines (garfanhotos) e os molhos de pimenta (chiles), que conhecesse as danças, as músicas, as calendas, dizendo-me que isso também é importante, pois para

fazer uma pesquisa é necessário conhecer as culturas do lugar, fazendo uma leitura dos mundos oaxaqueños.

Recordei-me de Paulo Freire (2011) no livro *A importância do ato de ler*, quando, ao abordar a relação entre povo e cultura, diz:

> Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do povo é cultura. A música do povo é cultura, como cultura é também a forma com o Povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira que o Povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha. [...] como cultura é o gosto das comidas. Cultura são os instrumentos que o Povo usa para produzir. Cultura é a forma como o Povo entende e expressa o seu mundo e como o Povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. (FREIRE, 2011, p. 89-90).

México de muitas cores

As férias escolares mexicanas acontecem nos meses de julho e agosto, quando crianças, adolescentes, jovens, idosos e idosas, enfim, as famílias, ocupam os espaços de convivência coletivos e públicos da cidade. Aproveitei a ocasião inesperada para acompanhar as vidas cotidianas, conhecer o centro histórico, ruas, museus, galerias, praças, bibliotecas, igrejas, e, na medida do possível, conversar com as pessoas, principalmente com as mulheres de todas as idades. Experenciei leituras de mundo em que foi possível me aproximar dos modos de vida das oaxaqueñas que habitam aquele território. O primeiro mês em Oaxaca foi uma experiência que me causou um profundo impacto. Fiquei fascinada com a intensidade das cores e com os aromas e sabores, escutando a música “Latinoamérica”, do grupo de Porto Rico Calle 13.

Encontros no Zócalo

Zócalo é uma charmosa praça com pomposas árvores e é o coração do centro histórico. É um ponto de encontro entre pessoas, uma referência local. Lá, as pessoas se encontram, re-encontram, des'encontram, para conversar, negociar, trabalhar, comer, ficar em silêncio, descansar, namorar, brincar, dançar, cantar, resistir e viver o tempo da vida. Lugar de resistência e re-existência cotidianas, de atos de resistência! Lugar de amizades, afetos, desafetos. Frequentemente, aos domingos, no Zócalo, acontecem concertos musicais, com apresentações de orquestras das regiões de Oaxaca. Grupos de dança também se apresentam. Pessoas de todas as idades dançam, cantam e se divertem embalados pela energia mexicana. O povo ocupa a praça para conviver e para compartilhar emoções. Ouvindo "Zapata se queda", da cantora oaxaqueña Lila Downs.

Figura 67 – Meninas aguardando para participar de uma apresentação de Calenda, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal.

Dia de sol quente!

Pessoas caminham pelo Zócalo. Perguntas ecoam nos meus pensamentos: para onde vai o lixo que é produzido em Oaxaca? Tantos copos plásticos, garrafas descartáveis..., onde armazenam tudo isso? Pombos comem migalhas. Gente de todas as idades saem pelas ruas comercializando artesanatos locais, como os coloridos separadores de livros feitos com a casca da árvore Amate. Crianças brincam de pique-pega na praça. Turistas caminham pelas ruas com suas câmeras fotográficas e guias turísticos. O comércio não para. O tempo não para. Escutei músicas que conheço: “Amigo de fé”, do capixaba Roberto Carlos, na versão em espanhol, Ramones e Guns N’ Roses em inglês e Maria Bethânia e Tom Jobim em português. Ouvi a canção “La Cumbia del Mole”, de Lila Downs.

Figura 68 – Mulher oaxaqueña comercializando blusas bordadas à mão no Zócalo, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Mulheres em Oaxaca

Mulheres mexicanas nas ruas com seus filhos e filhas, crianças de todas as idades, na lida do dia e da noite. Usam roupas feitas com tecidos de cores vivas. Elas comercializam, no fim da tarde, flores de açucena em grandes e belos ramalhetes que perfumam a cidade, adentrando nos restaurantes lotados de turistas franceses, italianos, alemães, japoneses. Vendem quitutes e pratos da culinária regional, sempre com muitos molhos, pratos coloridos, quentes com pimentas de todos os tipos. Há muitas mulheres trabalhando nas ruas. Parece que elas movimentam a economia informal do lugar. Vi mães zelosas com seus filhos e filhas, literalmente embalados em tecidos amarrados ao longo do corpo das mulheres e que seguram as crianças. É quase meia noite. Vejo crianças e mulheres bocejando. Mulheres cochilando. Ouvia novamente Lila Downs, “La Iguana”.

Figura 69 – Tapetes de tecidos Zapotecos, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Dia de descobertas outras

Dia de muita chuva e vento. Sinto os perfumes do verão de agosto. As cores e os tecidos compõem territórios bordados das diferentes etnias. Vejo que Paulo Freire está na livraria da Rua Independência: *Pedagogía de la Esperanza*. As cores continuam a me encantar, pedras, copos, blusas, brincos. Experimentei suco de laranja na sacolinha – o comércio serve alimentos em sacos plásticos. Existem muitas pessoas pedintes de todas as idades nas ruas. Os restaurantes em volta do Zócalo passam o dia todo repletos de turistas. De onde vem a água que é consumida em Oaxaca? Quem foi Emiliano Zapata? Quem foi Benito Juárez? Quem foi Maria Sabino? Ouvi narrativas de diferentes pessoas. Conheci a planta sagrada chamada *maguey*. Ouvi a música "Mezcalito", de Lila Downs.

Quem coleta o lixo de Oaxaca?

Caminho pelas ruas, e logo cedo avisto mulheres comercializando o café da manhã. Pães, ervas e café. Crianças brincam de bola de sabão no Zócalo. A chuva é bem-vinda nos dias quentes de verão. Pombos habitam as praças com as pessoas e ninguém se sente incomodado. Há alguns dias observo que há muito lixo pelas ruas. O que será que aconteceu? Lixeiras cheias e o lixo acumulado. Cadê a coleta de resíduos sólidos? A chuva chega e refresca a tarde. Mulheres vendem capas de chuva. Ouço o som forte de trovões. Sinto frio nas pernas! Assisti um homem recolhendo lixo. A cidade começa a ficar limpa. Guarda-chuvas e capas de chuva são acessórios indispensáveis por aqui. Todo dia chove, e as mulheres continuam o labor com a chuva. Escutei a canção da chilena Violeta Parra, "Gracias a la vida".

Las Calendas Oaxaqueñas

Las Calendas é uma festividade fortemente enraizada em Oaxaca, sendo um acontecimento singular preservado pelas famílias e comunidades oaxaqueñas. O que mais me chamou a atenção são as belíssimas mulheres com seus penteados, vestidos e adereços coloridos. Como sábado é dia de casamento nas igrejas tradicionais do centro histórico, é comum, ao término da cerimônia, todos saírem da igreja em procissão pelas ruas da cidade, ao som de uma banda de música dançando com as mulheres da Calenda. Nesses momentos, os oaxaqueños e turistas se juntam nos embalos dos festejos, saboreando o mezcal, uma bebida local e tradicional. Escutei “Yo soy Calenda, Mezcal y son”, de Nathanael Lorenzo Hernandez.

A força da maíz mexicana

O milho é alimento essencial na culinária dos mexicanos. Tortilhas, tortadas, totopos, tacos, tlayudas, tamales, pozole, atoles, elotes e palomitas, são muito apreciadas por aqui. O milho serve para tudo: alimentação, artesanato e remédios. É fonte de proteína, vitamina e minerais. Além do milho, os mexicanos consomem feijão, pimenta e abóbora. O milho é também um alimento presente em muitas cerimonias religiosas. Cerimonias com música e danças. Há mais de 600 pratos produzidos com o milho. É possível experimentar a gastronomia oaxaqueña no Mercado 22 de Novembro, que fica próximo ao Zócalo. Uma experiência de sabores incrível. Lila Downs no vídeo-clip da canção “El Palomo del Comalito” evidencia as mulheres no preparo dos alimentos.

Figura 70 – Framboesas e amoras comercializadas em uma feira livre, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Greve dos coletores de lixo em Oaxaca

Sinto cheiro de café no ar. Domingo quente. Dia de habitar o Zócalo para assistir um concerto com orquestra. Pessoas bailam na praça, algumas idosas deixam suas bengalas e dançam. Experimentei uma *Paella*. Descobri o porquê de tanto lixo nas ruas: era greve dos coletores. E para onde vai o lixo de Oaxaca? Será que vai para uma Central de Tratamento de resíduos ou para um lixão? O lixo é recolhido por uma pessoa e o caminhão passa tocando um sino. As pessoas se dirigem ao caminhão e entregam seu lixo em um saco preto. Percebi, em algumas praças, que existe uma pessoa que separa o livro, papelão, latas de alumínio, plásticos, entre outros. Praças bem cuidadas e belíssimos chafarizes. Ouvindo “Mexico Lindo y Querido” de Playing For Chang**.**

Tremores atravessando a pesquisa

O dia 7 de setembro por aqui foi intenso, com grandes acontecimentos. Tempestades fortíssimas, manifestações de docentes acompanhadas de forte repressão policial, e, para finalizar, um terremoto. Foi um grande susto. Eu estava dormindo na hora, acordei e sentei na cama, esperando parar de tremer. Vivi uma experiência particular, ainda sinto meu corpo tremendo, a magnitude do sismo foi 8.2. Oaxaca de Juárez, Oaxaca, México, 19 de setembro. Dia quente de verão, parece que vai chover. Chega a chuva. Tenho uma reunião na Universidade Autônoma Benito Juarez de Oaxaca (OABJO) com minha orientadora local. Minutos antes da reunião, enquanto aguardo no corredor, sinto tremores, penso: “estou imaginando tremores”. Sandrita, professora Letícia e eu já estávamos em reunião quando de repente a sirene de alerta de sismo soou. Professora Letícia imediatamente me pegou pelo braço e me levou para fora do prédio, com todos os outros estudantes da Faculdade de Ciências de Educação. Mais uma vez senti a terra tremer, meu corpo tremeu, carros tremendo, muros, paredes, árvores, o chão. Tentei manter a calma. Ficamos todos de mãos dadas solidariamente. Minhas pernas continuaram a tremer depois, fiquei bem, ficamos

bem, espero que tudo fique bem com todos. A Terra, Pachamama, está viva, muito viva, e manda sinais para nós.

Outro terremoto! No dia 23 de setembro, sábado, acordei com a sirene indicando que mais uma vez a terra estava tremendo. Houve várias réplicas de terremoto durante todo o dia. Com tantos abalos, meu computador parou de funcionar, o técnico resolveu o problema, mas perdi a pasta com as fotos tiradas nos meses de agosto e setembro (que já estavam organizadas por tema), e o arquivo do diário de campo. Vida que segue, agora é começar tudo de novo...

9.5 Conversas com as professoras de Oaxaca[20]

Figura 71- Banner exposto em uma Feira Ecológica em Oaxaca, 2017.

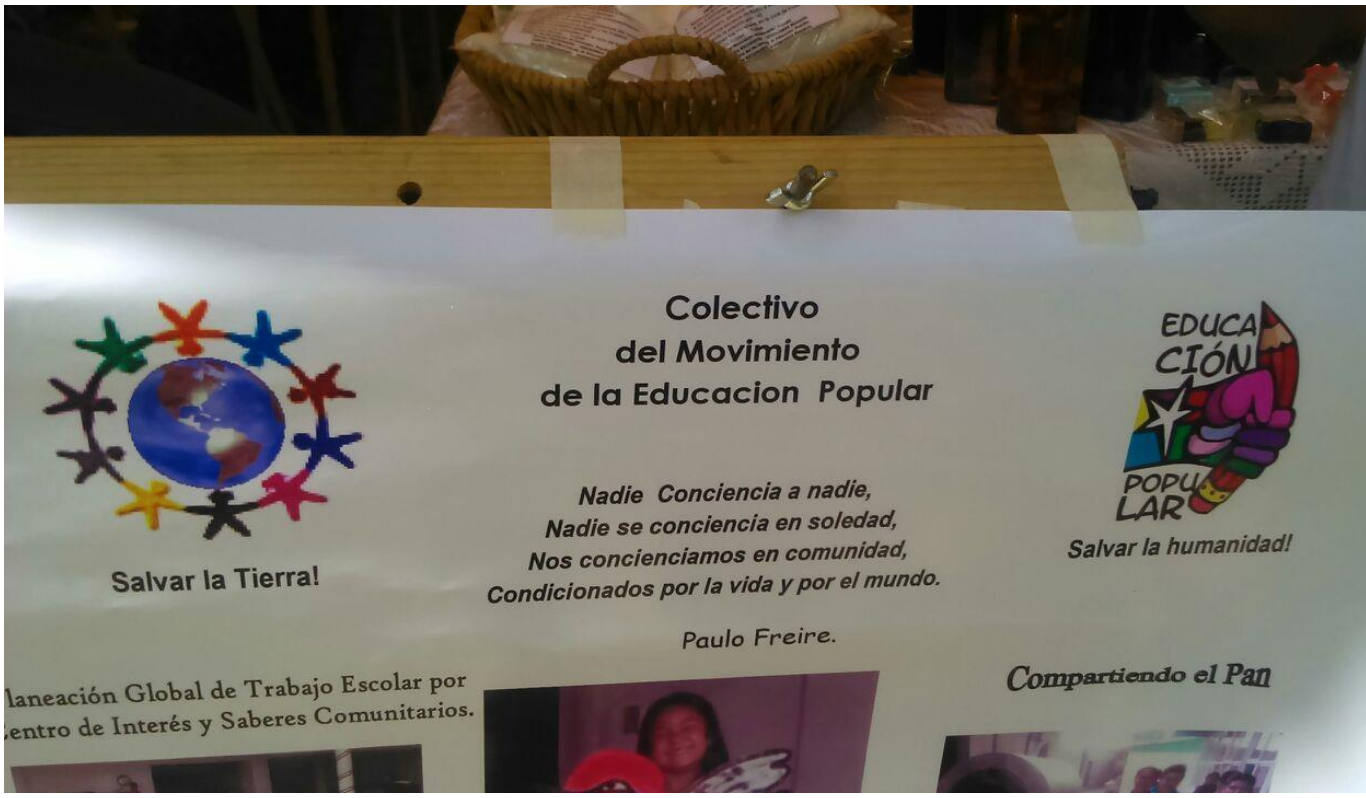


Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

[20] Todos os nomes utilizados nas narrativas são fictícios.

Durante o período de intercâmbio, foram vários os encontros com professoras que são lideranças e ativistas de Oaxaca. Eles aconteceram no Instituto de Investigaciones Sociológicas, em uma cafeteria no centro histórico, em uma biblioteca municipal, em um centro cultural, em um espaço de artes independente, no cinema, na sorveteria, em um restaurante, na casa de uma docente, na escola, na praça, no Zócalo. Além disso, estive também com algumas docentes em atos de resistência pelas ruas de Oaxaca e Zócalo, e em algumas atividades com grupos feministas, como a femicleta, um passeio de bicicleta pela cidade de Oaxaca, onde mulheres reinvidicam seus direitos e lutam contra o feminicídio. Entre almoços, desayunos (café da manhã mexicano), cafezinhos, doces, e conversas, criamos laços de amizade, laços feitos dos afetos que atravessam as lutas dessas mulheres para re-existirem.

Figura 72 – Placa do Zòcalo de Oaxaca de Juárez, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Guadalupe

Conversei com Guadalupe em uma noite agradável de setembro. Atualmente ela é aluna do mestrado profissional Ação global em contextos globais. Guadalupe é maestra há 10 anos, e conta que, no começo, foi difícil conseguir escolas para lecionar. Cursou licenciatura em Língua Espanhola e em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências da Educação na UABJO, e deu aulas em diferentes escolas na área rural de Oaxaca. Passou por diversos povoados, pequenos povoados.

Atualmente, ela leciona em uma escola rural em um povoado onde moram 30 famílias, com aproximadamente 150 pessoas. Nesse povoado, a maioria das pessoas são mulheres, idosos e crianças, pois os homens jovens migram para os EUA, movimento muito frequente. Por causa da migração, a maioria dos meninos só estuda até o primário, evadindo-se da escola.

A escola em que Guadalupe dá aula é tridocente primária, e é bem pequena, com poucos estudantes matriculados. Além dela, há uma professora e o diretor, que dividem todos os serviços da instituição. Os familiares da comunidade escolar e os que são da Comissão da Família da escola ajudam na manutenção da limpeza. Durante o período de aulas, as crianças se alimentam com os lanches trazidos de casa. Embora pequena, a escola é filiada à Sessão 22, que é o Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Oaxaca.

Recentemente, Guadalupe foi nomeada para ser mediadora e é liderança de 200 professores/as da rede de Oaxaca de Juárez. Conta que desde 2013 os/as professores/as daqui são contra as reformas educacionais impostas pelo governo mexicano. Como resistência à implantação desses projetos, a Sessão 22 criou um Projeto Estatal chamado de Educação Alternativa, onde os/as professores/as são incentivados a desenvolver práticas pedagógicas com os estudantes, partindo de temas geradores, com base nas realidades das comunidades escolares e comunitárias. Esse projeto é contra o pacote imposto pelo governo.

Guadalupe narrou que Paulo Freire é a base pedagógica para todos/as os/as professores da Sessão 22, e para os estudantes do Curso Normal de educação em Oaxaca, Chiapas e em Guerrero. Disse que leu Paulo Freire pela

primeira vez quando estava na licenciatura em Ciência da Educação, aliás, todos os estudantes leem Paulo Freire nas licenciaturas aqui de Oaxaca, entre os livros que leu estão *Educação como prática de liberdade* e *Pedagogia do Oprimido*. Ela disse que a educação libertadora de Paulo Freire é a base dos movimentos pedagógicos das práticas da Sessão 22.

Guadalupe participa ativamente de vários grupos de mulheres com foco no feminismo. Um desses grupos se chama Escola para liberdade das mulheres. Participou ainda dos movimentos de resistência que aconteceram no Zócalo, ocorridos no mês de maio. Junto com outros professores e professoras, ficou acampada na praça em protesto contra as reformas educacionais impostas pelo governo em 2013. Também participou dos movimentos de resistência de professores/as na Cidade do México, ocasião em que permaneceu acampada por três meses, pagando do próprio bolso toda a estadia e a alimentação, dentre outras coisas. Ela disse que muitos comerciantes ajudaram os professores/as nessa luta, com a doação de alimentos, disponibilizando banheiros para tomarem banho, dentre outras coisas....

Figura 73 - Rua de Oaxaca de Juárez, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

Soledad

Por intermédio da professora Léticia, conheci a professora Soledad, que narrou para mim sua história de vida docente. Falamos sobre os movimentos de resistência de Emíliano Zapata, Maria Sabina, Frida Kahlo e sobre os 43 jovens estudantes da Escola Rural Raúl Isidro Burgos que foram mortos quando se dirigiam às manifestações que aconteceriam na Cidade do México em memória à Noite de Tlateloco[21]. Soledad, ao contar suas experiências, ficou com olhos marejados.

Soledad, desde menina, desejava ser maestra. Tem 32 anos de serviço com a educação, e foi a única da família que conseguiu concluir um curso superior. Quando era jovem, desejava lecionar para ser "alguém na vida". Ser maestra, para ela, era uma oportunidade de ser algo, de ter uma vida melhor do que a família tinha. Morava em um pequeno povoado com sua família campesina.

Sua mãe vendia água fresca para ajudar no sustento da família. Soledade cursou a escola Normal Superior e depois a licenciatura em Ciências Sociais, mais tarde fez mestrado no Instituto de Estudos Sociais da UABJO. Soledad narrou que, na primeira escola onde lecionou, era preciso caminhar de 8 a 10 horas para chegar, não tinha água nem luz. Todos os estudantes falavam a língua materna, e ela só falava espanhol, muitos desafios e limitações no fazer docente...

No início da carreira, chegou à escola toda empolgada, com as ideias de mudança impregnada pela literatura russa, mas a realidade era outra. Soledad é professora ativista e liderança desde o início de sua trajetória como professora. Narrou que no México, desde 1980, tem o Comitê Nacional de Trabalhadores da Educação (CNTE), articulado com o Movimento Democrático dos Trabalhadores da Educação de Oaxaca, que trabalham três aspectos: político, sindical e pedagógico. Esses movimentos tentam articular os aspectos do ativismo político com o pedagógico, o qual está articulado com a pedagogia crítica de Paulo Freire, com base na educação como prática de liberdade e democracia. O

[21] Conhecida como Massacre de Tlatelolco, aconteceu em 2 de outubro de 1968, quando o exército abriu fogo contra a população de manifestantes, na maioria estudantes.

movimento pedagógico da educação trabalha um projeto de educação alternativo nas escolas.

A professora disse que, como prática de resistência a esse modelo de educação imposto pelo governo, ela trata os estudantes com afeto nas pequenas relações cotidianas, por exemplo: não pede silêncio em sala de aula, quando os estudantes estão todos conversando alto. Ela negocia com os estudantes o seguinte: "*todos podem conversar, isso não é um problema, só que é necessário que falem baixo para que todos possam conversar e um não atrapalhe a conversa do outro*". A maestra usa o diálogo amoroso para se relacionar com os estudantes. E quando um estudante está enfrentando alguma dificuldade em realizar uma atividade, a professora conversa carinhosamente com eles sobre como podem resolver a questão. Procura também conversar com os estudantes que apresentam discordância com outro estudante. Assim Soledad tem exercitado diariamente o diálogo amoroso, conforme nos orienta Paulo Freire.

Figura 74 - Igreja e antigo Mosteiro de Santo Domingo de Oaxaca de Juarez, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

Francisca

No fim de uma tarde da primavera de setembro, a professora Francisca me recebeu em sua casa para uma conversa. Contou-me que, desde a infância, convive com muitas professoras. Sua mãe é uma maestra aposentada, seus tios e tias também são. Quando era criança, brincava de cozinha com suas bonecas, quadro e giz, de escolinha, ela era a maestra das bonecas; assim, pensou em seguir o exemplo da mãe.

O tempo foi passando e resolveu estudar para ser professora. Antes até pensou em estudar turismo, mas o custo era alto, e foi cursar o bacharelado pedagógico durante 3 anos. Depois fez licenciatura em Ciência da Educação por mais 4 anos, e duas especializações, uma em Matemática e outra em Leitura.

Casada com um professor, Francisca exerce a profissão docente há 21 anos. Sua inspiração pedagógica é Celestin Freinet. A primeira escola onde ela trabalhou foi uma escola rancheira[22], com muitas limitações para chegar até lá. Era preciso pegar um ônibus, depois caminhar por quase 4 horas e atravessar um rio que, quando estava cheio, ninguém passava, para então chegar na escola.

Seu marido também trabalhou nesta escola como professor e diretor. Francisca dormia na casa dos maestros do povoado, retornando para casa a cada quinze dias. Sua mãe foi maestra do Primário, para os 1º e 2º anos, durante toda a vida, e ela iniciou a profissão com as turmas de 1º e 2º anos do Primário. Assim, quando retornava para casa, sua mãe a ajudava a preparar os materiais pedagógicos das aulas. Tudo era escasso naqueles tempos...

Francisca usava gelatinógrafo, equipamento artesanal feito com gelatina para produzir cópias coloridas paras as crianças, o equipamento foi apresentado para mim pelo companheiro de Francisca. Ela me mostrou uma caixa onde guarda muitas fotografias do tempo em que atuava como docente nesta escola, na região rural montanhosa de Oaxaca. A cada foto, era uma emoção. Memórias vibravam em seus olhos.

[22] A expressão rancheira é de difícil definição, mas de modo bastante geral designa regiões e sociedades com características próprias que não se confundem com as do campesino ou do indígena.

Francisca trabalhou 15 anos em escolas na área rural de Oaxaca. Após esse período, como suas filhas haviam crescido, ela veio trabalhar em escolas urbanas, mas sente muitas saudades do tempo de atuação nas escolas campesinas. Ela mostrou uma fotografia de uma atividade que realizou com as crianças. Práticas pedagógicas com cartas. Os professores entravam em contato com outros professores de escolas distantes e propunham uma atividade de correspondência com cartas. Cada criança, com a ajuda da família, escrevia uma carta para uma colega distante, narrando seu cotidiano, o que comiam, o que bebiam, de que brincavam, as festas e a paisagem local. As crianças passavam um tempo se correspondendo por cartas. Os próprios professores/as, quando voltavam para sua casa, entregavam as cartas nas escolas distantes. Após um tempo, os/as professores/as levavam as crianças para conhecerem pessoalmente as outras crianças para as quais eles enviaram as cartas. Era uma festa só! Francisca tem fotografias desses momentos. Um fato curioso é que a escola também conseguiu, via Correios, enviar cartas para crianças de uma escola da Cidade do México. Quando Francisca contou essas histórias com as cartas, lembrei-me de vários livros de Paulo Freire onde ele escreveu cartas.

Francisca contou tudo isso com muitas saudades. Disse que na escola urbana não conseguiu trabalhar do mesmo modo, e me mostrou todos os cadernos de planejamento que escrevia a partir do tema gerador escolhido pelo grupo. Mostrou o caderno atual e comentou: "*agora é isso, vem tudo pronto para a gente aplicar. Os pais não querem saber, não tem tempo para estar nas escolas com os filhos, entregam os filhos e saem correndo para o trabalho*".

Francisca é ativista e, por causa de sua resistência contra as reformas educacionais impostas pelo governo, foi retirada da sala de aula por 2 anos; precisou entrar na justiça, com advogados, para conseguir retornar, as famílias de seus alunos/as a apoiaram. Foi um momento muito difícil para ela, que precisou re-existir, insistir e não deixar de lutar.

Figura 75 - Manhã com neblina na Sierra Norte do território Mixe, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

Maria e Julieta

Em uma manhã de setembro fui a Sierra Norte no território Mixe Comunidade São Pedro e São Pablo de Ayutla, e conversei com duas professoras. A primeira se chama Maria, e cursou licenciatura em Psicologia Familiar, atua na área da Educação há 9 anos. Trabalha como psicóloga, atuando em 10 zonas que reúnem 150 escolas de educação indígena, localizadas em comunidades rurais.

A psicóloga ministra oficinas sobre a prevenção de violência sexual infantil e defesa dos direitos das meninas e meninos das escolas indígenas. Essas oficinas têm cunho comunitário, sendo realizadas com as meninas e meninos,

com os/as professores/as e com a família dos estudantes, um trabalho articulado com toda comunidade escolar indígena.

A psicóloga disse que quando as crianças vão para casa, muitas sofrem abuso sexual dentro da própria família, além de sofrerem abuso nos albergues escolares. Por isso as oficinas são tão importantes, só que é difícil atender 150 escolas cujo acesso é dificílimo.

A outra professora se chama Julieta, tem 16 anos de profissão e cursou licenciatura para lecionar para as series primárias. Atua no Departamento de Fechatura de Educação, na área de apoio linguístico. A professora narrou que há uns 10 anos o governo proibiu o uso da língua materna nas escolas, era o modelo do projeto de “Castelhanos nas escolas”.

Os/as professores/as resistiram, mas alguns cederam às imposições do governo e assinaram um documento imposto pelo governo perdendo todos os direitos trabalhistas. Por exemplo, quem tinha 15 anos de serviços em educação, voltou à estaca zero. Os/as professores/as que resistiram às ameaças do governo, não perderam seus direitos trabalhistas, e continuam resistindo. O apoio linguístico no sentido de revitalizar a língua é feito com a língua Mixe, mas existem algumas poucas comunidades que falam a língua zapoteca. A professora disse que a língua é uma forma de resistir ao sistema opressor.

As duas professoras não foram nomeadas pelo governo para atuarem na Comissão de Fechatura. Elas foram escolhidas de modo democrático e direto pelos outros maestros, através de voto em assembleia da Sessão 22 (Sindicato de Trabalhadores da Educação). As duas professoras falam a língua Mixe e são vinculadas a Sessão 22.

As professoras narraram que o governo não intervém na escolha da assembleia, e isso é um modo de resistência dos/as professores/as de Oaxaca contra as reformas impostas pelo governo. Segundo as professoras, o governo não ajuda em nada, não oferece sequer transporte para irem até as escolas ministrar as oficinas. As professoras pagam do próprio bolso e contam com a ajuda das famílias das escolas indígenas, com a doação de alimentação e hospedagem.

Maria disse que o governo retirou a pessoa que era o coordenador pedagógico dos albergues escolares. Contou que as crianças ficam na escola em regime interno, todos juntos: pré-escola, primária e secundária.

Figura 76 - Painel informativo na Sierra Norte do território Mixe, 2017.

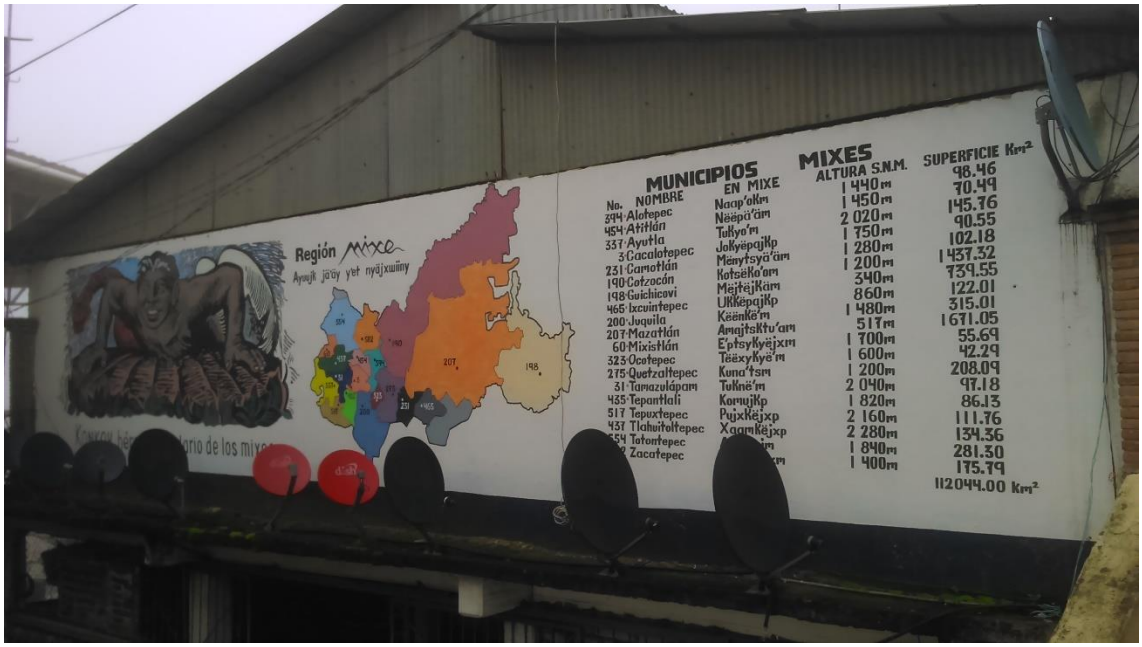


Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

Violeta

Conheci Violeta no Congresso Internacional de Estudos Afro-mexicanos, quando ela apresentou seu trabalho de conclusão de curso sobre o racismo que as crianças afromexicanas sofrem nas escolas que frequentam na Costa de Oaxaca. Depois desse dia, marcamos um encontro em uma manhã ensolarada da primavera, na Biblioteca Municipal Margarida Juarez. Violeta é antropóloga recém-formada pela UABJO, e começou sua pesquisa de TCC sobre os estudos afro-mexicanos considerando que muitas pessoas acreditam que no México só existem indígenas, e que não existem afro-mexicanos.

A partir do seu interesse pelo tema, procurou um professor da UABJO que pesquisa sobre os estudos latinos e que tinha um projeto sobre os afro-mexicanos da Costa de Oaxaca. Como metodologia de pesquisa, ela usou a etnografia, com diários de campo e entrevistas. A pesquisa não teve apoio financeiro de nenhuma agência de fomento.

Violeta passou dois meses morando na Costa de Oaxaca para a produção de dados da pesquisa de campo. Ela recebeu autorização da escola para realizar a pesquisa de campo; assim, três vezes por semana frequentava uma sala de aula e realizava com as crianças atividades de leitura. No início, ela conta que foi difícil, porque as crianças não demostravam interesse pelas atividades de leitura. Violeta resolveu apresentar contos e pequenas histórias da região, e assim as crianças passaram a se interessar pelas atividades de leitura.

Violeta apresentou a versão em espanhol da história do livro da escritora brasileira Ana Maria Machado, *A menina e o coelho*. Com isso, ela conseguiu se aproximar das crianças e conversar com elas sobre o que desejava com a pesquisa. Ela nunca lecionou, somente quando fez a pesquisa, período em trabalhou junto com a professora regente de classe. Violeta, durante a conversa, me perguntou como eu me sentia em viver longe de casa, fazer um intercâmbio acadêmico em outro país. A razão de sua pergunta é que, recentemente, foi aprovada no mestrado de Estudos Latino-americanos da Universidade do Equador, e estava de malas prontas para partir e com o coração na mão, já que tem apenas 22 anos e nunca saiu de Oaxaca para uma viagem. Desejei-lhe sorte e disse para ela aproveitar a oportunidade, em seguida saímos da biblioteca e fomos comer tamales na esquina.

Figura 77 - Tamales, é um rico alimento da culinário local, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

Durante os diferentes encontros, tanto aqueles nas escolas quanto os que aconteceram em outros espaços de convivência, me aproximei das narrativas de mulheres ativistas e lideranças, professoras que vivem e exercitam a luta de ser mais e a resistência cotidiana pela liberdade, transformação e reinvenção do mundo, em conexão com a pedagogia freireana. Pois, como ele mesmo diz,

> Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos demais, do direito à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (FREIRE, 2015, p. 233)

Estas lutas se aproximam daquelas das mulheres no Brasil e na América Latina em geral, em que a luta pela liberdade é também a luta contra o sistema patriarcal heteronormativo, impositivo, machista, fascista, neoliberal, feminicida, como é possível ver no videoclipe *Bienvenidx. SiempreViva* de Mare Advertencia

Lirika e que necessariamente envolve a educação, como nos mostra o videoclipe *En Pie de Lucha* II EP06 que reúne inúmeros maestros e maestras.

As que conheci são professoras que lutam contra as reformas educativas impostas pelo governo, a privatização da educação, os abusos de poder, a precarização do trabalho docente, a unificação da educação, a militarização, entre outras. Suas vozes ecoam como um grupo de única posição em favor da educação laica e gratuita, que reconheça as diversidades dos povos e territórios, que adapte os conteúdos às realidades, envolvendo as comunidades, dialogando com os costumes, tradições e meio ambiente dos povos.

Nesse sentido, nos encontros com as docentes, conheci situações concretas e experiências fabulosas em conexão com os pressupostos de Paulo Freire (2009a), para quem a educação problematizadora,

> [...] na medida em que vai servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão [...] dos homens *e das mulheres* sobre a*s* realidade*s* [...] como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação. (FREIRE, 2009a, p. 101, grifo nosso).

Por isso continuam nas inquietantes resistências cotidianas, intervindo e trabalhando por uma sociedade revolucionária, ensinando e aprendendo mutuamente na luta pela libertação.

Assim, depois de tantos encontros com professoras, professores, que são lideranças, ativistas, que tentam exercitar constantemente a luta por uma educação como prática de liberdade, uma sociedade revolucionária que recusa a burocratização e o aniquilamento da criatividade dos sujeitos da história, que insiste em uma educação democrática, pensamos com Paulo Freire (2015), que afirma na 14ª Carta - Educação e democracia, em seu livro *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*:

> É possível ensinar democracia? Que significa educar para a democracia? Que fazer se a democracia em que se trabalha como educador ou educadora tem fortes tradições democráticas? Que fazer, pelo contrário, se não as tem, mas se a educadora ou o educador, de maneira coerente, tem opção progressistas? Que significa ser uma sociedade democrática? (FREIRE, 2015, p. 232)

Como pensar democracia e educação? Como exercitar a democracia nos cotidianos escolares para que os estudantes atuem como cidadãos e cidadãs, para que tenham seus direitos sociais garantidos, e libertem-se de qualquer forma de opressão, autoritarismo e desvios éticos. Freire no ajuda a problematizar nesse sentido, quando diz que:

> Nenhuma reflexão em torno da educação e democracia igualmente pode ficar ausente da questão de poder, da questão econômica, da questão da igualdade, da questão da justiça e de sua aplicação e da questão ética. (FREIRE, 2015, p. 233)

Assim, é preciso uma ação educativa de intervenção política para que haja avanços nos processos de aprendizagem da democracia (FREIRE, 2015, p. 247), por isso:

> O que as educadoras e educadores [...] precisam fazer é trazer a vida mesma para dentro de suas salas de aula. Fazendo uma leitura crítica da cotidianeidade, analisar, com os educandos, os fatos chocantes, os descompassos de nossa democracia. Submeter aos educandos exemplos de discriminação retirados da experiência do dia a dia, discriminação de raça, de classe, de sexo; exemplos dos desrespeito à coisa pública, de violência, de arbítrio. (FREIRE, 2015, p. 248).

Nesse contexto, os regimes autoritários, regimes que se opõem à democracia estão espalhados pela América Latina, nesse caso passando pelo México e com toda força atualmente no Brasil. Por isso é necessário lutar por uma boa democracia, que “adverte, esclarece, ensina, educa, mas também se defende das ações de quem, ofendendo a natureza humana, a nega e a rebaixa” (FREIRE, 2015, p. 248) e tenta matar nosso sonho de liberdade de ser mais. Assim, “ensinar a democracia é possível, mas não é tarefa para quem se desencanta da terça para a quarta-feira somente porque as nuvens ficaram pesadas e ameaçadoras” (FREIRE, 2015, p. 245).

Para finalizar, continuo em diálogo com os pensamentos de Paulo Freire em seu livro *Cartas à Guiné-Bissau*. Em uma passagem, Freire comenta que o líder africano Amílcar Cabral costumava realizar reuniões com os camponeses, para conversar sobre os problemas, à sombra de uma acolhedora árvore centenária, em íntima relação com o seu mundo natural. Freire (2011, p. 93) diz que:

> Em certo momento de sua conversa com os camponeses, no encontro a que se referia o militante, à sombra também de uma árvore. Cabral se levanta com uma semente de dendê na mão e, escolhendo um sítio adequado, cava o chão e a planta. Depois, olhando os camponeses em volta, lhes diz: “Muita coisa vai acontecer em nosso país, feita por nós, pelo povo da Guiné, antes que a palmeira que nascerá desta semente dê os primeiros frutos,”. “Anos depois, disse-me o militante, “se fez uma reunião do comitê do PAIGC daquela região, ao lado da palmeira que dava o seu primeiro cacho” [...] Ao fazer aquele discurso, que não se reduziu apenas à sua dimensão oral, quando disse que muita coisa ocorreria no país, feita pela mão do povo, antes que a palmeira frutificasse pela primeira vez, mas também incluiu o ato de plantar a palmeira, Cabral falou uma linguagem de esperança. Não de uma falsa esperança, que é a de quem espera na pura espera, por isso que vive uma tempo de espera vã. A espera só é esperançosa quando se dá na unidade entre a ação transformadora do mundo e a reflexão crítica sobre ela exercida.

Para finalizar, é importantíssimo destacar que, em meados de 2006, surgiu em Oaxaca a Assembleia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO), a partir de uma greve de professores e professoras por melhoria de salário e de condições sociais, em que a tomada de mídias de rádio e televisão contribui e possibilita a comunicação do movimento La Comuna de Oaxaca, Os sujeitos que insistem e resistem lutando por direitos sociais, culturais e econômicos, nos ensinam um valioso potencial de ação política que precisa ser semeado para brotar um Brasil. Essas experiências de recriação política, de envolvimento e organização por parte da população de Oaxaca está no documentário *Un Poquito de Tanta Verdad* (Oaxaca/México).

Figura 78 – Grafite na parede de uma rua de Oaxaca, 2017.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal

Figura 79 – Adesivo como ação política dos maestros de Oaxaca ao lado de livros de Paulo Freire, 2017.

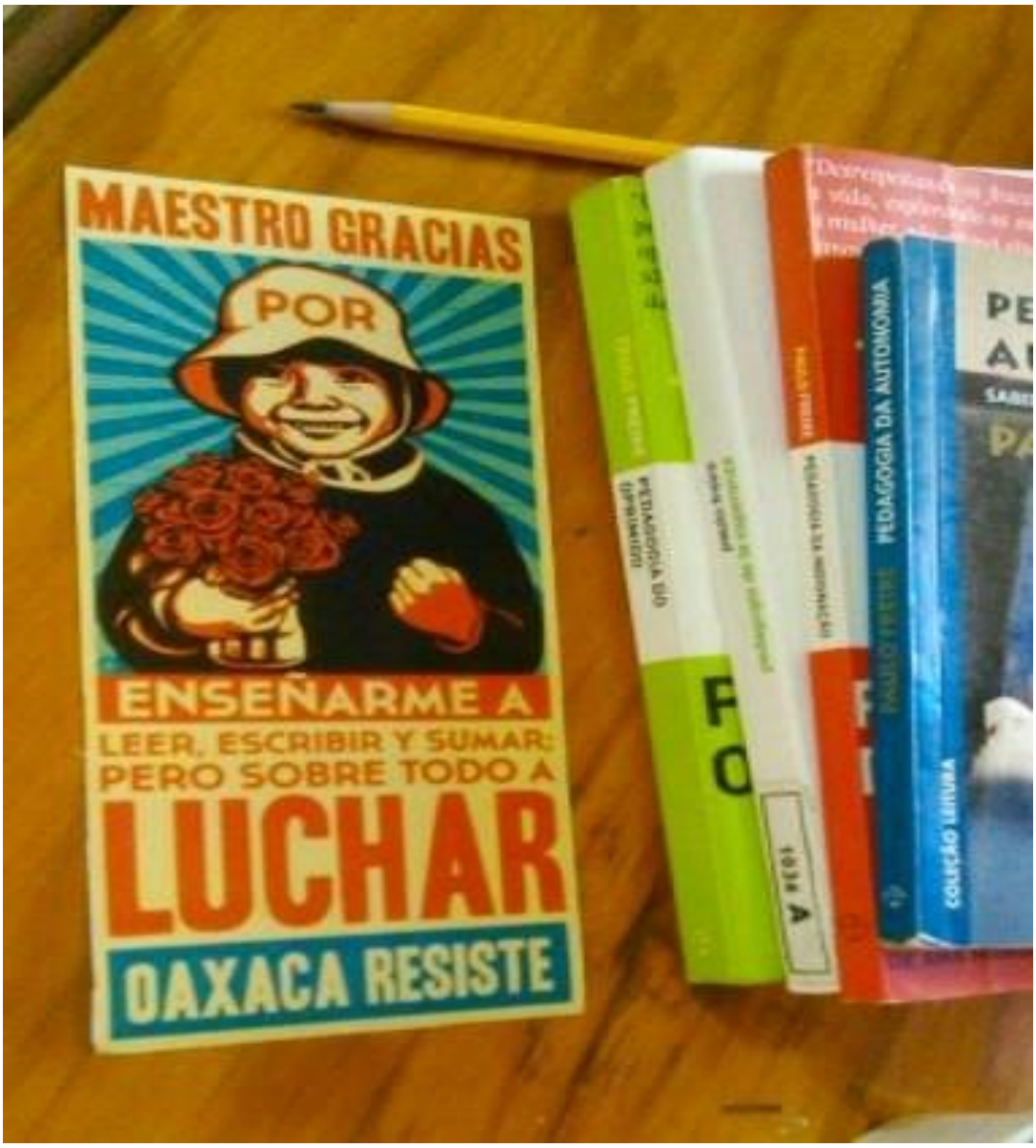


Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: arquivo pessoal.

9.6 Carta para Nita Freire

Terras capixabas, outono de 2018.

Caríssima professora Ana Maria Freire, é com alegria que escrevo esta carta para a senhora. Primeiramente, quero agradecer a generosa acolhida em sua casa. Numa tarde do inverno de 2015, a senhora nos recebeu, Carmem Machado, Patricia Sierra e eu, doutorandas em educação e orientandas do professor Marcos Reigota, para um encontro entre mulheres. Encontro alinhavado por um diálogo amoroso, onde foi possível sentir também a presença de Paulo Freire ali entre nós, com o olhar sereno e ao mesmo tempo pensativo, envolto na atmosfera da sala de estar povoada por objetos risos e afetos.

Hoje, depois de quase três anos de nosso encontro, penso no que ficou registrado no meu corpo, na minha pele e que ecoou nas palavras tecidas naquela ocasião. Para iniciar a escrita dessa carta, escolhi um dos lugares de que mais gosto no estado do Espírito Santo, o balneário de Guarapari. Guarapari tem esse nome por causa dos pássaros de bicos longos e penas vermelhas, os Guarás, que no passado habitavam os manguezais da região, alimentando-se das cascas de caranguejo. Hoje, infelizmente, são pássaros ameaçados de extinção, tal como a democracia que parece ser encurralada dia a dia. Por isso, apesar da beleza do lugar, escrevo-lhe com um estado de ânimo bem perturbado pelo que estamos vivendo no nosso Brasil. Lembro-me que a senhora comentou sobre os movimentos de rua que aconteceram em vários lugares do nosso país pedindo o impeachment da presidenta Dilma Roussef. Na manifestação dia 15 de março de 2015, em Brasília, saiu o cartaz *Basta de Paulo Freire!* Ah, professora, escrevo com o espírito aflito para lhe contar que, aqui no nosso estado, um colunista de um jornal local – que por ironia do destino é professor de história – publicou um artigo atribuindo o fracasso da educação brasileira à pedagogia do oprimido de Paulo Freire. Isso causou muita indignação e revolta entre os/as professores/as, e foram inúmeros os grupos de estudos e docentes que publicaram textos em favor de Paulo Freire e de seu pensamento, contestando a calúnia feita a ele.

Vivemos tempos difíceis. Recentemente, ocorreu a greve de caminhoneiros, e muita gente pegou carona no movimento pedindo a volta da ditadura militar. Fico me perguntando o que Paulo Freire diria se estivesse aqui nesse momento. Talvez ele insistisse na afirmação feita décadas atrás:

> Meu gosto é que nós todos, brasileiros e brasileiras, meninos e meninas, velhos, maduros tomemos um tal gosto pela liberdade, pela presença no mundo, pela pergunta, pela criatividade, pela ação, pela denúncia, pelo anúncio que jamais seja possível no Brasil a gente voltar àquela experiência do pesado silêncio sobre nós. (Paulo Freire em entrevista concedida à TV Cultura em 1989).

Palavras valiosas que acompanham minha prática pedagógica e minha pesquisa de doutorado que agora estou finalizando e que encontrou forte inspiração no pensamento de Paulo Freire e de outros pesquisadores e intelectuais que com ele se alinham para pensar uma educação libertadora, que respeite a diversidade de saberes e conhecimentos. Aliás, a presença forte do pensamento freireano se faz sentir também fora do Brasil.

Estive, no segundo semestre do ano passado, em intercâmbio acadêmico em Oaxaca de Juárez, no México. Nas minhas andanças como estudante conheci várias professoras e professores que estudam os escritos de Paulo Freire e exercitam na sua prática docente a educação como prática de liberdade, uma pedagogia libertadora. Tive a oportunidade de ir a quatro escolas públicas de educação básica conversar com um grupo de docentes, e durante quase 5 horas dialogamos entorno das ideias freireanas. Na ocasião, alguns professores e professoras me escreveram cartas, contando as experiências pedagógicas com os pensamentos de Paulo Freire. Esse contato fortaleceu em mim as práticas pedagógicas que exercito como docente aqui no Brasil.

No meu encontro com as professoras e professores de Oaxaca, me fizeram inúmeras perguntas, queriam saber como estudamos Paulo Freire, se estudamos os pensadores mexicanos, se há grupos voltados para o pensamento freireano aqui no Brasil. Queriam saber também *como* seria trabalhar Paulo Freire com as avaliações em larga escala. Questões sobre as quais conversamos e que problematizamos com o coletivo de professores/as.

Em uma dessas escolas, uma professora me perguntou de onde eu era. Contei-lhe que nasci e moro em Vitória do Espírito Santo e que sou capixaba,

que, na língua indígena Tupi, significa *roçado de milho,* em seguida, a docente me disse que tínhamos um enlace com nossos antepassados, já que a base da alimentação em Oaxaca é o milho (maiz). Senti uma conexão entre as ancestralidades indígenas dos povos Tupiniquim e os mexicanos. E Paulo Freire estava ali, nos ensinando a aprender e a dialogar com nossas próprias histórias, como sujeitos históricos que somos.

Professora Nita Freire, tive uma avó forte e lutadora que, por coincidência, nasceu no mesmo ano de Paulo Freire, 1921. Sou filha de uma brilhante mulher, com seus quase 70 anos de vida e luta. Minha mãe, Maria, tem uma abundante leitura de mundo e assim nos educou. Na luta cotidiana de resistência, vivo, persisto e insisto com esperança tal como Paulo Freire que dizia: “não sou esperançoso por teimosia, mas por imperativo existencial e histórico”.

Há 21 anos, idade de minha filha Maria, Paulo Freire nos deixou, porém continua vivo nos nossos pensamentos e ideias, e criou muitas árvores com sombras frondosas em vários cantos do planeta onde geminam sementes. Digo com alegria que as ideias freireanas permanecem vivas e continuam fortalecidas nas práticas da minha pequena, que cursa o terceiro ano da graduação em Artes Visuais, na Universidade Federal do Espírito Santo, atuando como ativista dos movimentos sociais estudantis de resistência por uma vida mais digna para todos.

Gostaria de lhe dizer que meu encontro com o pensamento de Paulo Freire fez com que eu exercitasse, em sala de aula, práticas freireanas junto com os estudantes, num diálogo amoroso com os muitos livros escritos por ele, especialmente *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*, que muito marcaram minha trajetória.

Sigo na firme lida-luta com a escrita da tese, lendo, relendo, escrevendo e reescrevendo, disposta e fortalecida por essas leituras, vivendo, aprendendo e dialogando com a própria história.

Quero que saiba que saí de sua casa, naquele dia, tomada pelo seu acolhimento, afetada pelo carinho de Paulo Freire e respirando gratidão. O gosto do café, o sabor da bala, o cheiro da sala de estar, permanecem gravados nas minhas memórias afetivas. E assim retornei para as terras capixabas perfumada com as nossas conversas.

Para terminar, envio uma foto da Praia de Setiba capturada pela minha filha, e uma outra em que estou junto com as mulheres no congo.

Deixo meu abraço, com afeto capixaba,
Andreia Ramos

10 CADERNO DO VISTO, DO LIDO E DO OUVIDO

Para a leitora e o leitor,

Prezada leitora e prezado leitor, imaginando que vocês quisessem conhecer mais de perto o trabalho dos/as autores/as que tive a oportunidade de estudar durante meu doutorado, e que me acompanharam ao longo da elaboração de minha tese, organizei uma lista. Nela, vocês encontrarão as referências dos textos e artigos abordados na disciplina eletiva *Cultura, meio ambiente e cotidiano escolar I* oferecida na Universidade de Sorocaba. Estes textos foram escolhidos pelo professor da disciplina, Marcos Reigota, reunindo pesquisadores/as que estudam o pensamento de Paulo Freire recontextualizado na educação contemporânea. Deslocamentos geográficos iniciados com a presença de Paulo Freire em Sorocaba até sua atuação no continente africano.

A ideia, com essas listas, é compartilhar com as leitoras e leitores um importante material formativo que raramente temos a oportunidade de ver sistematizado, o que muitas vezes dificulta o trabalho do/a pesquisador/a, especialmente daquele que vive e estuda em localidades mais distantes e que dificilmente poderia se deslocar até uma universidade do sudeste para cursar uma disciplina. Lembrando o quanto pode ser árduo o trabalho do/a pesquisador/a e o quanto é importante ter acesso a bons autores/as brasileiros, nossos contemporâneos, especialmente no campo da Educação e quotidiano escolar, e da Cultura e meio ambiente, decidi reunir os que tive acesso, dividindo com vocês o que pude alcançar nessa trajetória. Estes autores participam daquilo que Paulo Freire chamou de leitura da palavra

No decorrer dos caminhos investigativos com a pesquisa, fui afetada por diferentes sensações, e isso deslocou meus modos de caminhar ouvindo músicas, assistindo filmes, lendo recortes e matérias de jornais e revistas, conhecendo artistas diversos, na maioria das vezes indicados pelo professor Marcos Reigota. Enfim, fazendo leituras de outros mundos, além dos textos acadêmicos.

E tudo isso me fez pensar com Paulo Freire (2011, p.19) que afirmava que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Freire dizia que, “a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que

nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da ‘palavramundo’” (FREIRE, 2011, p. 20). E que “leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas” (FREIRE, 2011, p. 41).

Desse modo, acredito, como Freire (2011, p. 73), que “não se estuda apenas na escola”, e que “Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem. Estudar é um ato revolucionário” (FREIRE, 2011, p. 73). Precisamos estudar sim, mas não só os textos acadêmicos; é necessário alargar-furar-ampliar outros tipos de leitura, principalmente para os sujeitos que vêm das margens. É preciso fazer a leitura de outros mundos além do acadêmico, é preciso estar atento ao que dizem e sabem os que vêm das margens, pois eles

> Revelam suas leituras de mundo, suas dificuldades em sobreviver em ambiente hostil, competitivo e nada acolhedor como é, ou se tornou no tempo em que vivemos, o ambiente acadêmico. Revelam leituras e preferências artísticas e culturais (REIGOTA, 2013, p. 3).

Nesse sentido, pensando na leitora e no leitor, é que organizei esse Caderno contendo as referências dos muitos e variados materiais que me chegaram às mãos durante o doutorado em educação; ele reúne parte daquilo que foi visto, lido e ouvido; um tanto da leitura do mundo e um tanto da leitura da palavra.

Aproveitem e se deliciem.

Cultura, meio ambiente e cotidiano escolar I – Uniso, 1º semestre de 2015

GERMANO, Maria Aparecida Luna Rodrigues; REIGOTA, Marcos Antonio dos SANTOS. Paulo Freire em Sorocaba e Genebra: entrevista com o Prof. Aldo Vannucchi. **Revista de estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 33, n. 2, p. 145-154, dez. 2007. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/1496>. Acesso em: 14 mai. 2018.

GERMANO, Maria Aparecida Luna Rodrigues; REIGOTA, Marcos Antonio dos SANTOS. Relembrando Paulo Freire: Entrevista com Ana Maria Araújo Freire. **REU,** Sorocaba, SP, n. 1, p. 203-225, jun. 2009. Disponível em:

<file:///C:/Users/W7/Downloads/406-Texto%20do%20artigo-432-1-10-20110714.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.

REIGOTA, Marcos. Afetos, educação ambiental e política: Encontros com Nita e Paulo Freire. **The Postcolonialialist**, nov. 2013. Disponível em: <http://postcolonialist.com/culture/afetos-educacao-ambiental-e-politica-encontros-com-nita-e-paulo-freire/>. Acesso em: 14 mai. 2018.

MAGAGNA, Beatriz Elaine Picine; REIGOTA, Marcos. Desafios, trajetórias, espaços e aprendizados com os excluídos da escola no Brasil: O caso de Sorocaba e região. **Espacios Transnacionales**, Revista Latinoamericana-Europea de Pensamiento y Acción Social, enero-junio, p. 42-50, 2014. Disponível em: <http://espaciostransnacionales.org/segundo-numero/conceptos-2/desafiostrajetorias/>. Acesso em: 14 maio 2018.

BITTENCOURT, Agueda Bernadete. Um documento histórico: Parecer ao Conselho Diretor da Unicamp sobre Paulo Freire. **Pro-Posições**, v. 25, n. 3, p. 251-257, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000300013>. Acesso em: 14 maio 2018.

LIMA, Pedro Gomes. Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo. **Pro-Posições**, v. 25, n. 3 (75) p. 63-81, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072014000300004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 mai. 2018.

GLASS, Ronald David. Revisitando os fundamentos da educação para a libertação: o legado de Paulo Freire. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 831-851, jul./set. 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/41834>. Acesso em: 14 mai. 2018.

FISCHMAN, Gustavo; DIAZ, Victor. Educação sem redenção: dez reflexões sobre a importância do legado freireano. **Revista Educação Online**, n. 14, p. 1-24, ago./dez. de 2013. Disponível em: <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/37>. Acesso em: 14 maio 2018.

MESQUIDA, Peri; PEROZA, Juliano; AKKARI, Abdeljalil. A contribuição de Paulo Freire à educação na África: uma proposta de descolonização da escola. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 126, p. 95-110, jan.-mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302014000100006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 maio 2018.

PEREIRA, Amilcar Araújo; VITTORIA, Paolo. A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amilcar Cabral e Paulo Freire. **Estudos. Históricos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p. 291-311, julho-dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21862012000200002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 maio 2018.

DULLO, Eduardo. Paulo Freire, o testemunho e a pedagogia católica – a ação histórica conta o fatalismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85, p. 49-61, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092014000200004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 mai. 2018.

VERMEREN, Patrice; COURNU, Laurence; BENVENUTO, Andrea. Atualidade de O Mestre Ignorante. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 185-202, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v24n82/a09v24n82.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.

SIGRIST, José Luiz. O Mestre da palavra**. Filosofia e Educação**, v. 7, n. 1, Campinas, p. 25-32, fev./maio 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/1740>. Acesso em: 14 maio 2018.

MOREIRA, Maria José. Análise da prática pedagógica na perspectiva da autonomia em Sartre e Freire. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 127-158, fev./maio 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/1745>. Acesso em: 14 mai. 2018.

ZUBEN, Newton Aquiles von. Rubem Alves, Teólogo da Esperança. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 15-24, fev./maio 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/1739>. Acesso em: 14 maio 2018.

Para o segundo semestre da disciplina eletiva *Cultura, meio ambiente e cotidiano escolar II*, o professor Marcos Reigota selecionou textos do professor Leandro Belinaso, coordenador do Grupo de Pesquisa *Coletivo Tecendo: cultura, arte e educação*, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Assim tivemos a oportunidade de nos dedicarmos ao estudo de um único autor com seu grupo de estudos e parceiros/as de pesquisa.

Cultura, meio ambiente e cotidiano escolar I – Uniso, 2º semestre de 2015

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-Ação**, Revista da Faculdade de Educação UFG, Goiânia, v. 33, n. 1, p. 87-101, jan/jun. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/4244>. Acesso em: 14 maio 2018.

_____. O contemporâneo no limiar da pós-modernidade. **REU,** Sorocaba, SP, v. 36, n. 1, p. 11-19, jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs3/index.php/reu/article/view/459>. Acesso em: 14 maio 2018.

_____. A sala de aula em cena: imagem e narrativas. **Leitura & Prática**, Campinas, v. 31, n 61, p. 113-123, nov. 2013. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/181>. Acesso em: 14 maio 2018.

_____. Educação ambiental, formação docente e pós-colonialismo. **Poiésis**, Revista do Programa de pós-graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catrina, n. Especial: SIMFOP/EDUSC, p. 78-87, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/viewFile/1273/1042>. Acesso em: 14 maio 2018.

_____. O que silencia em nós os temas controversos. **Revista eletrônica Mestrado Educação Ambiental do Programa de pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG**, Rio Grande, v. especial, jan./jun. 2015. Disponível em <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4850/3051>. Acesso em: 14 maio 2018.

_____. Crianças como pequenos dragões voadores. **Jornal Educação & Imagem,** ano 4, n. 30, jun. 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/20929131/Crian%C3%A7as_como_pequenos_drag%C3%B5es_voadores>. Acesso em: 14 maio 2018.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SANTOS, Juliana Evelyn dos. Entre imagens e deslocamentos: descaminhos de uma pesquisa em educação ambiental. **Interacções,** n. 11. p. 91-102, 2009. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/377>. Acesso em: 14 maio 2018.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; ZANCO, Janice; SALGADO, Gabriela Nigra; MELO, Sara. Tecendo educação ambiental e estudos culturais. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 5, n. 2, p. 73-82, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/55915>. Acesso em: 14 maio 2018.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; ZIMMERMANN, Narjara. Práticas pedagógicas multiplicadoras de saberes sobre o ambiente. **Revista eletrônica Mestrado Educação Ambiental do Programa de pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande** - FURG, Rio Grande, v. 28, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/viewFile/3187/1851>. Acesso em: 14 maio 2018.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. O dispositivo da sustentabilidade no contemporâneo. **Perspectiva**, Florianópolis,

v. 30, n. 2, p. 395-409, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p395>. Acesso em: 14 maio 2018.

_____. Educação ambiental nas pedagogias do presente. **Em Aberto**, Brasília, v. 27, n. 91, p. 123-134, jan./jun. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/W7/Downloads/2425-2473-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; WORTMANN, Maria Lucia Castagna. Educação ambiental e estudos culturais: pesquisas desde o sul do Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental,** v. 9, n. 1, p. 24-37, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/106742/000933283.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 maio 2018.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gervaerd. Os objetos das ciências: imaginações em uma experiência de ensino. **Revista da SBEnBio, Associação Brasileira de Ensino de Biologia,** n. 7, p. 4679-4687, out. 2014. Disponível em: <https://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0136-1.pdf>. Acesso em/ 14 maio 2018.

Discografia

BELCHIOR. **Apenas um rapaz latino americano**. 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wk9JsWYIlWE>. Acesso em: 27. Jul. 2018.

_____. **Álbum Alucinação**. 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_jS3UNQbeZ4>. Acesso em 30. Jul. 2018.

BIENVENIDX. **SiempreViva.** 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4F_MxCEh_s>. Acesso em: 31. Jul. 2018.

BLACK, Dani. **O Trono do estudar**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=14NqOdRY_Ls> Acesso em: 26 mai. 2018.

BOSCO, João; BLANC, Aldir. **O Bêbado e a Equilibrista**. Álbum: Elis, Essa Mulher. Gravadora Warner Bros. Records. 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6kVBqefGcf4>. Acesso em: 22 mar. 2018.

CALENDA OAXAQUEÑA. 2018. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=JimbuSuUvYo>. Acesso em: 30. Jul. 2018.

CALLE 13. **Latinoamérica**. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jW9_mFAGO0E>. Acesso em 30. Jul. 2018.

_____. **El Aguente**. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LUk73pUe9i4>. Acesso em 30 jul. 2018.

_____. **Latinoamérica com Orquesta Sinfónica Simón Bolivar de Venezuela**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Utd8GfQajwA>. Acesso em: 4 out. 2018.

CASTATINHA & INHANA. **Índia. Cantando Pra Você** (Original Album Plus Bonus Tracks 1955). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJa1YtmmNVE>. Acesso em: 1º jun. 2018.

COSTA, Gal. **Festa do interior** (Gal Montreux 1985). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-MVsK3yyJKA>. Acesso em: 16 out. 2018.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Maracatu Atômico.** 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_G63uF288T4>. Acesso em: 31. Jul. 2018.

_____. **Da Lama Ao Caos**. 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=35FNubkuxwg>. Acesso em: 31 jul. 2018.

CIDADE NEGRA. **A Estrada**. Álbum: Seleção Essencial. Gravadora: Sony Music, Lançamento: 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jfwRNZG5D6E>. Acesso em: 22 mar. 2018.

DOWNS, Lila. **Zapata se queda.** 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=beuRgIqxTnY>. Acesso em: 30 jul. 2018.

_____. **El Palomo del Comalito**. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ot-JnuliZLA>. Acesso em: 30 jul. 2018.

_____. **La Cumbia del Mole**. 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=beuRgIqxTnY>. Acesso em: 30 jul. 2018.

_____. **La Iguana**. 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MkHCWoR5GoQ>. Acesso em: 30 jul. 2018.

_____. **Mezcalito**. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-u-e63AmfV8>. Acesso em 30 jul. 2018.

FRANCO, Walter. **Coração tranquilo**. 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UCzLZJ_0OTY>. Acesso em: 31 jul. 2018.

GIL, Gilberto. **Álbum Refazenda**. 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uT21kqCoQro&index=3&list=PLBmUHBesKdEG97dXUYhQRyEApx59fxv45>. Acesso em: 30 jul. 2018.

GUNS N' ROSES. **Sweet Child O' Mine.** 1987. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=1w7OgIMMRc4>. Acesso em: 30 jul. 2018.

GUERRERO, Ortiz Guerrero. Música: José Asunción Flores. Versão em Português: José Fortuna. Interpretes: Cascatinha & Inhana. **Música Índia (1952**). Disponível em: <http://baudamusicasertaneja.blogspot.com/2015/11/india-1952.html>. Acesso em: 4 out. 2018.

Legião Urbana. **Legião Urbana.** 1985. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=adhajymelcg>. Acesso em: 16 out. 2018.

____. **Legião Urbana DOIS**. 1986. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0qnGv4IW2Ac>. Acesso em: 16 out. 2018.

_____. **Que país é esse**. 1987. <https://www.youtube.com/watch?v=RmCPFXkWU1k>. Acesso em: 16 out. 2018.

LINS, Jaceguay. **Guananira – Abertura**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z9oMvc7u5y8>. Acesso em: 17 out. 2018.

_____. **Tekoá Porã – Sinfonia**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HNjP9quHyHY. Acesso em: 17 out. 2018.

LOS COJOLITES. **Sembrando Flores**. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JXFOVQsJYEs>. Acesso em: 4 out. 2018.

MARIA BETHÂNIA. **Fera Ferida.** 1993. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wnTUdw3nIgU>. Acesso em: 30 jul. 2018.

MIRANDA, Marlui. Fala de Bicho, Fala de Gente. 2014. Álbum Completo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-kzs-LHDP2Y&feature=youtu.be>. Acesso em: 11 fev. 2018.

NASCIMENTO, Milton. **Videoclipe oficial da música Bola de Meia, Bola de Gude, de Milton Nascimento - participante do Projeto 3 Clipes - 1 Curta**. Disponível me: < https://www.youtube.com/watch?v=G9RS2BkbqHw>. Acesso em: 10 out. 2018.

NATIRUTS. **Deixa o menino jogar**. 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B8t_R_05mSs>. Acesso em: 30 jul. 2018.

PARRA, Violeta. **Gracias a la vida**. 1971. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w67-hlaUSIs>. Acesso em: 30 jul. 2018.

PINK FLOYD. **The Wall.** 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vrC8i7qyZ2w&list=RDvrC8i7qyZ2w&start_radio=1>. Acesso em: 30 jul. 2018.

PLAYING FOR CHANG. **Mexico Lindo y Querido.** 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BvDdtEVAo-U>. Acesso em: 30 jul. 2018.

ROBERTO CARLOS. **Amigo de fé (Em Espanhol).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=am5YiUX91LU>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SEPULTURA. **Orgasmatron.** 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fw0nsc9aT-k>. Acesso em: 31 jul. 2018.

SIMONE, Nina. **Ain't Got No, I Got Life.** Álbum: Nuff Said. RCA. Ano: 1968.

SOARES, Elza. **A mulher do fim do mundo**. Álbum: A mulher do fim do mundo. Ano: 2015.

SOSA, Mercedes; BURQUE, Chico; VELOSO, Caetano; NASCIMENTO, Milton; COSTA, Gal. **Volver a los diecisiete.** 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=krEMw8E5ZAg > Acesso em: 30 jul. 2018.

SOSA, Mercedes. **Todo Cambia.** 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0khKL3tTOTs > Acesso em: 30 jul. 2018.

TAIGUARA. **Piano e Viola.** 1972. Álbum Completo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBFNkgGdbRk>. Acesso em: 11 fev. 2018.

_____. **Teu Sonho Não Acabou**. 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cewecCZ-_Ro>. Acesso em: 31 jul. 2018.

TATIT, Paulo. **A Incrível História do Dr. Augusto Ruschi, o Naturalista e os Sapos Venenosos**. Produção: Pedro Mourão Gravadora: Camerati Gal Oppido: Bateria Hélio Ziskind: Flauta Paulo Tatit: Voz, Violão Pedro Mourão: Percussão. Música do Grupo Rumo, álbum "Quero Passear". LP/1988. CD/1993. The Orchard Music. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AvROJKTzQ8E>. Acesso em: 8 out. 2018.

Titãs. **Álbum Titãs Completo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F_2uS3YRXFU>. Acesso em: 16 out. 2018.

_____. **Titãs - Cabeça Dinossauro Álbum completo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6verA5ohyGs&start_radio=1&list=RD6verA5ohyGs&t=6>. Acesso em: 16 out. 2018.

_____. **Titãs Álbum Tudo ao Mesmo Tempo Agora Completo**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aR8A1JBMYk8.Acesso em: 16 out. 2018.

THE RAMONES. **Hey! Oh! Let's GO!!!!!!** 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xuOnePNlOgY>. Acesso em: 30 jul. 2018.

TOM JOBIM. **Garota de Ipanema**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KJzBxJ8ExRk>. Acesso em: 30 jul. 2018.

V&D por Gran OM: **Videoclip "En Pie de Lucha" II EP06**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xWGYz5hY_Zs>. Acesso em: 31 jul. 2018.

VELOSO, Caetano. **Oração ao Tempo**. Disco Cinema Transcendental. 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HQap2igIhxA>. Acesso em: 16 out. 2018.

Vídeos do canal do Youtube

Congo Capixaba. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DjI4zmIwvO4&t=27s>. Acesso em: 8 fev. 2017.

Documentário - **Un Poquito de Tanta Verdad (Oaxaca/México**). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ezAI5AiWtE>. Acesso em: 16 out. 2018.

Filmografia

FESTIVAL DE CINEMA URANIUM**.** Disponível em: <http://uraniumfilmfestival.org/pt-br/programacao-rio-de-janeiro-2016>. Acesso em: 11 fev. 2018.

INSTITUTO MARLIN AZUL. **Amor Mascarado**. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Adeu7EQIJw&t=50s>. Acesso em: 21 mai. 2018.

KUROSAWA, Akira. **Dersu Uzala.** 1975. Disponível em: http://filmescult.com.br/akira-kurosawa/page/3/ Acesso em: 11 fev. 2018.

_____**. Sonhos.** 1990. Disponível em: <http://filmescult.com.br/akira-kurosawa/page/3/>. Acesso em: 11 fev. 2018.

MORETTI, Nanni. **Caro Diário** - Trailer Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l_SKPzZkLaE>. Acesso em: 16 out. 2018.

Cine Rebelde. **Imágenes de um mundo em lucha**. Disponível em: https://www.cinerebelde.org/un-poquito-de-tanta-verdad-p-68.html?language=es>. Acesso em: 16 out. 2018.

Sites de artistas e museus

Augusto Ruschi. O fundador do Museu de Biologia prof. Mello Leitão. Santa Teresa. Espírito Santo. Disponível em: http://inma.gov.br/augusto-ruschi-o-fundador/>. Acesso em: 9 out. 2018.

MUSEU FRIDA KAHLO. La casa azul: el universo íntimo de Frida Kahlo. Disponível em: <http://www.museofridakahlo.org.mx/es/el-museo/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

MARINA ABRAMOVIC. Disponível em: <https://mai.art/>. Acesso em: 11 fev. 2018.

MUSEU ECOLÓGICO DO FRANS KRAJCBERG**.** Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Museu-FranzKrajcberg/1575232836051804?hc_ref=ARSiPUZgo8xtAWPnjW7yYrck3W_vUSYVjj0imv-AipbxL_oOUw8VmZKSmMn_8EKZIsM>. Acesso em: 11 fev. 2018.

Exposição Frida Kahlo no Brasil. Caixa Cultural. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/em-foco/178-frida-kahlo-conexoes-entre-mulheres-surrealistas-mexicanas.html>. Acesso em: 5 out. 2018.

Ocupação Conceição Evaristo. Itaú Cultural. São Paulo. 2017. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em: 5 out. 2018.

Exposição Panteras Negras. Sesc Pinheiros. São Paulo, 2017. Disponível em: http://rollingstone.uol.com.br/noticia/sesc-pinheiros-recebe-exposicao-de-designer-e-ilustrador-dos-panteras-negras/>. Acesso em: 5 out. 2018.

Exposição Panteras Negras. Sesc Pinheiros. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://misturaurbana.com/2017/06/todo-poder-ao-povo-emory-douglas-e-os-panteras-negras/>. Acesso em: 5 out. 2018.

Obras literárias

CARONE, Modesto. **Resumo de Ana**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **No seu pescoço**. Tradução Júlia Romeu. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** Rio de Janeiro, Malê, 2016a.

_____. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

_____. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017d.

_____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016b.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017c.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Dois irmãos**. 17. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LISBOA, Ana Paula... [et al]. Organização de Vagner Amaro. **Olhos de Azeviche**: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira – contos e crônicas. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

Publicações em blog e sites

MUNDURUKU, Daniel. **Minha vó foi pega no laço.** 2017. Disponível em: <http://danielmunduruku.blogspot.com.br/2017/11/minha-vo-foi-pega-laco.html>. Acesso em: 18 mai. 2018.

Violência patrimonial contra a mulher: enfrentamento nas Varas das Famílias. **Portal Geledes**. 11 de dezembro de 2017. São Paulo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/violencia-patrimonial-contra-mulher-enfrentamento-nas-varas-das-familias/?gclid=Cj0KCQjw9NbdBRCwARIsAPLsnFZ3i19krxOGCIPObaa6tsYG0cto2S4IIeTA1vzuxpMBt4tXldxVWe8aAiqLEALw_wcB> Acesso em: 4 out. 2018.

ONG ARTIGO 19 lança pesquisa "Dados Sobre Feminicídio no Brasil – #InvisibilidadeMata". **Redação Gestos.** 9 de março de 2018. Recife, Pernambuco. Disponível em: <https://gestos.org.br/2018/03/artigo-19-pesquisa-feminicidio-brasil/>. Acesso em: 4 out. 2018.

Precisamos falar sobre feminicídio: a violência contra a mulher tem nome e se chama misoginia. Laboratório de Estudos de Gênero, Poder e Violência. Universidade Federal do Espirito Santo. 2018. Disponível em: <http://www.legpv.ufes.br/precisamos-falar-sobre-feminicidio-violencia-contra-mulher-tem-nome-e-se-chama-misoginia>. Acesso em: 9 out. 2018.

México registra piores dados de feminicídio este ano. **Agência Brasil**. 28 de maio de 2018. Brasília. Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-05/mexico-registra-piores-dados-de-feminicidio-este-ano>. Acesso em: 4 out. 2018.

Bandas de congo da Serra. Disponível em: <http://www.abcserra.org.br/bandas.html>. Acesso em: 8 out. 2018.

Centro de Documentación sobre Zapatismo. Disponível em: <http://www.cedoz.org/site/>. Acesso em: 8 out. 2018.

Exército Zapatista de Libertação Nacional. Disponível em: <http://www.ezln.org/>. Acesso em: 8 out. 2018**.**

Enlace Zapatista. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>. Acesso em: 9 out. 2018.

La Justicia del Corazón: sabiduría tseltal-maya sobre la vida buena. El Salto: Tu médio, tu casa. **Hazlo posible, hazte sociala. Blogs**. 10 de setembro de 2018. Chiapas. México. Disponível em: <https://www.elsaltodiario.com/el-rumor-de-las-multitudes/la-justicia-del-corazon-sabiduria-tseltal-maya-sobre-la-vida-buena>. Acesso em: 9 out. 2018.

Libros en PDF de la Escuelita Zapatista "La Libertad según l@s Zapatistas". Chiapas. México. 2 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.centrodemedioslibres.org/2017/08/02/libros-en-pdf-de-la-escuelita-zapatista-la-libertad-segun-ls-zapatistas/>. Acesso em: 9 out. 2018.

Virgínia Bicudo: filha de imigrante italiana pobre e neta de escrava liberta foi pioneira da psicanálise. Psicanalista foi grande divulgadora da área, além de autora da primeira tese sobre relações raciais produzida no Brasil. **Revista Educação**. Edição 242. 4 de outubro de 2017. São Paulo. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/virginia-bicudo/>. Acesso em: 8 out. 2018.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Reabilitando Virgínia Leone Bicudo. **Revista Sociedade e Estado**. Volume 26 Número 2 Maio/Agosto 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v26n2/v26n2a20.pdf>. Acesso em: 8 out. 2018.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. **Resenha do livro O Atlântico Negro de Paulo Gilroy.** REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2002, V. 45 Nº. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477012002000100013>. Acesso em: 8 out. 2018.

Biografia de Emiliano Zapata. Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/biografias/emiliano-zapata.html>. Acesso em: 8 out. 2018.

Biografia de Frida Kahlo. Disponível em: < https://www.infoescola.com/biografias/frida-kahlo/l>. Acesso em: 8 out. 2018.

Biografia de Octavio Paz. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/octavio_paz/>. Acesso em: 8 out. 2018.

México: Nove anos da Comuna de Oaxaca e as lições aos professores. Esquerda diário. 17 de junho de 2015. **Rede internacional em 7 línguas.** Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Mexico-Nove-anos-da-Comuna-de-Oaxaca-e-as-licoes-aos-professores>. Acesso em: 8 out. 2018.

A morte do biólogo Paulo César Vinha (Linha Direta). Disponível:<https://www.youtube.com/watch?v=BoZU6PQ73Ac>. Acesso em: 13 out. 2018.

APPO – Assembleia Popular dos Povos de Oaxaca. 18 de julho de 2013. Fórum. Por Célio Turino. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/appo-assembelia-popular-dos-povos-de-oaxaca/>. Acesso em: 16 out. 2018.

Banda Casaca. Disponível em: <http://blogdocasaca.blogspot.com.br/p/biografias.html>. Acesso em 13 de fevereiro de 2017.

Reportagem sobre a chegada do robô no planeta Marte ao som da banda Casaca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MEO5WYIP5IA> Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.

Teatro Carlos Gomes: Disponível em: <https://www.facebook.com/teatrocarlosgomesES/>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2017.

Artigos, dissertações, teses, livros

BARCHI, Rodrigo. Os estalos e os ecos. **Reu,** Sorocaba, SP, v. 39, n. 2, p. 539-543, dez. 2013.

_____. À Marcos Reigota, e sua vibrante presença ecológica militante, freireana e pacifista (e vice-versa) entre nós. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, v. 22, n. 79, p. 9-13, 2017.

_____. Educações inversas e ecologias infernais: experiências para pensar as educações ambientais a partir dos contos de horror do Heavy Metal de King Diamond. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental,** v. 34, n.1, p. 311-329, jan./abr. 2017.

_____. Depois do holocausto: encontros e diálogos entre o thrash metal e as perspectivas ecologistas em educação. **Revista de Estudios y Experiencias en Educación**, v. 17, n. 33, p. 127-142, abril 2018.

_____. As perspectivas ecologistas em Educação e as hortas pedagógicas e orgânicas: a ação do PIBID Geografia da UNISO. **Crítica Educativa,** Sorocaba/SP, v. 3, n. 2, Especial, p. 799-817, jan./jun. 2017.

BARCELOS, Valdo; GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd (orgs). **Tecendo a educação ambiental na arena cultural.** Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.

BRAVIN, Adriana. **Congopop**: mídia, música e identidade capixaba. 1. ed. Vitória: Edição do autor/Lei Rubem Braga, 2008.

BRANCALEONE, Cássio. Em busca do "governo barato"? A Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca como experimento de (re)criação política. **136 • DOSSIÊ - América Latina**: nova fase de múltiplos embates. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/pdf_19_20/11.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

CRISÓSTOMO, Maria Aparecida dos S. **Mulheres negras no cotidiano universitário:** flores, cores e sentidos plurais. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2014. Disponível em: <http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses_2014/maria-crisostomo.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2018.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro.** Modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GODOY, Ana. **A Menor das Ecologias**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Os dias e os gestos: uma viagem. **Linha Mestra**, n. 33, p.16-20, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.academia.edu/35708914/Os_dias_e_os_gestos_uma_viagem>. Acesso em: 2 ago. 2018.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso... [et. Al]. **Ecologias inventivas**: experiências das/nas paisagens. Curitiba, PR: CRV, 2015.

LIMA, Adriana Teixeira de. **A educação ambiental através da arte:** contribuições de Frans Krajcberg. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=202965>. Acesso em: 13 jul. 2018.

LINS, Jaceguay. **O Congo do Espírito Santo**: uma panorâmica musicológica das bandas de Congo. Vitória: GSA, 2009.

MAULIN, Gilfredo Carrasco. **Lugares e Tempos em Narrativas de uma Educação Ambiental Pós-Colonial no Sítio Dos Crioulos – Jerônimo Monteiro – E.S.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 2013. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_7271_GILFREDO%20MAULIN.pdf> . Acesso em: 9 fev. 2018.

MBEMBE, Achille. **Formas africanas da escrita de si.** Disponível em: <http://www.academia.edu/7672216/FORMAS_AFRICANAS_DA_ESCRITA_DE_SI>. Acesso em: 18 out. 2018.

PREVE, Ana Maria Hoepers et al. (Orgs). **Ecologias inventivas:** conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

PROENÇA, Eder. **Pedagogia subterrânea:** narrativas trans no cotidiano escolar. In: KIND, Luciana et al (Orgs.). Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas: Clock-Book, 2016. p. 213.

REIGOTA, Marcos. Conferencia realizada el 12 de febrero del 2016 en el Instituto de Investigación Sociológica da Universidad Autonoma Benito Juarez de Oaxaca, Oaxaca de Juárez, México. Investigación acción participativa desde una perspectiva de Paulo Freire. **Quaestio,** Sorocaba, SP, v. 20, n. 2, p. 409-424, ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3340/2954>. Acesso em: 17 out. 2018.

_____. Presencias de la teoría de las representaciones sociales y de la investigación narrativa en la construcción de la perspectiva ecologista de la educación. **Actas del Consejo Mexicano de Investigación** Educativa. XIV Congreso Nacional de Investigación Educativa. 20 al 24 de noviembre de 2017. San Luis Potosí. Mexico. Disponível em: http://www.comie.org.mx/congreso/actas/doc/08.pdf. Acesso em: 17 out. 2018.

_____. Para recordar Paulo Freire. **Outras Palavras**. 9 de outubro de 2018. São Paulo. Disponível em:https://outraspalavras.net/brasil/para-recordar-paulo-freire/. Acesso em: 17 out. 2018.

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; BARCHI, Rodrigo. Dossiê temático “Paulo Freire -1ª parte” Exercícios de trans - ver Paulo Freire. **Quaestio,** Sorocaba, SP, v. 20, n. 2, p. 301-304, ago.2018. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3356/2948>. Acesso em: 17 out. 2018.

VITÓRIO, Cristiane dos Santos de Souza. **Adolescentes em cumprimento de liberdade assistida no cotidiano escolar**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017. Disponível em:

<http://educacao.uniso.br/producao-discente/dissertacoes/2017/cristiane-vitorio.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2018.

VITÓRIO, Cristiane dos Santos de Souza; CATUNDA, Marta Bastos. **Um/a adolescente infrator adentra o cotidiano escolar: um encontro ou desencontros?** In: KIND, Luciana et al. (orgs.). Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas: Clock-Book, 2016. p. 47-48.

YANG, Andre**. O processo de narrar-se como movimento de questionamento do tempo presente**. In: KIND, Luciana et al. (orgs.). Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas: Clock-Book, 2016. p. 302.

Figura 80 – Final de apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 81 – Final de apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2016.

Foto: Andreia Teixeira Ramos. Fonte: Arquivo pessoal.

11 (IN)CONCLUSÕES DE UMA MULHER INSUBMISSA

Assim me despeço, e chego à vital (in)conclusão da pesquisa, porque “onde há vida, há inacabamento”, há possibilidades.

Dessa longa travessia povoada de tantas mulheres, lembro-me de uma passagem de um livro de Paulo Freire (1996, p. 50) em que ele diz:

> [...] já não foi possível *existir* sem *assumir* o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da *esperança*. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las. (FREIRE, 1996, p. 52).

Acreditando nos possíveis, durante as travessias da pesquisa ouvi muitas mulheres do e no congo. Escutei vozes de outras mulheres. Vozes que gritaram dentro de mim. Do clamor dessas mulheres, fiz também o meu. E é com a força dessas muitas vozes que convido você, leitora e leitor, a adentrar nos muitos modos de re-existência ecologista tecidos na solidariedade, na insistência e resistência com esperança, fé, alegria e coragem na vida cotidiana, porque “a noite não adormece nos olhos das mulheres”, como Conceição Evaristo retratou no poema que escreveu em memória de Beatriz Nascimento

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas

afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

Escutando essas mulheres, a voz de cada uma ressoa em todas. Mas é a voz de uma Rainha do congo que gostaria agora de fazer ouvir, como depoimento, testemunho de uma prática, mas principalmente como narrativa, pois

> Uma das principais funções políticas das narrativas é [...] possibilitar que o "outro" (invisível, silenciado, subalterno, oprimido, anônimo, diaspórico ou qualquer outra adjetivação encontrada na literatura especializada) [...] possa falar de si mesmo, que possa encontrar espaços de acolhida e de difusão de sua experiência da história pessoal e coletiva e de "leitura de mundo" como enfatizava Paulo Freire. (REIGOTA, 2016, p. 55)

Ouvi-la e ouvir sobre um modo de ser mulher do congo. E não esquecer que há muitos de ser mulher no mundo.

> A cada encontro um toque. Uma mulher dentro do congo tem o papel de ser mãe, irmã, companheira, cumplice, orientadora, amparando com sutilidades as grossuras da vida, tentado harmonizar, suavizar e acalmar, os problemas diários com o seu jeito de amparar e abrilhantar cada um com respeito. Ser Rainha do congo é uma função dada por Deus, cada uma de nós temos um brilho diferente de mulher nas bandas de congo, é uma irmandade, cumplicidade no congo e é isso que respiro. Respeitamos a ancestralidade do passado, passada de mãe para filha com espiritualidade. Tudo começa com a suavidade. Os homens respeitam a autonomia das mulheres na banda tudo é feito na base do diálogo. A maioria das lideranças das bandas de congo estão nas mãos da mulheres, elas que comandam, extra oficialmente. (Depoimento de uma Rainha do congo, Ufes, outubro de 2018.)

As Rainhas do congo são as guardiãs da banda, elas têm a função de proteger, amparar, cuidar. São uma fortaleza e tem o comprometimento

espiritual com a banda. É uma mulher de força no congo, e ajuda as crianças, adolescentes e jovens a persistirem e a não desistirem na devoção. Assim, quando uma mulher recebe a honra de ser uma Rainha, a ela é dada a obrigação de manter e zelar pela banda, e precisa cumprir esse compromisso, tomando conta da banda com afeto e amor, fazendo com que o grupo permaneça vivo e firme na fé ao congo, cultivando esse espaço de sabedoria.

Escutando as Rainhas, aprendi que:

— Com o congo é possível aprender música, pintura, ritmo, artesanato, dança. O congo ensina muitas coisas para você e a cultura traz muitos aprendizados para o povo. O congo é convivência.

— Algumas bandas de congo possuem "Casa de congo", para se encontrarem e ensaiarem, outras usam os espaços dos quintais das casas das Rainhas e Mestres, para se reunirem, conversarem e ensaiarem com a banda.

— Muitas mulheres eram impedidas de participar das bandas de congo pelos seus maridos e pelos seus pais, antes de se casarem. Eles não deixavam as mulheres dançarem.

Foi escutando as histórias de muitas "Marias" que pude dimensionar suas lutas pessoais e coletivas como mulheres do congo que são também as lutas de cultura.

> O congo educa, na maneira de agir, de expressar, o congo não é só um movimento cultural, o congo traz em si nossa história, nossa cultura. As escolas deveriam abrir as portas para os mestres ensinarem sobre nossas histórias da nossa cultura. (Depoimento de Rainha e coordenadora de uma banda de congo mirim, Ufes, outubro de 2018).

Mas é na fala de uma insubmissa, de uma mulher negra, pesquisadora e professora que quero terminar este texto, texto que escrevo sem meias palavras, imersa nos acontecimentos e tensões do cenário nacional e global. Pois é preciso resistir e re-existir (sem *temer*) com coragem, amor e muita alegria.

Com isso, desejo tecer algumas problematizações nessas linhas trêmulas da inconclusão, pensando com Humberto Maturana (2012, p.12), *que queremos da educação? O que queremos com a educação? O que é educar? Para que queremos educar? Que país queremos?*

Essas questões são pertinentes, porque acreditamos que *a educação sozinha não transforma a sociedade, mas sem ela tampouco a sociedade muda,* como disse Paulo Freire (2014a, p. 77).

Nesse turbilhão que vivemos no mundo contemporâneo, *que queremos com a educação?* Queremos uma educação a favor da vida, do direito, da convivência com o diferente. *O que queremos com a educação?* Queremos uma educação que reconheça os *sujeitos da história* que habitam os cotidianos escolares, que são gentes com emoções, desejos e sonhos... *O que é educar?* Educar no sentido de pensar e exercitar uma educação dialógica, libertadora e problematizadora se afastando de uma educação bancária. Uma educação compromissada com o amor, com o diálogo e com a esperança, exercitando o bem viver coletivo.

Assim, para que queremos educar? Queremos educar pensando com bell hooks (2013), de modo inquietamente, amoroso, em uma pedagogia revolucionária de resistência e como prática de liberdade, uma pedagogia profundamente anticolonial, anti-imperialista, antirracista, que crie uma atmosfera em que se possa conversar sobre nossas diferenças.

Uma educação que compartilhe alegrias, amor e solidariedade com as experiências, com os cotidianos escolares e a vida. Uma educação que pratique a arte de viver sem fascismos e racismos, uma pedagogia transformadora que aceite outras maneiras de conhecer e de viver, praticando não somente os questionamentos das ideias, mas, sobretudo, os hábitos de ser com compromisso político descolonizador.

Assim, que país queremos? Queremos um país em que pessoas cresçam, que se aceitem e se respeitem, aceitando e respeitando os outros num espaço de convivência, reescrevendo com *amorosidade* (FREIRE, 2014) nossas relações entre homens e mulheres com o mundo.

A nossa luta é todo dia, e para lutar contra aquilo que ameaça a vida, usamos o que temos, a música, os livros, a poesia e tudo que aprendemos com as lutas das pessoas, pessoas sempre PRESENTES.

Viva Zumbi dos Palmares!

Viva Dandara!

Viva Emiliano Zapata!

Viva Zacimba Gaba!

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedronta,
e nem me imobiliza.
Uma paixão profunda é a boia que emerge.
Sei que o mistério subsiste além da águas.

Conceição Evaristo (2017 a, p. 11)

E termino erguendo a voz e cantando até o fim, porque assim continuaremos na luta e na resistência para que “a carne mais barata do mercado” deixe de ser a carne negra!

Marielle Franco, PRESENTE!

Mestre Moa do Katendê, PRESENTE!

Todos os jovens negros que a cada 23 minutos são assassinados no Brasil, PRESENTE!

Todas as mulheres negras que são a maioria no alto índice de feminicídio no Brasil, PRESENTE!

Todos os 43 estudantes mexicanos que foram exterminados em setembro de 2014, PRESENTE!

Amarildo da Rocinha, PRESENTE!

Os meninos do Morro da Lagartixa, no Rio de Janeiro, PRESENTE!

Damião e Ruan, do Morro da Piedade em Vitória, ES, PRESENTE!

E sigo as travessuras de uma menina avoada, que hoje é uma mulher de luta, insubmissa, nascida na Ilha de Vitória de Guananira, também chamada Ilha do Mel pelos indígenas que ali viviam, lugar de céu azul, com uma baía de águas calmas e vasto manguezal com abundância de vida.

Venham, vamos brincar o congo no Espírito Santo. Vem gente!

Adeus, meu pessoal

Adeus, adeus,
Você fica com saudade
Quem vai embora sou eu.

Amanhã eu vou me embora
Que me dá pra mim levar
Vô levá saudade sua
Pois a minha vai ficar

Toada de congo

Figura 82 – Final de apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2016.

Foto: Soler Gonzalez. Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

Figura 83 – Final de apresentação da Banda de Congo Amores da Lua, 2016.

Foto: Soler Gonzalez. Fonte: Andreia Teixeira Ramos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (ORG.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Teias,** Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, p. 1-8, jan/dez 2003.

_____. Dois fotógrafos e imagens de crianças e seus professores-as possibilidades de contribuição de fotografias e narrativas na compressão de *espaçostempos* de processos de currículos. In: OLIVEIRA, Inês Babosa de et al. (orgs.)]. **Narrativas:** outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis, RJ: DPetAlii: Rio de Janeiro: Faperj, 2010.

ALVES, Nilda. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, L. R. (Org.) **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Faperj, 2010.

BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. São Paulo: Leva, 2010.

BARCHI, Rodrigo. **As pichações nas escolas:** Uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2006.

_____. Uma ecologia do cão: diálogos entre filosofia cínica e as perspectivas ecologistas em educação. PREVE, Ana Maria Hoepers et al. (Orgs). **Ecologias inventivas:** conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

_____. Uma educação ambiental libertária. **Revista eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, Revista do PPGEA/Furg-RS, v. 22, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/2819>. Acesso em: 9 dez. 2017

_____. Educação ambiental e (eco)governamentalidade. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 22, n. 3, p. 635-650, 2016.

_____. **Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa).** 2016. 321 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/305042/1/Barchi_Rodrigo_D.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

BARCHI, Rodrigo; REIGOTA, Marcos; YANG, Andre Luiz Chaves. Ecosofia tropical, educação ambiental canibal e a aventura de desnudar-se. **LINHA MESTRA**, N.35, P.265-277, MAIO.AGO. 2018.

BENTO, Jamilda Alves Rodrigues. **Conhecendo as Benzedeiras de Goiabeiras Velha**. Vitória, ES: Ed. do Autor, 2004.

BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. Maria Maria**.** Álbum: **Maria Maria e o último Trem**. Ano: 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio da escola**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. Ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015.

CARNEIRO, Sueli. Raça, estrutura e classe no Brasil. Entrevista concedida a Bianca Santana. **Revista Cult**, São Paulo, 9 de maio de 2017]2017.

CATUNDA, Marta. **A, B, C, de encontros sonoros:** Entre cotidianos da educação ambiental. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2013.

DERRIDA, Jacques. **O cartão-postal**: de Sócrates a Freud e além. Tradução Simone Perelson e Ana Valéria Lessa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

FERRAÇO, Carlos. Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método:** pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

_____. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade.** [online], Campinas, v. 8, n. 98, p. 73-95, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000100005>. Acesso em: 24 nov. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia***:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. **Cartas à Guiné-Bissau:** registros **de uma experiência em processo.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 58. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos*:* São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.

_____. **Cartas a Cristina**: Reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 2015b.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015c.

_____. **Extensão ou comunicação?** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015d.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização:** leitura do munid, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **A África ensinando a gente:** Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

_____. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

GARCIA, Regina Leite. (org). **Para quem pesquisamos - Para quem escrevemos**: o impasse dos intelectuais. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

GONZALEZ, Lélia. Lélia Gonzalez sobre o feminismo. **Blogueiras negras**. 2013. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2013/07/10/lelia-gonzalez-19-anos/>. Acesso em: 21 jun. 2017.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Como escrever com os ruídos do mundo? In: CHAVEZ, Silvia; BRITO, Maria dos Remédios de (Org.). **Formação, ciência e arte:** autobiografia, arte e ciência na docência. São Paulo: Livraria da Física, 2016. Disponível em: http://www.academia.edu/31279982/Como_escrever_com_os_ru%C3%ADdos_do_mundo>. Acesso em: 2 ago. 2018.

LIMA, Adriana Teixeira de. O Brasil Desconhece Frans Krajcberg. **Reu,** Sorocaba, SP, v. 38, n. 2, p. 453-461, dez. 2012.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MACHADO, Carmem. **Inspiração, conteúdo e leveza:** Pina Bausch adentra o cotidiano escolar. 2014. 273f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2014.

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Org. Osvaldo Martins de Oliveira. 2. ed. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MACEDO, Inara Novaes. **Entre rios, praias e planetas: travessias do congo da Barra do Jucu.** 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2015. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_8982_Inara%20finalizado.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

OLIVEIRA, Inês Babosa de et al. (orgs.). **Narrativas:** outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis, RJ: DPetAlii: Rio de Janeiro: Faperj, 2010.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. A colonização em cartões postais: fotografia como certificação de uma presença. In: OLIVEIRA, Inês Babosa de et al. (orgs.). **Narrativas:** outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis, RJ: DPetAlii: Rio de Janeiro: Faperj, 2010.

PROENÇA, Eder. **Cartografia dos corpos estranhos:** narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2009.

_____. **Pedagogia do Subterrâneo:** narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2017.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividades. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAMOS, Teixeira Andreia. **Educação ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água.** 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2013.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e representação social**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Ecologistas.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999a.

_____. **Ecologia, elites e *intelligentsia* na América Latina:** um estudo de suas representações sociais. São Paulo: Annablume, 1999b.

_____. **Iugoslávia:** registros de uma barbárie anunciada. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

_____. (Org.). **Verde cotidiano:** o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Cidadania e educação ambiental. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, Edição Especial, p. 61-69, 2008.

_____. Grupo de pesquisa: Perspectiva ecologista de educação. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 5, n. 2 – pp. 113-117, 2010. Disponível em:<file:///C:/Users/W10/Downloads/GRUPO_DE_PESQUISA_PERSPECTIVA_ECOLOGISTA_DE_EDUCAC.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

o_____. **A floresta e a escola***:* por uma educação ambiental pós-colonial. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 292).

_____. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias,** Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, p. 1-6, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446> . Acesso em: 31 jul. 2013.

_____. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. In: CORDEIRO, R; KIND, L (Org). **Narrativas, gênero e política**. Curitiba, PR: CRV, 2016a.

_____. A ecosofia de Felix Guattari e suas conexões tropicais. In: AMORIM, Antonio Carlos; ROMAGUERA, Alda. (Org). **Conexões:** Deleuze e máquinas e devires e... **.** Rio de Janeiro: DP et Alii, 2016b.

_____. Entrevista com Marcos Reigota. Disponível em: <http://estilodevidacaibem.blogspot.com.br/2012/02/entrevista-exclusiva-com-o-professor.html>. Acesso em: 13 dez. 2017.

_____. Entrevista com Marcos Reigota. Disponível em: <https://tvescola.mec.gov.br/tve/salto-acervo/interview?idInterview=8277>. Acesso em: 13 dez. 2017.

_____. Entrevista com Marcos Reigota. Debate em ação - Educação Ambiental. [UFSCar]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lq7b2Q3MO5I>. Acesso em: 9 dez. 2017.

REIGOTA, Marcos; POSSAS, Raquel; RIBEIRO, Adalberto. **Trajetória e narrativas da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Barbara Heliodora Soares do. **Educação ambiental**: Utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.

ROCHA, Janes. **Os Outubros de Taiguara**: Um Artista contra a Ditadura: Música, Censura e Exílio. EDITORA: KUARUP DISCOS. 2014.

SEIXAS, Raul. **Prelúdio**. Álbum: Sonho que se sonha só. É só um sonho que se sonha só. Ano*:* 1974.

SILVA, Ariane Diniz; REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. O Reletran na Universidade de Sorocaba e seu impacto na construção de processos comunitários por meio das narrativas dos participantes. **Revista de Educação Popular,** Uberlândia, v. 16, n. 1, p. 72-81, jan./abril 2017.

SILVA, Ariane Diniz da. **Cartas para Paulo Freire e sua rede:** o cotidiano de extensão em uma Universidade. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses_2017/ariane-silva.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.

SIMONE, Nina. **Ain't Got No, I Got Life.** Álbum: Nuff Said. RCA. Ano: 1968.

SOARES, Elza. **A mulher do fim do mundo**. Álbum: A mulher do fim do mundo. Ano: 2015.

SPINK, Peter. Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 20, Edição Especial, p. 70-77, 2008.

PESSOA, Fernando. **Mar Português**. Lisboa: Ática, 1959.

VANNUCHI, Aldo. **A universidade comunitária: o** que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. **Alexandre Vannuchi Leme:** Jovem, estudante morto pela ditadura. São Paulo: Contexto, 2015.

VASCONCELHOS, Sandy. **Mulheres do Congo**. Cariacica, Espírito Santo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VnZVsXfG3AA>. Acesso em: 15 ago. 2016.

YANG, Andre. Práticas sociais e processos comunitários: narrativa de um universitário. **Espacios Transnacionales**, n. 3, p. 170-181, nov. 2014/abr. 2015.

VÍDEOS DO CANAL DO YOUTUBE DA INTERNET

Congo Capixaba: É oficial. O Congo é Patrimônio imaterial do Espírito Santo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ytRNe6sLEuY>. Acesso em: 8 fev. 2017.

Congo - Patrimônio Imaterial do Espírito Santo**.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WTrQV4ABsKE>. Acesso em: 8 fev. 2017.